REALIDADE

CORTESIA DOS EDITORES

OUTUBRO 1966 — UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — Cr$ 800

BIBLIOTECA NACIONAL

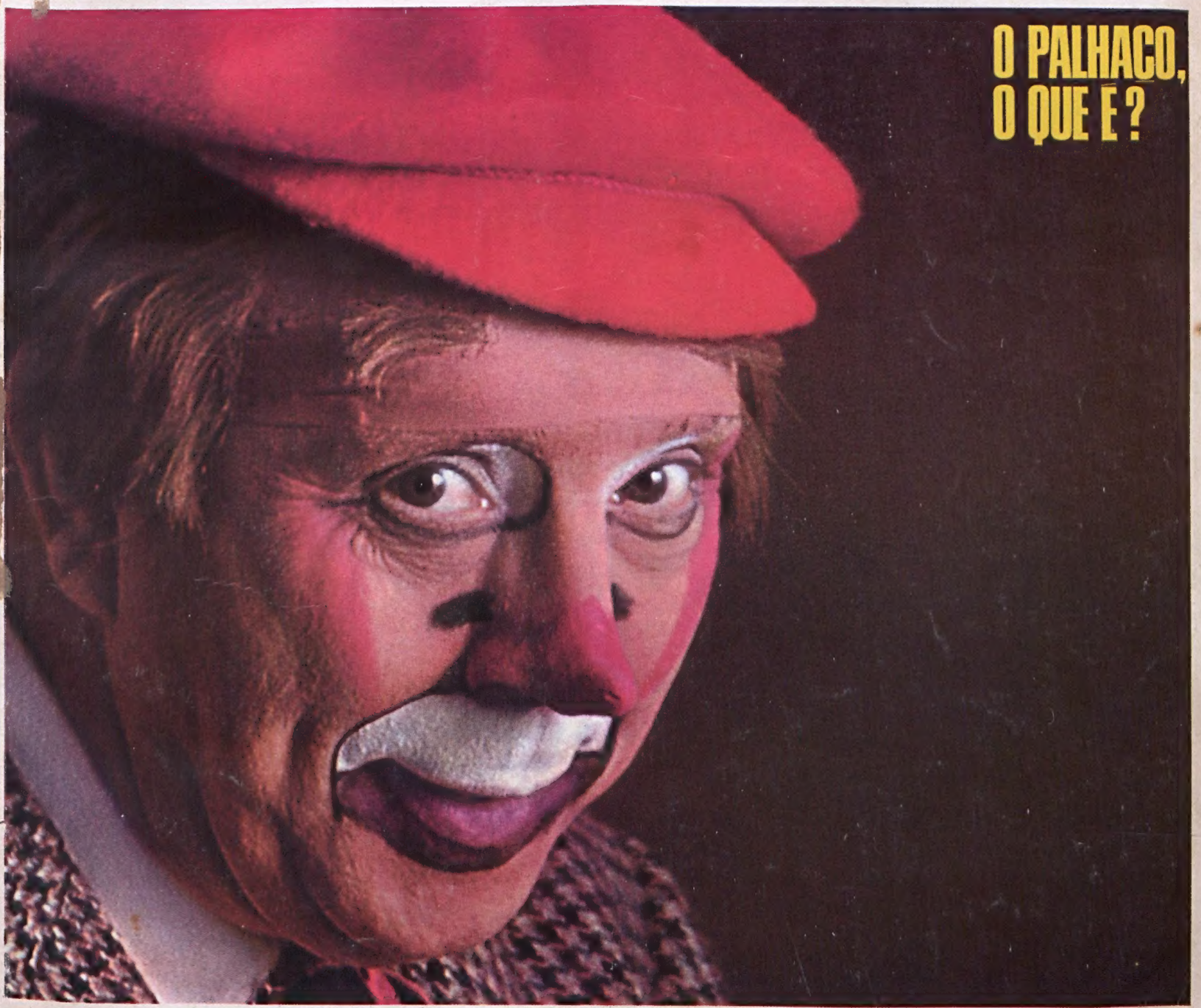
EVOLUÇÃO NA IGREJA

COMO NASCE UM DEMAGOGO

A CHINA VERMELHA POR DENTRO

O GOLEIRO É UM DESGRAÇADO

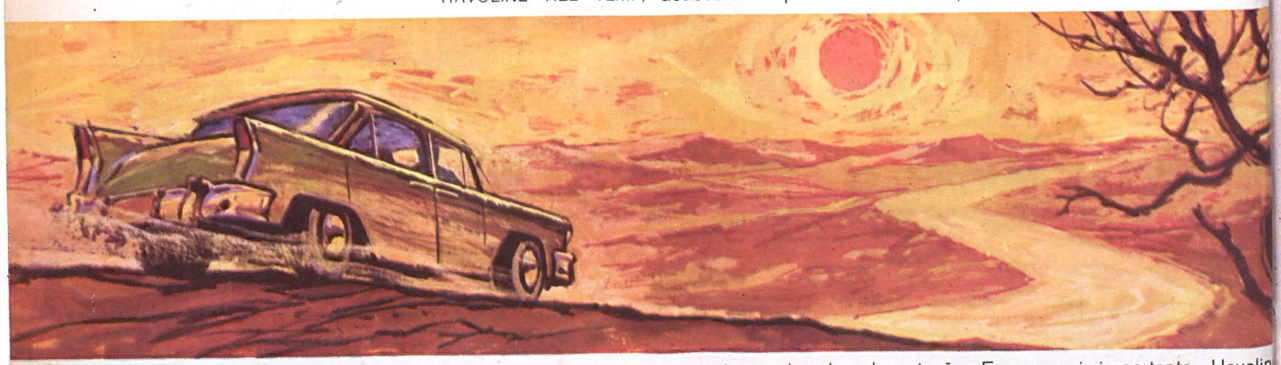
AGORA, CLÁUDIA CARDINALE



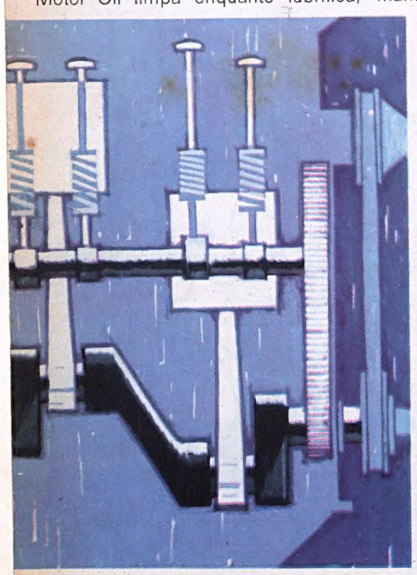
O PALHAÇO, O QUE É?

Quanto tempo sem ir à oficina?

É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sómente HAVOLINE HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na oficin



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havolin Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruída a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do moto



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e Havoline All Temp para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificações API: ML, MM, MS, DG e DM. Para sua comodidade, Havoline All Temperature Motor Oil 20W-40 atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amig do seu carro

IA - 24.139

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Roberto Freire José Hamilton Ribeiro, Mylton Severiano da Silva
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores:
Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci

Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre:
Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João do Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-5427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 7 — OUTUBRO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I00000 22284 DL
2,058,02,03
C+878923 B.213659

Capa		O palhaço que fêz parte das diversões de nossa infância ainda continua tirando sorrisos de tôdas as crianças de hoje. Foto de Lew Parrela.
Política	22	**Atenção: está nascendo um líder** — O Prefeito de Goiânia, misturando magnetismo pessoal, realizações e demagogia, ensina como conquistar o povo.
Religião	34	**Revolução na Igreja** — O repórter passou 15 dias num convento de dominicanos, para descobrir o que pensam êsses frades de que todos falam tanto.
Ensaio	44	**O Sol** — Para os homens, sempre representou a fonte de vida e de poder; para os poetas, é constante inspiração. O poeta-fotógrafo é David Zingg.
Internacional	54	**Eis a China** — O país que muitos temem e poucos conhecem. Sua história e a história da revolução comunista que o fizeram a grande incógnita do mundo.
Cinema	70	**Agora é a vez de Cláudia** — Uma série de fotos a côres esclarecem porque essa môça solteira e rica é uma das mulheres mais famosas da face da Terra.
Aventura	78	**A Ilha do Diabo** — Caiena podia ser paraíso, foi inferno, agora é purgatório. Ontem era o mais triste presídio das Américas, amanhã vai lançar foguetes.
Gente	88	**Disney, uma criança de 65 anos** — É candidato ao Prêmio Nobel da Paz, mas acha que não podemos viver sem as guerras. E gosta só dos animais.
Educação	98	**É hora de aprender** — Recife, outubro: 50 mil adultos estão indo à escola pela primeira vez. E, nos próximos cinco anos, um milhão serão alfabetizados.
Perfil	110	**Êste homem é um palhaço** — A figura é imponente, sóbria. O olhar é sereno, a voz não se altera, o caminhar, tranqüilo e seguro. Parece diplomata: não é.
Depoimento	124	**A revolta da Hungria** — Dez anos após a tragédia de Budapeste, um repórter que viveu aquêles dias conta a epopéia de um povo que queria ser livre.
Jornalismo	132	**A aventura da notícia** — Esta reportagem tem um palco: a redação de um jornal. Os personagens são repórteres, fotógrafos, editôres. A estrêla, a notícia.
Futebol	144	**Desgraçado é o goleiro** — Por que êle sofre sòzinho. Porque a culpa da derrota cai sempre em cima dêle. Porque um **frango** pode acabar com sua carreira.

Tiragem desta edição: 485.700 exemplares

EXPLOSIVO
EXCLUSIVO
sexy

"Play-Dress" Mod. Pat.

QUEM VIU, SE ENAMOROU,
QUEM VESTIU "ABAFOU"

Isto é PLAY DRESS, um ESTOURO!
Criação exclusiva da EXPECIAL, em renda preta de Helanca extensível, modela deliciosamente, é leve e agasalha com a suavidade de uma pluma.

Sexy, diferente, sedutor e elegante, PLAY DRESS, como uma segunda pele, cobre numa só peça o corpo inteiro.

Em casa, nas tardes de praia ou em reuniões íntimas, com PLAY DRESS você conquista num instante as atenções e a admiração masculina.

Preço Garantido até 30/10/66

Compre pelo Reembolso Postal

29.500

Preencha o cupom abaixo e envie-o a

EXPECIAL

Cx. Postal 1933 - CURITIBA - Pr.

"Enviem urgente um Play Dress para:"
Nome: .....
Endereço: .....
Cidade: .....
Estado: ..... Manequim: ☐

cartas

A juventude diante do sexo

Sr. Diretor: Não posso deixar de reconhecer ao doutor Alberto Cavalcanti de Gusmão, Juiz de Menores da Guanabara, o direito que lhe assiste de impedir a publicação da segunda parte da reportagem "A juventude diante do sexo", em defesa do decôro da família brasileira. É de se notar que num lar qualquer, seja êle modesto ou luxuoso, nem todos são adultos, nem cultos: há as crianças e há as mocinhas.

PAULO SARTO
Ribeirão Prêto — SP

Sr. Diretor: Consideramos um artigo dêsse quilate como ultraje ao pudor e um desrespeito à Igreja.

ANTONIO CARVALHO
Alto Paraguai — MT

Sr. Diretor: Estava colecionando REALIDADE. Agora, porém, não mais me interessa e os exemplares que possuo irão para o fogo.

R. FERRAZ SALES
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Estou de acôrdo com o deputado Pedro Zimmermann, que, da tribuna da Câmara Federal, disse não acreditar que REALIDADE realmente entrevistou nossos jovens para a reportagem sôbre sexo.

M. PEREIRA
Brasília — DF

Os mil questionários, com 116 mil respostas, estão à disposição do leitor e do deputado, na redação de REALIDADE.

Sr. Diretor: Estou solidário com o leitor H. Barroto quando êle diz que a sua revista é um caso de polícia.

BONIFÁCIO CONTANTE PEREIRA
Niterói — RJ

Sr. Diretor: Felizmente, pude notar que o senhor H. Barroto — que deveria chamar-se H. Barroco, pelo atraso de suas idéias — ficou só, quando opinava que a REALIDADE de agôsto "não deveria mesmo circular, pois é caso de polícia". Faço votos para que a sua revista consiga derrotar aquêles que, imbuídos de preconceitos mesquinhos — e às vêzes fazendo uso da prepotência — tentam impedir seu esfôrço para esclarecer o povo dêste País.

EDÍLSON LIMEIRA RIBEIRO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Com pesar, vi, à porta de uma igreja católica — religião que eu pratico — uma coleta de assinaturas de protesto contra a reportagem de REALIDADE sôbre o comportamento sexual da juventude. Se não fôsse o alto valor do trabalho, nada teria a objetar. Mas o que a sua revista vem fazendo é dar verdadeiras aulas, demonstrando a exclusiva intenção de auxiliar e esclarecer os leitores. Talvez queiram, os patrocinadores do mencionado protesto, que permaneçamos todos em estado de indefinível ignorância.

SCOBAR NETO
Londrina — PR

Sr. Diretor: O Ministério da Educação precisa inserir, urgentemente, no currículo escolar, uma cadeira de educação sexual, suprindo, assim, as falhas da educação doméstica. Os senhores devem levar avante a reportagem e concluir a publicação de "A juventude diante do sexo".

NILSA MARIA EVANGELISTA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: O encaminhamento seguro do problema sexual é a base da família. Digo da família, porque a maioria dos desajustamentos tem origem nesse problema. Sua reportagem é um serviço.

PROF. JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA
Pato Branco — PR

Sr. Diretor: Faz-se mister uma grande revolução nas relações sociais entre pais e filhos. Considero um insulto pessoal a proibição do artigo de REALIDADE. Não devemos querer que nossos filhos se assemelhem às crianças da Idade Média. Será que o sr. Juiz de Menores da Guanabara esqueceu-se das suas próprias interrogações de jovem?

SENHORA CAPITÃO
NONATO DOS SANTOS
Rio — GB

SEGUE

O colosso que faz circular as riquezas das Nações

Erigida à entrada do pôrto da Ilha de Rodes, a imensa estátua de bronze dominava o Mar Egeu, a cavaleiro de dois diques. Era o "Colosso de Rodes", farol dos navegantes, iluminando e guiando a entrada e saída das embarcações no grande pôrto comercial, ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente para a troca de suas riquezas.

Promovendo o comércio internacional e estimulando negócios em todo o mundo, o Banco de Londres com suas filiais, agências e organizações associadas nos 5 continentes é um nôvo "colosso" que faz circular as riquezas das nações. O Banco de Londres está a serviço do Brasil há mais de 100 anos. Nos países da ALALC ou nas novas nações da África, nos promissores mercados da Ásia ou nos tradicionais centros da Europa e da Commonwealth, as filiais e correspondentes do Banco de Londres estão cooperando sempre no fomento da compra dos produtos brasileiros.

Confie-nos seus problemas de exportação. O Banco que conhece o mundo, conhece também o melhor mercado para o seu produto.

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED - O Banco que conhece o mundo

São Paulo: Rua 15 de Novembro 143-165
Rio de Janeiro: Rua da Alfândega 29-35
Outras filiais: Bahia, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Joinville, Maceió, Manaus. Pôrto Alegre, Recife, Santos.

Record 25.196

aeromodelos
e autoramas

NOVIDADES EM
MINIATURAS E
BRINQUEDOS
FINOS

Diplomata

CASA AERO-BRAS
R. Major Sertório, 192 - T. 34-1971 - S. Paulo
HOBBYLÂNDIA
Av. Rio Branco, 156, s/loja 212
Tel.: 42-9469 - Rio de Janeiro
ENVIE Cr$ 200 EM SELOS PARA RECEBER
CATÁLOGO ILUSTRADO S/ AEROMODELISMO

BRINDES
POMBO

distinção
e
qualidade

ERNESTO ROTHSCHILD S/A
Av. Jamaris, 64 (Moema)
S. Paulo - Fone 61-1186
Av. Presidente Vargas, 417-A
Rio - Fone 23-6165

cartas

Sr. Diretor: Ficamos chocados com a proibição da segunda parte da grande pesquisa sôbre sexo. O Juiz deveria ser o primeiro a se interessar pela divulgação, pois só com artigos assim acabaremos com o tabu que tanto mal faz a todos.

FERNANDO ANTÔNIO MALOGUTTI
mais 25 assinaturas
Regente Feijó — SP

Sr. Diretor: Que "outros" considerassem a reportagem obscena e chocante, vá lá. Mas um Juiz — homem que, pelo menos, deveria ter noção do ridículo?! É o fim!

WALMOR A. GIOTTO
IVENS A. ANELLI
CLÁUDIO A. RIBEIRO
JOSÉ PAGANI NETO
Curitiba — PR

Sr. Diretor: Um Estado que tem como titular do Juizado de Menores pessoa da mentalidade do dr. Alberto Cavalcanti Gusmão não pode ironizar os atrasos da "Tradicional Família Mineira".

SANCHO RIBAS FILHO
Pirapora — MG

Sr. Diretor: Parabéns pela reportagem sôbre juventude e sexo. Tenho 29 anos, sou casada, e mesmo assim aprendi muita coisa lendo-a. Imagine os jovens. Êsse dr. Gusmão não tem imaginação. Ou tem muita.

CLEONICE R. FERREIRA
Rio — GB

Sr. Diretor: Estamos decepcionados com o Juiz de Menores da Guanabara. Felicito a juventude brasileira, que foi de uma clareza e honestidade sem par — e peço-lhe transmitir minhas condolências à juventude carioca, que tem o privilégio de possuir um Juiz de Menores tão **atualizado** e tão **inteligente.**

AMADOR CINTRA DO PRADO FILHO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Quero protestar contra o Juiz que ameaçou a REALIDADE de apreensão. Acho que nem os cariocas aprovaram tal decisão.

PAULO CÉSAR FONSECA
Pati de Alferes — RJ

Sr. Diretor: Da minha parte, aqui vai o meu muito obrigado pela primeira parte da pesquisa. Minha mãe é psicóloga, meu pai é psiquiatra, ambos esclarecidíssimos. Mas mesmo assim aprendi muito com a reportagem. Não tenho palavras para expressar o que sinto contra êsse Juiz.

MÁRCIA G. GOMES
Rio — GB

Sr. Diretor: Envio, anexo a esta carta, uma dirigida ao Juiz de Menores da Guanabara. Peço-lhes que a enviem ao próprio e também que continuem na linha de verdade que escolheram. Na carta ao Juiz, eu digo que se um homem sente-se chocado, seja pelo que fôr, será sempre pela coisa em que está mais interessado. Porque, como diz A. S. Neill, em seu livro **Liberdade sem Mêdo,** "o homem que afeta virtude é o libertino sem coragem para enfrentar a nudez da própria alma".

SÍLVIA BATISTA
Belo Horizonte — MG

REALIDADE enviou a carta de Sílvia Batista ao Juiz de Menores da Guanabara. Com ela, remetemos fotocópias das centenas de cartas dos leitores que protestam contra a proibição. E também da única carta a favor da medida. Ao mesmo tempo, junto aos Tribunais competentes, REALIDADE continua lutando para que a ameaça de apreensão seja afastada e se possa concluir a reportagem.

Obrigado Sr. Zingg

Sr. Diretor: Fiquei surprêso e alegre ao ver as fotos e ler o texto de David Zingg. Nunca pensei que um estrangeiro pudesse gostar tanto do Brasil e dos brasileiros. O Sr. Zingg continuará fotografando para REALIDADE?

E. CUNHA
São Paulo — SP

Continuará. Veja as páginas 44 a 52.

Enxugue a lágrima

Sr. Diretor: A lágrima no rosto da capa de setembro é tão perfeita que vi uma garotinha tentando enxugá-la.

B. C. JACKSON
Belo Horizonte — MG

SEGUE

Mamãe agora
está felicíssima!
Já não somos
os "incríveis gastadores"
de sapatos.
Sabem por que?
Só usamos...

Vicrom - com sola injetada - muito mais econômico!

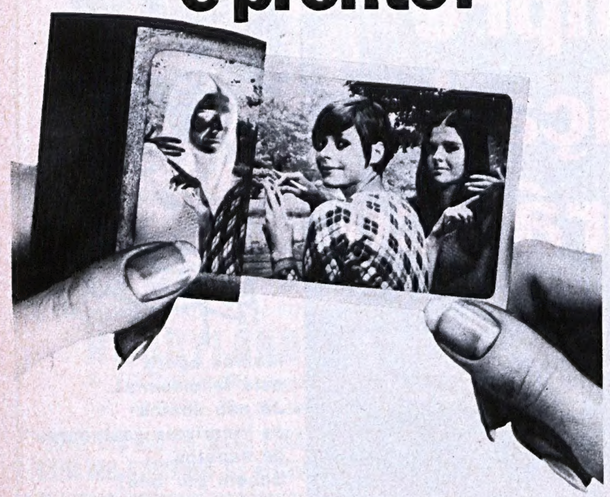
É diferente mesmo. A sola injetada é à prova de descolagem e desgaste. Vicrom é bonito, moderno, elegante, resistente e econômico.

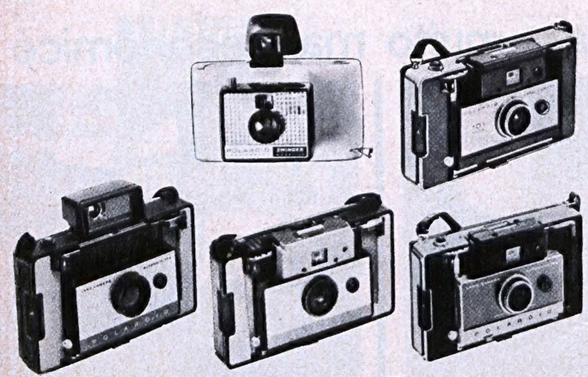
Vicrom

UM PRODUTO ANCORA IND. E COM. LTDA.
CAIXA POSTAL, 2592 - SÃO PAULO

Ancora
SÍMBOLO DO BOM CALÇADO

Com Polaroid 10 segundos... e pronto!





Tudo é muito simples. Fotografias em côres demoram um pouco mais: 1 minuto inteirinho. E tenha certeza de uma coisa: com qualquer câmara POLAROID o show é seu!

Peça uma demonstração nas lojas de artigos fotográficos da sua cidade. 5 modelos, em diferentes faixas de preço. E filmes Polaroid à vontade

Distribuidores Exclusivos para o Brasil

SOSECAL S.A. COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO

SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE

cartas

Revisão versus Willys

Sr. Diretor: Li na última REALIDADE que a Willys corre o risco de desaparecer. Não acredito que seja verdade.

M. R. DANTAS
São Bernardo — SP

E não é verdade mesmo. No artigo "Nosso automóvel tem futuro" houve um êrro de revisão. O texto era êste: "A Willys, já ligada à Renault na área européia, buscará apoio na American Motors ou até mesmo na Chrysler ou qualquer outra emprêsa na área americana".

O Padre e o casamento

Sr. Diretor: Li o artigo do sacerdote americano que abre o debate sôbre o celibato sacerdotal. Julgo, eu que já ouvi de dezenas de colegas depoimentos tão dramáticos como o de Stephen Nash, que o tema tem nuances jamais suspeitadas. O mundo de hoje é diferente do mundo em que os Papas proibiram os padres de amar. REALIDADE deveria voltar ao assunto.

PADRE ANDRÉ NAVARRO XAVIER
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Não acredito, quando REALIDADE afirma que vários padres, consultados pela revista, foram unânimes em sugerir a publicação da carta do padre Stephen Nash. Li diversas vêzes o depoimento e observo que se um padre de 39 anos de idade e 14 de sacerdócio acha sua vida vazia é porque ainda não descobriu Deus na religião, nas criaturas, no trabalho e em tôda parte.

I. B.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Somos universitários e enviamos votos para que REALIDADE continue seu trabalho de esclarecimento, de grande valor para todos nós. Como católicos e interessados em tudo o que ocorre no seio da Igreja, gostamos do artigo "Sou padre e quero casar", especialmente pela grande franqueza.

ILDO M. LIMA, LUCIANO CARDOSO e JURANDIR COSTA
Curitiba — PR

Sr. Diretor: Por um imperativo de consciência, tive a coragem de romper conceitos e leis já ultrapassados e abandonar as fileiras do sacerdócio. Gostei de ver REALIDADE abrir o diálogo sôbre o assunto.

PROF. JOÃO CARLOS VILLELA
Varginha — MG

Oferta e procura

Sr. Diretor: É com pesar que comunico: aqui em Natal, aproveitando a grande procura, algumas bancas entregam REALIDADE a garotos jornaleiros que cobram um a dois mil cruzeiros pelo exemplar. Não é um abuso?

PROF. IRON IDALINO
Natal — RN

É. E já foram tomadas providências junto ao distribuidor.

Ainda os poemas

Sr. Diretor: Com profundo pesar, e com o máximo respeito — que é o meu dever de católica para com os meus superiores religiosos — tenho que ser contra os poemas de Michel Quoist, que são diabólicos.

ROSALY SOMBRIO
Blumenau — SC

Sem pesar, mas também com o máximo respeito, acrescente-se que assim não pensa o frade que traduziu os poemas.

Homem de teatro

Sr. Diretor: Quero agradecer a belíssima reportagem "Êste é um homem de teatro" principalmente pelo que ela representa de divulgação da arte teatral brasileira, do assunto teatro no Brasil e de contribuição à melhoria do nível cultural e artístico do nosso País.

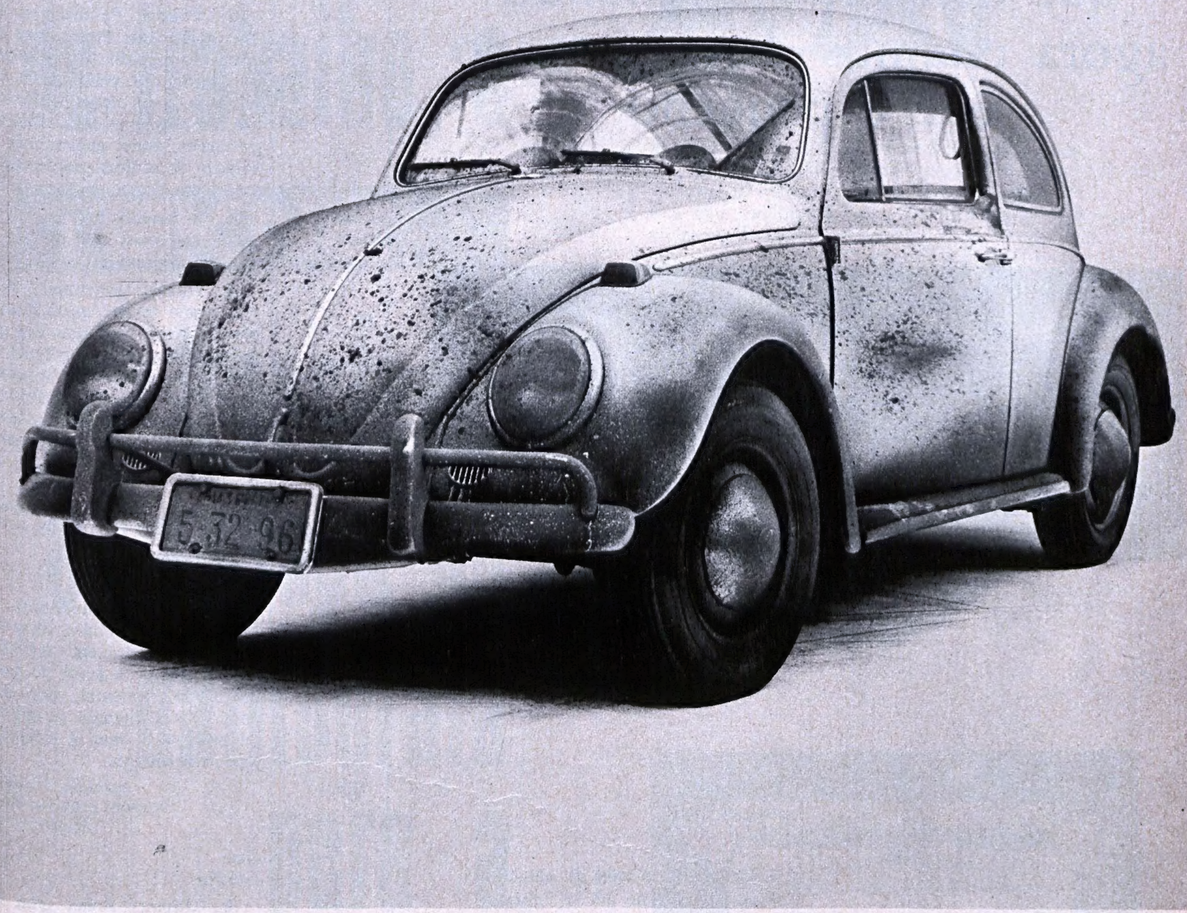
PAULO AUTRAN
Rio — GB

A Madre e REALIDADE

Sr. Diretor: Solicito números atrasados da revista, pois tenho uma irmã freira, e a Madre Geral do Convento achou REALIDADE muito instrutiva para as noviças.

GILBERTO CALDEIRA
São Paulo — SP

SEGUE



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Achamos que um carro deve ter embaixo a mesma proteção que tem em cima.

Se êle está assim em cima, imagine como estará embaixo.

E logo embaixo, onde há tantas peças importantes: cabos de comando, conexões, tubulações...

Partes indispensáveis ao bom funcionamento de qualquer carro, e que numa estrada ruim são o alvo preferido de pedras, água, lama etc. etc.

Mas não se preocupe.

Nós já pensamos nisso.

E colocamos embaixo do Volkswagen uma chapa de aço que deixa o carro totalmente blindado.

Para v. rodar tranqüilamente pelas piores estradas, com a certeza de que também embaixo a proteção é total.

Em outras palavras:

Nós demos ao Volkswagen embaixo, a mesma proteção que êle tem em cima.

primeiro demonstramos
que o mundo é redondo
agora estamos demonstrando
que é pequeno

Todos os dias os jatos da Alitalia voam a 84 cidades em 49 Países, no mundo inteiro. O mundo ficou menor e a cada ano, Alitalia cresceu mais. Mais aviões, mais vôos, mais serviços, mais passageiros. Três milhões de passageiros sòmente no ano passado. Isto significa que voar pela Alitalia é algo mais que viajar de uma cidade à outra. Faça esta experiência quanto antes. Comprovará assim que o mundo é pequeno e também como é maravilhoso viver nêle utilizando os jatos Alitalia em suas viagens para qualquer cidade dos cinco Continentes.

ALITALIA

cartas

Infelizmente, os números 1, 2, 3 da revista estão esgotados.

Parabéns ao repórter

Sr. Diretor: Parabéns ao repórter Roberto Freire, que escreveu o trabalho sôbre psicanálise. Sandra, personagem que êle usou, é um magnífico exemplo. E a simples leitura da reportagem pode encaminhar a solução de muitos problemas.

C. C. M.
Niterói — RJ

Resposta a mil perguntas

Sr. Diretor: Finalmente apareceu uma revista capaz de responder a mil perguntas dos milhões de brasileiros em todos os campos. Acabo de ler o número seis, que está uma gostosura. Especialmente o artigo assinado por Luiz Fernando Mercadante sob o título "Há liberdade no Brasil?"

RAUL GUILHERME URBAN
Joinvile — SC

Casamento experimental

Sr. Diretor: A professôra Y. Mendes, de São Paulo, disse em carta publicada em REALIDADE que é "a favor do casamento experimental, por dois anos". Respeitamos a opinião da professôra, mas a idéia nos parece revoltante.

MANOEL PINHEIRO
WILSON LUÍS DA SILVA
Pelotas — RS

Que fábula

Sr. Diretor: Achei uma fábula as fotos e o texto das parábolas. Gostei tanto que comprei três revistas: uma para a coleção, e as duas outras para recortar as fotos e emoldurá-las.

MACHADA R. COSTA
Recife — PE

Governador em destaque

Sr. Diretor: REALIDADE está mesmo uma brasa. Entre as suas reportagens, destaco aquela sôbre o nosso governador, Paulo Pimentel.

DINO DE ALMEIDA
Curitiba — PR

Ao fim de um dia de trabalho, a TEKNE transferiu o cansaço da datilógrafa para a eletricidade.

Imagine que a Olivetti Tekne 3 reduz de 96% a fadiga muscular necessária para se escrever à máquina. Para comparar quanta energia física uma datilógrafa gasta em média, por ano, construiu-se um robot especial e os resultados foram surpreendentes: a máquina manual exige um esfôrço equivalente a levantar 8 toneladas de pêso, a máquina elétrica apenas 389 Kilos! (Só a mudança da linha exige por ano 14.000 movimentos).

a beleza da Tekne3 você vê, a sua eficiência você comprova

olivetti

cinema

Nos bairros, a TV mata mais

"Poltronas e equipamentos p/ cinema — Vendem-se 1800 poltronas, parte estofada e parte de madeira. O equipamento é marca Simplex X-L. Serviam ao Cine Paris. Ver no local".

"Pela primeira vez no Brasil, a última conquista da técnica cinematográfica — o Super-Cinerama sem emendas — Você verá gigantesco espetáculo com estória e grande elenco".

Os dois anúncios, publicados no mesmo mês de setembro em jornais paulistas marcam os dois pólos de uma crise que, só em 1966, fechou, em São Paulo, 21 cinemas de bairro e irá fechar outros até o fim do ano. No Rio, os dois principais grupos exibidores — Severino Ribeiro e Bruni — pediram concordata com passivos elevados. O problema é o mesmo em quase tôda a parte e a causa não varia: a televisão está matando o cinema no Brasil.

Para enfrentá-la, exibidores cariocas e paulistas mobilizam-se e lançam mão das armas que julgam apropriadas para enfrentar o inimigo no seu próprio terreno: o confôrto e a sedução do nôvo. Isto pode vir sob a forma de novas técnicas, como o aperfeiçoamento do cinerama ou com a criação do espetacular, como o **drive-in** à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio: uma tela da altura correspondente a um edifício de oito andares e vagas para 520 carros.

O confôrto pode ser o luxo de um cinema, como o **Ouro,** em São Paulo, que na entrada reproduz uma rua de Vila Rica, com livraria e reproduções de obras do Aleijadinho. Poderá ser, também, o serviço de sanduíches especialíssimos, refrescos, cigarros, uísque, balas, bombons e uma imensa linha de coisas deliciosas, levadas aos espectadores, em seus carros, no **Lagoa Drive-In.**

A batalha que agora se trava no Brasil, já ocorreu em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, a indústria cinematográfica foi forçada a ampla reformulação. Além das novas técnicas, os filmes de nível mais baixo simplesmente desapareceram e as produtoras lançaram-se com todos os recursos às superproduções. Os temas, por outro lado, passaram a ganhar em ousadia, varando terrenos de que a TV não pode sequer aproximar-se.

A culpada é a TV.

No Brasil, o problema atinge o ponto culminante quando os dois principais centros do País — Rio e São Paulo — atingem a média aproximada de 9 habitantes por aparelho de tevê. E hoje, ir ao cinema, passou a ser realmente um **programa.**

Em 1945, o paulista ia ao cinema 19 vêzes por ano; em 1963, nove. Em 1945, São Paulo tinha um cinema para cada 18.573 habitantes; em 1963, um para cada 22.860. E estimativas atuais dão um cinema para mais de 30 mil habitantes. Em números relativos, a redução vai a quase 50% e aconteceu pràticamente à custa dos cinemas de bairro. Foram êstes que pagaram maior preço à presença da TV.

Queixam-se os exibidores de que, para aumentar-lhe a aflição, a carga de impostos foi extraordinàriamente elevada êste ano — o Cine Mônaco, em São Paulo, há um ano pagava Cr$ 800 mil de impôsto predial. Êste ano passou a Cr$ 5 milhões. E para piorar veio a permissão de aumento dos aluguéis das salas de espetáculo. Os cinemas de bairro, bem ou mal, conseguiam, ainda, manter-se por fôrça do arrendamento dos imóveis a preços antigos e o pagamento de impostos reduzidos. A correção monetária, em uns e outros, estão liquidando-os.

Sôbre um ingresso de Cr$ 1 mil, os cinemas pagam Cr$ 100 de sêlo de estatística, Cr$ 171 de sêlo munìcipal e Cr$ 7 de adicional em benefício do cinema nacional, que, inclusive, não são entregues à destinação legal. Do que sobra, pagam 50% de aluguel dos filmes às distribuidoras e com o restante devem enfrentar mais 23 impostos e taxas que vão de **indústria e profissões** ao de **música mecânica** — isto é, os discos executados no intervalo das sessões.

Essas dificuldades é que levam os exibidores a admitir para um futuro próximo o fim dos cinemas de bairro e, com êles, a possibilidade de renovação de público. "É, em grande parte, nas casas próximas à sua residência que os moços criam o hábito de ir ao cinema", argumentam.

Por isso é que uma emprêsa proprietária de 20 cinemas em São Paulo mandou seus porteiros fazerem vista grossa às carteiras de estudantes falsificadas, que dão 50% de desconto nos ingressos. "Se eu não facilitar aos moços a entrada, daqui a alguns anos não terei mais espectadores", explica o gerente de um dos cinemas.

Para disputar o espectador adulto, porém, o luxo e as inovações técnicas ainda são as armas de que dispõem. Mesmo assim, as dificuldades são muitas. O Comodoro, que em São Paulo explora o cinerama, não conseguiu as cópias de **A Conquista do Oeste** e **O Mundo Maravilhoso dos Irmãos Grimm** para exibi-los pelo processo em que originalmente foram feitos. Ambos tiveram que ser exibidos em cinemascope. Só agora, há um mês, conseguiu o primeiro filme de ação, pelo nôvo sistema, e espera o próximo grande lançamento, nos Estados Unidos, para trazê-lo a São Paulo.

Não contando com êsses recursos, os cinemas de bairro vão sendo fechados, um a um. E sendo transformados em garagens e casas de lanche que, no futuro, não guardarão nenhuma lembrança das matinês de **bang-bang** para a garotada, ou dos amenos **tecnicolors** que nutriram os romances dos namoradinhos das sessões das oito.

livros

Vende-se 1m de história

J. S., brasileiro, casado, bancário de profissão, pai de dois filhos, passa todo dia por duas livrarias, entre o Largo da Carioca, onde deixa o lotação, e a Avenida Rio Branco, onde trabalha. Faz isso há anos, sem que até hoje se lembrasse de entrar em qualquer uma delas, para ver os últimos lançamentos.

Mas J. S., que mora na Tijuca, em apartamento de três quartos, tem na sala-living uma estante em imbuia maciça, com os 31 volumes das Obras Completas de Machado de Assis, o Lelo-Universal e os romances de Érico Veríssimo, tudo em encadernação de luxo.

Por que J. S., incapaz de entrar em uma livraria uma vez por mês para comprar um livro de três ou cinco mil cruzeiros, encontra dinheiro no orçamento para pagar prestações mensais de 30 mil?

Nas respostas está o segrêdo do desenvolvimento de um dos mais vivos setores do comércio de livros, hoje, no Brasil: o crediário.

É verdade que já vai longe o tempo em que Monteiro Lobato, despertado para o problema, fazia um levantamento e encontrava em todo o País apenas 35 livrarias.

Isso aconteceu em 1919.

Hoje, só na lista telefônica de São Paulo, aparecem 96. No Rio, os números são quase êsses.

É certo que de 1919 para cá muita coisa mudou no Brasil. A população multiplicou-se e, mais do que isso, elevaram-se os padrões de vida. As próprias exigências das novas formas de convivência social, neste quase meio século de distância, impuseram maior consumo de informações técnicas e culturais que só os livros poderiam oferecer.

Porém, mais do que isso, mudou a própria indústria do livro. Imprimir e editar, que por muito tempo eram atos de benemerência cultural e dependiam de favores do Govêrno, tornaram-se tarefas dependentes de segura racionalização para a disputa de um mercado promissor. A partir dêsse instante, editôres e livreiros descobriram a importância das técnicas de promoção de venda.

Atualmente, algumas editôras já fazem seus principais lançamentos com audaciosas campanhas publicitárias. A **Nova Fronteira** comprou páginas inteiras, em jornais do Rio e São Paulo, para anunciar um livro de Carlos Lacerda.

SEGUE

Já a **Civilização Brasileira** criou um estilo de anúncio que identifica a sua presença na massa de publicidade de uma página de jornal. A **Delta** usa páginas a côres em grandes revistas. Diàriamente, há informes publicitários dos principais lançamentos nos grandes jornais do País.

A propaganda das editôras, até bem pouco tempo um favor reservado pelas emprêsas a alguns amigos, já torna possível ao **Jornal do Brasil** editar um suplemento biográfico de 16 páginas, com quase 50% de anúncios.

A indústria do livro começa a tomar consciência do seu caráter empresarial.

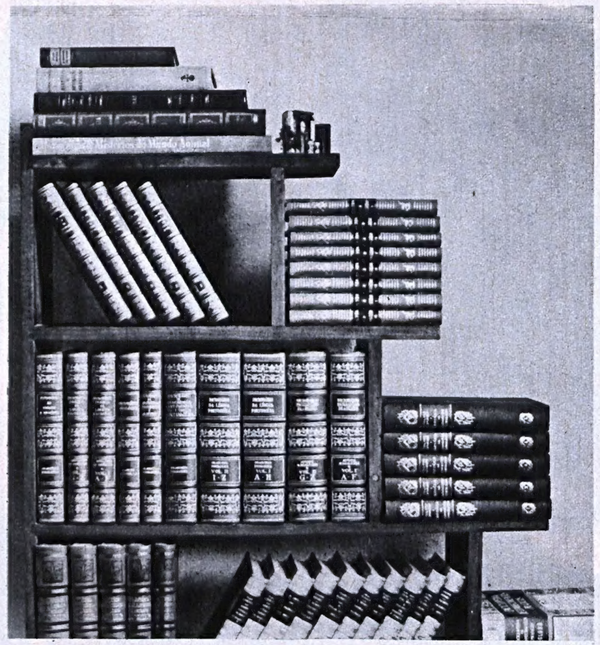
Onde, porém, os esforços promocionais apresentaram maior rendimento, foi no setor de vendas a crédito, reservado, exclusivamente, às grandes coleções. A necessidade de manter numerosas equipes de vendas e confeccionar custoso material promocional afastou a possibilidade de editar obras de baixo preço e, portanto, de rentabilidade inferior.

Hoje, quase tôdas as grandes editôras do País trabalham com coleções vendidas a crédito. A **Brasiliense** tem Monteiro Lobato e Lima Barreto; a **José Olímpio** tem José Lins do Rego, Pedro Calmon ("História do Brasil"), Dostoiewsky, Otávio Tarquínio de Souza ("Os Fundadores do Império"); a **Globo** tem os romances de Érico Veríssimo; a **Jackson** tem a Enciclopédia Mérito, em 20 volumes, Machado de Assis, em 31 volumes, e a resenha de "Um Estudo de História", de Toynbee, em 4 volumes; a **Delta** tem os Prêmios Nobel.

Mas são as obras de consulta (dicionários e enciclopédias) que alcançam os maiores índices de venda, principalmente pela necessidade viva que o homem de hoje tem de informar-se, brevemente que seja, sôbre uma multiplicidade de assuntos sempre crescente.

O treinamento das equipes de venda, porém, não se limita a exercitá-las para atender a essa necessidade. Ensina-as a jogar, também, com um dado importante da psicologia dos eventuais compradores: a necessidade de prestígio. Em amplas faixas da sociedade, ter livros é manifestação de bom gôsto e as coleções encadernadas são elementos básico de decoração em muitos ambientes. Em reportagem minuciosa sôbre o nôvo apartamento do cantor Roberto Carlos, um jornal de São Paulo só faz referência a livros em uma oportunidade: menciona a coleção encadernada de vermelho, situada em uma estante de jacarandá, que completa a composição do **living.**

O que era anedota de nôvo-rico há 50 anos é hoje realidade: o livro já é vendido a metro.



Livro virou elemento de decoração.

Jovem Guarda ganhou Festival, gravadoras vão ganhar dinheiro.

discos

O grande negócio do ié-ié-ié

Neste mês de outubro, no Parque do Ibirapuera, São Paulo, milhares de jovens estarão vibrando com as provas finais do I Encontro Nacional da Jovem Guarda. Nessa noite, serão escolhidos os três melhores conjuntos, os três melhores cantores e as três melhores composições de música para a juventude inscritas na competição.

Tão interessados quanto os jovens, porém, ali também estarão alguns respeitáveis homens de negócio. Vão a serviço, e a sua responsabilidade é grande: representam, junto ao calor da juventude, os frios interêsses das gravadoras de música popular.

A indústria do disco já é, no Brasil, atividade econômica de apreciável importância. No ano passado, estimativas de venda feitas pela Associação Brasileira dos Produtores de Discos revelaram uma soma de 24 bilhões de cruzeiros. Os capitais investidos no negócio são elevados, os riscos são muitos e as gravadoras sabem o valor que pode ter um festival assim no mercado da música popular.

Há um ano, a vitória de **Arrastão** no I Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela Organização Excelsior, favoreceu a venda do disco em todo o País. Os **tapes** dos programas, exibidos em várias cidades, lançaram nacionalmente uma nova cantora: Elis Regina. São evidentes os benefícios que daí tirou a Philips, que a tem sob contrato.

Faz poucos meses, a realização da eliminatória do II Festival da Excelsior, em Recife, mexeu com o mercado de discos. A bossa nova, de pouca penetração no Nordeste, cresceu nas estatísticas, beneficiando as fábricas que contratam os principais intérpretes de música popular moderna brasileira.

Êste ano, o Encontro Nacional da Jovem Guarda é apenas um dos quatro grandes certames de música popular programados. Um já se realizou, o da Excelsior, e outros dois estão em andamento: o que é promovido pelo Govêrno da Guanabara e o Festival da Música Popular Moderna Brasileira, organizado por emissoras de TV que têm cadeia em todo o País.

Para as gravadoras, o certame da Jovem Guarda tem particular importância. Um técnico do Departamento de Divulgação da **RCA Victor** estima em 40% a participação das músicas de juventude no mercado de discos. A própria gravadora, que já tinha a representação de alguns nomes internacionais do ié-ié-ié, promove agora seus cartazes de Jovem Guarda.

Páginas inteiras de revistas, com farta circulação entre a juventude, foram usadas para promover os últimos lançamentos de Demetrius ("O Sempre Ídolo") e Cidinha Santos ("A Primavera do Ié-ié-ié").

Das gravadoras, porém, a que está mais profundamente ligada aos destinos da jovem guarda é a **CBS.** Os grandes nomes do movimento são seus contratados: Roberto Carlos, Jerry Adriani, Wanderléia, Renato e seus Blue Caps, Ed Wilson, os Beatniks e outros. No último boletim informativo da gravadora, dos 18 discos mais vendidos, 12 eram de música da juventude.

A presença da TV na promoção do Festival, programando a venda nacional dos **tapes,** e a notícia de que a Rádio Panamericana de São Paulo fará o mesmo — com as fitas de rádio — abre horizontes novos às gravadoras.

O ié-ié-ié, de certa forma, só não foi muito bem recebido na zona Centro-Sul do País. O próprio Festival embora se diga nacional, só teve eliminatórias em São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Pôrto Alegre.

SEGUE

O filme Verichrome Pan da Kodak lhe garante os melhores resultados... se V. não cometer pequenos erros como êste:

Se V. não segurar a câmara com firmeza no momento de acionar o disparador, a fotografia sairá tremida. Compare-a com a mesma foto, já corrigida, e veja a diferença de resultados. Erros também freqüentes são os de focalização e de insuficiência ou excesso de exposição. O foco, por exemplo, depende de vários fatôres,

mas V. terá maiores possibilidades de obter resultados positivos, se der pouca abertura à objetiva sempre que as condições de luz forem boas (no contrôle da objetiva de sua câmara,

os números mais altos indicam as aberturas menores). Antes de mais nada, porém, V. precisa

estar garantido quanto à qualidade do filme. Habitue-se à qualidade Kodak, que lhe dá a certeza de estar usando o melhor filme, bem como uma base segura para apreciar seus próprios progressos na arte fotográfica. Para fotos em prêto e branco, use o filme Verichrome

Pan, quando desejar fotos de contrastes nítidos e contornos bem delineados (como a gente gosta de ver nos retratos, por exemplo). Quando desejar maior variedade nas graduações dos cinzas (foto de uma paisagem, por exemplo), aproveite a sensibilidade do filme Plus-X e, em situações desfavoráveis de luz ou ação, a alta sensibilidade do filme Tri-X. Em qualquer caso, conte com a qualidade Kodak, como fazem milhões de homens, mulheres e adolescentes, no mundo inteiro.

Kodak

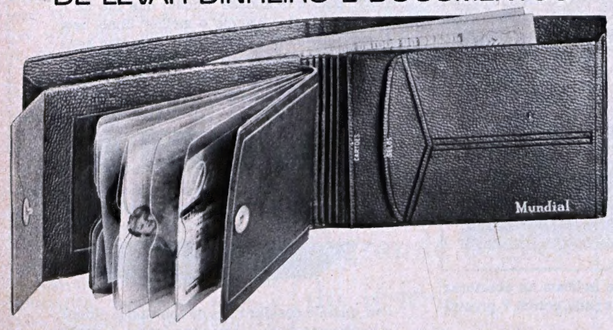
O MODO MAIS
ELEGANTE
DE LEVAR DINHEIRO

"Modulus - duas em uma" é a carteira duplamente perfeita. Combina com ambientes de bom gôsto. É sóbria, moderna, funcional. É feita com o melhor couro, pelos melhores artesãos.

O MODO MAIS
PRÁTICO
DE LEVAR DOCUMENTOS

"Modulus - duas em uma" tem um compartimento removível para documentos, com apresentação instantânea de fotos, carteiras de clubes, identidade, habilitação, credit-cards, etc.

O MODO MAIS
INTELIGENTE
DE LEVAR DINHEIRO E DOCUMENTOS



A divisão para documentos é removível. O que faz de "Modulus - duas em uma", duas carteiras numa só (embora você só pague o prêço de uma). E basta escolher: Usá-la completa ou separadamente.

modulus
duas-em-uma

Um produto
Mundial
CINTOS • CARTEIRAS • ESTOJOS
Rua Leopoldina Rêgo, 647 - Rio-GB

bestsel 20.001

Nenhuma cidade do Norte foi incluída, porque, de Salvador para cima, as formas tradicionais da música popular ainda dominam. Roberto Carlos vende bem, mas seus companheiros pràticamente não existem.

O Norte-Nordeste tem seus próprios ídolos. É pequeno o público de Agnaldo Rayol na Bahia. Oswaldo Fael, porém, que no Sul poucos conhecem, lotou um teatro em Salvador e foi apresentado como o **Sinatra brasileiro.**

Há poucos meses, a cantora sulista de maior sucesso em Recife era Giana, que só raramente chega às paradas de sucesso do Rio e São Paulo.

Saraiva, saxofonista da gravadora **Continental,** já tem três **longplayings** estourando a marca dos 50 mil vendidos no Norte. Grava chorinhos, valsinhas e boleros. Waldick Soriano, cantor romântico que mora em São Paulo, onde é desconhecido, já gravou dez **longplayings** que atingiram, no Norte, 50 a 60 mil cópias vendidas, cada um. Isso representa, para cada disco, movimento de vendas superior a 350 milhões de cruzeiros. Mais ainda: surpreendentemente, vendem-se mais LPs do que compactos.

Êsses números indicam um mercado extraordinário que as gravadoras não podem desprezar. Por isso, seus homens-chave estarão espalhados na platéia do Ibirapuera, na esperança de arranjar, daquele delírio de notas musicais, algumas substanciosas notas de venda.

É preciso avisar que os anúncios vão acabar

televisão

O show vem aí, mas custa

O tigrinho de um canal de televisão, em São Paulo, surge no vídeo, apontando o cartaz que informa: **Vem aí show.** São 18h43. Eram 19h22, quando o **show** apareceu. Nesse intervalo, o telespectador foi massacrado por 39 minutos de publicidade, cortados apenas por um noticioso de cinco minutos — êste, também, pulverizado por pequenos comerciais.

Diàriamente, diante de alguns milhões de brasileiros, é desrespeitado um ato do Presidente da República, de julho de 1963, que limita em cinco minutos o tempo de comerciais entre programas de TV, e em 25% da programação o total do tempo destinado à publicidade. Nenhuma das 36 emissoras instaladas no território nacional empenha-se em cumpri-lo.

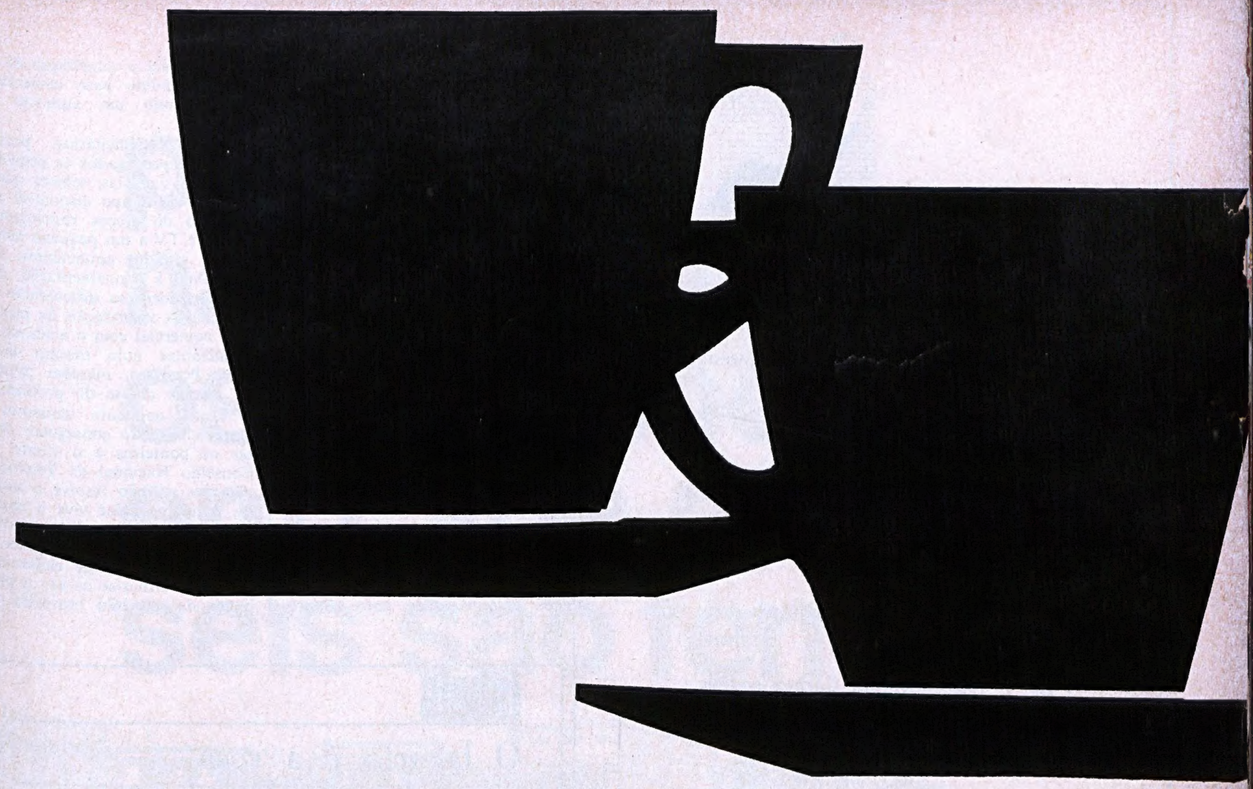
Uma agência de publicidade de São Paulo fêz um levantamento dos comerciais apresentados pelos três canais de maior audiência, no **horário nobre.** Para a TV-Tupi a média foi de 8 a 10 minutos de anúncios por intervalo; para a Excelsior, a média foi de 5 a 7, e para a Record, de aproximadamente 20 minutos.

Em três horas de programação — das 19 às 22 — REALIDADE apurou um minuto de publicidade para cada três de programação, aproximadamente, nos canais 4, 5 e 9. Para o 7, a média foi de pouco mais de dois por um.

Para o telespectador, o quadro é de desanimar.

As emissoras de TV justificam-se com a necessidade de faturar o máximo, a fim de cobrir os custos cada vez maiores. Essa preocupação levou os três grandes de São Paulo a tentar recentemente um convênio onde, entre outras coisas, ficava estabelecido: não aceitar comerciais com duração inferior a 15 segundos e não vender o tempo a menos de oito mil cruzeiros por segundo, conforme as tabelas existentes. O acôrdo foi parcialmente cumprido, em julho. No mês de agôsto, porém, já o preço do comercial caía.

SEGUE



o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. não considera cafèzinho prestação de serviço

(por isso oferece aos seus clientes os seguintes serviços: máquina especial para cobrança de sêlo, cobrança de impostos federais em São Paulo, impostos estaduais, inclusive vendas e consignações, impostos municipais, contas de energia elétrica, telefônicas etc.)

Tudo isso sem contar remessa de valores e cobrança de duplicatas em 52 cidades dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Guanabara. Na verdade, o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. oferece aos seus clientes um pouco mais do que se pode esperar de um Banco: desejo de servir. Não é exatamente isso que v. sempre esperou de um Banco?

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
"O NOSSOBANCO"
MATRIZ: RUA DA QUITANDA, 85/93 - SÃO PAULO

WH-Publicidade

Carbex

pense nas lojas, extraindo, uma por uma, milhares de notas fiscais e suas cópias...
pense no mesmo texto datilografado dezenas de vêzes...
pense nos fabulosos gastos das emprêsas com aquisição de máquinas e contratação de mais funcionários...
pense no problema de acomodação para novas datilógrafas e novas máquinas...
pense no Govêrno, enfrentando o mesmo problema nas repartições públicas...
Bem, chega de pessimismo.
Pense em coisas boas. Pense em *Carbex* — o melhor carbono brasileiro.

V. sabe que os fabricantes de Carbex podem atender sòzinhos à demanda total de papel carbono do Brasil?

pense no que aconteceria se faltasse papel carbono...

Marcus Pereira Publicidade

Jordan

Era negociado, às vêzes, a menos de 4 mil cruzeiros por segundo. Os vídeos continuaram cheios de publicidade de todos os tipos, de automóveis de luxo a pòzinhos que fixam dentadura.

Mas a situação não é de desanimar apenas os telespectadores. Para os anunciantes, o que acontece é desastroso, por dois motivos: a) os longos minutos de comerciais afastam o telespectador do aparelho, e as mensagens caem no vazio; b) o acúmulo de mensagens faz com que tôdas percam o vigor.

As conseqüências são fáceis de imaginar, em um país onde — segundo estimativas prudentes — a TV absorve cêrca de 60% das verbas destinadas à publicidade e uma das cinco principais agências aplica no vídeo 84,3% do total de suas verbas.

Para os anunciantes, as emissoras erram contra os seus próprios interêsses. Argumentam: a fixação de um limite de cinco minutos de publicidade, entre os programas, trará a valorização do segundo vendido para comerciais, possibilitando um aumento de preços.

Alguns publicitários, porém, quase sempre ligados às pequenas e médias agências, temem que a redução do tempo disponível e a elevação de preços restrinjam o acesso à TV a um pequeno número de grandes anunciantes. São favoráveis à regulamentação, mas não escondem as dificuldades de conciliar a valorização da mensagem comercial com o acúmulo de anunciantes num mesmo intervalo. Por isso, mantêm posição de reserva diante do problema.

Assim, enquanto emissoras e anunciantes não conseguem acertar os ponteiros e o Contel — Conselho Nacional de Telecomunicações — não resolve o assunto, o telespectador vive a angústia de um pesadelo: Chico Válvula Prêsa, o esquimó da máquina de lavar roupa e **aquêle** elefantinho ameaçam tornar-se os astros principais da televisão brasileira.

fábula

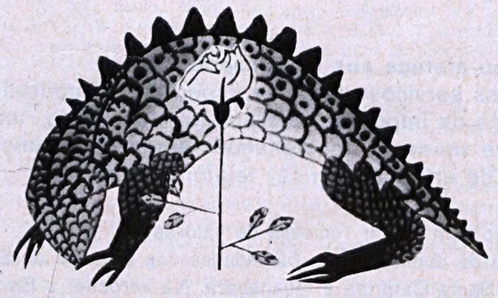
O lagarto e a rosa

O lagarto viu uma rosa branca.

"Que linda flor", pensou. "Vou levá-la para minha mulher".

"Idiota", gritou a senhora lagarto irritada. "Não sabes que não como flôres?"

Gerda



Moral: Não se oferecem rosas aos lagartos.

por favor, não conte os caminhões: em cada dez, seis são fenemê

ARÓLDO ARAÚJO

...e há os outros, naturalmente.

quando lhe disserem que
tôdas as gasolinas são iguais,
lembre-se que só nos postos shell
você encontra
gasolina contendo **I.C.A.**
e não paga um centavo
a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

...e saiba também que Shell Super é mais que um nôvo óleo: é superquilometragem com supermargem de segurança. É, positivamente, o óleo que excede as especificações da indústria automotiva.

ESPECIFICAÇÕES DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA
EXCEDE

Isto é ou não é algo mais?

Nos postos Shell algo mais para seu carro e você.

Standard Propaganda

O Prefeito de Goiânia recebeu o jornalista com uma pergunta: "Quanto vai custar a reportagem?" Demorou a acreditar que não ia custar nada. Na verdade, o Prefeito é que deveria cobrar pelas aulas que está dando de como misturar magnetismo pessoal, malícia, realizações e demagogia para conquistar o povo de uma cidade inteira.

ATENÇÃO: ESTÁ NASCENDO UM LÍDER

Texto de José Carlos Marão — Fotos de Jorge Butsuem

Seu Manuel, o motorista de confiança, parou o Aero-Willys prêto um pouco antes da esquina e continuou a pé. Virou à esquerda e preocupado em não ser visto, caminhou ràpidamente mais uns 50 metros, até a casa do seu bem amado chefe. Sumiu lá dentro.

Depois de uns cinco minutos — passava um pouco de seis e meia da manhã — Manuel surgiu novamente, pela porta dos fundos, e saiu para trazer o carro até a porta. Viu algumas pessoas paradas, com cara de quem não quer nada, mas Manuel sabia o que queriam.

No momento em que ligava o motor do automóvel, abriu-se a porta da frente da casa. Saiu um môço, em mangas de camisa, com ar agitado, que andou ligeiro e chegou no portão no instante exato em que Manuel parava o carro. Sentou no banco da frente mesmo. Manuel engatou a marcha, para arrancar, mas era tarde demais. O carro já estava cercado.

O môço, apesar da pressa, sorriu satisfeito. Verificou que, mesmo às seis e meia da manhã e saindo em segrêdo, era popular. Atendeu, ràpida e paternalmente, a todos, pensando:

— É verdade. Eu já sou, de fato, um líder.

Certamente nenhum habitante de Goiânia, capital de Goiás, entendeu ainda porque aclama e bate palmas, quando vê em algum lugar o seu jovem Prefeito, Íris Resende Machado, 32 anos casado, ainda sem filhos. Êle é adorado por homens, mulheres, moços, velhos e crianças.

— Olha o Íris! — gritam os meninos das ruas de Goiânia, quando passa o seu Prefeito. Íris Resende, ou "Íris Quadros", como já o chamam, é capaz de tudo, para manter e aumentar êsse prestígio. Nem êle próprio sabe porque é tão querido do povo. Mas, para que melhor se esclareça como êle chegou a isso, deve-se voltar ao mês de novembro de 1958, quando houve um pequeno rebuliço nas redações de jornais de Goiânia:

— Então, quem é êsse cara? Você conhece?

— Não conheço e ninguém aqui na redação conhece.

— Não interessa. Ache o homem e faça a matéria do mais votado.

Um desconhecido dos cronistas políticos de Goiânia tinha sido, nas eleições daquele ano, o vereador mais votado, com o dôbro da votação do segundo colocado, num recorde que não foi batido até hoje. O repórter saiu e achou o homem: um mal vestido estudante de 24 anos. Morava no bairro de Campinas, o mais populoso da capital.

Íris, o estudante, ficou satisfeitíssimo de ser procurado por um jornal. Contou que participava ativamente da política da Faculdade de Direito, foi convidado para candidatar-se e teve a sorte de ser o mais votado. Uma coisa ali não foi dita:

Íris, já no tempo de ginásio, metia-se em política estudantil. E sentia que não só gostava da popularidade. Precisava dela para sua felicidade pessoal, em dose cada vez maior.

Quando surgiram as eleições para vereador, tratou de candidatar-se, pois os partidos realmente achavam que êle poderia trazer alguns votos das faculdades.

Mas Íris, em vez de procurar os estudantes, fêz a campanha no seu próprio bairro, onde valeu muito a fama de homem honrado que tinha seu pai. Valeram muito mais, porém, suas visitas de casa em casa, seus elogios às crianças na frente dos pais, sua capacidade de notar que a horta estava bem cuidada ou que a casa estava limpa, sua boa memória para nomes e fisionomias. Seguramente, foi muito útil também sua forte autocensura para não falar de política com eleitores. A simpatia pessoal, a cara de menino humilde, as roupas comuns e a simplicidade natural de menino criado na roça até os 16 anos completavam o homem e ajudaram a trazer o voto dos pobres.

Naquela primeira entrevista de Íris para um jornal, seu pai declarou que o filho tinha sido criado com a enxada na mão, fôra servente de pedreiro e entregador de lenha. De fato, durante uns seis meses, quando mudou para Goiânia, logo depois que o pai vendeu a fazenda, Íris ajudou na construção de algumas casas e rachou lenha para o depósito que tinham comprado no bairro de Campinas.

Afinal, no dia seguinte, o jornal saiu com a reportagem na primeira página, e Íris guarda até hoje, com muito carinho, aquela entrevista, com fotografia e tudo, apesar do repórter ter saído em primeiro plano, "tomando anotações sôbre o vereador mais votado".

Íris ficou um pouquinho embaraçado foi no dia da posse. Apareceu na Câmara como nos dias mais importantes da Faculdade: camisa abotoada até em cima e de paletó — diferente da calça, evidentemente. Encontrou os outros vereadores elegantíssimos e engravatados. Mas até que para o trabalho que êle pretendia fazer nos quatro anos seguintes foi útil ter aparecido assim. Pois o seu trabalho, programadinho, era conservar os eleitores que conseguira, ganhar outros e, principalmente, conquistar os medalhões dos partidos políticos de Goiás.

Aconteceu que não se conseguia chegar a um acôrdo sôbre quem seria o presidente da Câmara. Até que alguém lembrou de Íris e quase todos acharam bom: "Será fácil dominar aquêle caipira".

Bom proveito tirou o môço daquela presidência, apesar de ter relutado um pouco em aceitar, pois seus planos incluíam a apresentação de muitos projetos e a conquista de seu bairro inteiro. Começou sendo dedicadíssimo no cargo que lhe entregaram e fazendo sentir que não seria dominado. Foi rigoroso com os vereadores, cortou pagamentos, controlou as verbas. E divulgou bem isso. Como presidente da Câmara, aproximou-se dos políticos mais influentes e foi atraindo-os também.

Não deixava nunca de visitar e conversar com os seus eleitores, pois pretendia trabalhar o tempo todo pela sua próxima candidatura: queria ser deputado. Mas, hoje, êle confessa:

— Eu senti, logo nos primeiros meses, que a política legislativa não aparece. SEGUE

Íris encontrou Íris procurando voto

O povo só sente e agradece a política executiva. Resolvi que queria ser prefeito. Só que antes precisava ser deputado.

E tratou de trabalhar sempre para isso. Sendo vereador e presidente da Câmara, nunca perdeu uma oportunidade de aparecer em público. Nunca perdeu festa onde houvesse eleitores em potencial. Nunca deixou de atender as pessoas que o procuravam o dia todo. E, quando não podia atender, arranjava uma boa desculpa.

Essa obsessão pelos votos levou o Íris ao cúmulo, uma vez, numa festa de casamento. Estava no último ano de seu mandato, já em plena campanha para deputado estadual. Amigo da casa, Íris estava conversando na sala quando, de dentro do quarto onde a noiva se vestia, gritaram:

— Íris, vem aqui.

O môço não perdeu a chance. Devia haver no quarto pelo menos umas quatro eleitoras. Abriu a porta, entrou, viu as môças se vestindo, ficou vermelho, virou, saiu e fechou a porta. Depois lhe explicaram: tinham chamado a Íris, uma amiga da noiva, e não êle. Acabaram por apresentá-lo à môça. Resultado: dois anos depois, o Íris casou com a Íris e, se o filho que estão esperando fôr homem, será Íris. Se fôr mulher o nome vai ser outro.

Quando anunciaram o resultado oficial das eleições para deputados, em 1962, Íris foi de nôvo procurado pelos jornais. Tinha batido outro recorde, nas mesmas condições da eleição para vereador. Os jornais já sentiam que ali poderia estar surgindo um nôvo líder popular.

Em suas declarações, êle deixava bem claro aos bons entendedores o que pretendia:

— Sou contra qualquer forma de reeleição. Mesmo para deputados. Dentro de quatro anos, quando terminar o meu mandato de deputado estadual, garanto que não voltarei à Assembléia Legislativa.

Ganhou de nôvo fotografia na primeira página dos jornais, sempre com o repórter em primeiro plano.

Mais alguma coisa precisa ser ainda esclarecida, para se entender o Íris de hoje, popular prefeito e cidadão goianiense. Pois tendo o seu eleitorado aumentado sensìvelmente, já não era mais possível guardar o nome de todos, nem visitar um por um, mesmo em períodos que não fôssem de campanha política. Íris, então, reformulou o seu processo anterior de conseguir votos e acrescentou mais um item, passando a agir assim:

1 — Evitar chamar pessoas pelo nome, quando houvesse perto outros eleitores cujo nome êle não conhecesse, e, assim, não provocar ciúmes.

2 — Continuar as visitas, mas mais rápidas, de modo a poder elogiar o trabalho de 10 donas de casa em 15 minutos.

3 — Continuar agradando crianças, qualquer criança, pois descobriu que elas influenciam muito os pais.

E, o último, mais nôvo e mais importante item:

4 — Só na base da simpatia, era impossível conseguir mais votos do que já tinha. Era preciso **fazer alguma coisa.**

E Íris passou a enviar para a Assembléia projetos que o destacassem em Goiânia. Aplicava, ao mesmo tempo e com muita habilidade, os quatro itens, sempre pintados com a mesma historinha sua:

— Meu primeiro trabalho foi na roça. Meus dedos têm as juntas grossas porque eu cresci trabalhando com a enxada. Trabalhei de servente de pedreiro para poder estudar na Escola Técnica. Por isso eu sei quais são os problemas do homem que trabalha.

Íris não fêz ginásio. Fêz a Escola Técnica Profissional, onde se formou técnico em aparelhos elétricos e telecomunicações. Isto é, podia consertar rádios e ser telegrafista. Depois, fêz científico e técnico de contabilidade ao mesmo tempo, para entrar na Faculdade de Direito.

Essas histórias sempre impressionavam qualquer eleitor.

Para que se veja como um líder popular vai fazendo a sua carreira, é bom saber como Íris Resende Machado candidatou-se e elegeu-se prefeito de Goiânia. Para candidatar-se, até que foi fácil, pois além de muito prestígio entre os chefes dos partidos, não havia quem se dispusesse a enfrentar Juca Ludovico, político tradicional, do tipo antigo, que já tinha sido de tudo no Estado de Goiás.

Íris enfrentou, sabendo, êle e o seu **staff** (êle tem até um grupo de assessôres), que tinha uma vantagem muito grande sôbre o velho político: era um môço, onde a maioria dos eleitores também era de moços.

A campanha foi um sucesso espetacular. Íris juntou seus antigos companheiros de Câmara Municipal, alguns amigos do bairro e usou o que Juscelino já tinha usado muito antes: a palavra **metas.** O seu grupo criou, nos moldes de Carvalho Pinto em São Paulo, o "Primeiro Plano de Ação Municipal, elaborado pela assessoria técnica do deputado Íris Resende Machado". O plano previa principalmente a descentralização da administração municipal, metas de limpeza pública, economia, asfaltamento, abertura de ruas, colocação de galerias pluviais, embelezamento dos jardins da cidade.

Mandaram o esbôço do plano para uma agência de publicidade, que fêz cinco folhetos, um para cada grupo principal de planos. E cada cidadão de Goiânia recebeu a sua coleçãozinha.

Assim foi a campanha, mas para que bem se entenda a eleição é necessário que se saiba como correm as coisas na cidade de Goiânia, desde sua fundação. Goiânia foi projetada há 34 anos, para 30 mil habitantes. Hoje está com 300 mil, não tem plano diretor, cresceu desordenadamente além do núcleo inicial e os serviços públicos não dão nem para a metade da população. Quando a cidade foi fundada, já havia ali uma povoaçãozinha, de nome Campinas, que ficou sendo um bairro afastado da nova capital. Com o tempo, foi sendo escolhido por tôdas as pessoas que mudavam do interior para a capital. Hoje, tem 80 mil habitantes ciumentíssimos do bairro onde moram. Quando vão ao centro da cidade, não dizem vou ao centro. É "vou a Goiânia".

E Íris foi o primeiro candidato a prefeito morador de Campinas.

Afinal, o motorista Manuel conseguiu sair com o carro e livrar-se dos admiradores de Íris, o amado prefeito. Agora que já está dito de quem se fala, pode-se voltar àquêle dia em que Íris pretendia sair, às seis e meia da manhã, em segrêdo. É importante sair em segrêdo, para êle, pois gosta de atender todo mundo, e seus planos de trabalho nem sempre permitem estar ouvindo gente fora de hora. Tinha escolhido aquela manhã para fiscalizar obras, coisa que faz duas ou três vêzes por semana.

É como diz o próprio Íris, em tom de sussurro confidencial, como quem revela uma grande descoberta:

— O trabalhador vendo a gente chegar no serviço à mesma hora que êle, fica entusiasmado. Percebe que o Prefeito também levanta cedo. E trabalha com mais vontade, em vez de ficar pedindo aumento e fazendo greve.

Enquanto o carro segue, de um ou outro automóvel que cruza com êles, vem o grito, já costumeiro em Goiânia:

— Como vai, Governador?

Quando Íris tinha quatro meses de Prefeitura — tomou posse em janeiro dêste ano — ninguém mais tinha dúvidas de que — se houvessem eleições diretas — seria êle o próximo Governador de Goiás. Êle, Íris, quando tomou posse na Prefeitura, também já estava com o Govêrno do Estado na cabeça, apesar de não confessar isso claramente.

Seu Manuel toca o carro para uma rua onde estão abrindo uma galeria pluvial. O prefeito desce, o chefe da obra vem correndo:

— Já fizemos três metros hoje, vamos fazer 30 até o fim da tarde e terminamos amanhã.

Esse é um dos segredos de Íris, fazer obras em tempo recorde, com a ajuda do seu secretário de obras, o **Zé** Pereira, e do diretor da autarquia municipal encarregada do asfalto, engenheiro Valdércio.

Cumprimentados os trabalhadores, Íris passa a percorrer a obra e cumprir a outra missão que se impôs, ao parar naquela rua:

— Então, dona fulana, sua rua vai ficar boa agora, hein?

— Deus que abençoe o senhor, **seu** Íris.

— Como é meu chefe, quando a chuva vier não vai mais alagar sua rua, não é?

— Pois é **seu** Íris, nóis aqui já tava até organizando uma comissão prá agradecer.

Depois de uns três cafèzinhos, em três casas diferentes, volta ao automóvel e parte para outra obra.

O carro continua. Sai, pràticamente, da cidade, passa por uma enorme placa, onde há sòmente uma mão estilizada, com 4 pontinhos onde seria a palma da mão e, ao lado, a frase "Estamos Trabalhando". A frase e o desenho foram uma das primeiras coisas encomendadas pelo **staff** do Prefeito, logo após a posse, pois a previsão de obras era enorme e a cidade, provàvelmente, ficaria com muitas ruas impedidas e cheias de poeira. De alguma forma, era preciso justificar e, principalmente, divulgar todo o trabalho do nôvo Prefeito.

Depois da placa, numa grande área aberta, uns cem pedreiros estão trabalhando na construção de várias casas. Íris desce e o ritual é o mesmo: o empreiteiro corre logo, para explicar como vão as coisas, os trabalhadores começam a trabalhar com mais vontade, para o Prefeito ver, e Íris anda pelo meio dêles, cumprimentando um por um. SEGUE

Quinta-feira, Íris fala com o povo

— Então, as 500 casinhas ficam prontas para o Natal?

— Pois até antes, **seu** prefeito.

As 500 casas, financiadas pelo Banco Nacional de Habitação, em convênio com a Prefeitura de Goiânia, são para resolver um dos problemas mais sérios da cidade, as **invasões.** A cidade, que tinha ruas planejadas até onde havia só mato, foi ficando cheia de favelas, de gente vinda do Norte ou da zona rural. Como invadiam ruas, êsses grupos de barracos chamaram-se **invasões.** Com o crescimento da cidade as ruas, agora, precisam ser desocupadas e abertas.

No começo, a Prefeitura conseguiu do Govêrno do Estado terrenos financiados, e construiu casinhas usando a madeira e as telhas que os favelados já tinham em suas malocas. Não eram boas, embora bem melhores, em condições de espaço e higiene, que as das **invasões,** onde, em grupos de 50 ou 100 famílias, não havia nenhuma privada, ou, então, uma só, para uso coletivo.

Depois, Íris criou uma Cooperativa Municipal de Habitação e conseguiu dinheiro com o BNH. O Prefeito volta para o carro. Verificou que as obras das casinhas andam bem e tem um nôvo plano na cabeça.

O carro passa por vários lugares com a placa do "Estamos trabalhando". Íris vai olhando os trabalhos de asfalto, galerias, colocação de meio-fio. Até que Manuel pára o carro na entrada de uma **invasão,** à beira do leito da Estrada de Ferro.

Íris desce, e as crianças vão logo se juntando em volta:

— Mãe, olha o Íris!

Vai distribuindo os apertos de mão, as perguntas de onde está trabalhando, como vai a saúde, e caminhando para o centro da favela. Quando percebe que já tem um auditório razoável, lança a frase, certamente preparada antes:

— Olha, acho que, para o Natal, eu tenho um presentinho para vocês. São umas casas muito boas que nós estamos fazendo. Aí vamos tirar todos vocês daqui, para um lugar melhor.

— Deus que conserve o senhor tão bom assim, **seu** Íris.

— Eu tenho rezado muito para a sua felicidade, **seu** Prefeito.

— Quando o senhor se candidatar de nôvo, seu Íris, é no senhor que eu vou votar. Só o senhor faz o que promete.

— Êsse môço tem lugar garantido no céu.

Íris sorri:

— Obrigado, minha filha, muito obrigado. Prá senhora também.

Dali a pouco, começam a chegar os pedidos, para ir até a casa de um, ver fulano que está doente; para ir até outra, que está desmoronando; para ver como a água em certo quintal fica estagnada. Íris vê tudo e promete soluções.

Item importante: ouvir e falar ao povo.

Na saída, continua distribuindo apertos de mão, confiante na sua popularidade, seguro de que todos o conhecem:

— Então, como vai o senhor, está morando aqui? — pergunta para um senhor de meia idade, parado num canto.

— É, eu estou morando aqui sim, mas não estou bem lembrado do senhor. O senhor é da Bahia?

Íris diz "não" com um sorriso e continua andando, com pressa de fazer outras coisas, sem tempo de ouvir o homem resmungando:

— Se eu cheguei anteontem de Salvador, de onde o môço me conhece?

Já são quase 9 horas da manhã e o Prefeito não pode mais ficar vendo obras, tomando cafèzinhos e fazendo visitas. Tem de ir para a Prefeitura, pois é quinta-feira, dia de muito serviço, e das "audiências com o povo". Quando Íris assumiu, entre as coisas que resolveu fazer, instituiu o dia de ouvir as queixas do povo, como alguns reis da Idade Média. E convidou um jornalista da cidade, Castro Filho, para cuidar do seu serviço de relações públicas e contatos com a imprensa. Isto é, mais claramente: a função do môço é divulgar tudo o que o Prefeito está fazendo. E Castro divulgou tão bem essas audiências, que, agora, quinta-feira ninguém mais tem sossêgo na Prefeitura.

O carro pára ao lado da porta **secreta** do gabinete do Prefeito, que já não é secreta há muito tempo e tem sempre um grupinho por perto, esperando o Prefeito entrar ou sair. O prédio da Prefeitura, construído em 84 dias pela Secretaria de Obras de Íris, tempo recorde para o seu tamanho, foi uma das primeiras vitórias da administração do Prefeito. Principalmente porque escapou de um aluguel caríssimo e construiu boa parte com material doado por comerciantes da cidade, economizando muito. Evidentemente isto foi muito cantado, em prosa pelo relações públicas, e em verso por um paraibano improvisador, que sempre acompanha o Prefeito.

De manhã, na Prefeitura, só estão os secretários e alguns funcionários de confiança. Logo que Íris chega, começam a entrar no gabinete os secretários e seus problemas. O secretário de obras entrou e, antes de falar, ouviu:

— **Seu** Zé Pereira, como estão as máquinas para o mutirão de domingo?

Zé Pereira, engenheiro viajado e obreiro, já está com tudo preparado e dá contas ao chefe. O mutirão foi o que mais projetou o Prefeito Íris Resende Machado e a sua administração. Mutirão é uma tradição das fazendas brasileiras, onde mão de obra era coisa difícil. Então, quando chegava a época de colheita, ou de abate de gado, ou qualquer coisa que precisasse ser feita depressa, o fazendeiro organizava uma festa, com comida, dança e música, de noite. De dia, trabalho sem parar. Cada uma das fazendas vizinhas enviava, em dia de mutirão, quantos trabalhadores pudesse mandar.

Íris transferiu isso para a zona urbana. Aplicou o mutirão na limpeza de terrenos e abertura de ruas, pois Goiânia, já quase Amazônia, é todo ano invadida por uma vegetação que quase cobre a cidade. Os moradores do bairro trabalham de graça, querendo ver sua rua limpa. Trabalhadores de outros bairros aparecem, para comer em troca do serviço. As emprêsas emprestam trabalhadores (êsses são pagos) e máquinas, cujo custo operacional seria, para a Prefeitura, um absurdo, se tivesse de pagar. Aparecem banda de música, pessoas ricas da cidade (só para ver), o paraibano improvisador de versos sempre elogiando o prefeito e a coisa vira uma festa. Zé Pereira, Valdércio e alguns chefes distribuem e orientam o trabalho. Assim, a cidade vai progredindo quase de graça. E o Prefeito fica mais popular.

Ao meio-dia e trinta, o prefeito já despachou com os vários secretários e almoça numa churrascaria da cidade, com algum político. Na Prefeitura, a fila de gente pobre, querendo falar com o Prefeito, é enorme, e Divina, a môça encarregada de encaminhá-los, já está suando, do calor e de tanto explicar que o Prefeito ainda não chegou.

Quando chega, pega um caderninho, uma caneta, e vai para uma saleta ao lado do gabinete. Divina deixa entrar umas dez pessoas de cada vez. Íris começa pelas mulheres, depois os velhos, no fim os marmanjos.

— Eu vim aqui, **seu** prefeito, para saber se é verdade que nós vamos ter que fazer a calçada já.

— Não é já não. Só depois que terminar de pagar o asfalto, viu.

— **Seu** Íris, essa é minha filha, ela é professôra, sabe?

— É, mas nomeação agora não. O ato institucional não deixa.

— **Seu** Íris, eu cheguei do interior, com quatro filhos e minha mulher. Estou doente e o hospital diz que não tem lugar prá mim.

Íris enfia a mão no bôlso, tira mil cruzeiros, dispensa o homem e passa a outro.

— Ninguém mais quer dar trabalho pra êsse **véio** aqui, **seu** Prefeito. Eu vim do Norte, fui candando em Brasília e não ganhei nada com isso. Eu só quero trabalhar.

Íris tira outra nota de mil:

— Ah, meu **véio,** o senhor não agüenta mais o pesado não. Pode pedir esmola, viu, que não é feio não. Na sua idade não é feio.

— **Seu** Prefeito, eu preciso de um passe, prá ir me tratar em São Paulo. Íris manda buscar com a secretária. SEGUE

Foi preciso usar uma temperatura exagerada, a alta pressão, para que êste fio ficasse com um vermelho tão bonito.

Mas valeu a pena: a côr dêste tapête Tabacow, permanecerá viva e igual por muito tempo.

O que acontece quando um fio é tingido à uma temperatura elevada, a alta pressão? O corante se dissolve completamente e a côr é distribuída pelas fibras com uniformidade. Além disso, o corante penetra e reage quimicamente com as fibras, fixando-se profundamente, fazendo com que a côr permaneça inalterada por muitos anos. Todos os tapêtes Tabacow são tingidos dessa maneira. No entanto, daqui a alguns anos, pode ser que alguém diga:

"É, até que é bonzinho êste tapête... Sem saber o trabalhão que tivemos para fazê-lo assim. Não faz mal. A vida é assim mesmo.

Extralã
Extranylon - Nylonpel
Carpete - Viking - Tropical Süper
Atlas - Olimpia - Cruzeiro
Walt Disney - Pérsia - Floral - Rivoli

tapêtes TABACOW

Fábrica: Rua Boa Esperança, 229 Tels.: 9-0024 - 9-0188 - São Paulo
Exposição e Vendas por atacado - Rua 24 de Maio, 35 - 19.º and. - cj. 1913 - Fone: 34-0486 - Cx. P. 7026

Por que Eucatex Acústico absorve o som?...

Pelo mesmo motivo que a bola não salta quando lançada sôbre uma almofada.

O impulso da bola morre.
E o som também ao bater em Eucatex Acústico,
que absorve até 93% dos ruídos.
O som esgota sua fôrça perdendo-se nas milhões
de células intercomunicáveis de Eucatex Acústico.
Porisso é que êle é poroso, possuindo ainda
furos ou rasgos na superfície.
E sua espessura é mínima.
Tudo isso faz de Eucatex Acústico um material obrigatório
como fôrro ou revestindo paredes de cinemas,
auditórios, escritórios, hospitais etc.
Com isso se garante a salubridade do ambiente,
maior confôrto e rendimento do trabalho.
Temos centenas de exemplos de tratamentos
acústicos realizados nos mais diferentes locais.
Teremos imenso prazer em lhe transmitir
nossa experiência de muitos anos em acústica.
Escreva-nos. Ou então nos faça uma visita.

À Eucatex S. A. Indústria e Comércio
Avenida Francisco Matarazzo, 530 — Caixa Postal 1683 — São Paulo.
Desejo receber outros informes sôbre Eucatex Acústico.
Nome: .....
Profissão: .....
Endereço: .....
Cidade: ..... Estado: R1

Eucatex-chapas para tratamento acústico

Para Íris, ser popular é ser feliz

— **Seu Prefeito,** eu queria um emprêgo na Prefeitura.

— Ah, meu filho, volta segunda-feira de manhã, viu, que é o dia que eu contrato os operários.

Íris instituiu isso também. Nas segundas-feiras de manhã, êle atende pessoalmente os operários que se candidatam a emprêgo. Só que nesse dia o diálogo é diferente:

— Onde você já trabalhou? Vamos ver a mão, se está calejada. Pode ficar esperando ali que o senhor já vai ser chamado.

Ou, se o candidato é fraco, manda procurar outro emprêgo.

Que a bem da verdade se esclareça uma coisa: Íris é um môço que, apesar de defender a bandeira dos pobres, é tranqüila, segura e (por absurdo que pareça) simpàticamente reacionário. Não aceita nenhuma idéia nova, pode ser de política, de moral, de economia ou de qualquer outra coisa. E agora, como já conquistou as camadas mais baixas de Goiânia, partiu para conquistar as mais ricas. E está com meio caminho andado. O primeiro golpe foi asfaltar, em tempo recorde, as ruas de todos os bairros grã-finos de Goiânia. E, o segundo, defender em praça pública, com muita clareza e sinceridade, a ordem constituída, os poderes militares, o Govêrno Federal

— E por que os bairros pobres você não asfalta?

— Porque lá o Govêrno do Estado ainda não colocou rêde de esgôto.

E os moradores desculpam o Prefeito.

Depois de tôdas as suas obras em tempo recorde (asfaltou em seis meses mais que o Prefeito anterior em quatro anos); depois da economia e da rigorosa política de recolhimento de impostos, estabelecida pelo Professor Nion, Secretário da Fazenda, confidente e conselheiro particular do Prefeito; e depois de mostrar às classes produtoras que consegue, nos domingos, mão de obra gratuita, Íris ficou com 90% do eleitorado municipal, segundo os cálculos que fazem hoje os seus assessôres.

Apesar de tudo isso, Íris não deverá optar pelo ingresso na Arena. Ainda não resolveu, mas, certamente, irá para o MDB, tudo dependendo, ainda, das eleições para governador — daqui a quatro anos — serem diretas ou indiretas. E explica, no sussurro costumeiro de quando quer dar ar de confidência:

— O MDB é oposição, o povo hoje está na oposição, e a nossa bandeira sempre foi a do povo.

Os homens ligados à situação federal têm muita fé no Prefeito: êle é popular, consegue aglutinar povo, e pensa como o Govêrno. Íris, embora com um pouco de dificuldade em reconhecer essa verdade, sabe bem o que deseja:

— Íris, o que você, de fato, quer?

— Quero servir o povo.

— Não, a pergunta não era bem essa.

— Quero andar de cabeça erguida, quando não tiver mais nenhum cargo público.

— Não, também não é isso. O que é que você quer para se sentir, hoje, feliz? O que você precisa para sua felicidade pessoal?

— Olha, acho que eu não sei.

— Será a popularidade, os aplausos, o reconhecimento?

— Bom, eu acho que é.

— Você nunca tinha pensado nisso?

— Já pensei. É verdade. Eu trabalho muito na Prefeitura. Primeiro, porque gosto da cidade. Segundo, porque quero que todos saibam que **eu** fiz.

Quando termina a 5.ª-feira, o Prefeito está esgotado e precisa dormir. Esgotado também está o homem das Relações Públicas, o Vechi, encarregado de sair pelos armazéns, pedindo comida e bebida de graça para os mutirões. Esgotada também está d. Elina, secretária municipal da Educação, mas que, nos mutirões, é a chefe da cozinha e que passou o dia resolvendo problemas das escolas e também pedindo talheres, pratos, utensílios de cozinha, nas casas comerciais. Tudo para o mutirão do domingo.

Com exceção das quintas-feiras — quando recebe o povo — e das segundas — quando dá pessoalmente os empregos — os dias do líder de Goiânia são iguais. Resumem-se em receber vereadores, secretários, despachar, e agora, em tempo de campanha política, orientar muitos candidatos, que precisam de sua ajuda. Os visitantes importantes e as comissões pedindo auxílio — ou obras — são constantes.

As visitas humildes são atendidas pela Divina, secretária do chefe de gabinete, João Natal. As visitas importantes são levadas a esperar na sala do Perseu, secretário da Prefeitura, onde se realizam os altos cochichos administrativos e onde está a porta mais segura para se chegar ao Prefeito. A sala está sempre cheia. Ninguém sabe se é porque querem falar com o Prefeito, ou porque têm assuntos a resolver com o Perseu, ou porque êle tem uma secretária muito bonita.

Perseu é o homem mais diretamente ligado ao Prefeito. Segura tudo que não precisa ser levado até o Íris e, quando leva alguma coisa, já tem opinião formada, para auxiliar. Todo o secretariado — escolhido entre os amigos de Íris, do tempo em que êle começou na política, como vereador — são admiradores do Prefeito, empenhados em fazer tudo o que o seu chefe mandar.

A final chega o sábado, dia do Prefeito receber as homenagens. No bairro onde será o mutirão já se cuida de armar a cozinha. Várias casas sempre disputam essa honra. Cuidam também de armar a barraca onde será distribuído o almôço. Íris sabe que tudo funcionará bem e não precisa ir até lá. No sábado êle vai a festas, onde será certamente homenageado, aclamado, e distribuirá os mesmos apertos de mão.

Na inauguração de um banco, festejadíssimo, Íris tem de falar:

— Goiânia recebe de braços abertos o capital dos Estados mais ricos. Porque o nosso progresso, o futuro desta cidade, depende de homens corajosos, como êsses que vêm investir aqui.

Na inauguração de um hospital, tem de falar:

— Goiânia se engrandece com mais êste empreendimento. É nas mãos de jovens como êsses médicos, que está calçado o futuro de nossa cidade e de nossa Pátria.

Num baile da Escola Técnica, onde se formou e está recebendo uma homenagem, Íris repete o mesmo tema:

— Está nas mãos dêsses moços o nosso futuro. Está nas mãos dêles a direção e o destino do nosso grande País.

Naquele sábado havia baile. O Prefeito, homem de deitar e levantar cedo, evangélico por religião, apareceu às nove e meia no baile que começava às dez.

Enquanto isso, no centro da cidade, acontecia um festival de música popular, com um cinema cheio de jovens das classes econômicamente mais altas. Numa certa altura, o locutor anunciou o representante do Governador. Depois, outros representantes de outras autoridades. Aí, anunciou o representante do Prefeito. O cinema veio abaixo, em aplausos.

Íris estava no baile quando soube disso. Partiu correndo para o cinema. Ficou escondidinho na entrada e mandou chamar Castro Filho, seu representante e relações públicas. Cochicharam um pouco. SEGUE

Nos mutirões de domingo muitos vão em busca da comida, mas todos encontram trabalho.

Mutirão é festa com trabalho de graça

Castro entrou no cinema, foi para a primeira fila, cochichou com o locutor, e voltou. Dali a pouco, o locutor anunciava:

— Agora, um jovem como vocês (o locutor já não era môço e estava sendo vaiado), o Prefeito...

E não conseguiu falar o resto.

Todo mundo aplaudindo, Íris entrou triunfante, abanando com o braço no estilo de Juscelino, bebendo a popularidade de um momento que quase perdeu.

Zé Pereira, Valdércio, d. Elina e o prefeito chegaram bem cedo no mutirão. O pessoal do bairro já estava todo de foice em punho, para tirar todo o mato que invadia as ruas. Na casa da cozinha, a carne já estava salgada e os tachos preparados. Zé Pereira e Valdércio — o diretor da Pavicap, autarquia criada para asfaltar a cidade sem as complicações burocráticas da Secretaria de Obras — começaram a distribuir o serviço. As máquinas, roncando, começaram também o seu trabalho de abrir ruas, aplainar e, enfim, ir dando um aspecto de civilização ao bairro.

No dia seguinte, o Serviço de Relações Públicas da Prefeitura distribuiria um comunicado: "Com 1.800 foiceiros, os 292.200 metros quadrados dos setores aeroviário e São José foram totalmente desmatados. Três pás carregadeiras, 32 caminhões basculantes, quatro patrolas (máquina que nivela rua) e três tratores abriram dez ruas, escascalharam quatro e patrolaram catorze. Foram consumidos no almôço 120 quilos de arroz, 60 de feijão, 330 de carne, 40 de banha, 30 de cebola, 60 de macarrão, 60 de farinha, 100 de tomate, 100 de mandioca, 30 de sal, 2.200 refrigerantes, 2.200 tabletes de doce, 2.200 pedaços de pão."

O Prefeito, durante o mutirão, vai percorrendo as áreas de trabalho. Seguem com êle todos os candidatos a vereador que recebem seu apoio, além do vice-prefeito, do relações públicas e alguns secretários. Em cada parada, o Prefeito pega numa foice e corta um pouquinho de mato. Está conquistando os trabalhadores e, ao mesmo tempo, conforme aquela sua opinião, anima-os a trabalhar mais. Os candidatos querem todos imitar o Prefeito, para ver se sobra um pouco de popularidade. Se êle pega na foice, também pegam. Se êle anda, andam. Se êle elogia, elogiam. Junto com êles segue o paraibano, cujo apelido é **Cearense,** improvisando seus versos sôbre tudo o que o Prefeito fala ou faz.

As pessoas ricas da cidade vêm de automóvel, para ver como é um mutirão. Passeiam bastante, descobrem onde está o Prefeito, dão um jeitinho de serem vistas, cumprimentam e vão embora.

No caminhão êle fala. Pouco e padronizado. No fim foices cortam o ar, palmas explodem.

Às 11h30, hora do almôço, a turma começa a parar de trabalhar. O Prefeito está esperando. Geralmente faz o discurso depois do almôço, pegando os trabalhadores de estômago cheio. Desta vez, a comida não está pronta ainda, e êle tem de falar e entreter a turma. A chave é a de sempre:

— Porque é na fôrça do trabalho e do honesto trabalhador brasileiro que está o progresso do Brasil. E no vosso trabalho o progresso de Goiânia.

E é até um pouco ingênuo, porque também diz:

— Enquanto vocês, operários, estão aqui, não estão fazendo greves ou procurando os seus direitos na Consolidação Trabalhista. Estão, sim, procurando o local e a data do próximo mutirão.

Os trabalhadores, de estômago vazio, mas bastante entusiasmados, deliram em aplausos e levantam as foices, aprovando o Prefeito e mostrando uma fôrça que êles não sabem que têm.

Quando chega a comida, Íris desce do caminhão em que falava. Os trabalhadores ficam em fila. Numa barraca coberta, ficam dona Elina, dona Íris, a mulher do prefeito, espôsas dos secretários, funcionárias da Prefeitura, tôdas distribuindo comida. Os trabalhadores passam com um prato de papelão, e vão recebendo o feijão aqui, a carne ali, o arroz mais adiante. No fim, pegam uma cocada.

O Prefeito, seguido dos secretários, auxiliares, candidatos, entra na fila também, num lugarzinho já provàvelmente arrumado pelo relações públicas, e fica até o fim empenhado em mostrar aos trabalhadores que é igual a êles. Os operários ficam alegres e orgulhosos.

O almôço é num terreno vago, que foi quintal de um convento. A turma vai comendo, enquanto a banda toca, o **Cearense** faz versos, e quatro estudantes universitários, dois rapazes e duas môças, tocam violão. A roda vai-se formando em volta dêles, à medida que os operários terminam de comer. As músicas, no comêço, só falam de amor. Depois, vão ficando mais complicadas. Mas param aí. Os mutirões são muito vigiados, porque há muito perigo de subversão, com tanto trabalhador junto. Por fim o Prefeito pede aos estudantes que parem de cantar:

— Enquanto houver música essa turma não pega no serviço de nôvo. Vocês não percebem?

— Mas hoje é domingo, **seu** Prefeito.

À tarde, o Prefeito continua seus passeios, mas, desta vez, parando mais nas casas do bairro, para descansar um pouco, tomar cafèzinhos, e sentir que está agradando e conquistando aquela gente. A coisa mais comum é chegar gente e dizer:

— **Seu** Íris, eu não votei no senhor, mas estou muito arrependido. Para Governador, o senhor pode esperar que é certo.

Os candidatos aproveitadores já almoçaram e foram embora. A cozinha já encerrou o expediente. Sobram só o Secretário de Obras, o Prefeito e João Afonso, o encarregado da Limpeza Pública, que sempre tem muito serviço nos mutirões. O trabalho agora é mais lento. O bairro, porém, já mudou de cara. O trabalho das máquinas — como os motoristas e operadores ganham o dia — continua no mesmo ritmo.

Lá pelas cinco horas, Íris, o grande líder popular de Goiânia, o Jânio Quadros do Brasil Central, está cansadíssimo. Dá uma olhada pelos lados, encontra Manuel com o Aero-Willys prêto, embarca e desaparece.

Os trabalhadores, também cansados, começam a ir embora, cada um carregando a sua foice. O bairro já está limpinho e tem ruas por onde os automóveis conseguirão passar.

Um trabalhador que não mora no bairro vai andando.

— Por que o senhor veio ao mutirão, se não mora aqui?

— Vim pra ajudar o Íris. Êle está trabalhando, a gente tem que ajudar também, não é?

— O senhor vem só pelo almôço?

— Não. Até que domingo lá em casa tem um almocinho bom. Mas tem muitos que vêm pra almoçar, sabe? Às vêzes falta comida na casa dêles.

— E o senhor também bateu palmas para o Prefeito, na hora em que êle fêz discurso?

— Ah, mas é claro.

— Mas êle falou alguma coisa importante?

— Bom, se êle falou eu não sei. Mas na hora que a gente vê êle lá em cima do caminhão, falando, e sabe que êle estava pegando na foice que nem a gente, dá vontade de ir lá abraçar êle. Como a gente não pode fazer isso, só bate palma. E levanta a foice, se a gente estiver com a mão ocupada, segurando ela.

FIM

Repare: quem precisa chegar a lugares difíceis escolhe a Rural

Os jornais, por exemplo.

Uma notícia não escolhe lugar para acontecer. Nem hora. Nem tempo. E o jornalista tem de chegar até ela. De qualquer maneira. Por isso, vai de Rural. E chega.

Para vencer qualquer dificuldade, em qualquer terreno, com qualquer tempo, a Rural tem tração nas quatro rodas: dá o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência — o dôbro de confiança.

A Rural é o carro brasileiro para todo serviço. Tem resistência "Jeep". Alternador, no lugar do dínamo, para carregar a bateria mesmo em marcha lenta. Suspensão aprimorada para rodar mais macio. E marchas totalmente sincronizadas.

RURAL '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

© Willys - Overland - 66.1151 - RJ

VALE A PENA CONHECER A *NOVA*

GELADEIRA GENERAL

custa menos e tem a qualidade G.E. • garantia de 5 anos

ELECTRIC 67

dos os modelos • assistência técnica da propria fábrica

88 ANOS DE LIDERANÇA MUNDIAL

— Olha, Glorinha,.. foi esta geladeira que meu pai deu pra mamãe... É uma G-E.

...e lembre-se: geladeira começa com G. E.

Êstes homens são frades. Vivem e estudam no Convento dos Dominicanos, em São Paulo. O repórter Narciso Kalili passou 15 dias entre êles e descobriu que, pregando o amor e usando o Evangelho, êles fazem

REVOLUÇÃO NA IGREJA

FOTOS DE ROGER BESTER

Meu Deus não é o deus-ópio, que aliena; ao contrário. Êle engaja, compromete. (frei Ivo)

A grande descoberta que fiz no cristianismo foi a de não ser uma religião de bons, de justos, de santos. Foi justamente a de ser uma religião de pecadores. (frei Carlos Alberto)

Sou jovem e minhas aspirações são as de todo rapaz. Engajar-me no processo histórico, ser um dos colaboradores na tarefa de promoção do homem, até o dia em que o povo das ruas cantará o seu canto de paz. (frei Rafael)

O amor de Cristo é exigente e inimigo da mediocridade. Deus ou é tudo ou nada para nós. O meio-têrmo não funciona. Esta verdade mexe com o meu egoísmo, comodismo, indiferença e mêdo. (frei Leandro)

Não me sinto chamado por Deus, mas pela humanidade, no sentido de ter o dever de dar minha contribuição para a unidade do homem. (frei Hunfeld)

Pode ser que eu não seja frade durante tôda a vida, mas neste instante sinto que estou consagrado eternamente à missão que escolhi: doar-me a Deus e aos homens. (frei Osvaldo)

Deus não é um ôlho frio debruçado sôbre as nuvens a observar nossos atos para anotar no livro de nossa conta-corrente os atos bons e maus que determinarão nossa salvação ou perdição. (frei Leão)

A preocupação com os problemas concretos do homem não é uma concessão que faço, mas uma necessidade imperiosa decorrente de um encontro com Deus no Cristo. (frei Patrício)

O capitalismo e o comunismo ateus exploram o homem no que Deus lhe deu de mais sublime: a liberdade. (frei João Domingos)

A juventude já foi enganada demais, traída demais, pelos adultos e pela própria Igreja. Se eu me recusar a caminhar com êles, estarei traindo-os mais uma vez e traindo a mim mesmo. (frei Agostinho)

Dois homens conversam sob o caramanchão. O primeiro, louro, de óculos, forte, corado. O segundo, alto, moreno, nariz adunco. Ambos com cêrca de trinta anos. O vento brincava com seus hábitos brancos com remendos disfarçados. Da faixa escura que têm nas cinturas pende enorme rosário negro. O louro é frei Leão; o moreno, frei Patrício. Êles são frades dominicanos.

O caramanchão fica no fundo de seu convento, na Rua Caiubi, no bairro das Perdizes, em São Paulo, a conversa dos dois gira sôbre as coisas às quais resolveram dedicar suas vidas: Deus e os homens. E porque os dominicanos se dedicam com tanto fervor ao homem, muita gente desprevenida esquece a fé que êles têm em Deus. Como aquêle mineiro conservador que interrompeu uma conferência de um frade dominicano em Belo Horizonte, gritando:

— Padre comunista!

Frei Patrício, o moreno de nariz avantajado (no convento isso lhe valeu o apelido de Tucano), sorri, um sorriso claro, sempre que lembra da frase. Como todos os dominicanos, quando não está de batina é um homem comum, que usa gíria e deixa espantados aquêles que, no meio do bate-papo, descobrem estar diante de um padre:

— Nós pegamos o bonde andando. A Ordem tem 750 anos e muitos anos mais tem a Igreja. Isso é duro, pois tanto a Igreja como a Ordem recolheram riquezas impressionantes através dêsses anos todos, mas ao mesmo tempo uma canga de aderências que não é mole. O pior de tudo é que a Igreja, em muitas épocas, estêve ligada aos poderes dominantes, numa situação que Cristo condenava, pois refletia a injustiça, a impostura, a mentira, o desamor. Infelizmente, aqui no Brasil, isso também aconteceu.

Frei Patrício tem o rosto fino e fundas olheiras. Os olhos brilham mais quando defende seus pontos de vista e êle está sempre pronto para rebater argumentos que contrariem suas opiniões categóricas:

— Houve tempo — e isso ainda é feito — em que a Igreja tentou resolver o problema de cada um dos miseráveis, individualmente. Se isso foi a solução um dia, já não é mais.

SEGUE

Êles estão prontos para serem perseguidos e torturados

Primeiro porque a Igreja não tem condições de resolver sòzinha o problema de todos e, depois, porque a solução só pode ser coletiva, socializante. Cristo pregou a fraternidade dos homens, o amor, a verdade, a justiça, a paz. Doa a quem doer, é essa a missão da Igreja de hoje.

Os ataques de frei Patrício são sempre fundamentados em estudos e reflexões dos textos bíblicos, de onde êle extrai exemplos e argumentos:

— Por que contemporizar com os grandes de hoje se Cristo não contemporizou com os grandes de seu tempo? Para ser evangélica, a Igreja tem de se despojar, ser pobre, desamparada, como os humildes. Todo cristão — e portanto também os padres e bispos — deve estar pronto para ser perseguido, torturado, prêso, em nome da caridade, da justiça, do amor. Em nome de Cristo, como o foram os apóstolos e todos os outros cristãos da Igreja primitiva.

Frei Leão é filho de imigrantes italianos (no convento é tratado por Carcamano). Êle entrou para o convento há sete anos e sua história é bem igual à da maioria de seus companheiros. A vocação apareceu aos 18 anos. Até os 12 ia à missa aos domingos, rezava antes de dormir e acreditava que a Igreja só existia para castigar os que errassem. Aos 13 anos resolveu libertar-se da influência da família a esquecer a Igreja.

Tinha grande desejo de saber tudo: sôbre as pessoas e a vida. Aos 18 anos entrou para a Escola de Engenharia e passou a freqüentar grupos intelectuais de Belo Horizonte. Isso aumentou sua vontade de saber. Aos 19, quando decidiu descobrir para que estava vivendo, encontrou o que lhe pareceu fundamental: Deus.

O pai de Leão, músico na Italia, não conseguiu subsistir com a profissão e fôra obrigado a transformar-se em padeiro, em Belo Horizonte. Isso porém não impediu que desse formação musical a seus filhos. Leão preferiu o violino, e tocava bem. Um dia foi convidado a tocar numa missa organizada pela Juventude Universitária Católica. Sentiu que uma coisa fazia o grupo da JUC diferente e fascinante, uma coisa que parecia ligar todos e que êle, até ali, procurara sem encontrar; o amor. Entrou para a JUC.

Leão passeou, namorou, conversou, aprendeu e começou a atuar na política universitária. Mas isso não durou muito, pois quando estava no último ano da faculdade, as grandes preocupações voltaram. Êle descobrira Deus e se perguntava, em longas noites de insônia e meditação, se não era mais importante deixar o que vinha fazendo para seguir o exemplo de alguns homens que conhecera e cuja missão o fascinava: ser religioso. Levou dois anos para decidir, até que resolveu entrar para o convento de Belo Horizonte.

A oposição dos pais de um lado, e a Igreja superada que encontrou quase fizeram com que voltasse atrás. Mas êle resistiu. Hoje, sete anos depois de sua decisão, às vêzes perguntam a frei Leão se essa forma de viver é a que terá até o fim da vida. Êle responde que não:

— Não porque a escolha que fiz não seja definitiva. Mas porque é uma opção que faço todos os dias, tôdas as horas, todos os momentos. Mas a cada dia que passa, sinto que essa forma de viver é igual para todos os homens, dentro e fora do convento: é preciso decidir sôbre tudo, todos os dias.

Frei Leão e frei Patrício são iguais a outros 50 frades que vivem e estudam no convento da Ordem dos Pregadores de São Domingos. Além dos estudos comuns e da grande amizade, êstes homens têm a ligá-los três promessas: a de serem pobres, castos e a de obedecerem, sempre. Porém a principal razão para estarem juntos é o amor e a fé em Deus e nos homens.

São alegres, joviais, a maioria entre 20 e 30 anos. Riem muito, mas enfrentam com seriedade a tarefa de saber mais e estão preocupados em fazer da Igreja Católica uma nova Igreja. Para isso usam os exemplos da vida de Cristo, citam trechos do Evangelho para justificar tudo o que fazem e consideram o Papa João XXIII o maior nome dos nossos tempos.

Para serem frades dominicanos, êsses homens fazem um curso que dura sete anos: dois de Filosofia e cinco de Teologia. Levam uma vida dura, onde os estudos e a reflexão constante os obrigam a ter segurança absoluta a respeito de suas vocações. E os que não conseguem isso abandonam a vida religiosa, como aconteceu a dois estudantes que no mês passado deixaram o convento, e a outros 30 que, nos últimos três anos, descobriram estar enganados.

Procurando limitar as desistências, os dominicanos cercam de todos os cuidados a admissão do candidato. Para entrar no noviciado, êle deve se submeter a vários psicotestes, que revelam o seu equilíbrio emocional, sua vocação à vida religiosa e sua maturidade cultural.

A maioria dos padres e estudantes — alguns são estrangeiros — começou a vida na Ordem num dia 31 de janeiro, quando, apenas com algumas roupas e a vontade de serem padres, atravessaram os portões do noviciado, em Belo Horizonte. A tensão, a responsabilidade, a dúvida e o entusiasmo continuaram, para cada um, nos nove dias seguintes, durante o retiro espiritual em que meditaram sôbre a decisão que tomariam no 10.º dia: pertencer à Ordem durante um ano, submetendo-se a seus regulamentos e determinações. Nesse mesmo 10.º dia, a cerimônia de iniciação, simples como todos os ritos dominicanos, a entrega do hábito e uma nova palavra antes do nome: **frei.**

Depois, um ano no noviciado — meditação, leitura dos textos bíblicos e da história da Ordem. É o tempo em que o candidato faz sua opção quase definitiva, orando e tentando o que os religiosos consideram o mais importante: o contato com Deus, num diálogo que uma vez iniciado nunca mais terminará. Êsse diálogo é que leva os dominicanos a adotar uma forma íntima de tratamento em relação a Cristo, considerando-o não uma entidade abstrata, mas uma pessoa.

Terminado o ano em Belo Horizonte, o candidato — agora chamado estudante — sai de férias, para testar sua decisão. Vive normalmente com a família, revê os amigos, a antiga namorada, retoma contato com sua vida anterior. Se persistir na escolha, seu próximo passo será dado no dia 1.º de março: apresenta-se no convento de São Paulo, onde irá concluir a parte fundamental do curso. Recebe um quarto, roupas de cama, livros, toalhas, pasta de dente, cotonetes, cigarros.

No fim de três anos — em que fêz durante dois anos do curso de Filosofia — o estudante faz a promessa solene: jura que ficará na Ordem por tôda a vida. Já começou há um ano a estudar Teologia, e com mais dois anos é ordenado padre, embora ainda não com tôdas as atribuições, que receberá sòmente quando terminar o curso, depois de outros dois anos.

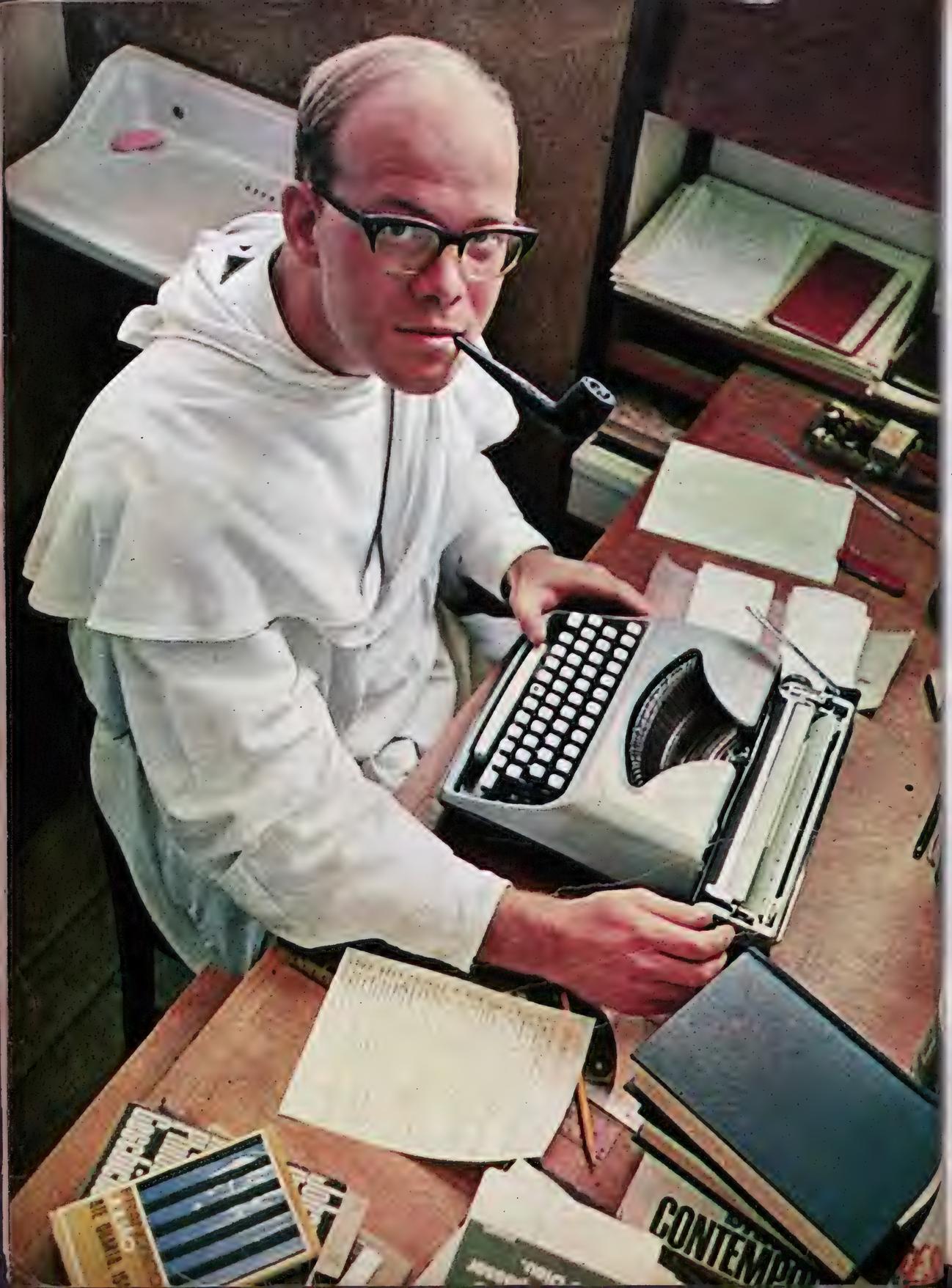
O convento e mais a igreja de São Domingos, com sua tôrre de losangos e um interior sem imagens, ocupam 50 metros da Rua Caiubi. O prédio do convento é velho, de muitas janelas em seus quatro andares.

A porta principal, larga, pesada, da mesma côr marrom-avinhado das janelas, está no alto de uma pequena escada de cimento.

No vestíbulo a luz é fraca. Forrando as paredes, estantes com muitos livros. Uma porta envidraçada ao fundo. Atrás dela, uma varanda longa e comprida, com arcos que lembram as construções monásticas da Idade Média. É o claustro. Ao lado, a entrada para o corpo principal do edifício. Descendo as escadas, a antiga capela e o refeitório. Subindo, dois andares iguais: corredores frios, escuros. As portas enfileiram-se, por quase 30 metros de solidão. No último andar, o estudantado — 30 cubículos ligados por 20 metros de corredor, no fim do qual há uma capela tôda de vidro e madeira.

O jardim, no fundo do convento, tem veredas calmas, muitas árvores e quase nenhuma flor. Antes de se chegar à lavanderia, o campo de bochas e o caramanchão. Ao lado, atrás da igreja, a quadra de bola ao cesto e futebol de salão.

A maior parte dos estudantes veio para o convento diretamente de organizações destinadas à militância de jovens católicos — JEC, JUC, JOC. Dos 26 que estão ali, quase a metade é de Minas Gerais. SEGUE



Os frades estudam, trabalham, discutem, protestam

Há cinco de São Paulo e o restante está dividido entre o Nordeste (Pernambuco e Ceará) e os Estados centrais do Brasil. Só há dois cariocas no grupo e a explicação do fato é dêles mesmos:

— Copacabana destrói qualquer vocação mais fraca.

Sòmente no convento ou na igreja é que tanto os frades já ordenados quanto os estudantes usam os hábitos brancos. Na rua, preferem andar de calças de brim e camisas esporte. Discutem muito: Teologia, Filosofia e Literatura; problemas políticos, econômicos e sociais; música, futebol e boas comidas. E não existe nada de confidencial entre êles. Os problemas de cada um são discutidos em reuniões onde tudo é revelado e todos ajudam a procurar soluções para o bem comum. Por isso, êles costumam dizer, brincando:

— Segredos, para nós, só os do confessionário.

Entre os dominicanos não há propriedade particular. Não se ouve o possessivo **meu,** só o **nosso.** Tôdas as coisas — livros, roupas, dinheiro — são de todos e cada um usa conforme suas necessidades.

Durante as aulas, as críticas e observações são feitas com carinho. Os frades professôres são acessíveis; quando algum estudante encontra dificuldade para resolver seus problemas, há sempre uma frase, uma explicação ou uma tarde inteira de discussão com a ajuda dos mestres.

Tudo isso torna a integração de um recém-chegado quase automática, embora se respeitem os hábitos e tendências de cada um. Frei Agostinho Hunfeld, um holandês que está há apenas seis meses no Brasil, ou os três frades que vieram do Chile recentemente já discutem e participam dos problemas da comunidade com a mesma veemência dos que estão lá há anos.

Mas, ainda que a sua vida comunitária e o tipo de relações que mantêm, no convento, sejam de grande importância para cada um dos frades, isto não basta para êles. Nem para atrair um só dos jovens que vivem num mundo onde os valores começam no dinheiro e no sexo.

Que coisas, então, levam um jovem a abandonar tudo, vestir uma batina branca e ser julgado nas ruas, nas casas e mesmo nas igrejas como um homem pela metade? Essa pergunta quem responde é frei Francisco Pereira de Araújo, prior do convento, um homem de óculos, 35 anos, nervoso, que não pára nunca (está sempre viajando, fazendo palestras ou dando entrevistas):

— O religioso é um homem que escolhe um estado de vida e isso sòmente poderá ser entendido em função da fé. Renunciando ao mundo, como simples realização individual, ficamos livres para assumir todos os riscos. Nossa felicidade está na disponibilidade para o serviço dos homens. Testemunhamos, assim, a existência de Deus.

Essa razão mística — a fé — que os frades afirmam encontrar na meditação e no diálogo com Deus, é acrescida de um dado objetivo, com o qual todos os dominicanos estão preocupados: a eliminação de tudo aquilo que torna o homem infeliz, e a necessidade de trabalhar para que tal coisa aconteça. Por isso, jovens no vigor da idade de física e mental fazem os três votos: de obediência, pobreza e castidade.

O primeiro dos votos, a obediência, é vivida em função do bem comum. Assim, a vontade do superior da Ordem, por exemplo, não é absoluta, mas exprime a concordância de todos em favor de todos. Estabelece-se num clima de diálogo onde é levada em consideração a inclinação pessoal e o temperamento de cada um. Êsse modo de ver as coisas, para os frades, é a simples continuação dos seus conceitos sôbre autoridade e regime democrático. O voto, porém, tem um sentido bem maior que o da obediência ao prior do convento. Implica, também, paradoxalmente, no desrespeito inevitável às velhas tradições e às determinações caducas em função da integração da Igreja no mundo, como provaram as decisões do Concílio Ecumênico.

O segundo voto, o de pobreza, é para os frades não apenas o abandono dos bens materiais, mas exige, ainda, a recusa de todos os privilégios de uma posição sacerdotal. Para êles, o grande ato de pobreza de Deus foi se encarnar como homem e viver entre os pobres. E é frei Patrício quem diz:

— No passado, dar pão a um pobre era resolver seu problema de vida e também da Igreja. Hoje, êsses pobres, para nós, são os 60 milhões de brasileiros para os quais um pedaço de pão não resolve. Por isso, entendemos pobreza como a canalização de nosso apostolado, nosso estudo e nossa missão para melhorar a vida dêsses 60 milhões de pessoas. A Igreja não pode ficar ao lado das estruturas que oprimem a maioria. Ela deve lutar por uma mudança que permita a distribuição justa da riqueza, sem as acumulações imorais e desonestas à custa dos humildes. E para isso ela tem a palavra de Cristo: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro".

Quando se referem à maneira de se identificar com os pobres, os dominicanos lembram como viviam os religiosos primitivos na época em que a Ordem foi fundada:

— Se no século 13 essa maneira era mendigar, hoje em dia dar testemunho de pobreza é trabalhar, viver de trabalho. Não individualmente, pois nossa vida é comunitária e os nossos rendimentos deverão ser encaminhados, como aqui, para uma caixa comum. Numa civilização de trabalho, se não trabalhar, o frade não consegue se identificar com os homens de seu tempo.

A castidade, o terceiro e último dos votos, é entendida pelos dominicanos como uma concepção de disponibilidade. Do mesmo modo que renunciam aos bens materiais e a uma parte de sua liberdade individual, os frades renunciam também a constituir família, para dirigir tôdas as suas energias afetivas no amor a Deus, em particular, e aos homens, em geral. Mas isso não implica numa renúncia ao amor, ou à capacidade de amar. E frei Leão, o violinista do convento, faz questão de esclarecer:

— Não ter espôsa não quer dizer que sejamos homens incapazes de amar. Fazendo esta renúncia, amamos aos homens e a Deus de uma maneira especial, sem medidas, como todo um programa de vida. Essa é uma conquista que fazemos todos os dias, num processo de aperfeiçoamento do amor. E para êsse progresso contamos não só com os nossos recursos — cultura, personalidade — mas com o apoio de Deus, de nossa fé, esperança, caridade; únicas coisas capazes de sustentar êsse tipo de vida. A castidade tem ainda o valor de testemunho, isto é, de que Cristo continua entre os homens disponível para todos. Os dominicanos consideram êsse testemunho como um sinal da vida eterna onde, segundo o Evangelho, não haverá espôso e espôsa, mas onde o amor será vivido do modo mais intenso possível, na comunhão com Deus.

E frei Leão completa o seu pensamento:

— A vida eterna não será uma vida nas nuvens, vaporosa, fria, nebulosa, estática. Será uma vida onde o amor terá maior plenitude e maior intensidade.

Os frades dominicanos não afirmam que a vida religiosa deva ser o ideal de todos. Reconhecem que têm um papel especial no mundo e dentro da Igreja, mas também que isso não os coloca em situação de superioridade em relação aos outro homens. Êles acham que há outra virtude mais importante que a castidade e que condiciona a pobreza e a obediência — o amor. E resumem a mensagem do cristianismo numa frase:

— Deus não é casto; Deus é amor.

Mas o que desejam êstes homens que vivem uma vida de etudos e reflexões? Como encaminham as questões que preocupam os cristãos do mundo todo e como agem para construir a Igreja do futuro?

Êles protestam. Discutem, estudam, trabalham. Não aceitam nada como definitivo, embora não destruam nada sem preocupação de construir. Tôda a sua vida está voltada para os homens, pois êles desejam construir a felicidade neste mundo, embora acenem com a alegria eterna no reino de Deus.

Para êles, o sacerdote não pode viver numa comunidade sem se interessar política, econômica, jurídica e socialmente por ela. E para poder aplicar o Evangelho com fidelidade, precisa conhecer tôdas as injunções sociais dêsses fatôres. Por isso reivindicam a necessidade de não apenas estudar tais problemas; querem aprender, agindo, atuando.

SEGUE

Para os dominicanos o lugar de santificação é o próprio mundo

Êles lembram, porém, um fato: a Igreja não é um partido político, não é uma doutrina econômica, nem se identifica com uma cultura determinada. E frei Carlos Alberto, de 22 anos, líder dos estudantes mais jovens, mineiro de origem mas carioca de coração, define bem sua visão da Igreja:

— A Igreja tem uma sensibilidade para a verdade, a justiça, o amor, que lhe possibilita criticar formas concretas de estruturação social, na medida em que estão cheias de imposturas, injustiças, desamor e, conseqüentemente, contra a dignidade humana e a palavra de Deus. E a Igreja não só tem o direito como o dever de atuar, apontando os erros, assim como o Cristo não contemporizou com os fariseus, acusando-lhes a falsidade, a hipocrisia, a mentira que acobertavam a pretexto de seguir à risca as determinações da lei.

Para conseguir êsse objetivo — mostrar os caminhos de um mundo mais justo — os dominicanos acham que os cristãos devem ser cada vez mais fortes, unindo-se todos numa mesma Igreja. E pregam essa união — o ecumenismo — citando os documentos do Concílio Ecumênico e um pedido de Cristo a seus discípulos: "Vocês devem ser um, assim como Eu e o Pai somos um".

Em tôdas as suas formulações, os dominicanos põem em evidência uma palavra mágica: amor. Mas com um sentido amplo e dinâmico, vendo um desamor básico na raiz dos problemas que a humanidade enfrenta hoje. E deixam claro, para quem lhes pergunta, que o amor não é uma simples manifestação de sensibilidade, um sentimento de atração por uma pessoa de outro sexo. Frei Osvaldo, um môço alto de 23 anos que gosta muito de brincar e fazer piadas, e que anda muito preocupado com tudo o que se relaciona à juventude, define o amor assim:

— O homem que ama uma pessoa, ou uma causa, é capaz de dar sua vida por essa pessoa ou essa causa, pois não há prova maior do que morrer por amor.

Os dominicanos acreditam que êsse sentimento — o amor que é capaz de sacrificar a própria vida — é um amor exigente, que deve impelir o homem a agir sem medidas, sem temer riscos, comprometendo-se totalmente quando se trata de promover o próprio amor, a justiça, a verdade. Assim, amar tem o sentido de doação. E frei Timóteo, com sua fala macia, quase sempre silencioso, rosto de galã de cinema e jeito de garôto bonzinho, diz categórico:

— É diferente amar por interêsse próprio. Amar é querer o bem do outro. E como Deus é amor, Deus é eu-te-amo.

Quando falam do casamento, os frades dominicanos colocam-no como a expressão máxima do amor humano, pois é a união afetiva, física e espiritual de dois sêres em busca de sua realização mútua e que reflete a sua fecundidade na constituição da família, nos filhos. No entanto, o amor não é uma realidade estática; é dinâmica, que se conquista a cada dia, em meio aos dramas normais da vida. Por isso, o casamento seria uma escola de amor, onde diàriamente se aprende um pouco mais. E quando êsse dinamismo parar o amor corre o perigo de morrer, já que não há maneira de o amor subsistir sem movimento. Frei Mateus, dominicano, ex-reitor da Universidade de Brasília, usa uma imagem para sintetizar êsse dinamismo do amor:

— Amar é como andar de bicicleta: para estar de pé não se pode parar.

Êle e todos os dominicanos atribuem a origem da maioria das crises que atinge os casais à concepção estática do amor, pois as pessoas se unem estabelecendo que têm um amor capaz de sustentá-las para sempre, ignorando que o companheiro é uma fonte de mistérios que pode e deve ser descoberta ao longo de tôda a vida.

Frei Norberto é um dos dominicanos que irá fazer um curso de especialização sôbre textos bíblicos em Jerusalém. Com referência ao divórcio, êle tem conceitos revolucionários que são partilhados por todos os dominicanos:

— Sou contra o divórcio, porque sou contra a falta de amor. Mas a separação de casais no Brasil é um fato quase banal. Assim, à simples separação ou ao desquite, prefiro o divórcio. Porque vivemos numa sociedade pluralista onde ninguém tem obrigação de ter concepção cristã do casamento, isto é, para a vida tôda. Além disso, Jesus Cristo não pediu a nenhum governante que protegesse a família cristã com as leis civis. Por isso, se um casal cristão se separa, ou seja, se divorcia, os dois se casarão ou não pela segunda vez, conforme suas convicções. Assim, o Estado tem o direito de regular o divórcio conforme as exigências da sociedade pluralista que é o Brasil, e não conforme as exigências de sua parcela cristã, já que o bem do Estado é o bem de todos, e não sòmente o dos cristãos.

Sôbre a limitação de filhos, os dominicanos também têm uma posição definida, embora não façam confusão entre o direito individual — o casal planificar a família — com o problema social da explosão demográfica. Esta, êles acham, deve ser combatida com o desenvolvimento e não com a limitação de filhos. Êles são claramente a favor da limitação individual:

— O casal tem o direito de decidir quantos filhos pretende ter, escolhendo os métodos de acôrdo com sua situação psicológica e fisiológica. O ruim é que a sociedade brasileira, ainda patriarcal, coloca todo o problema nos ombros da mulher: é ela quem toma as pílulas, que tem trompas para serem ligadas etc. Daí ser mais recomendável o método da abstenção periódica, por exigir maior respeito mútuo entre o casal.

Tôdas essas opiniões se inspiram nas decisões do Concílio Ecumênico que, segundo frei Luciano Parisse — dominicano francês que está no Brasil há dois anos — lançou a Igreja na mais arrojada das aventuras. Aventura que êle define assim:

— A Igreja aceitou entrar em contato com o mundo atual. Mais, aceitou mergulhar nesta civilização cujo ventre é o homem consciente das riquezas e valores de sua condição. Abrindo-se para o mundo, o Concílio propôs o diálogo e a colaboração para edificar a fraternidade universal, na justiça, na verdade, na liberdade.

O Concílio Ecumênico serviu também para os padres dominicanos iniciarem uma transformação no processo de formação de sacerdotes, que antigamente eram homens disciplinados e obedientes com uma função específica: ensinar o catecismo e ministrar os sacramentos. Com a antiga estrutura dos seminários, o sacerdote vivia isolado do mundo, desde menino, sem liberdade para viver os problemas dos outros homens, e sem a oportunidade de escolhas pessoais.

Os alunos estudavam uma problemática ultrapassada, sem ligação com a realidade de seus dias. As opções eram feitas sem maturidade, sem responsabilidade, mais por hábito e tradição do que por vocação. O estudante recebia tudo sem precisar trabalhar e isso deformava sua opinião em relação ao mundo, terminando êle por achar, depois de algum tempo, que tudo lhe era devido.

Essa atitude mudou com o Concílio e os frades dominicanos acham que missa, confissão, reza de manhã à noite não podem mais ser a sua única preocupação. Para êles, santificar-se, hoje, é se identificar com as preocupações diárias dos fiéis: ganhar a vida, estudar, amadurecer, namorar, criar filhos — pois o lugar de santificação é o mundo.

Frei Bernardo Catão, que orienta e programa os cursos da Escola de Teologia e Filosofia dos Frades Dominicanos — êsse é o nome do seminário dos frades em São Paulo — está promovendo profunda mudança na vida estudantil do convento, tendo por base essa perspectiva: o padre integrado no mundo. Êle diz que as possibilidades de transformação são imensas.

— Vivemos um período de transição e, por isso, ambíguo e diversificado. Entretanto, a preocupação de todos os diretores de seminário é ter em vista o princípio de que o padre, hoje, não é um mero executante da vontade da Igreja, mas também um criador.

Para formar homens capazes de assumir esta responsabilidade, Frei Bernardo introduziu várias modificações no currículo. No curso de Filosofia os clássicos gregos foram substituídos por pensadores que refletem as preocupações e a cultura do século vinte. No curso de Teologia, os textos bíblicos foram enquadrados na história. SEGUE

Já se disse que o Govêrno ia expulsá-los do Brasil

Isto é, têm um tratamento científico de análise, que situa cultural, econômica e socialmente, as palavras e os ensinamentos evangélicos.

Com essa nova visão dos cursos e da vida sacerdotal, os dominicanos pensam modificar um julgamento que o povo faz, sintetizado numa frase reprimida tôda vez que um sacerdote está presente:

— É preciso dar uma picareta a êsse vagabundo!

O trabalho é a constante na vida dos frades dominicanos. E o sino preside tôdas as suas atividades, anunciando as missas, rezas, refeições, estudos, visitas e telefonemas, através de um código de sinais estabelecido para cada um dos frades. É êle que desperta todo o mundo às 7h5.

Do banho, os frades descem para o desjejum: leite, café, pão e margarina. Se na ocasião a laranja e a banana estiverem baratas, há frutas.

Depois todos vão para a antiga capela: são os 15 minutos das orações matinais. Feitas as orações, todos sobem para os seus quartos, onde estudam até 11h30. O estudo não é obrigatório, mas é raro encontrar-se um estudante longe dos livros. Um frade franciscano definiu bem essa obsessão.

— Os dominicanos são os mais **caxias** da Igreja!

Os estudantes vivem em celas feitas de madeira compensada. Os frades já ordenados moram no segundo ou primeiro andar. As celas dos estudantes são diminutas: dois metros de largura por 3,50 de comprimento. As dos frades mais velhos são maiores: seis metros de comprimento por quatro de largura.

Em tôdas, porém, as mesmas coisas: lavatório, cama, armário para roupas e livros e mesa de estudos. Só há cinco funcionários no convento: as três cozinheiras e os dois porteiros. Todo o serviço de limpeza e arrumação é feito pelos próprios frades.

Às 11h30 o sino chama para o serviço religioso, desta vez no côro da igreja de São Domingos. Em seguida vem a missa, oficiada por todos os sacerdotes presentes no convento. Então chega a hora do almôço. Às 12h30 os frades vão entrando no refeitório e se dispondo ao redor das mesas, de frente para o crucifixo colocado ao lado direito da entrada. Feita a leitura de um trecho do Evangelho e o canto de um salmo, todos sentam e a comida simples começa a ser servida pelos próprios frades.

Enquanto comem, o silêncio só é quebrado por um dêles, que lê trechos de livros ou notícias que tenham interêsse geral.

A não ser excepcionalmente — durante festas ou visitas muito importantes em que há vinho nacional nas mesas — a bebida é água. O cafèzinho também não tem muitos adeptos no convento. Só os mais jovens têm costume de tomá-lo depois do jantar, e êles mesmos explicam por quê:

— Se os velhinhos tomam café, depois não dormem.

Nas horas de recreio, há sempre um grupo de estudantes no **clubinho,** construção onde primeiramente estava instalado o convento e que agora foi transformada numa espécie de centro acadêmico. Ali os alunos têm biblioteca, vitrola, instrumentos musicais e o jornal mural onde debatem problemas, fazem críticas à administração do convento ou simplesmente brincam uns com os outros.

Às 13h30 o sino anuncia a sesta, que os frades fazem questão de chamar de repouso, pois ninguém mais aceita o antigo costume de dormir depois das refeições. Ficam no jardim ou passam o tempo estudando.

As aulas começam 15 minutos após o término da sesta, às 14h30. Elas têm duas classificações: maiores e menores. As primeiras — das 14h30 às 16 horas — servem para a explanação de temas; as segundas — divididas em duas aulas de 45 minutos — para a apresentação de trabalhos e discussão de matérias. Existem apenas duas salas de aula no convento, para as duas turmas: Filosofia e Teologia. O sistema de ensino é rotativo, isto é, todos os estudantes de determinada turma estudam num ano um grupo de matérias. No ano seguinte são outras, até completarem todo o currículo.

Os alunos devem apresentar trabalhos, porém o que vale mais é a observação do professor nas intervenções e perguntas feitas aos estudantes durante as aulas. Desta maneira, os exames de fim de ano são apenas uma complementação da observação durante o ano todo. As provas finais independem do sorteio, pois o aluno deve saber tôda a matéria.

Entre a aula maior e as duas menores, há um descanso de uma hora. Quinze minutos após as aulas, nôvo ofício na antiga capela, e às 19h15 é servido o jantar. A entrada e o ritual do almôço se repetem. Depois há um ligeiro descanso e às 20 horas nôvo ofício. Esta última reza dura quase meia hora — ao fim da qual todos se retiram: ou para estudar e conversar em suas celas, ou para manter contatos e assistir a aulas fora do convento.

Há, atualmente, 66 frades dominicanos ordenados pela Província do Brasil, dos quais seis ainda não concluíram os estudos. E mais 26 estudantes e quatro noviços. São poucos no Brasil, mas muitos no mundo. A história da Ordem dos Pregadores de São Domingos começou no século 13, quando um cônego da Catedral de Osma, no centro da Espanha, passou a pregar a necessidade de uma ordem de religiosos e padres que não se dedicassem sòmente à sua própria salvação, mas que se entregassem à tarefa de salvar os cristãos, dando ainda exemplo de pobreza e humildade, ao contrário dos bispos e legados papais da época, que tinham exclusividade de pregação. Seu nome era Domingos, e, em 1215, êle fundou uma comunidade de padres pregadores diocesanos. Copiava a organização das antigas ordens religiosas, mas introduzia princípios democráticos: eleições, livre pensamento, estudo. Dois anos depois, a ordem foi universalizada pelo Papa e espalhou-se pelo mundo.

Em 1881, a Província de Tolouse mandou os primeiros padres dominicanos para o Brasil. Êles se fixaram em Uberaba e, depois, um outro grupo, em Conceição do Araguaia, no Pará. Só em 1927 é que fundaram seu primeiro convento, no Rio. Em 1938 vieram para São Paulo e, em 1946, surgiu o convento de Belo Horizonte.

Desde o princípio, os dominicanos procuraram ligar-se à realidade brasileira. No entanto foi com João XXIII e suas encíclicas sôbre os problemas sociais que a Ordem começou a se destacar, por sua constante atuação junto aos trabalhadores, camponeses e estudantes, cristãos ou não. Em 1962, junto com um grupo de leigos, fundaram um jornal de orientação esquerdista — **Brasil, Urgente** — dirigido por frei Carlos Josafá que, assim como acontecera com Cardonnel, foi transferido para a Europa por pressão dos setores conservadores da Igreja. Foram também alguns dominicanos, com outros padres, que inspiraram militantes católicos a criar — juntamente com outros cristãos e não-cristãos — um movimento de orientação popular. Êsse movimento chegou a dominar amplos setores da política brasileira durante o govêrno de João Goulart.

Os dominicanos nunca deixaram de difundir as novas idéias de participação ativa da Igreja no processo de transformação social brasileira, promovendo conferências, palestras, editando livros. Mais recentemente, têm feito inúmeros pronunciamentos contra a situação decorrente da revolução de 31 de março, sendo citados quase que diàriamente pela imprensa.

Depois da realização do Congresso da UNE, em agôsto último, em Belo Horizonte, durante o qual êles e os frades franciscanos receberam em seus conventos os estudantes, correu um rumor de que o Presidente da República já teria pronto um decreto suspendendo a Ordem no Brasil e expulsando os padres do território nacional.

Mas êles continuam dando entrevistas em que criticam duramente tudo o que consideram errado, continuam influenciando espetáculos artísticos e fazendo do magistério uma arma de conscientização política. Sempre seguindo o Evangelho.

E é por tudo o que êles fazem e dizem — mais em conseqüência do que dizem — que as freiras de um convento em São Paulo, não muito longe da igreja de São Domingos, pedem a Deus, antes das orações:

— Senhor! Fazei com que nossos irmãos dominicanos se convertam ao cristianismo. FIM

O SOL

Desde tempos primitivos, o Sol foi considerado a fonte da própria vida e o grande inimigo das fôrças do mal. Depois, a ciência descobriu que êle é 1.300.000 vêzes maior do que a Terra, que está distante de nós 150.000.000 de quilômetros, que a temperatura em sua superfície é de 6.000 graus centígrados. E que, apesar de tudo isso, é apenas uma estrêla de quinta grandeza. Mas os poetas não se deixaram vencer e continuam cantando a sua glória. Nestas páginas, o poeta-fotógrafo é David Drew Zingg e o texto é de outros poetas que também souberam sentir o Sol.

No céu também há uma
hora melancólica.
Hora difícil,
em que a dúvida penetra as almas.
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta
e se responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,
e plumas caem.
Tôdas as hipóteses:
a graça, a eternidade, o amor
caem, são plumas.

Outra pluma, o céu se desfaz.
Tão manso, nenhum fragor denuncia
o momento entre tudo e nada,
ou seja, a tristeza de Deus.

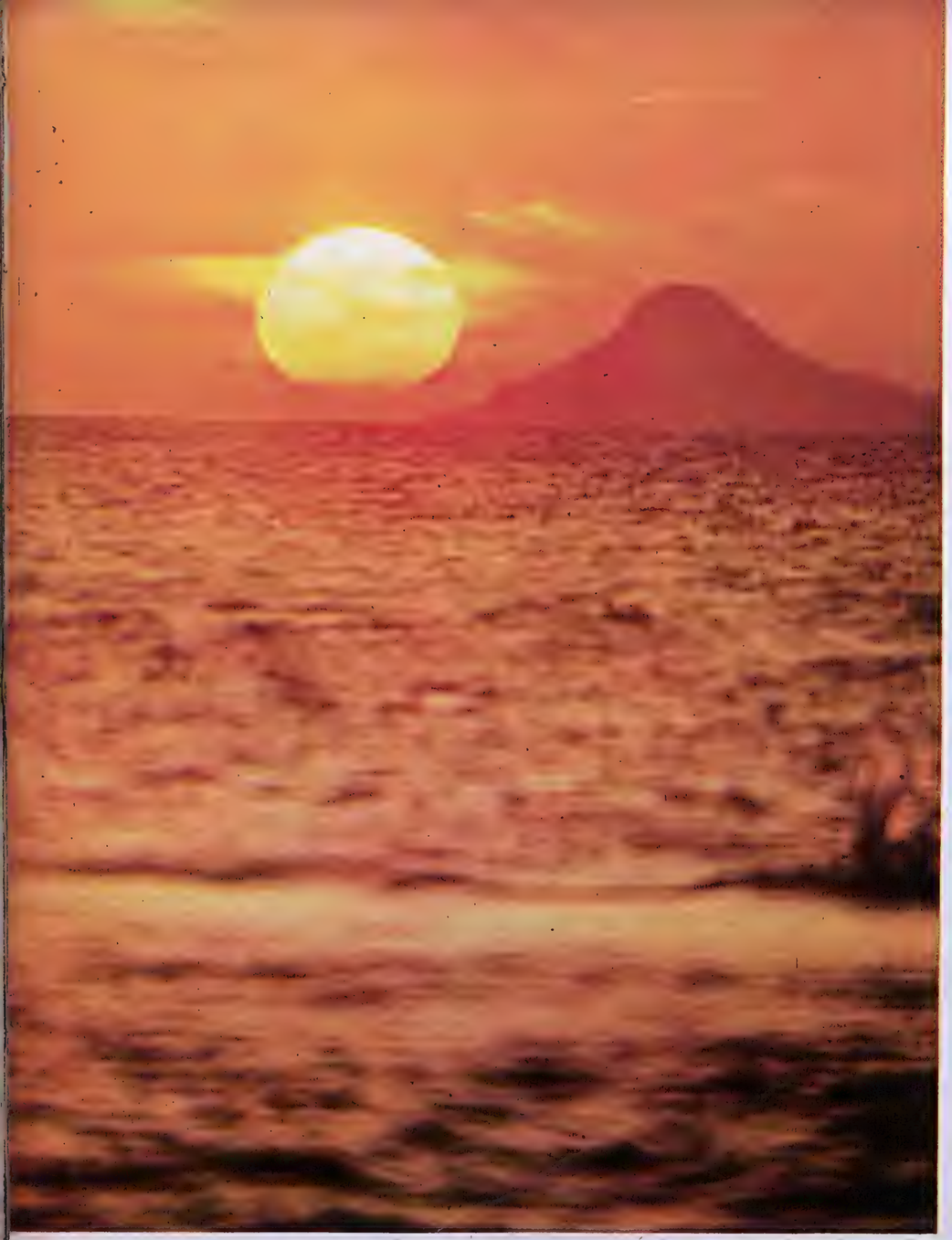
Carlos Drumond de Andrade

Vinha caindo a tarde. Era um poente de agôsto.
A sombra já enoitava as moitas. A umidade
Aveludava o musgo. E tanta suavidade
Havia, de fazer chorar nesse Sol-pôsto...

Manuel Bandeira

Aquêle deus, amigo das crianças,
que tem uma bola branca côr de opala
e tem outra bola vermelha côr do Sol,
que está jogando noite e dia futebol
e que chutou a Lua agora mesmo
por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,
chuta o Sol.

Cassiano Ricardo



Aqui jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde.

O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despetalou.

Aqui jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que

Possuiu a forma
De tôdas as mulheres
E morreu no mar.

Vinícius de Morais

Motorista exigente

Motorista displicente

nas estradas e cidades
nas montanhas e baixadas
motor nôvo, motor rodado
1ª. 2ª. 1ª. 2ª. 1ª. 2ª.
partidas, paradas, partidas, paradas
noite de chuva
manhã de sol
1ª. 2ª. 3ª. 4ª. 3ª. 2ª. 3ª. 4ª. 3ª. 4ª. 3ª. 2ª. 3ª...
frio intenso
calor escaldante
velocidade, marcha lenta
e roda e roda e roda e roda e roda e roda e
motor reclama

motor reclama

reclama o que?
reclama o melhor:

• Nem espesso demais com o motor frio, nem fino demais com o motor quente: no ponto exato, sob quaisquer condições! Eis a multiviscosidade do MOBILOIL SPECIAL. Na próxima troca de óleo de seu carro, mande pôr no carter MOBILOIL SPECIAL!

E para Motores Diesel - DELVAC SPECIAL **Mobil**

p. a. nascimento - acar

EIS A CHINA

Texto de Duarte Pacheco

Nove milhões e 600 mil quilômetros quadrados. O terceiro país do mundo em extensão territorial: quase dez vêzes a França. Setecentos e setenta milhões de habitantes: quase dez vêzes a população brasileira. E mais 15 milhões de habitantes cada ano. Só depois de outubro de 1949, quando os comunistas tomaram o poder, já nasceram 170 milhões de crianças: quase tôda a população atual dos Estados Unidos e três quartos da população da União Soviética. Há 20 séculos, o império mais poderoso da Terra, antes de Roma. Há 20 anos, o mais miserável dos países subdesenvolvidos, depois da Índia. Hoje, o segundo país do mundo socialista e o primeiro a tentar o Homem Comunista anunciado por Marx. Arma a África, instiga a Ásia, infiltra-se na América Latina, enfrenta a URSS, ameaça os EUA e, agora com sua bomba atômica, desafia o mundo. Muitos a temem, poucos a conhecem: grande, velha, misteriosa e sofredora nação. SEGUE

À esquerda: numa comuna popular, a família almoça. Como sempre, o retrato de Mao, o grande líder.

Neste supermercado chinês não há nenhum produto estrangeiro.

A China foi a terra da fome e da miséria. Hoje todos tem o que comer. O país precisa, entretanto, cada ano de mais arro[z] [para] [mi]lhões de novos habitantes.

A fome é problema de todo dia

Quase dois bilhões de tijelas de arroz por dia: êste é o problema. E a produção precisa aumentar constantemente.

Milhares e milhares de soldados espalhados pelas margens do rio. De pé, sentados, encostados em seus fuzis e metralhadoras. Cansados, quase todos muito jovens, alguns ligeiramente feridos, todos mal vestidos, mas todos cheios de uma estranha e terrível determinação. Os soldados do Exército Vermelho. Ao lado, as águas pardas do Yang Tsé-kiang. Para além do rio, a planície imensa, amarela, sem árvores, nua. Ao fundo, a montanha com sua cicatriz de três mil quilômetros: a Grande Muralha.

Um homem levanta os braços, vai falar. Faz-se grande silêncio. Êle fala pouco, mas termina conclamando com fanática firmeza:

— Vamos atravessar o Yang Tsé-kiang, varrer ràpidamente os reacionários e ràpidamente construir uma nova China.

Uma aclamação ensurdecedora cai sôbre suas últimas palavras. E aquêles milhares de homens lançam-se ao rio, aos gritos ou cantando, em barcos ou a nado, com as armas às costas. Era o mês de abril de 1949 e pode-se dizer que ali, naquele instante, a China começava sua longa marcha para o comunismo.

O homem que falara era o organizador, o estrategista, o líder daquele exército de camponeses e operários. Seu nome, Mao Tsé-tung. Êle já fôra bibliotecário, jornalista e ministro do govêrno de Sun Yat-sen. Filho de camponeses pobres, Mao Tsé-tung nasceu em 1893, na China Central. Ainda jovem, abandonou a família para dedicar-se a um estudo desordenado: Política, Economia e Filosofia, História, poesia e estratégia militar. Sua vida de estudante pobre foi dura, mas êle encontrou tempo para ler os velhos pensadores chineses, tomar contato também com escritores do Ocidente: Adam Smith, Darwin, Spencer, Stuart Mill, Montesquieu, Rousseau. Como a preparar-se para uma carreira árdua, praticava intensamente os esportes, fazia ginástica diàriamente, dormia ao relento e executava longas caminhadas. Nessa época, conheceu Sun Yat-sen, o intelectual que começava a liderar a luta contra a monarquia e pela independência da China. Mao tornou-se um nacionalista ativo, criando grupos de estudo e organizando manifestações estudantis. Em 1918, ficou amigo do professor Tchen Tu-hsieu, um misto de nacionalista e marxista, que o convenceu a estudar as obras de Marx e Engels. Em 1921, o jovem Mao participava com o velho Tchen e mais dez homens da fundação do Partido Comunista Chinês.

Depois de haver ocupado a Manchúria e a China do Norte, o Exército Vermelho acabava de tomar Pequim. Atravessando o Yang-tsé, em abril de 1949, êle se espalharia por todo o vale do rio, entraria em Nanquim e depois em Xangai. As tropas Nacionalistas foram obrigadas a abandonar a China Continental, e Chiang Kai-chek retirou-se para Formosa. Então, Mao Tsé-tung voltou a Pequim e ali, no coração da Cidade Imperial, até então proibida para o povo, proclamou a criação da República Popular da China. Foi em 1.º de outubro de 1949 e o mundo recebeu a notícia com surprêsa. O próprio Stalin não acreditava, até a última hora, na vitória comunista.

Mas aquela guerra vinha de longe. Durante anos e anos, a China milenar dos imperadores, dos mandarins e dos camponeses fôra explorada, dividida, humilhada. Em Xangai, na entrada do Jóquei Clube inglês — onde hoje existe um parque de diversões para crianças — havia um aviso: **Proibida a entrada de cachorros e chineses.**

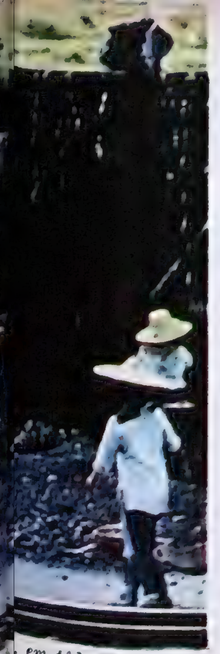
Nas origens, o povo chinês habitava principalmente o vale do rio Amarelo. Seus primeiros reis, lendários, foram não só senhores mas também mestres do povo. Um ensinou a agricultura e as propriedades das ervas medicinais. Outro inventou a escrita e construiu os diques para irrigação. Um terceiro, Huang-ti, foi o inventor da bússola e do carro de combate e o herói que unificou o país depois de triunfar sôbre as tribos selvagens que o cercavam.

Depois de Huang-ti, reinaram os três reis filósofos. Homens do povo, mas de grande sabedoria, cada um escolheu seu sucessor conforme a capacidade pessoal. Quis o destino que o filho do terceiro rei fôsse um homem de mérito, e a êle o pai entregou o poder. Nascia, assim, a primeira dinastia hereditária.

As famílias reais se sucederam e as capitais da China também. Sob uma dessas dinastias — Tchu — os intelectuais se tornaram uma classe privilegiada e, graças a êles, a China conheceu um período importante para a história do pensamento. Os dois pensadores mais ilustres dêsse tempo, Lao-tseu e Confúncio, fundaram religiões. Posteriormente o budismo seria introduzido na China e, bem mais tarde, o cristianismo.

A história dessa época feudal é tôda feita de lutas entre as províncias e das províncias contra os reis. Quando Che Huang-ti, um dos senhores feudais e o **Primeiro Imperador,** pôs fim à anarquia e, de seu domínio em Ts'in (daí o nome China), conquistou o país, Roma não passava de uma pequena cidade. A China, porém, já conhecera três mil anos de história e tôdas as vicissitudes: a escravidão, a tirania dos barões, as invasões, a fome e as revoltas dos camponeses.

SEGUE



Depois de tomar o poder, os comunistas acabaram com a submissão das mulheres aos homens. Entretanto ainda hoje o trabalho del[a] em tôdas as frentes.

Até há pouco, depois dos anos de luta contra a fome, as chinesas iam a salões de beleza. Agora, a Guarda Vermelha proíbe o co[lo] à moda ocidental.

CHINA
CONTINUAÇÃO

A mulher trabalha duro também

A mulher escapou do feudalismo, tem todos os direitos do homem. Mas tem os mesmos deveres também, inclusive no trabalho.

Che Huang-ti expulsou os nômades mongóis para o deserto de Gobi e concluiu a Grande Muralha. Mas após sua morte, seu filho foi derrubado do poder por uma revolta popular. O povo chinês, no entanto, se libertara de uma dinastia para cair sob o domínio de outra. A revolta foi monopolizada por seu chefe, que se proclamou imperador. A sucessão de dinastias ia continuar.

Até que no século 14 o povo chinês se vê, pela primeira vez, sob uma dinastia estrangeira: os T'sing, de origem manchu. O império prospera e se expande. A Indochina, a Birmânia, o Nepal, o Tibet, a Coréia reconhecem sua soberania. Chega, porém, o tempo das derrotas e das humilhações. A era da expansão européia.

A China aprende a fumar ópio

Já em 1514, navegantes portuguêses aparecem em Cantão, pouco depois em Macau, e iniciam os chineses no prazer do fumo. Em seguida ensina-os a fumar ópio, até então usado apenas como remédio. Mais tarde, pelo mesmo caminho que fôra da sêda e agora é do ópio, chegam os espanhóis, holandeses, franceses. Por fim, os inglêses, com seus navios de comércio e seus canhões também.

A China não tem como reagir. Em 1835, os chineses se cansam do vergonhoso tráfico de ópio, favorecido pelos inglêses que o importam da Índia, e o imperador ordena que sejam queimados em Cantão 20 mil sacos de entorpecente. Estoura a Guerra do Ópio. Para a China, uma guerra desastrosa. Derrotada, ela é obrigada a ceder aos britânicos a Província de Hong-Kong e vários portos, entre os quais Xangai e Cantão. A França e já agora os Estados Unidos exigem a legalização do tráfico de ópio e a libertação do comércio exterior. Multiplicam-se as chamadas **concessões** e cada potência desenvolve uma área própria de influência dentro da China. Os interêsses estrangeiros prosperam, enquanto o povo chinês está cada vez mais pobre. Acumula apenas ressentimento.

Agravando a situação, o Japão se torna uma nação forte e militarista. Em 1894-1895 ocupa a Coréia e a Manchúria e prepara-se para invadir a China. Ao mesmo tempo, o govêrno, para distrair a atenção pública das dificuldades internas, fomenta a revolta dos **Boxers,** contra os estrangeiros, em 1900-1901: a conseqüência é uma expedição internacional, que esmaga a insurreição, ocupa Pequim e reforça o sistema de concessões nas principais cidades. Isso aumenta a revolta dos operários, da incipiente burguesia chinesa e sobretudo dos intelectuais e estudantes.

Um médico, Sun Yat-sen, começa a organizar a luta pela independência e contra a miséria. Funda um partido, o Kuomintang (que significa Nacionalista). Os jovens aderem com fervor. Entre êles está o estudante Mao Tsé-tung. Em seguida a uma série de manifestações violentas e vários atentados, centenas de jovens revolucionários são executados pelo govêrno manchu. O fogo da revolta se alastra. Nanquim se insurge e a guarnição militar de Pequim se alia a Sun Yat-sen. O imperador renuncia. A República é proclamada e Sun Yat-sen eleito presidente. Mas não consegue controlar todo o país. As províncias do Norte caem em mãos de um grupo de militares. Sun Yat-sen é obrigado a renunciar. Mas adverte: "A revolução não terminou, meus companheiros devem continuá-la".

Após a renúncia, os generais disputam o poder. Cada um possui uma parte do Exército e uma parte do país, e cada um se liga a um govêrno estrangeiro, que lhe fornece conselheiros e munições. São os **senhores da guerra.** Em seu domínio, cada general é rei. Chegam a cobrar impostos por antecipação. Houve regiões onde os camponeses pagaram impostos até o ano 2.000. O descontentamento se aprofunda.

Em 1921, surge em Xangai o Partido Comunista Chinês. Entre seus fundadores, Mao Tsé-tung, agora um experiente agitador. Em 1924, Sum Yat-sen estabelece em Cantão um govêrno revolucionário de unidade nacional, com base em três princípios políticos: aliança com a União Soviética; cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista; e união com os operários e camponeses. Chiang Kai-chek é colocado à frente do Exército e Mao Tsé-tung nomeado Ministro dos Camponeses. Mas no mesmo ano Sun Yat-sen morre e Chiang se torna o líder do Kuomintang.

A tensão entre comunistas e nacionalistas aumenta. Naquele momento, porém, Stalin havia estabelecido uma nova linha para sua política externa: "socialismo num só país". Isto queria dizer: "nada de socialismo na China, por enquanto". Chiang havia sido treinado em Moscou e foi eleito membro honorário da Internacional Comunista. Os russos pressionam os chineses para que se submetam ao Kuomintang. Mao se rebela:

— Uma revolução não pode ter êxito quando se alia com seus verdadeiros inimigos contra seus verdadeiros amigos.

A resposta de Stalin é dura:

— É preciso expulsar êsse Mao do Partido.

SEGUE

Desde o intelectual ao camponês, há trabalho pesado para todos os chi *té crianças devem trabalhar.*

A grande máquina é o homem, inclusive nos transportes. Os automóveis e caminhões fabricados na China são poucos e caros. Por *muitos foram para museus.*

O homem não pára por falta de máquina

Não existe mecanização em larga escala. Assim, o único consôlo é que todos trabalham: homens e mulheres, civis e militares.

Mas, aproveitando a condição de ministro do govêrno e membro do Executivo do Kuomintang, Mao intensifica o trabalho de organização de bases camponesas e se fortalece cada vez mais dentro do partido. Êle é que terminará expulsando os defensores da linha de Stalin.

Chiang está cada vez mais preocupado com a fôrça crescente do Partido Comunista. E de repente, numa noite de fevereiro de 1927, o Kuomintang renuncia aos três princípios de Sun Yat-sen e rompe com os comunistas. Chiang desencadeia uma repressão violenta. O Exército Nacionalista passa a eliminar todos os comunistas que lhe caem nas mãos. Calcula-se que, durante os dez anos de conflito entre o Kuomintang e o Partido Comunista, de 200 a 300 mil presos políticos foram executados. Mao é prêso — sua única prisão em 25 anos de luta — mas consegue fugir poucas horas depois. Sua mulher, no entanto, é morta.

Numa grande ofensiva contra os generais do Norte, Chiang sai vitorioso e conquista Pequim. Transfere a capital para Nanquim: a China está reunificada por um homem forte. O prestígio de Chiang Kai-chek é grande. Seu govêrno é reconhecido por todos os países do mundo.

Dez mil quilômetros a pé

Lá nas montanhas da China do Sul, porém, Mao tenta organizar a resistência. Tem a seu lado dois homens: Chu En-lai e Lin Piao. Mao está convencido de que a tarefa básica é organizar os camponeses. Contudo, tem pela frente o considerável problema de tranformar o camponês num guerrilheiro revolucionário.

Mesmo assim, consegue formar em Hunan a primeira divisão de um exército de camponeses, mineiros e estudantes. Na verdade, um exército miserável, sem armas, sem uniformes, sem alimentos. Mas a essa altura, na Província de Kiangsi, o 20.º Exército chinês se levanta contra o govêrno de Chiang Kai-chek e, liderado por Chu-teh, se reúne às tropas de Mao. Da fusão nasce o Exército Vermelho cujo comando é entregue a Chu-teh. Pouco depois, em 1930, Mao funda em Kiangsi a Primeira República Popular da China, da qual se torna presidente. Enquanto isso, Liu Shao-chi percorre o país, reorganizando clandestinamente o Partido Comunista e liderando o que êle chama uma "luta interna contra os esquerdistas e direitistas". Com isso consegue afastar dos postos de direção os que não apóiam a linha de Mao.

Nanquim põe a prêmio a cabeça de Mao e lança contra êle sucessivas expedições militares. De cada vez, as tropas do Exército Vermelho, em lento recuo, fustigam e cansam as tropas do Exército Nacionalista; depois replicam, tomam a ofensiva e ampliam o território controlado pelos comunistas.

Um Estado dentro do Estado é uma ameaça séria, e Chiang resolve pôr tôdas as cartas na mesa. Em 1934, um milhão de soldados cercam a pequena república comunista. Conselheiros japonêses, alemães e americanos assistem os nacionalistas, que lentamente asfixiam os homens de Mao. Êste sente-se perdido. Mas encontra uma saída: unir-se, na China do Norte, a outro centro de resistência comunista, no Xensi, perto da fronteira soviética.

— Mas Xensi está a 10 mil quilômetros daqui. Como chegar até lá? — pergunta espantado Chu En-lai.

Mao diz simplesmente:

— Marcharemos.

E êles marcharam. A mais incrível e legendária retirada da história: a Longa Marcha. Um exército de 100 mil homens, enquadrando uma multidão de mulheres, velhos e crianças, rompe o bloqueio, contorna a China através do Tibet, e avança até os desertos da Mongólia. Marchando sempre, não parando a não ser poucas horas para descanso. A segunda mulher de Mao morre de cansaço. E êle não cessa de gritar:

— Nossos arsenais estão na frente!

Por onde passa, o Exército Vermelho organiza uma rêde clandestina de resistência. Os nacionalistas o perseguem. Mas êle marcha sempre.

Vai levar um ano até chegar ao seu objetivo e no final as perdas são enormes. Dos 100 mil soldados que iniciaram a marcha só há 20 mil sobreviventes. Porém Mao tinha ganho a partida. Milhares de voluntários apareceram ao longo do caminho. Êle instala uma nova capital em Yenan, funda a Segunda República da China e se entrega a um trabalho incansável de reorganização política e militar de suas fôrças. Escreve, faz conferências, planeja.

Sem querer, os japonêses vão ajudá-lo.

Mao faz seu exército crescer

Aproveitando-se da guerra entre nacionalistas e comunistas, o Japão tinha ocupado em 1931 as ricas províncias da Manchúria. Em 1937, invade Pequim, Xangai e finalmente Nanquim. SEGUE

Mao quer uma China forte. E todos os chineses fazem ginástica, mesmo nas ruas. Os velhos mandarins perderam os privil[illegible]as hoje já têm uma pensão.

CHINA
CONTINUAÇÃO

Ginástica não tem hora nem lugar

No ano 2000 êles serão 1,2 bilhão de habitantes. E Mao os quer preparados para tudo. Por isso todos os chineses fazem ginástica.

A China é sacudida. A opinião pública se divide. Os derrotistas são partidários da rendição, pois não vêem como a China poderia resistir ao poderio japonês. Mao tem, então, sua grande oportunidade. Elabora a tese da guerra de longa duração: a China poderia vencer o Japão, mas só através de uma guerra demorada, paciente e que custaria muitos sacrifícios.

Outro problema era saber se comunistas e nacionalistas deveriam voltar a unir-se para combater o invasor. Stalin pressionava para que o Partido Comunista se aliasse ao Kuomintang. Mao iria novamente defender uma terceira posição. Criticava, em sua linguagem, os **sectários** que eram contra a aliança, mas se opunha também aos **oportunistas** que achavam que os comunistas deviam **obedecer em tudo à frente única.** Em contraposição, definiu uma política flexível de aliança com luta. E propôs a Chiang suspender a guerra civil e formar uma frente nacional antijaponêsa.

Chiang recusou, a princípio. Porém, sob pressão de seus generais, terminou cedendo. O Kuomintang estabeleceu a capital em Chung-king e para aí os comunistas enviaram uma delegação chefiada por Chu En-lai.

Mas os atritos e incidentes continuaram. Os comunistas acusavam o Kuomintang de resistência passiva ao Japão e luta ativa contra o Partido Comunista. Chiang acusava os comunistas de se aproveitarem da guerra contra o Japão para aumentar seu contrôle sôbre o país.

O fato é que, ao começar a Guerra de Resistência contra o Japão, os comunistas contavam apenas com uma base de apoio e um pequeno exército de 40 mil homens. Ao terminar, tinham criado 19 bases — no Norte, Centro e Sul do país — e o Exército Vermelho já recrutava 400 mil homens.

Além disso, tinham ganho o apoio da população, pois em tôdas as regiões sob seu contrôle introduziam reformas e procuravam melhorar as condições de vida do povo.

No dia seguinte à capitulação japonêsa em agôsto de 1945, a guerra civil estava para recomeçar. Os Estados Unidos e a União Soviética procuraram forçar um acôrdo entre nacionalistas e comunistas. Mas terminou em fracasso a conferência entre Mao Tsé-tung e Chiang Kai-chek, em outubro de 1945. Em março de 1946, o Kuomintang retorna triunfalmente a Nanquim, após a rendição das tropas japônesas. Em novembro do mesmo ano, recomeça a guerra civil.

A Rússia presta assistência ao Exército Vermelho. Os Estados Unidos fornecem ajuda militar ao Exército Nacionalista, cujo chefe do estado-maior garante que os comunistas serão arrasados em seis meses. E tudo parece confirmar sua promessa. O Exército do Kuomintang recupera as cidades ocupadas pelos comunistas e, em fevereiro de 1947, invade Yenan, capital vermelha desde 1934. Para espanto geral, porém, os comunistas — que tinham perdido várias batalhas — não tinham perdido a guerra.

Em agôsto de 1947, o Exército Vermelho reaparece comandado por Lin Piao e obtém sua primeira grande vitória, na Manchúria. No ano seguinte, retoma pouco a pouco o contrôle do Norte do país, atravessa o Yangtsé e se espalha pela China continental inteira. O Exército Nacionalista bate em retirada para Formosa. Aí, protegido pela Esquadra americana, Chiang Kai-chek continua até hoje a dirigir a República Chinesa, a única reconhecida pela maioria dos países e pela ONU.

Quem conhece a história das humilhações por que passou o povo chinês não tem dificuldade em compreender porque os comunistas conseguiram, com tanta facilidade, o apoio popular. É que todo chinês se sentia identificado no orgulho nacionalista e no ressentimento secular com que Mao Tsé-tung, ao fundar em Pequim a Terceira República Popular da China, proclamava:

— A China não está mais à venda.

A primeira luta contra a fome

Mao falara em construir ràpidamente uma nova China. A tarefa não era fácil. Vinte e dois anos de guerra desorganizaram a economia chinesa e arrasaram o país. Diàriamente, centenas de pessoas morriam de fome e frio nas principais cidades da China. Os pais vendiam suas filhas, e Xangai, com suas prostitutas, era famosa no mundo inteiro.

Para curar tantos males, a China tinha apenas seus recursos naturais e sua população imensa. Mao diria anos mais tarde: "A massa é nosso sputnik". Os comunistas recorrem ao método que chamaram do **osso e das formigas:** "as formigas são pequenas, mas pouco a pouco destroem o osso que é grande e duro".

Para começar, promulga-se uma nova lei do casamento, cujo primeiro artigo diz: "O arbitrário e compulsório sistema feudal do casamento, que é baseado na superioridade do homem sôbre a mulher e que ignora o interêsse dos filhos, fica abolido." SEGUE

é o bom...é o bom...

e agora, mora! a onda máxima

mais um sucesso MONARK!

Monareta 67

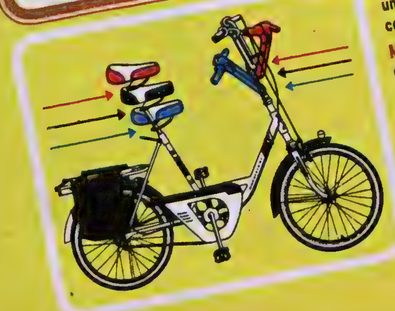
É brasa nos States, na Suécia, na Inglaterra... no mundo inteiro! Agora no Brasil também, o bom é esnobar com a Monareta. É o bom p'ra passear com a turma, p'ra botar uma banca legal, p'ra deixar os brotos gamados. É a onda máxima, mora!

VOCÊ MESMO REGULA O TAMANHO DA MONARETA, MORA! Monareta é diferente: um tamanho só para gente de todos os tamanhos. O selim e o guidão V. levanta e abaixa como quiser. Genial!

MONARETA É CHEIA DE BOSSA! Veja que linhas, que côres: um estouro! Nas bôlsas cabem discos, livros, roupas. O bagageiro é p'ra dar carona e p'ra levar a vitrolinha. Uma lenha!

ATENTE PARA O DETALHE: MONARETA TEM MINI-RODAS! As mini-rodas são o máximo. Correm quanto V. quiser... rodando na maciota... naquela base!

ATENÇÃO, PAPAI! ATENÇÃO, MAMÃE! Tem um modêlo especial para meninos e meninas de 3 aos 7 anos. Monareta ajuda a crescer e cresce com êles. É economia legal, mora!



uma brasa lançada pela

Monark

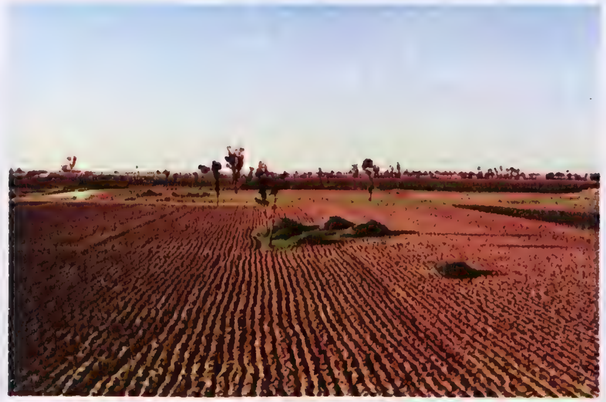
a bicicleta do Rei Pelé

Reclam

CHINA
CONTINUAÇÃO

Reforma agrária agora é total

Todos os chineses estão convencidos de que não existe outra solução senão uma guerra, também muito árdua e paciente, contra a pobreza.



As ilhas verdes são túmulos: só aí o chinês não planta.

A lei institui a monogamia, a livre escolha dos cônjuges, a igualdade de seus direitos, a proteção legal aos interêsses da família.

A prostituição é combatida com vigor. Xangai é revolvida completamente. São criados centros de reeducação para as prostitutas, que são depois transferidas para outras regiões e integradas na vida normal.

Acabar com a miséria era mais difícil. Seria preciso elevar a produção agrícola e acelerar a industrialização do país. Os chineses se convencem de que não existe outro jeito senão uma guerra, também paciente e de longa duração, contra a pobreza.

De 1949 a 1952, não pensam em construir o socialismo; falam apenas em restaurar a economia. Adotam uma reforma agrária moderada. Desapropriam os latifúndios, mas para redistribuir as terras aos camponeses. Não as coletivizam; estimulam apenas a formação de grupos camponeses de ajuda mútua. Estatizam as grandes emprêsas industriais e comerciais, mas têm o cuidado de indenizar os capitais estrangeiros e oferecem aos capitalistas nacionais a possibilidade de continuar como diretores de suas antigas fábricas, com participação anual de 5% nos lucros. Com uma política hábil e cautelosa, criam um Conselho Político Consultivo do Povo, onde estão representadas tôdas as religiões existentes no país. Procuram dar a seu comunismo uma base muito mais **nacional** do que de **classe.** Todos os chineses são convocados para formar uma ampla frente pela reconstrução da Grande China.

Essa política dá resultados. Vários capitalistas nacionais voltam do estrangeiro e assumem a direção de fábricas. Cientistas chineses retornam da França, da Alemanha, da União Soviética, dos Estados Unidos. Muitos dêles participarão do projeto nuclear chinês.

Há até conversões inesperadas. Como a do **ex-Filho do Céu,** Fu Yi, o último imperador manchu, que voltou do Japão e trabalha serenamente nos arquivos históricos de Pequim. Fala-se que os chineses não desistiram de conseguir uma conversão ainda mais espetacular: a do próprio Chiang Kai-chek.

Em fins de 1952, os comunistas chineses consideram a situação já suficientemente normalizada para lançar seu primeiro Plano Qüinqüenal (1953-1957). O Plano segue, em linhas gerais, o modêlo soviético: modernização e coletivização progressiva da agricultura, industrialização com prioridade para a indústria pesada, formação de cientistas e técnicos, ampliação da rêde de transportes e comunicações.

O ano de 1958 seria decisivo para a política interna da China. O primeiro Plano Qüinqüenal não deu os resultados esperados. A população continuava crescendo e a fome voltava a ser uma ameaça sombria. Internacionalmente, a China não conseguia furar o bloqueio diplomático, econômico e militar liderado pelos Estados Unidos. Mao se convence de que a China deve trilhar um caminho próprio — e agressivo. Começam as divergências com Kruschev. E, pela primeira vez depois da revolução, o Partido Comunista Chinês foi sacudido por uma luta interna feroz: a ala direita, liderada principalmente por economistas e militares profissionais, queria um plano moderado e defendia uma política de aproximação com a Rússia. A ala esquerda, chefiada por Mao, pretendia uma posição pelo menos de igualdade com os soviéticos na liderança do comunismo internacional e pregava uma linha de desenvolvimento rápido.

Lin Piao, afastado há muitos anos para recuperar a saúde abalada durante a guerra civil, voltava a fim de reorganizar o exército. Chu En-lai era nomeado Primeiro Ministro. E, enquanto Chu-teh continuava como presidente do Congresso, Mao conservava a presidência do Partido, deixando a presidência da República para Liu Shao-chi que passou a dirigir violenta campanha contra os direitistas.

A esquerda saiu vencedora. No plano internacional, a China abandonava sua política de boa-vizinhança com os governos da Ásia e da África e abraçava uma linha de estímulo à revolução mundial. Em célebre discurso pronunciado em Moscou, Mao expôs claramente seu ponto de vista: "Sou da opinião que a situação internacional atingiu um nôvo ponto crítico. No mundo há hoje dois ventos — o de Leste e o de Oeste. Penso que o que caracteriza a atual situação é o fato de o vento de Leste prevalecer sôbre o de Oeste. É preciso aproveitar o vento favorável e atear pelo mundo afora as chamas da revolução. Pois, considerados a longo prazo, o imperialismo e todos os reacionários são tigres de papel".

No plano interno, falando perante o Comitê Central do Partido, Mao estabeleceu as grandes diretrizes: desenvolver simultâneamente a indústria (pesada e leve) e a agricultura; tomar a agricultura como base e a indústria pesada como centro; desenvolver simultâneamente as emprêsas grandes, médias e pequenas; continuar a **andar com as duas pernas,** isto é, empregar a técnica moderna mas não abandonar a técnica nativa e rudimentar do povo. E principalmente: **contar fundamentalmente só com as próprias fôrças,** embora não recusando ajuda estrangeira.

É lançado o ambicioso Segundo Plano Qüinqüenal (1958-1962). O objetivo é fazer da China, em cinco anos, uma grande potência socialista. Chamam-no **O Grande Salto para a Frente.** Vem a campanha do aço e o plano das comunas populares. Panfletos, cartazes, altofalantes, jornais, comícios e sobretudo a palavra de Mao atiçam uma China febril.

Moscou se assusta com o desafio chinês. O conflito sino-soviético se agrava. Em 1960, Kruschev suspende tôda a ajuda econômica e retira mais de 200 mil técnicos russos da China. Ao mesmo tempo, grandes sêcas e enchentes arrastam o país a uma crise sem paralelo.

Mao joga todo seu prestígio e férrea liderança pessoal para evitar a divisão interna e um desastre maior. Procura desesperadamente ensinar o povo a contar apenas com suas próprias fôrças, a responder ao isolamento com um orgulho agressivo. Todos são chamados para lutar contra "o imperialismo americano e o revisionismo soviético". E para trabalhar sem desfalecimento. SEGUE

Êles são um quarto da população mundial

Lin Piao:

"O grande oceano de centenas de milhões de chineses será mais do que suficiente para afogar milhões de soldados agressores".

Quinze milhões nascem cada ano. Dêles depende o futuro do mundo.

E a China trabalha. Membros do govêrno, militantes do Partido, todos são deslocados para ajudar a construir reprêsas, consertar pontes, abrir estradas. Um diplomata estrangeiro assiste, espantado, a um dêsses espetáculos de milhares e milhares de pessoas cavando com enxadas, transportando pedras nos ombros, puxando carrêtas cheias de terra, e exclama: "Até onde chega o poder das mãos!"

Os estudantes vão para os campos, para as fábricas. O Exército Vermelho larga o fuzil, pega na picareta e no martelo e vai se juntar aos camponeses, operários, mineiros. Um mês por ano os oficiais deixam seus postos e vão servir como recrutas. A China trabalha.

Ainda assim, o Segundo Plano Qüinqüenal fracassa. A situação é tão crítica que para 1962-1966 não é aprovado outro plano qüinqüenal. E o Comitê Central fica todo êsse período sem fazer uma única reunião plenária. Mas a duras penas a China comunista sobrevive. Em 1964 já aparecem os primeiros sinais de recuperação. A produção agrícola volta a crescer, a situação industrial se normaliza parcialmente. A técnica e a ciência chinesas começam a caminhar. A China explode sua primeira bomba atômica. E a ala esquerda do Partido retoma a ofensiva.

O sinal aberto é vermelho

O primeiro indício é a campanha de Lin Piao para saber se afinal é o Partido que controla os fuzis ou são os fuzis que mandam no Partido. Numa conferência militar realizada no início dêste ano, Lin acaba ganhando o jôgo dentro do Exército, mais uma vez. E a esquerda se volta para o Partido, pregando como nunca o estudo e a aplicação do "pensamento do Presidente Mao, o maior marxista-leninista de nosso tempo". São impressos 35 milhões de exemplares de uma nova edição das **Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung.** Os direitistas são novamente vencidos e afastados de seus cargos. Consuma-se a ruptura com a União Soviética, que é violentamente atacada como traidora da revolução e do marxismo-leninismo. Tudo culmina na chamada grande revolução cultural proletária, que ganha as ruas e as massas, e agita a China de fora a fora. A Guarda Vermelha, formada por jovens comunistas, faz sua aparição: muda os nomes das ruas, desacata diplomatas, invade igrejas, intimida e espanca os "burgueses" e "revisionistas", proíbe cortes de cabelo ocidentais e roupas apertadas, e até altera as convenções de trânsito: vermelho na China, agora, é sinal aberto. Quase não se reconhece a China prudente de outrora. Porém, Mao está feliz: tem, no fim da vida, a grande oportunidade para realizar seu velho sonho de fazer de todo chinês um trabalhador, um intelectual e um soldado, ao mesmo tempo.

O que se esconde por trás dessa revolução cultural? Antes de mais nada, o firme desejo de Mao de garantir a continuidade de sua política após sua morte, e portanto, de fazer seus sucessores. Depois, a China acaba de aprovar seu Terceiro Plano Qüinqüenal (1966-1970), cujos objetivos ainda não são conhecidos; mas a revolução cultural bem pode ser a grande mobilização psicológica para o que os chineses já estão anunciando como um **Nôvo Salto para a Frente.** E por último, talvez o agravamento da guerra no Vietnã tenha decidido a liderança chinesa a lançar uma nova ofensiva internacional.

Então, estaria a China disposta a provocar uma guerra mundial? Não parece. A China gostaria de ter tempo para se fortalecer econômicamente e sobretudo para desenvolver seu poder nuclear. Uma guerra agora seria desastrosa para planos futuros. Depois, os chineses sabem que sua fôrça é principalmente defensiva. Se tiver... de enfrentar os Estados Unid... êles vão provocá-los até serem ... vadidos, para utilizar sua grande... mais temível arma: a guerra ... guerrilhas. Lin Piao disse-o, n... discurso do ano passado, com tô... clareza: "Ao povo chinês não f... tam meios para enfrentar a' guer... de agressão do imperialismo nor... americano. Nossos métodos n... constituem segrêdo. O mais imp... tante continua sendo o que to... conhecem demais: mobilizar ... povo, nos apoiarmos nêle, fazer ... cada cidadão um soldado e e... preender uma guerra popular. P... demos dizer mais uma vez aos i... perialistas norte-americanos: ... grande oceano formado por cen... nas de milhões de chineses e... armas será mais do que suficien... para submergir milhões de sol... dos agressores."

"A bomba atômica espiritual é mais forte"

Os chineses sabem muito be... que não têm poder naval ne... aéreo para enfrentar os Estad... Unidos. Sabem que suas bom... atômicas, por enquanto, são in... teis sem os foguetes para transp... tá-las. Mas aparentemente não ... perturbam. O mesmo Lin dizia ... mesmo discurso: "Por mais des... volvidos que sejam os armamen... e os equipamentos modernos e p... mais complicados que sejam ... métodos de combate nas guer... modernas, o resultado de u... guerra depende, no final das co... tas, dos combates contínuos c... tropas terrestres, dos encontros ... curta distância nos campos de b... talha, da consciência política, v... lentia e espírito de sacrifício ... homem. A bomba atômica espi... tual dos povos revolucionários ... müito mais potente e útil que ... bomba atômica material." E... bomba atômica espiritual, na op... nião de Lin, é o pensamento po... tico e militar de Mao Tsé-tun... Porém, mesmo que os chinese... não queiram uma guerra com ... americanos agora, tudo pode acon... tecer no Vietnã. E se irromp... um conflito entre os Estados Un... dos e a China? Qual será a pos... ção da União Soviética? Provàve... mente, mesmo com tôdas as d... vergências e até contra a vontad... ficará do lado dos chineses, po... tem que preservar seu prestíg... político e sua segurança milit... Mas, embora remota, há outra h... pótese: um acôrdo entre russos e ... americanos, que os próprios chi... neses já denunciaram.

O fato é que êsses 770 milhõ... de pessoas, que representam u... quarto da população mundi... estão com pressa. E, de repent... descobre-se que o futuro do mu... do está ligado ao futuro da Chi...

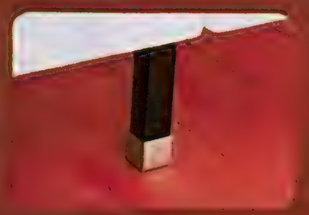
Observe os detalhes...

mod. 062

• Puxadores de jacarandá da Bahia e frizos de cromo-aluminio.

• Gavetas de cantos arredondados e plano de fórmica.

• Portas forradas e dotadas de amortecedores de dupla ação.



• Pés de aço reguláveis protegidos por sapatas inoxidáveis.

...e a beleza do conjunto

Tudo foi planejado para oferecer a você um móvel prático, resistente, para durar anos e anos com a mesma perfeição e beleza do primeiro dia de uso. E que fôsse, ao mesmo tempo, um móvel estèticamente incomparável.

mod. 042 mod. 072 mod. 082 mod. 0122

A venda, em todo o país, nos revendedores Securit autorizados

SECURIT
conjuntos para copa e cozinha

Em tôdas as bancas, o primeiro fascículo de **CONHECER**

Enciclopédia Semanal Ilustrada

O que é Conhecer?

É uma enciclopédia - pela variedade dos assuntos que aborda. É semanal - publicada em fascículos de 20 páginas, para colecionar. E é ilustrada - inteiramente a côres como nenhuma outra enciclopédia!

Conhecer - Enciclopédia Semanal Ilustrada.

Esclarecendo dúvidas, informando, ampliando conhecimentos, servindo como grande auxiliar para a formação dos jovens, uma Enciclopédia pode ser a grande referência para o seu futuro e o de sua família.

Mas uma boa enciclopédia custa sempre mais de 600 mil cruzeiros. E o importante não é tê-la em casa - é fazer com que as pessoas gostem de lê-la.

Por isso é que lançamos Conhecer - Enciclopédia Semanal Ilustrada. Vendida em bancas de jornais, cada fascículo semanal custa apenas 650 cruzeiros. Em apenas 15 semanas você terá os fascículos suficientes para formar um volume. (A cada 15.º fascículo, sairá uma capa com dois índices: um dos assuntos publicados e outro por ordem alfabética). Ao fim de um ano, você terá comprado 4 volumes de 240 páginas cada um... e adquiriu sem sentir! E todos com capa dourada a ouro!

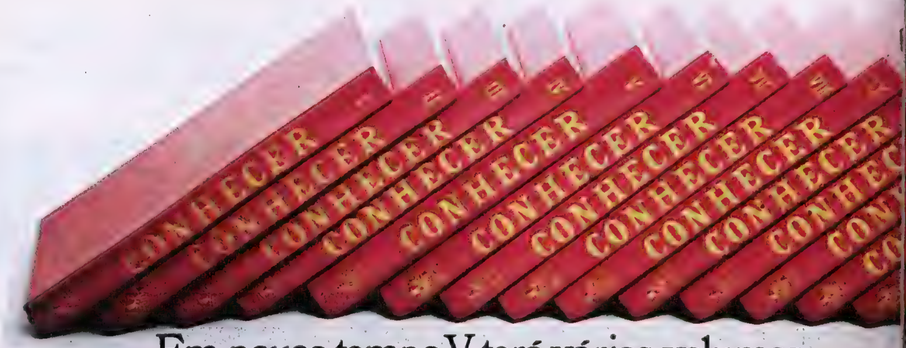
Ao fim da obra, você terá 12 volumes de Enciclopédia, mais 3 volumes feitos com as capas, que também são colecionáveis!

O mais importante, porém, é que você, seus filhos, sua família, todos lerão cada página de Conhecer - porque os assuntos são abordados em estilo moderno e dinâmico, interessante. E cada página é repleta de ilustrações coloridas.

Progrida sabendo mais.

Dizem que o conhecimento humano é composto de Ciências, Geografia, Artes e História. Conhecer - Enciclopédia Semanal Ilustrada também é composta assim.

Em cada fascículo, uma gama enorme de assuntos abordados de forma ampla e agradável. A cada semana, você lerá sôbre canhões ou sôbre ervas aromáticas, sôbre a organização de uma emprêsa ou sôbre a Guerra dos 30 Anos, sôbre os sintomas e prevenção de doenças ou sôbre pintura, sôbre a eletricidade, construções, personagens, sôbre países do mundo - sôbre tudo! É realmente uma visão panorâmica do universo - cujo conhecimento o habilitará a conhecer melhor a vida, aplicar informações de outros campos ao seu trabalho diário... e aproveitar melhor cada minuto de sua existência!



Em pouco tempo V. terá vários volumes... e quanta coisa mais você saberá.

Um hábito importante para você e sua família renovado tôdas as semanas.

Todo grande homem é também grande leitor. Churchill considerava sagrado ler pelo menos uma hora por dia - em quaisquer circunstâncias. Kennedy obrigava-se a ler um livro por semana.

A maioria das pessoas não lê muito porque não sabe o que ler, para aproveitar ao máximo o tempo empregado na leitura.

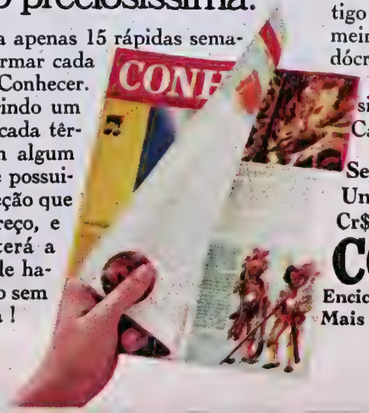
Conhecer - Enciclopédia Semanal Ilustrada - dá a você uma seqüência de leituras inteligentes - sem a monótona ordem alfabética das outras enciclopédias.

Assim, a cada semana, você, seus filhos, sua espôsa, disputarão o privilégio de ler primeiro o fascículo, quando você o trouxer para casa. E o que você perceberá é que, em pouquíssimo tempo, todos serão pessoas mais interessantes, de conversa mais variada e brilhante. De entendimento mútuo mais amplo.

Ràpidamente, uma coleção preciosíssima.

Você leva apenas 15 rápidas semanas para formar cada volume de Conhecer.

E adquirindo um fascículo a cada têrça-feira, em algum tempo você possuirá uma coleção que não tem preço, e que você terá a impressão de haver formado sem gastar nada!



E quem se beneficiará mais de sua perseverança? Os seus filhos. Êles é que terão sempre em casa a mais preciosa fonte de informações sôbre qualquer assunto. Estarão melhor preparados para enfrentar a vida!

Veja o que V. encontrará logo nos primeiros fascículos de Conhecer.

Imagine quanta coisa assim interessante o espera nos outros.

1.º fascículo

Piratas e Corsários — O Sistema Solar — Sinais Topográficos — O Corpo Humano — Alfred Nobel — Lunetas e Telescópios — Anatomia do Automóvel — Brasil no Mundo — Capa: Vôo Espacial

2.º fascículo

Na Terra há Milênios — Pêndulos e Relógios — O Castelo Feudal — Aparelho Circulatório — História do México — Rios - benefícios e danos — Brasil: Povoamento e Relêvo — Sir Isaac Newton — Capa: Cirurgia.

3.º fascículo

Cristais — Hans Christian Andersen — As Estações do Ano — Cidades da Grécia Antiga — Guerra da Secessão — As Pontes — Giuseppe Verdi — Os músculos — Brasil e a Europa — Capa: O Átomo.

4.º fascículo

O Planêta Terra — Agricultura no Antigo Egito — Célula Animal — Os Primeiros Navios a Vapor — Glândulas Endócrinas — A Vegetação das Montanhas — São Tomás de Aquino — Brasil: Os Indígenas da Amazônia — Capa: A Caça.

Seja dono do seu futuro!
Uma Enciclopédia completa!
Cr$ 650 o fascículo

CONHECER

Enciclopédia Semanal Ilustrada
Mais um lançamento Abril.

Abril Cultural

Ela é muito rica, solteira, belíssima, conhecida em todos os países do mundo. E neste ensaio fotográfico Howell Conant mostra porque

AGORA É A VEZ DE CLÁUDIA

Ela mesma não sabe definir sua beleza. Pior: nem sabe dizer se é realmente bonita. Prefere considerar-se um pouco estranha, esta môça que aos 26 anos de idade se transformou na estrêla italiana mais admirada no mundo inteiro. Cláudia Cardinale é tímida — quando entrevistada não sabe onde botar as mãos e está sempre usando uma delas para cobrir a bôca; suas orelhas ficam coradas. Obrigada a falar de si mesma, omite pedaços de sua beleza, que é preciso ir descobrindo aos poucos. Quantos saberão que ela tem um pequenino e gracioso sinal de nascença no pescoço? Ou que suas pernas trazem nos lugares devidos as três covinhas que os entendidos exigem para que sejam mais que perfeitas? Quem pode imaginar que os brancos de seus olhos, examinados bem de perto, são quase azuis como nas crianças?

SEGUE

Neste rosto Alberto Morávia vê traços das mulheres de Michelângelo.

Cláudia Cardinale é hoje a estrêla mais popular da Itália. Nas aldeias mais distantes, até os camponeses a conhecem e querem posar com ela.

Seu mistério foi decifrado

Quem já trabalhou com ela no cinema ficou encantado. Anthony Quinn disse que a adora.

Um metro e 67 de altura, 93 de busto e quadris, 58 de cintura. Dentro dêste espaço, um rosto de menina e um corpo de mulher: o escritor italiano Alberto Morávia foi quem decifrou o mistério, numa longa entrevista que teve com a estrêla.

A beleza de Cláudia é estranha porque harmoniza uma expressão infantil à extrema feminilidade de seu corpo. E ao mesmo tempo parece impossível combinar as duas coisas. Sua cabeça é de uma garôta que não tem mais de 15 anos, ingênua, tímida, insegura e inexperiente. O corpo é de uma mulher: exprime maturidade, tranqüilidade, acima de tudo uma vontade pura de viver, inteiramente livre de complicações morais e intelectuais.

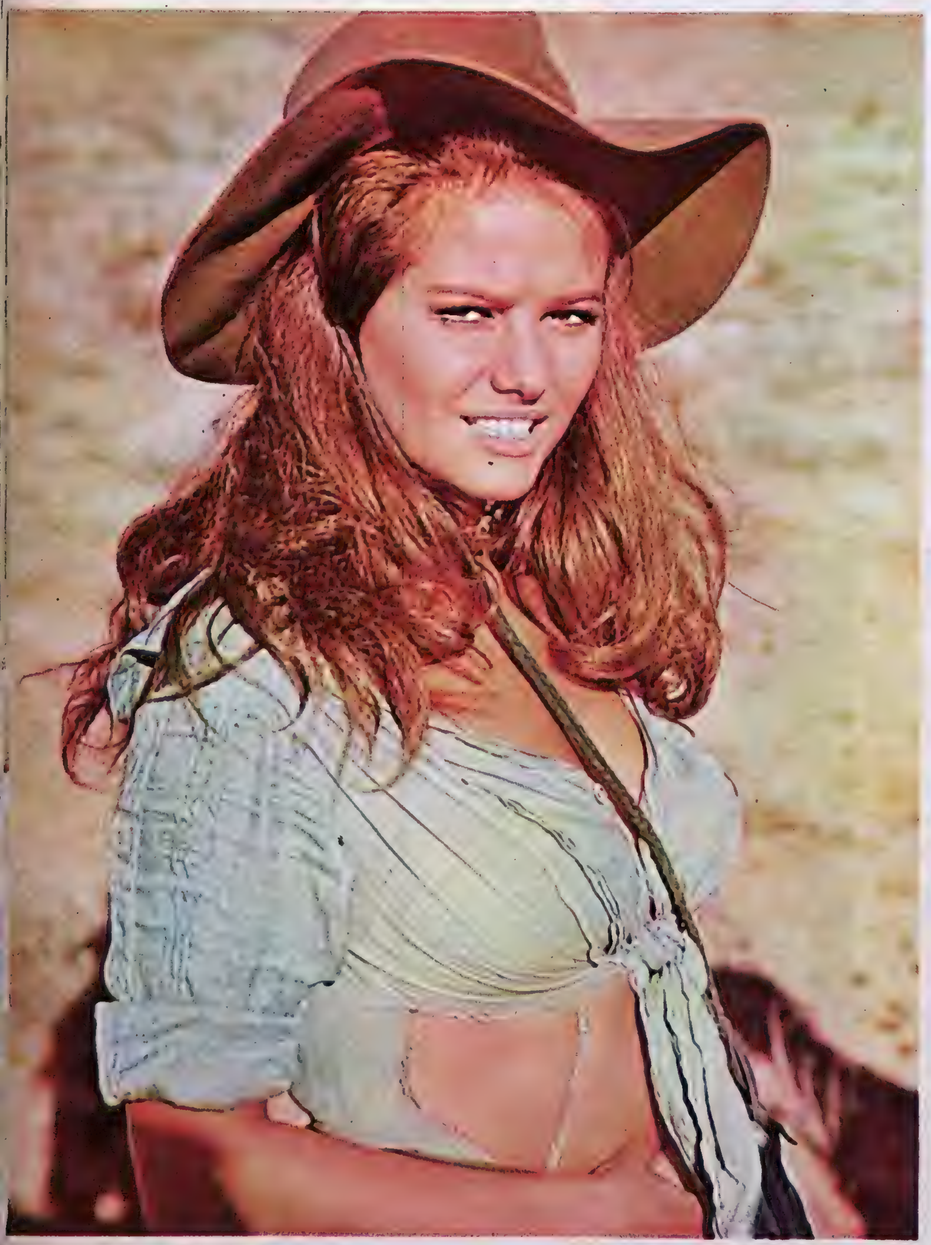
Morávia escreveu 100 páginas sôbre Cláudia, mas pode-se escrever outras tantas falando apenas de seus olhos — castanho-escuros, alegres e luminosos, não muito grandes, mas profundos; ou de seus cabelos — longos até a cintura, castanhos também, com cintilações vermelho-brilhantes, ondulados conforme as curvas do corpo; ou de seu modo de andar — Cláudia anda macio, muitos preferem dizer que desliza, erecta e firme. E, nesse instante, não há movimentos demais ou de menos, porque ocorre um ajustar exato de peças para o simples ato: andar.

SEGUE

Seu italiano tem sotaque francês, seu inglês tem sotaque italiano. Quando começou, há oito anos, ela só falava uma língua: francês

Não quer ser apenas boa atriz, quer ser a melhor: Cláudia procura ler sempre.

Tudo nela é bem desenhado



Agora Cláudia chegou a Hollywood. Dá muito dinheiro, mas ela tem mêdo de se desgastar.

Cláudia é morena como se estivesse permanentemente queimada de sol. O contôrno de seu rosto é triangular, os cabelos quase sempre estão soltos. Sôbre os olhos castanho-escuros, as sobrancelhas começam junto do nariz e se curvam para cima em dois arcos regulares. A testa tem um pouco de aluna estudiosa e inteligente. As orelhas já deram complexo à menina Cláudia de dez anos atrás: um pouco grandes, embora bem moldadas. O maxilar pequeno se curva até o queixo redondo, formando um ângulo aberto. O nariz é reto até a curvatura suave, pouquinho largo na base, bem pequenas as narinas. Tem um minúsculo sulco na pontinha. A bôca se volta para baixo quando Cláudia está séria. O lábio superior é mais estreito que o de baixo, e êste é carnudo e saliente. Os dentes, brancos e regulares, aparecem até as gengivas quando Cláudia sorri.

O pescoço longo se mantém sempre muito altivo. O busto é cheio e bem desenhado, os ombros redondos, femininos e graciosos. Os braços compridos terminam em pulsos delicados e mãos magras.

As pernas esguias são marcadas por três covinhas: uma entre o pé e o tornozelo; uma entre a barriga da perna e o joelho; e a terceira entre o joelho e a coxa.

O encanto de Cláudia é uma combinação de radiante sensualidade e infantil simplicidade. É por isso que todos os homens do mundo a imaginam ao mesmo tempo sua mulher e sua primeira namorada. FIM

E-Em Brim Helanca Elastique. Com cinto e vivo do bolso em tecido "Op Art". F-Em Cotelê Helanca Rhodianyl. Abertura na barra com botões em ton-sur-ton. G-Em Helanca Rhodianyl. Bôlso com original carteirinha sobreposta.

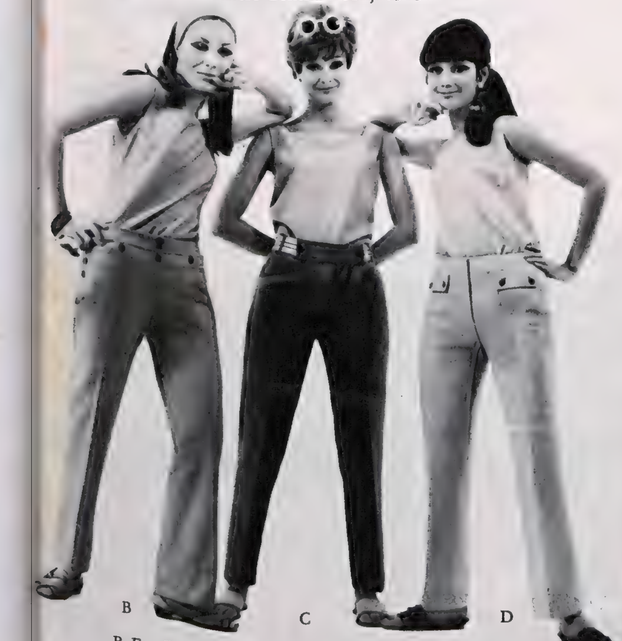
E F G

Se v. não gosta de andar de uniforme use calças Cori.

Desagradável aquêle negócio de chegar na praia ou na festinha e encontrar outras môças com modelos iguais, não? Pois usando uma calça Cori v. está livre disso.
A Cori tem inúmeros modelos, cada um com detalhe diferente; uma bossa diferente na barra, uma prega aqui, um toquezinho original no bôlso traseiro . . . mas se por uma enorme coincidência v. encontrar numa reunião alguém com uma calça Cori exatamente igual a sua, parabéns! Pelo menos duas pessoas nessa festa não gostam de andar de uniforme.

cori

Fab.: Rua Teodoro Sampaio, 2484 - S.P.
Escrit. Rio: Edifício Central - conj. 2929.



B C D

B-Em flamê Helanca Elastique. Original detalhe de abotoamento. C-Em Extensible rústico, com original detalhe de pala formando bolsos. Cinto em elástico listrado. D-Em Cotton Rustic, com pespontos em tons contrastantes, imitando bolsos.

A-Modêlo esportivo, em tecido geométrico. 2 bolsos traseiros e cinto elástico rústico.

"Então a Ford em 1965 produziu 4.595.35[illegible] veículos no mundo inteiro. E eu com isso?"

Se você tem mais de 90 anos de idade.
Se o seu domicílio eleitoral é o planeta Marte.
Ou se você prestou um solene juramento de nunca olhar para um automóvel, você realmente não tem nada com isso.

De outra forma, você tem 4.595.357 razões para conhecer êstes fatos:

Um carro Ford, o "Mustang", tornou-se o automóvel de maior sucesso em tôda a história automobilística. Em menos de três anos vendemos "Mustang" para um milhão e meio de pessoas que de repente se sentiram entre 10 e 30 anos [illegible] jovens (recorde de vendas e de rejuvenescimento).

Na Inglaterra, o nosso Mustang resultou em mini-saias mais curtas, vestidos muito "op", enfim, uma pequena revolução na moda...

Carros de corrida e "GTs" com motores Ford venceram a quase totalidade das grandes provas internacionais dos últimos dois anos.
De Indianápolis (viva Jim Clark!) a Le Mans, onde [illegible]

realmente exageramos um pouco:
lá ganhamos os três primeiros lugares.

Automóveis Ford como o "Cortina" na Inglaterra e o "Taunus" na Alemanha tornaram-se, em poucos anos, lideres de sua categoria.
A nossa produção internacional, em 1965, superou a de qualquer outra emprêsa automobilística.

E você sabia que o equipamento de contrôle usado nas façanhas espaciais norte-americanas foi produzido pela Philco, uma subsidiária da Ford?

Esta é a jovem Ford, sempre presente onde novas idéias significam melhores padrões de vida, maior confôrto pessoal.

Esta é a jovem e dinâmica emprêsa mundial de cujas experiências se beneficia a nossa Ford brasileira. A mesma, que dentro em breve, produzirá em nosso País o Ford Galaxie, um carro que colocará o Brasil em dia com os mais modernos padrões automobilísticos internacionais.

E você tem muito a ver com isso.

Ford

FORD MOTOR DO BRASIL S.A.

HÁ UM FORD GALAXIE BRASILEIRO EM SEU FUTURO

A Guiana Francesa não consegue esquecer o passado, porque at
20 anos atrás mantinha os mais desumanos presídios da histór
Seu povo continua com mêdo de alguma coisa, e repete sempr
"Podia ser um paraíso, foi um inferno, agora é um purgatório"

A ILHA DO DIABO

A maior loja de Caiena, capital da Guiana Francesa, se chama *Batá*. Vende de tudo e as suas seis vitrinas de frente dão um toque metropolitano à Place des Palmistes.

Batá vende camisas também. Mas as listradas, tipo Johnny Halliday, que tinham chegado de Paris havia oito meses, ficaram tôdas nas estantes, inùtilmente oferecidas pelas vendedoras. Depois, foram parar nos banquinhos de liquidação, como pechincha — menos de mil cruzeiros cada uma. Mesmo assim ninguém comprou. No mês passado, por fim, as camisas foram doadas a um orfanato: a madre superiora recusou polidamente e os meninos continuam andando com a camisa azul de sempre.

Acontece que as listras não estão mais em moda na Guiana. Até 1946, nas ruas só se via o desfile de homens com pijamas listrados, branco e vermelho-rosado. Eram os prisioneiros da colônia penal mais tristemente famosa do mundo, aquela que os franceses chamavam de *bagnes*, numa cruel comparação com as praias de Cannes ou Deauville.

A colônia foi extinta há 20 anos pelo govêrno franc
mas as listras — mesmo passado tanto tempo — aind
trazem recordações que o povo da Guiana quer afast
de qualquer maneira. O que não é fácil, pois não h
pedra, casa ou rua que não lembre aos habitantes ou ao
raros visitantes a época triste dos *bagnes*, o inferno do
vivos, a Ilha do Diabo.

Tudo começou com um êrro, em 1763. Nessa época
em Paris, começou-se a falar que a Guiana era o Paraís
Terrestre, o Eldorado das minas de ouro. E o paraís
era francês, estava a pouca distância das Antilhas. S
faltava gente para habitá-lo, antes que os inglêses ou ho
landeses tratassem disso. Então começava em Paris, a
grande campanha publicitária para o povoamento d
região, onde moravam não mais de 500 brancos e um
poucos índios, nem pacificados nem perigosos, qu
queriam sòmente ficar tranqüilos em suas florestas, longe
da costa.

"Vamos construir um pedaço da França além-mar" —

era o lema que acompanhava a grande expedição. Em pouco tempo, onze mil pessoas — homens, mulheres, crianças — se candidataram para colonizar a Guiana: o govêrno oferece a viagem, um bom pedaço de terra e garante casa e comida durante um ano. O Ministro da Colonização, Choiseul, confia a tarefa de organizar a expedição a Philippe Chanvallon, um dos homens mais ineptos e corruptos da França. Chanvallon não se preocupa em saber quem vai à Guiana: o importante para êle é o número; quanto mais gente melhor — ganhará mais sôbre o transporte e a comida. Assim, em vez de aceitar mais pedidos de camponeses e operários qualificados, êle inscreve pequenos funcionários sem arte nem aspirações, aventureiros, gente que, por dívidas ou casos de amor, queria fugir da França, famílias numerosas demais, mulheres cuja reputação não podia ser considerada exemplar. Chanvallon chega a aceitar oito cegos e quatro paralíticos. Em menos de duas semanas, alguns veleiros zarpam de Marselha, com sua carga absurda: onze mil pessoas jogadas umas em cima das outras. São poucos os que sabem, exatamente, para onde vão. Mas todos, no fundo, têm a esperança de uma vida melhor, depois da viagem de muitos meses, em que a maioria fica doente.

Quando, em fins de 1764, os navios chegam a Caiena, ninguém pode desembarcar. As autoridades francesas da colônia resolveram desviar os hóspedes para Kouru, uma localidade distante 50 quilômetros, ao norte, onde o mar nunca fica tranqüilo, brigando entre a costa rochosa e três pequenas ilhas que ainda não têm nome, três recifes obscuros e sem vida. Um dêles, sempre rodeado por tubarões, ficará célebre como a Ilha do Diabo.

Kouru não era o Eldorado prometido. Onde estão as habitações? Onde está a reserva de comida e água? Onde estão os guias? Os navios descarregam a multidão e vão embora. Onze mil pessoas ficam prisioneiras entre a praia e a savana, com 40 graus de calor. A fome logo começa a deixar todo mundo alucinado. Em duas semanas, uma epidemia mata sete mil pessoas. Os corpos são jogados aos tubarões. Dois homens constroem uma jangada, e depois de uma viagem arriscada chegam a Caiena, onde pedem auxílio às poucas e incompetentes autoridades. Dos quatro mil sobreviventes, só trezentos ficam em Caiena. Os outros voltam a Paris, quase todos doentes. A expedição se transformara na maior tragédia da história da colonização francesa.

Tinham levado pouco tempo para criar a imagem paradisíaca da Guiana, mas com a mesma rapidez espalhou-se a fama de que lá era o inferno. O episódio de Kouru, porém, não desanimou o govêrno francês. Êsse pedaço de terra na América Latina precisava ser explorado e fazer parte da França de além-mar. SEGUE

Texto de Alessandro Porro

elas esperaram séculos por

NÁUTILUS *é paredes sem gordura e cozinha sem cheiros.*

faz ambiente na cozinha. É a experiência científica a serviço das donas de casa do Brasil.

SPRINGER - Fabricantes dos famosos produtos ADMIRAL

Standard Propaganda

Prisioneiro comportado tinha uma compensação: podia ser escravo

O difícil era achar outros cidadãos dispostos à aventura, depois do primeiro fracasso. Começa então a fase da colonização forçada, com a chegada de escravos do Senegal. Em 1780, a colônia tem 1.320 europeus (na maior parte funcionários e militares franceses), 460 negros livres e onze mil escravos que trabalham a terra conquistada à floresta amazônica e constroem as primeiras casas de madeira, ainda hoje sólidas no centro de Caiena.

Os primeiros prisioneiros a chegar à Guiana são políticos e nobres cassados pela Revolução de 1793. Foi Robespierre quem pensou em enviar os inimigos a um lugar bem longe da metrópole, inspirando-se nos inglêses, que tinham começado a deportar, para lugares mais inóspitos da Austrália, os criminosos incorrigíveis e as prostitutas prêsas em flagrante nas calçadas de Londres.

Com os primeiros exilados, chega a Caiena também a ordem de libertação dos escravos, promulgada pela Revolução. Em 1803, Napoleão I envia mais prisioneiros políticos e uma nova ordem: a de restabelecer a escravidão. Os primeiros exilados, se quisessem, poderiam voltar à França: mas, em cêrca de dois mil deportados, apenas duzentos ainda estão vivos, e, dêstes, quinze voltam a Paris.

As guerras que a França enfrentou durante decênios não permitiram aos governos criar na Guiana, segundo estava previsto, uma verdadeira organização de estabelecimentos penais, assim como os inglêses tinham na Austrália. Tudo é confiado ao acaso e à improvisação. Os deportados viviam em barracos de madeira, a maior parte em Caiena, poucos em Kouru. Os leprosos eram desembarcados na Ilha do Diabo: uma língua de rocha de 1.200 metros de comprimento e 400 de largura, com poucas palmeiras no meio, aonde cada semana chegava uma lancha de Kouru para entregar apressadamente um saco de farinha e um barril de água. Não era preciso preocupar-se com os cadáveres: os tubarões davam conta do recado.

Por volta de 1850, a Guiana começava a ser sede oficial dos **bagnes.** Engenheiros chegados de Paris dirigem a construção de edifícios de dois andares, com janelas oblíquas, quartos de vários tamanhos, para doze, oito, quatro ou um hóspede. Desta vez, os pormenores são bem cuidados: pesadas correntes de ferro são cimentadas nas paredes, em duas fileiras, uma para chegar à altura do tornozelo, outra para os braços.

No **bagne** de Kouru, até as camas são de pedra, e aqui há correntes até para a garganta, com anéis que se fecham com um ferrôlho. Os **bagnes** foram construídos em tôda a Guiana: perto do mar, em Caiena, Kouru, Sinnamar, Montsinery, nas Ilhas du Salut (Ilha do Diabo, Ilha Royal, Ilha de São José) e no interior, a cinco ou seis quilômetros da costa, em St. Laurent. Na região do rio Maroni, extremo norte da Guiana, fronteiriça com o território holandês, tôda a zona foi considerada **penitenciária.** Ergueram inúmeras construções, grandes e pequenas, tôdas no mesmo estilo. Hoje, suas ruínas lembram ao visitante o que foram os **bagnes.** Numa parede semidestruída em Kouru, está gravado em francês, com letra de fôrma, ainda bem legível: "Meu Deus, não agüento mais". E, mais embaixo, outra inscrição: "Fuja, inteligentemente".

Nas ruínas à beira-mar ainda se vê o **trou,** um buraco de um metro de altura e 50 centímetros de largura, onde os mais rebeldes eram fechados, às vêzes até por dois meses seguidos. Sem nunca sair do **trou,** o prisioneiro ficava acocorado, sem poder deitar ou levantar. A comida e a água chegavam-lhe uma vez por dia, através de um complicado furo na parede, de maneira que não pudesse nem olhar o rosto do guarda. Em noventa por cento dos casos, o prisioneiro saía do **trou** morto ou louco. Era esta a punição depois da primeira tentativa de fuga. Na segunda vez, o fugitivo era guilhotinado, se não fôsse sumàriamente fuzilado pelos guardas. Apesar dos riscos e da vigilância, desde 1854 até 1946 conseguiram fugir da Guiana pelo menos nove mil deportados. Muitos foram devorados pelos tubarões, outros chegaram até Caracas, ou até Belém. Dois (que fugiram no mesmo dia) abriram um bar em Buenos Aires, que ainda hoje existe. Alguns ainda atingiram Paris ou Argel onde foram novamente presos e deportados.

Se o condenado mostrava boa conduta, podia conseguir um lugar de **empregado doméstico,** isto é, de escravo, e assim era **alugado** pela chefatura de polícia a algum ricaço da capital. Até era bastante fácil encontrar nas ruas de Caiena um deportado, aparentemente livre, com sua cesta, de volta do mercado. O anel de ferro no tornozelo denunciava sua condição, além da camisa listrada.

Talvez seja por isso que na Guiana não existe um só garçom. Nos restaurantes, nos bares, nos raros salões de baile, são mulheres que servem os fregueses. Nem na feira do sábado se encontra um só homem fazendo compras: outro efeito das más recordações.

Ficou tão marcada no mundo a triste fama dos **bagnes,** que ainda hoje nem todos sabem que, há vinte anos, a França mandou fechar a colônia penal e ordenou a destruição de seus vestígios.

O escândalo em tôrno das torturas e assassinatos praticados em nome da lei na Guiana estourou no fim do século passado, quando o capitão francês Alfred Dreyfus, de origem israelita, foi injustamente acusado de espionagem em favor da Alemanha e, apesar da falta de provas e do protesto dos intelectuais parisienses, condenado à deportação para os **bagnes** de Caiena. O caso Dreyfus logo provocou em todo o mundo tantas discussões, tantos protestos, que o Ministro das Colônias da época, Jean Decres, ordenou que o prisioneiro ficasse completamente isolado, num lugar aonde nenhum jornalista pudesse chegar, vigiado dia e noite por dois guardas, proibidos de falar com êle. Só um lugar servia para esconder Dreyfus assim: a Ilha do Diabo. Os leprosos foram transferidos para St. Laurent, as quinze choças que os hospedavam foram queimadas, ergueram um pequeno barraco de madeira sem janelas, rodeado por um muro de dois metros de altura, que não deixava Dreyfus ver o mar, nem a costa de Kouru.

O drama de Dreyfus

Alfred Dreyfus chegou à ilha em 13 de abril de 1895. Até Caiena tinha viajado com mais quinhentos prisioneiros a bordo do **Martinière,** o navio-prisão que cada seis meses chegava da França com sua carga de deportados. Só um privilégio foi concedido a Dreyfus: escrever e enviar cartas. Em quatro anos de **bagne,** êle mandou mais de mil, à mulher, aos filhos, ao Presidente do Tribunal Militar e ao Presidente da República, sempre insistindo sôbre sua inocência. SEGUE

Fundação não se faz com 3 batidas na madeira

Fundação não depende de sorte, depende de técnica certa, material e equipamento adequados. Cada um de nossos projetos, por exemplo, é precedido de sondagens, estudos do solo, cálculos e mais cálculos. E a execução é rigorosamente controlada por engenheiros e técnicos especializados. Não pense que é presunção: temos razões para afirmar que um contrato da Franki para fundações e infra-estruturas vale tanto quanto uma apólice de seguros para a sua obra.

FRANKI fundações ■ infra-estruturas

Avenida Rio Branco, 311, 10º and. - telefones 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro • Rua Marquês de Itú, 266 5º andar - telefone 36-3790 - São Paulo • Pôrto Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

Perto de 50 mil homens morreram nas prisões, nem sempre de velhice

Um repórter de **L'Aurore,** o mesmo jornal parisiense que tinha publicado um artigo de Zola em favor de Dreyfus, conseguiu ver o prisioneiro. Eis um trecho de sua reportagem, publicada em 1896: "Cada manhã, às dez horas, Dreyfus recebe a comida que lhe deve bastar para o dia inteiro: um guarda, sem se aproximar, lhe joga um pedaço de carne preta e podre, um punhado de arroz e uma fatia de pão verde. Êle mesmo tem que cozinhar, achar a lenha para fazer o fogo, e dispõe só de uma colher e uma panela de ferro. Dia sim, dia não, deixam-no sair da cela, para um curto passeio até a praia. E, de frente para o mar, eu vi Dreyfus chorar, observado por dois guardas armados, com um brilho de crueldade nos olhos. Mas Dreyfus não ligava para os dois carrascos. Olhava para o mar e chorava. Era o retrato da inocência".

Mas chegou à Guiana outro repórter, de um jornal nacionalista, convicto da culpa de Dreyfus, para escrever que o **traidor** até que estava bem demais, "numa ilha exótica, cheia de árvores bonitas, com um bangalô digno de milionário extravagante à disposição, proporcionando-lhe férias e descanso não merecidos".

Os militares franceses ficaram com raiva: "Êste judeu conseguiu enfeitiçar até os guardas da Ilha do Diabo", escreveu um general ao Ministro da Guerra. E conseguiu que, durante dois meses, por "ordem superior", Dreyfus fôsse condenado aos **ferros:** mãos e pés acorrentados, não podia descer da sua cama de tábuas, nem escrever, nem receber cartas da mulher. Ao médico da prisão, a quem êle chamou gritando durante uma noite inteira, disse com um fio de voz: "Se o senhor é um ser humano, abrevie minha vida. Faça alguma coisa para que eu possa morrer logo: não agüento mais".

Em 5 de junho de 1899, ao meio-dia e meia, chegou à guarda da Ilha do Diabo a ordem de comunicar ao Capitão Dreyfus que seu pedido de revisão do processo tinha sido aceito. O cruzador **Sfax,** no mesmo dia, chegou de Fort-de-France para levá-lo de volta à Europa. Dreyfus chorou de alegria, mas mais tarde, em 9 de setembro, compreendeu que seu martírio não ia acabar tão cedo. O conselho de guerra considerou-o novamente culpado e ordenou sua segunda deportação para a Guiana.

Dez dias depois foi anistiado, mas não absolvido. Sòmente em 1906, admitindo seus erros, a justiça militar reconheceu a inocência do oficial, que recuperou os galões e foi readmitido no serviço ativo. Condecorado com a Legião de Honra, Dreyfus participou da Primeira Guerra Mundial como oficial do Estado-Maior, no pôsto de coronel. Em 1935, o personagem do mais discutido episódio ocorrido na Guiana Francesa morreu de enfarte, com 76 anos. Os jornais franceses publicaram a notícia em poucas linhas, nas páginas internas.

A Ilha do Diabo, depois da saída de Dreyfus, não ficou vazia, e até 1940 para lá eram mandados todos os espiões presos pelo Serviço de Informações de Paris.

A Ilha do Diabo, na opinião de muitos, foi a expressão máxima da crueldade dos **bagnes.** Mas não é verdade. Kouru foi pior, e St. Laurent provocou até um protesto à Sociedade das Nações, em Genebra, em que a França foi acusada de "sistemas inumanos, não concebíveis para uma nação que representa, aos olhos do mundo, o símbolo da civilização e da cultura".

Cêrca de 50 mil deportados morreram nos **bagnes,** nem sempre de velhice. Em 1946, uns mil voltaram para a França, completamente reabilitados. Ficaram na Guiana mais ou menos dois mil **liberados.** Hoje são 300, e quando passam nas ruas são logo reconhecidos: magros, o rosto avermelhado do sol, o largo chapéu colonial que chega a cobrir os olhos. Alguns trabalham, outros vivem de esmola.

Vaudé preferiu ficar

Só um dêles ficou muito rico, e é dono, em Caiena, de um hotel-restaurante famoso: **Le Beau Rivage,** onde se come a mesma sopa de cebola de Paris e um delicioso pastel de siri, especialidade da casa. Garrafas de **Chateau-Neuf du Pape** estão sempre geladinhas, e é o mesmo **monsieur** Albert Vaudé, o **liberado,** quem as põe na mesa, fazendo saltar a rôlha com um rápido gesto do polegar.

Em Caiena chamam os ex-detentos de **vieux blancs — velhos brancos.** Pouca gente gosta dêles, porque ainda fazem lembrar o que todos querem esquecer. Mas aceitam **monsieur** Vaudé, seu passado, sua atitude de hoje. No dia em que foi libertado (êle foi um dos últimos), preferiu ficar em Caiena: — Está é minha terra — disse, à noite, aos freqüentadores do bar **des Palmistes,** na praça principal da cidade, que o olhavam com o costumeiro desprêzo dedicado aos **vieux blancs.**

— Passei aqui vinte anos e vocês todos sabem como e onde. Paguei minha dívida, nunca me julguei inocente, nunca tentei **la belle** (a fuga, na gíria). Mas, agora, quero ficar aqui, como um francês qualquer. Vocês que me olham acham isso possível?

O homem, alto e magro, as mãos nervosas estragulando o copo, aguardava uma resposta. Ninguém sabia que crime tinha levado Vaudé até Caiena. Podia ser um assassino, um assaltante, ou algo pior. Talvez um louco, como muitos ex-hóspedes dos **bagnes.** Ninguém resolvia falar, Vaudé pareceu compreender êsse receio e continuou:

— Eu sei, vocês têm mêdo. Talvez não de mim, mas do que eu represento. Vocês não querem mais ver minha cara, a cara do **velho branco:** lembra muita coisa, não é? Mas estas coisas fui eu que fiz, e vocês sabem disso. Eu paguei, e vocês não querem gastar nem um centavo?

— Bem, agora tudo é passado — disse uma voz.

E outra:

— Fica, velho. Boa sorte.

E mais alguém:

— Afinal, por que êstes discursos? Se quer ficar ninguém impede. Você está reabilitado.

Vaudé não deixou acabar:

— Estou condenado a ser um **velho branco,** a ser olhado como um monstro, a ser indicado aos meninos manhosos como bicho-papão, eis minha reabilitação. Ao contrário, eu gostaria de ser um francês, como todos os outros, compreenderam?

Nunca um **velho branco** foi tão confortado e consolado, como naquela moite de 1946, na Place des Palmistes de Caiena. Num instante, quatro garrafas de **tafi,** a cachaça dos guianenses, esvaziaram-se. E, para Vaudé, começou uma nova vida. Sua mulher chegou de Paris com um pouco de dinheiro, e anos depois o **Beau Rivage** começava a funcionar, à beira-mar, em Bourda.

Num corredor, entre o hotel e a sala do restaurante, as paredes mostram a mais estranha coleção de Caiena: 24 quadros, de uma dramática ingenuidade, relatando a vida dos **bagnes,** todos assinados **Flag,** pseudônimo de um ex-deportado.

SEGUE

Entre as lembranças do terror, uma estranha coleção de 24 quadros

Vaudé os mostra a poucas pessoas e nem fala em vendê-los. Um colecionador de Nice chegou a oferecer 50 milhões de cruzeiros, mas Vaudé respondeu sério:

— Não, sinto muito. Quando eu morrer êstes quadros irão para o escritório da Direção de Polícia, em Paris. É o meu presente, já está no testamento: talvez esta herança sirva para alguma coisa.

Quando o General De Gaulle chegou a Caiena, dois anos atrás, o chefe do Departamento da Guiana apresentou-lhe Vaudé. O encontro foi no prédio branco da Prefeitura de Caiena, no salão de honra. O General estendeu a mão ao **velho branco** e disse:

— Eu sei, Vaudé, eu sei de tudo. Mas agora, diga-me, vai tudo bem?

O dono do **Beau Rivage** não perdeu o fôlego:

— Se o senhor sabe, muito melhor. Pena não ter sabido antes.

Agora as bases

De Gaulle trouxe aos 35 mil habitantes do departamento uma novidade que ninguém esperava: anunciou que vai instalar ali uma base espacial.

— A França decidirá seu destino na Guiana. Nós construiremos aqui uma grande obra — disse o General.

A base está surgindo em Kouru, a poucos metros dos recifes onde, dois séculos atrás, aportou a primeira expedição francesa. O prédio da administração, já acabado, está bem em frente do edifício caduco que hospedava os diretores e os vigias dos **bagnes.** O CNES (Conselho Nacional de Estudos Espaciais) já mantém na Guiana cêrca de 400 técnicos e funcionários, que dirigem a construção. A falta de mão de obra local tornou necessário trazer da Colômbia 300 pedreiros, marceneiros e ferreiros, que vivem em casas pré-fabricadas, brancas e azuis.

Nem todos, em Caiena, estão satisfeitos com a novidade. Os guianenses estavam acostumados à vida tranqüila, que começaram a saborear logo após o fechamento da colônia penal. Incorporada à França, desde 1946, como qualquer outra província, a Guiana viveu nos últimos 20 anos sem grandes problemas: 70% da população ativa são funcionários públicos, que têm direito, cada cinco anos, a uma viagem de avião a Paris, com tôda a família, completamente grátis. E ganham 40% a mais de ordenado, com relação ao funcionário metropolitano. Muitos recebem casa própria e todos dispõem de armazéns sindicais onde podem fazer compras pagando até menos que em Paris. A chegada da **base espacial** e o desenvolvimento da região previsto para os próximos cinco anos poderão modificar a situação de privilégio, que já não existe mais em outros departamentos ultramarinos, como os das Antilhas (Martinica e Guadalupe).

Independência? De quem?

— Inútil, nesta terra nunca poderemos ficar em santa paz — é o desabafo de um jovem socialista, talvez um dos três ou quatro **independentistas** que há em tôda a Guiana. A maioria tem opinião formada:

— Independência não soa, aqui, como palavra normal. Independência da França? Só se ficarmos dependendo dos Estados Unidos ou da União Soviética: como pode ser independente um país que não conhece agricultura, que não possui indústria nem artesanato, que não gosta muito de pesca, que produz apenas o pouco açúcar necessário para o café com leite, e que mesmo o leite só toma quando chega engarrafado de Paris, nos frigoríficos dos navios?

É o branco que tem de tornar-se simpático

Êste quase receio que o guianense tem de se dedicar à agricultura e a qualquer outro trabalho manual foi estudado por sociólogos nos últimos dez anos: eram os escravos que trabalhavam a terra, mas no mesmo dia de sua definitiva libertação, em 1848, recusaram-se a depender dos poucos brancos da região, largaram as terras que cultivavam e foram para Caiena tentar o comércio. Com o tempo, depois de terem freqüentado as escolas públicas, os filhos dos ex-escravos logo começaram a escalada no funcionalismo público, passaram a ser escriturários, carteiros, contadores e até chefes de repartições. Hoje, com cêrca de 80% de negros, a Guiana — 35 mil habitantes — apresenta um racismo incomum: é o branco metropolitano que tem de trabalhar certo e tornar-se simpático, para ser aceito no grupo fechadíssimo dos locais.

Guianense prefere ser carteiro

Com a instituição dos **bagnes,** os deportados foram obrigados a trabalhar na terra, e êste é outro motivo pelo qual, com tanto espaço à disposição, até de graça, o guianense prefere ser carteiro, e nunca fazendeiro.

A vinda de novos imigrantes talvez mude essa estranha situação na Guiana: terra fértil à vontade nas mãos de gente pouco entusiasmada, descendentes de escravos ou ex-prisioneiros dos **bagnes.**

Outra peculiaridade da Guiana é a de ter o mais baixo índice mundial de criminalidade. Qualquer um pode esquecer a carteira na mesa de um bar e ter a certeza de encontrá-la no dia seguinte no mesmo lugar. As portas das casas não ficam fechadas durante a noite; os carros estacionam com chave e tudo; no único banco da cidade, em menos de um minuto pagam cheques até aos estrangeiros.

Briga violenta é coisa muito rara. Talvez um caso ou outro na noite de 14 de julho, quando se festeja a tomada da Bastilha, todo o mundo fica bêbado de **tafiá,** pensando em Paris e na próxima viagem que o govêrno paga com extrema pontualidade. A cadeia de Caiena, uma casinha que se escondida no subúrbio da cidade, atrás de uma fila de árvores que serve para disfarçar as grades, hospeda cada ano não mais que vinte pessoas. Em 1965, ficaram detidos quatro napolitanos, vendedores de falsa fazenda inglêsa, que se faziam passar por marinheiros americanos. **Monsieur le commissaire,** o delegado de polícia, mordendo seu cachimbo à Maigret, sorriu quando prenderam os malandros: "Mas, rapazes, logo aqui, vocês vêm tentar golpes?" Quando os quatro estrangeiros foram libertados e levados ao pôrto para embarcar de volta, o povo os acompanhou com uma espécie de canção-vaia:

— Mas como, logo aqui? Mas como, logo aqui?

Virou dito famoso na gíria de Caiena.

Denison

Quando Você acelera o Emi-Sul, parece que os outros carros param. Já pensou na segurança da ultrapassagem?

Emi-Sul - o primeiro motor V8 com câmara de combustão hemisférica fabricado no hemisfério sul.

O motor Emi-Sul - classe internacional - tem super aceleração instantânea.

V. sente que o Simca Emi-Sul tem um motor fora do comum, assim que V. começa a acelerar.

De fato, o Emi-Sul é um motor super potente. Tem 130 HP (modêlo Chambord) e 140 HP (modêlo Rallye e Présidence).

Nos testes de arranque, o Simca Emi-Sul fêz 1 km em 36" (teste: — revista "Quatro Rodas" — edição de agôsto).

Alcança 170 km/h de velocidade.

Tudo isso, mais a tradicional estabilidade e o eficiente sistema de freios do Simca, garante extraordinária segurança na estrada.

Especialmente nas ultrapassagens.

O nôvo Emi-Sul tem alternador de 34 A.

E é também muito econômico. Faz 8 km com um litro de gasolina, a uma velocidade média de 80 km/h.

Experimente o Emi-Sul nos Revendedores Autorizados Simca.

SIMCA

Emi-Sul V8

130 HP 140 HP

CLASSE INTERNACIONAL

BIG VALLEY

UMA HORA DE EMOÇÕES

Crianças, jovens e adultos se "apaixonam" por BIG VALLEY! Lançada em 7 capitais, já alcançou uma das maiores audiências do País. BIG VALLEY atrai, prende e emociona. "Apaixone-se" você também pela família Barkley, assistindo BIG VALLEY...

Assista BIG VALLEY por um dêstes canais:

São Paulo	TV Excelsior, Canal 9	2as. feiras, 20:30 h
Rio de Janeiro	TV Rio, Canal 13	4as. feiras, 21:50 h
B. Horizonte	TV B. Horizonte, Canal 12	3as. feiras, 20:30 h
Pôrto Alegre	TV Gaúcha, Canal 12	sábados, 21:55 h
Curitiba	TV Paranaense, Canal 12	sábados, 21:00 h
Brasília	TV Alvorada, Canal 8	2as. feiras, 21:50 h
Recife	TV J. do Commercio, Canal 2	4as. feiras, 20:50 h

A APRESENTAÇÃO DE BIG VALLEY É UMA GENTILEZA DA

Johnson & Johnson

exclusiva

s vitrines de Mobilinea V. conhecerá ssoalmente móveis de vanguarda.

perfeição

Personalidade, atualização.
Agora com as capas soltas ficou muito mais fácil trocar constantemente os tecidos das poltronas e sofás de maneira a variar o ambiente de sua sala de visita.

mobilinea

Côres sofisticadas e originais é a linha de vanguarda Mobilinea.

delta

OBILINEA S.A.
o Paulo
Augusta, 875
São Luiz, 258 - Lojas 34 e 36
o
Montenegro, 74
vendedores
alvador
oveis Ralf Ltda.
7 de Setembro, 249 - tel. 5-0205
lo Horizonte
orada Arq. Int. Ltda.
Tamoios, 200 - 7.º and. - tel. 4-7321
ciania
aba Moveis e Decor. Ltda.
23, esq. r. 4

MOBILINEA
BIG LINE

DISNEY, UMA CRIANÇA DE 65 ANOS

Texto de Oriana Fallaci

"Um adulto incapaz de ser criança não pode sentir o prazer da vida"

Isto aconteceu há algum tempo. Um menino o reconheceu e correu atrás dêle:

— Não é você que desenha o Mickey Mouse?

— Oh, não. Há muitos anos que não desenho mais.

— Mas então é você quem inventa os jogos, as brincadeiras, e tudo.

— Não, não. Nem isso faço agora.

— Mas então, que é que você faz?

Disney coçou o bigode, agachou-se ao lado do menino e respondeu:

— Veja bem, cada um de nós se parece com um animal. Eu acho que me pareço com a abelha que voa de flor em flor, procurando o alimento. Para mim, as idéias são êsse alimento. Quando o encontro, levo-o para outros, e êles fazem o mel. Entende?

— Não — disse o menino. E foi embora sem compreender.

Todos vão embora sem compreender. O gênio encerra sempre um mistério, algo que as pessoas comuns não alcançam, e êle é um gênio. Como se poderia definir de outro modo aquêle que empregou as máquinas modernas para inventar de nôvo as fábulas, devolver-nos à infância e às ilusões? Aquêle que, divertindo-nos, instruindo-nos, comovendo-nos, cantou os animais e o vento, as montanhas e o fogo, os homens e o mar, a história e a vida, e que tornou a fantasia realidade?

Alguns julgam-no homem de negócios. Outros o chamam de artista, ou educador, ou inventor, ou naturalista, ou filósofo.

Ray Bradbury, escritor de ficção científica, disse:

— Eu acho que Disney é a pessoa mais representativa de nossa época. Sua influência se fará sentir por muitos séculos.

O inglês David Low foi mais longe:

— Para mim, Disney é um nôvo Leonardo da Vinci.

Seu irmão, Roy Disney, define-o assim:

— Walt é Mickey Mouse. Êsse ratinho é seu auto-retrato.

Eu digo que até hoje êle recebeu 90 prêmios; que a Universidade de Yale e a de Harvard lhe entregaram o título de doutor **honoris causa**; que sete escolas da América têm seu nome; que Hitler o odiava e Roosevelt o amava; que Kruschev se zangou quando não pôde visitar a Disneylândia; e que o rei da Tailândia gaguejou quando o encontrou:

— Estou tão emocionado, majestade, quero dizer, **sir**, estou tão sem jeito... Eu cresci junto com Mickey.

Por fim, talvez todos compreendam por que o propuseram, êste ano, como candidato ao Prêmio Nobel da Paz. E por que fui a Burbank, saber o que pensa de tudo isso Walter Elias Disney, chamado Walt Disney, nascido em 5 de dezembro de 1901, em Chicago, filho de um marceneiro. Autodidata, Walt cursou apenas a escola primária, morrendo de sono, porque cada manhã, às três e meia, levantava-se e até as sete vendia jornais. Tôda madrugada, desde os oito anos de idade, até os catorze. Durante a infância, nunca soube o que significava brincar, nunca teve um brinquedo. Ainda hoje, se lhe atiram uma bola, segura-a com insegurança.

Mickey guiou o desembarque na Normândia

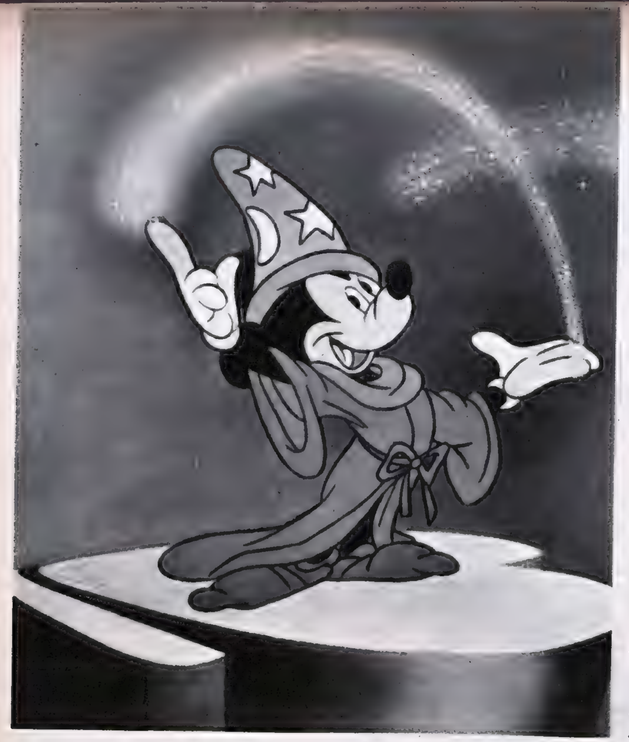
O encontro está marcado nos estúdios de Burbank, sede da **Walt Disney Productions.** Em tôdas as paredes, em cada fôlha de papel de carta, em cada caixa de fósforos, em cada cinzeiro, encontra-se Mickey: Mickey Mouse em inglês, Micky Maus em alemão, Ratón Micki em espanhol, Mik-kii Ma-u-su em japonês, Mikki Hiri em finlandês.

O encarregado de relações públicas explica-me que o ratinho Mickey nasceu no outono de 1927, enquanto Walt e sua mulher voltavam para Hollywood, vencidos, depois de uma viagem a Nova Iorque, onde ninguém se interessava pelos desenhos animados. "Vou tentar uma série sôbre um ratinho chamado Mortimer Mouse", disse Walt à mulher. "Mortimer é sério demais. Por que não o chama de Mickey?" E êle: "Está bom. Que seja Mickey".

— No ano seguinte, o sucesso — explica sempre solene o homem de relações públicas.

É verdade, eu sei que a Enciclopédia Britânica dedicou-lhe um capítulo inteiro, que Madame Tussaud o acolheu em seu museu de estátuas de cêra, que os russos o interpretaram como um símbolo do proletariado. Mas o que eu não sabia é que a palavra-código que no dia 6 de junho de 1944 guiou o desembarque na Normândia, era **Mickey Mouse.** A França, a Europa, foram libertadas em nome de Mickey Mouse.

SEGUE



"Não suporto os intelectuais, tenho vontade de jogá-los no meio do mato"

O encarregado de relações públicas mal fica em pé: tem 74 anos. É raro, nos Estados Unidos, uma firma manter empregado um funcionário tão velho, mas êle não suportaria, talvez morresse, se o dispensassem ou o obrigassem a aposentar-se; por isso Walt Disney deixa que êle continue trabalhando. Walt é um homem bom. Até hoje, êle dispensou sòmente uma pessoa: um sujeito que insultou Mickey.

Todos o chamam de Walt, nunca de senhor Disney. A maior parte dos empregados está aqui há 20, 30, 40 anos. "Walt é um homem bom" — todos repetem isso até enjoar, até a gente ficar desconfiada: há dois dias que estou aqui e até agora não encontrei ninguém que falasse mal dêle.

Quando muito, dizem que às vêzes é um pouco nervoso. O retrato que pintam de Walt é o retrato do justo que trabalha desde a aurora até a noite; nunca toma férias; mantém-se fiel à mulher com quem está casado há mais de 40 anos; ama as filhas e os netinhos com imensa ternura. As filhas, Diane e Sharron, uma nascida do casamento e outra adotada, estão casadas com um produtor e com um diretor artístico da firma: a harmonia familiar é perfeita.

Os Irmãos Grimm americanos

A prova é a seguinte: a **Disney Productions** não inclui estranhos. Walt e a mulher possuem 16% do capital, as filhas, os netos e os genros 38%; o restante é dividido entre o irmão Roy, a mulher de Roy e os filhos.

Roy é algo mais que um simples irmão: desempenha as funções de sócio, conselheiro, banqueiro. É uma sombra sem a qual Walt não dá um passo. Estão juntos há muito tempo, como os irmãos Grimm.

"Sem freqüentar a igreja, sem rezar, sem nunca ter sido religioso, Walt poderia ser citado como exemplo nos púlpitos", disse alguém.

"Um gênio é algo que incomoda"

Sinto-me cada vez mais nervosa. Um gênio é algo que incomoda, imaginem um santo. Além disso, não é preciso ser o rei da Tailândia para dizer que eu também cresci com Mickey. Tinha três anos quando mamãe bordou-o no meu vestidinho, seis quando conheci os Três Porquinhos. Com êles fui para a escola. Na escola, cantávamos o estribilho de **Branca de Neve**, e o primeiro desenho que fiz foi **Pluto**. Com **Cinderela** reencontrei minha infância interrompida pela guerra e descobri Bach vendo **Fantasia**. Tudo isso contribui para que me sinta tímida, enquanto êle caminha ao meu encontro para almoçarmos. É um belo homem de 65 anos, alto e forte, ombros largos, paletó esporte, gravata afrouxada. Anda a passos largos fixando-me com dois olhos maliciosos, distraídos. No fundo dêles brilha, quieta, uma gôta de melancolia.

O homem é simples demais. Trata-me logo como se me conhecesse há muito tempo, ou como se fôsse sua filha, porém faminta:

— Que deseja comer? Quer uma costeleta de cordeiro? Ótima com uma salada de repôlho. Muito gostoso, sabe? É verdade, hoje é sexta-feira: vocês, italianos, se preocupam com isso. Então um peixe frito, está bem? Não, esqueça o peixe, não se preocupe com a sexta-feira e coma a costeleta. Para começar, um caldo. Está certo?

Êle chama o garçom e pede o meu almôço como se fôsse o primeiro depois de um longo jejum. Sorri. Agrada-me. Tudo nêle fascina: os cabelos prateados, o bigode meio chapliniano, as rugas profundas que deixam as pálpebras pesadas. Parece-me com alguém que conheço muito bem, mas quem? Seus dentes são longos, as orelhas retas. A voz parece-se também com a de alguém que conheço, mas quem? Talvez alguém que não sabe mentir e pode permitir-se êsse luxo.

— O senhor foi proposto para o Prêmio Nobel da Paz — vou dizendo.

— Eu?

— Sim, o senhor.

"Ser pacífico é contra a natureza"

— Mas que é que eu fiz para a paz? Eu não sou nem daqueles que dizem que não haverá mais guerras no mundo! Ao contrário. Tenho certeza de que as guerras continuarão existindo enquanto o planêta fôr povoado. Porque elas fazem parte da vida, elas são a vida. Condeno as utopias, minha cara. Como evitar as guerras com tôdas essas ideologias, essas religiões que não podem andar de acôrdo? Cada qual pensa de modo diferente, e cada qual quer seu ponto de vista triunfante: é normal, é até justo. Mas se você tiver uma opinião e não quiser ser conquistado por quem tem opinião diferente, como pode defender-se, senão com a guerra? A paz, que significa? Abandonar as armas para evitar encrencas? Renunciar a se defender se alguém ataca, renunciar a se proteger, a estar alerta? Dormir? Hitler nunca teria conquistado a Europa e matado milhões de criaturas inocentes, se o mundo estivesse acordado, com os fuzis apontados. Mas o mundo depusera os fuzis, sonhando com as utopias da paz, e o mal aconteceu. Hitler chegou e foi necessário fazer a guerra para eliminá-lo. Se o pastor não vigia seu rebanho, minha cara, a rapôsa come as ovelhas: ser pacífico é contra a natureza. Olhe os animais. Estão sempre alerta, nunca se sentem seguros, sabem que não podem confiar, que o mundo está cheio de inimigos, que é preciso combater. São os humanos, com seus pensamentos idealistas, seu intelectualismo, que desejam crer em certas tolices, que sem armas se está mais seguro. Ah, eu não suporto os intelectuais. São perigosos, porque vivem fora da natureza, ou não se dão conta do perigo. Cada vez que falo com um intelectual, sinto o desejo irresistível de jogá-lo bem no meio da selva, no mato, ou pelo menos dentro de um zoológico, para que veja como é a vida, e tire da cabeça essas estúpidas ideologias, seus fingidos discursos de paz.

Muito se pode aprender com os animais

O velho encarregado de relações públicas, que almoçava conosco, sente-se morrer. Tosse, agita-se, suplica com os olhos. Parece querer dizer: "Walt, seja dip!omático". Mas êle continua, sossegado, comendo sua costeleta:

— Eu conheço os animais. Quando acabou a guerra e o público se cansou dos desenhos animados, comecei a fazer filmes sôbre os animais e passava com êles a maior parte do tempo. Muito se pode aprender com os animais. Êles não têm o que chamamos de intelecto, mas são muito mais inteligentes do que nós: seu instinto vale muito mais que todos os dip!omas das universidades. Veja, por exemplo, como sabem comportar-se na organização familiar, sem dispor de pílulas para o contrôle da natalidade. O ser humano é fértil em qualquer momento do ano e está pronto para procriar novamente depois de nove meses de gravidez. O animal é fértil poucas vêzes por ano e, depois de ter um filho, não procria logo: espera que o filho aprenda a comer, andar, ou voar, ou nadar, a enfrentar a vida, enfim. Não quero idealizar a natureza, compreenda-me. Sou lúcido demais para não darme conta de que também entre os animais existem biltres que matam por gôsto de matar. Mas a maioria dos animais não mata pelo gôsto de matar; mata para comer. E quando comeram e estão satisfeitos, não matam até o momento em que voltam a sentir fome. O que é melhor que matar em nome das ideologias, das religiões, e outras coisas, não acha? Ou melhor que querer fingir para ter um Prêmio Nobel, não acha?

As pessoas mais fascinantes

A essa altura, o homem de relações públicas mostra-se desanimado, impotente. Mas Walt, feliz, come sua salada de repôlho:

— Eu gosto de animais. As pessoas mais fascinantes que conheci eram animais. Olhando-os, poder-se-á compreender a si mesmo. Esopo e La Fontaine sabiam disso, e eu, com os desenhos animados, não fiz outra coisa senão repetir as lições de Esopo e La Fontaine. Os sêres humanos não passam de animais que vão à universidade e que, quando chove, abrem o guarda-chuva. Até sua falta de gratidão é idêntica. Os animais desconhecem a gratidão. Um dia, Alfred e Elma Milotte, dois dos meus cinegrafistas, foram à África fazer um filme. No meio de um rio, viram um rinoceronte prêso no remoinho. Debatia-se desesperadamente e tôdas as criaturas da selva estavam paradas, olhando-o: pássaros, antílopes, leões. Quase divertidos. Em dado momento, um elefante se mexeu e foi embora bocejando. Mas Alfred e Elma quiseram salvar o rinoceronte. Fizeram um laço com uma corda, jogaram-no em tôrno do pescoço do animal e conseguiram trazê-lo para a margem. Assim que se viu fora do perigo, o rinoceronte tentou agredi-los. Eu, se um intruso da espécie humana entrasse na minha casa, não hesitaria em atirar nêle; mas se fôsse um rinoceronte, pensaria duas vêzes antes de atirar. Nunca fui à caça, raramente vou pescar, quando pego um peixe, jogo-o novamente na água. Não quero dizer que os outros não devam ir caçar ou pescar, mas eu não vou. Sabe qual é o sonho que me atormenta de noite? Uma coruja que matei quando era garôto. Assim, sem nenhuma razão. Talvez para saber o que eu sentiria matando-a. Vejo ainda aquêles olhos redondos cheios de dor, de surprêsa, de acusação: e acordo transpirando. Mas se sonho que estou matando um ser humano, não acordo por isso: continuo dormindo, feliz da vida.

Uma laranja japonêsa em calda

— O senhor não consegue mentir, não é senhor Disney?

— Minha cara, os dias que passamos nesta terra são como riscos levíssimos sôbre a areia do tempo e não vale a pena estragá-los com mentiras. Quer uma fatia de bôlo? Um sorvete? Aqui são lindíssimos. Sorvetes de amêndoa ou **tutti-frutti**. E tortas com creme, de morangos, de chocolate. Ou talvez prefira uma laranja japonêsa em calda?

Chama o garçom e pede a laranja japonêsa. Joga-se em cima dela como um tigre sôbre uma gazela. Nunca vi um homem comer com tanta alegria, quase infantil. Deve ter passado muita fome, êsse Walt. Deve ter sonhado muito com o creme, o sorvete de amêndoas, quando era menino e vendia jornais na madrugada, enquanto aprendia a desprezar os homens. E sabem de uma coisa? Também quando come, êle se parece com alguém que conheço bem. Alguém... já sei! Alguém que apesar da amargura sabe apreciar a vida, alguém que não aceita as situações falsas, alguém corajoso, cheio de bom senso: Mickey Mouse. E, de repente, lembro-me da frase de Roy, seu irmão: "Mas Walt é Mickey Mouse. Êsse ratinho é o seu auto-retrato".

Disneylândia é para adultos

O homem às vêzes é complicado. No exato momento em que penso ter descoberto seu segrêdo, escapa-me das mãos e torna-se outro. Apenas lhe digo que estive na Disneylândia, êle me pergunta:

— Divertiu-se?

— Loucamente. Mas não é um lugar para crianças. Para cada uma delas, havia dez adultos.

— Nunca disse que fôsse um lugar para crianças. Sabe como nasceu? Como qualquer pai, eu levava minhas filhas ao parque e morria de tédio: elas tinham muitas coisas para brincar, mas eu não tinha nada. Então pensei em inventar um parque, e inventei. O problema era transformar os desenhos animados em coisas vivas. Transformar o sonho, não só em algo que se vê, mas em algo que se pode tocar. O cinema, sendo bidimensional, já não dava mais a ilusão de participação na história: desenvolve-se sôbre uma superfície plana. O teatro é tridimensional, mas tem o mesmo defeito: você vê de longe, sem tomar parte no espetáculo. Era preciso colocar as pessoas no espetáculo, na ilusão: torná-las personagens da fábula, junto com a fábula. Voar como Peter Pan. Assustar-se como os exploradores encontrando chimpanzés e elefantes. Descer fisicamente ao fundo do mar, e não olhar por intermédio de outro que desce. Não servir-se sòmente da fantasia alheia, para divertir-se, mas utilizar a própria.

Projeto de um sonho em três dimensões

E êle conseguiu. Ontem estive na Disneylândia. Entrei naquele foguete e desembarquei na Lua e depois voltei para a Terra e viajei na América de cem anos atrás. SEGUE

O Lincoln que Disney criou pisca, sorri, levanta-se e até fala em liberdade.

E depois da 3.ª ou 4.ª dose, então. . . todo "whisky" fica bom. Mas no dia seguinte, mesmo, é que você vai saber.

E Old Eight?

Depois de conhecer "Old Eight" você vai entender porque um whisky realmente extra precisa ser envelhecido oito anos. Aliás, a fama dos whiskies escoceses vem daí: seu envelhecimento.

"Old Eight" é produzido com extra scotch malt whisky importado das melhores destilarias da Escócia. Não estranhe, pois, que "Old Eight" custe um pouco mais. Êsse pouco mais, faz muita diferença... no dia seguinte.

Old Eight é envelhecido 8 anos ...que quer dizer isso?

Quer dizer que "Old Eight" passou 8 anos na Escócia esperando amadurecer, aprontando-se para o grande dia. "Old Eight" e você vão ficar velhos amigos desde o primeiro encontro. E quem garante o envelhecimento de "Old Eight" é DRURY'S - o maior nome em whisky no Brasil.

Faça a prova

Coloque "Old Eight" num copo e o melhor whisky escocês noutro copo. Convide aquêle seu amigo que se diz grande conhecedor de whisky. Veja se êle nota alguma diferença. Êle vai achar que você está brincando. Seja bonzinho e informe que "Old Eight" já existe no Brasil.

e...onde está à venda?

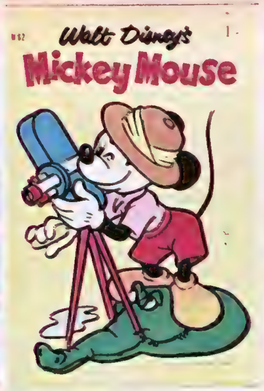
Em algumas poucas casas, exatamente aquelas que fazem questão de ter o melhor produto de cada especialidade.

produzido e engarrafado por
Drury's S.A. para:
Fabrizio Fasano & Cia.
Rua Maestro Elias Lôbo, 987
Fone: 8-7521 - São Paulo

O bom whisky você conhece no dia seguinte...

Os personagens de Disney estão espalhados pelo mundo inteiro.

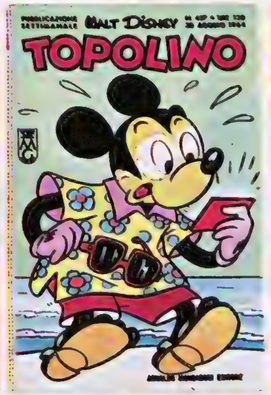
Japão



Austrália

Alemanha

Grécia



Itália

Israel

"Se na estréia de um filme alguém levanta, vou ver se vai mesmo ao banheiro"

"Andei em bonde puxado por cavalos, e bebi num **saloon** e pechinchei com os índios enquanto as bailarinas dançavam o can-can. Então aconteceu que me encontrei em Washington, no Capitólio, e lá estava Lincoln. Mas não era um ator vestido como Lincoln: **era** Lincoln, ressuscitado. Estava sentado numa poltrona e, de repente, piscou, sorriu, levantou-se, pigarreou e começou a falar em liberdade. Uma mulher gritou, assustada. Eu chorei de felicidade. Porque era o primeiro robô igual ao homem. O primeiro **homem** que o homem inventou, a primeira criatura de ferro e plástico.

— O senhor conseguiu — disse-lhe eu. Um pequeno esfôrço de imaginação, e nos divertimos. Mas o senhor, diverte-se?

— Algumas vêzes, não muito. É difícil achar divertida uma coisa que se tenha inventado: nenhuma pessoa de bom senso ri de suas próprias piadas. Eu me divirto mais idealizando as coisas. Mas depois de tê-las levado para a realidade, sinto-me angustiado. Preocupo-me pensando que talvez os outros não estejam se divertindo. É como quando assisto à estréia de um filme: sinto-me desfalecer, esperando pelas risadas do público. Se alguém se levanta, sigo-o para ver se vai apenas ao banheiro. E espero que saia de lá para ter certeza de que volta para a sala de projeção. Nunca apresento um filme de manhã, porque de manhã as pessoas vão muito mais ao banheiro que no resto do dia. Estava contando como trabalhei no projeto do sonho tridimensional. Desenhava de noite e ao amanhecer estava exausto, com a cabeça e os dedos doendo. Depois, quando o projeto ficou pronto, ninguém quis financiá-lo: vendi até meu seguro de vida para comprar aquêles 700 mil metros quadrados de terra em Anheim, perto de Los Angeles. Gastei tudo o que tinha para construir os edifícios, as estradas, plantar a floresta, cavar o leito do rio, o grande lago que imita o mar, o monotrilho, a cidade inteira. E quando pensei que tudo estava acabado, caí em mim. Nada estava pronto, eu precisava continuar pensando, construindo, inventando coisas novas: porque a fantasia não pode parar e o sonho é o movimento perpétuo. Veja o sistema audioanimatrônico...

— O quê?

— Audioanimatrônico. Significa animação com o som, guiada eletrônicamente. Consiste em fazer com que um objeto inanimado movimente-se, fale, viva. Como os elefantes, os crocodilos, os índios da Disneylândia.

Onze anos para construir Lincoln

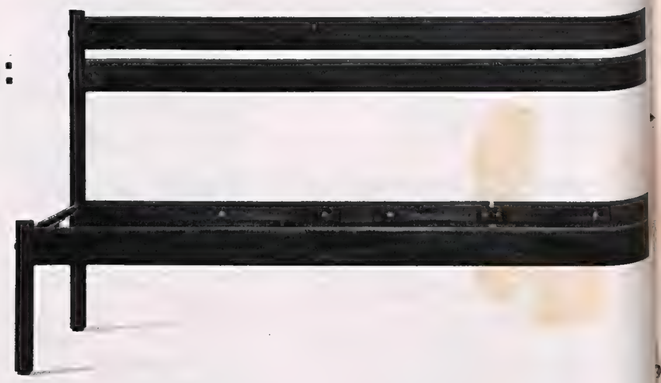
— No início era muito elementar: um motor na junta das articulações e uma vitrola com bateria. Para os pássaros e para as flôres, foi mais difícil: tive de empregar o mesmo tipo de contrôle e válvulas que se usam nos foguetes e astronaves. E para Abraham Lincoln foi ainda mais complicado: tudo é registrado numa fita — sons, movimentos, efeitos de luz — e comunicado ao objeto por intermédio de impulso de rádio. Levei 11 anos para construir Lincoln, e gastei alguns milhões de dólares. A figura, em si, não era problema: o material empregado é uma espécie de plástico chamado **duraflex,** sua consistência é igual à da pele humana, e a flexibilidade é a mesma. Os olhos são aquêles que os oculistas implantam nos cegos, os dentes não passam de uma simples dentadura. A dificuldade estava mesmo em obter movimentos perfeitos, sobretudo nos músculos faciais, nos lábios, na língua, nos olhos. Compreendi que estava muito mais perto da perfeição quando uma senhora surda me disse: "Entendi tudo o que êle dizia pelos movimentos dos lábios". O meu Lincoln é capaz de fazer 48 movimentos com o corpo, 17 movimentos com a cabeça e, teòricamente, é possível obter de sua parte 275 mil combinações de gestos. Mas tem uma falha: sabe sòmente sentar-se e levantar-se, não anda. Eu quero que êle ande. E quero construir outros que andem, falem, ajam e nos contem o passado para enviar-nos ao futuro. Quero Jefferson, Washington, Platão, Aristóteles, Homero, Dante, Galileu. Acha que é uma loucura?

— Não. Não acho.

Ontem estive também em Glendale, onde está a fábrica dos seus robôs, a **WED Enterprises.** Êle a fundou em 1952, admitindo dezenas e dezenas de engenheiros, arquitetos, físicos, químicos, especialistas em eletrônica, aos quais entregou seus sonhos para torná-los realidade

SEGUE

Diga com franqueza: v. conhece outra mobília



tão desmontável?

Quando comprar móveis, pense também nas mudanças (inclusive mudanças para outra cidade). Se os seus móveis forem MC, uma simples chave de fenda reduz todos a um volume ridículo, que torna barato o frete e diminui o risco de avarias (e são sempre os estofados que sofrem mais!). Por falar em estofados: possuem tôdas as vantagens da linha MC - permitem fácil substituição de partes, têm acabamento total, nunca saem da moda etc. - e além disso, oferecem a grande vantagem de possuir monofio de nylon, isto é, molejo sem molas nem rangidos.

MC MOBILIA CONTEMPORANEA

Lojas em São Paulo - Rio - B. Horizonte - Curitiba - Belém - Goiânia - Salvador.

"Eu não gostava muito de desenhar. Na verdade, nem sou um bom desenhista"

Homens e mulheres, de avental branco, trabalham como cirurgiões entre braços, pernas, cabeças, que um dia serão criaturas. Não pude deixar de pensar no que isto tem de profano, mas ao mesmo tempo tem algo de realmente heróico. Num canto havia três esqueletos: verdadeiros. Walt os compra em Calcutá e em Ceilão para fabricar os **seus** sêres humanos. Isto me chocou um pouco: aquêles pobres mortos, pendurados pelo pescoço, em lugar de descansar debaixo da terra. Mas depois pensei que seria uma coisa maravilhosa que nossos esqueletos pudessem servir sempre para ressuscitar alguém, dar uma ilusão de vida. Se êle quiser o meu, quando estiver pronto, eu o dou.

Os adultos honestos continuam crianças

Poucos minutos depois que me vi assustada com seus mecanismos fantásticos, sua filosofia estranha, êle já está falando inocentemente do bem: é novamente uma criança. Esta última parte do seu monólogo acontece num escritório ao qual se chega passando por uma sala cheia de prêmios: centenas de estatuetas, taças, placas, medalhas, Oscars colocados aqui e ali, de qualquer maneira, em cima dos armários, nas estantes, nas mesas. Mas na sua está apenas uma estatueta ao lado da fotografia dos netos, o Oscar que recebeu em 1928, quando desenhava sòzinho.

— Eu não gostava muito de desenhar, e quando parei foi um alívio; na verdade, nem sou muito bom desenhista. Os que aprenderam comigo são bem melhores do que eu. O que me interessava era encontrar a criança em cada um de nós. Como a Disneylândia, Mickey Mouse não foi concebido por uma mente infantil: foi sempre um diálogo com aquêles que eu chamo de adultos honestos, quer dizer, aquêles que não se envergonham de ser substancialmente criança. A que idade deixa-se de ser criança? Aos seis, dezoito, trinta, sessenta anos? Se se fôr honesto, nunca: a curiosidade, o entusiasmo, a vontade de chorar e rir são virtudes das crianças. Um adulto incapaz de ser criança não pode sentir prazer na vida. Veja só êsses sofisticados, êsses superintelectuais que eu quero mandar para o zoológico. Que prazer êles têm em viver? Não se entusiasmam por nada, nada os diverte, estão sempre entediados, e êles mesmos são maçantes; preocupam-se sòmente com o que pensam os outros e nunca se sentem à vontade. Êles levam uma vida de velhos, uma vida que é uma migalha de vida. A não ser que tenham uma dupla existência e que, escondidos, leiam Mickey Mouse quando vão fazer pipi. Charlie também pensa assim.

— Que Charlie?

"Chaplin foi quem mais me influenciou"

— Charlie Chaplin, que Charlie quer que seja? No começo, trabalhei com Charlie: sempre escutava seus conselhos porque era meu ídolo, meu protetor. Êle dizia: "Lembre-se, Walt, que se deve olhar para as crianças como possíveis adultos e aos adultos como possíveis crianças. Devemos dizer coisas claras para a inteligência de ambos. Fazê-los rir e depois descansar. Chorar e depois descansar". Portanto quando me perguntam quem mais me influenciou, respondo: Charlie. Quando desenhava Mickey, eu pensava em Carlitos, êsse homenzinho gozado, corajoso, indefeso. Mickey Mouse, como Carlitos, nunca faz nenhuma malvadeza, mas faz com que se tenha esperança. Suas histórias têm um final feliz. Os sofisticados, superintelectuais, reprovam-me o final feliz. Dizem que não é realista. Não, não é. A verdade é suja, e constantemente a sujeira está em tôda parte, é só procurar. Também a encontramos sem procurar. Mas não quero procurar, nem quero encontrá-la. Eu acredito que, depois da tempestade, sempre aparece o arco-íris. Todos precisamos do arco-íris, eu também preciso dêle, é por isso que quero dá-lo para todos. Que seja ou não uma ilusão. Então, dou a todos um parque onde as flôres cantam e onde os leões não comem ninguém. Mostro a Cinderela que se casa com o Príncipe Encantado, e os dois vivem felizes para sempre. E o oceano com as sereias — e que me importa que seja apenas um lago de poucos metros de profundidade? Fabrico o Lincoln que fala em liberdade — e que me importa que seja apenas um boneco de **duraflex?** Faço um filme sôbre **Mary Poppins,** que é uma boa môça e canta com as crianças. E depois, quando descubro que os homens não valem muito e que são sòmente animais com menos sabedoria que os outros, então os trato como se merecessem muito. Como se merecessem a paz, inclusive.

O velho homem de relações públicas já está reanimado, seus olhos brilham alegremente, como se acabasse de lhe dizer que voltou aos 20 anos, e que o futuro é seu. Walt continua:

— É claro que sou otimista! Um otimista bastante esclarecido por saber que o progresso consiste em dois passos para frente e um passo para trás: e êsse passo para trás não quer dizer que o progresso não existe. Da mesma maneira que o bem existe. Sim, existe! Há muita ruindade no mundo, uma ruindade inevitável, às vêzes necessária.

SEGUE

"Não tenho mêdo da pólvora, da bomba, dos foguetes"

Mas também há o bem. Tudo o que me aconteceu foi para o bem: estava preocupado porque só tinha duas filhas, nenhum filho; mas eis que as filhas se casam e me dão dois genros que são dois filhos ótimos. Estava aflito porque, com a chegada do cinema falado, os desenhos animados não interessavam mais ninguém, e eis que aplico o som também e todo mundo se apaixona pelos bonecos que falam. Estava desesperado porque, depois da guerra, já ninguém sentia atração pelos desenhos animados, passei por épocas péssimas, e eis que faço um filme sôbre os animais e todo o mundo começa a gostar de animais. Aquêles que entregam os prêmios pela Paz olham o bem como se fôsse algo excepcional: eu não, porque estou convencido de que o bem é a base de tudo. Se não percebemos isto, é porque se faz publicidade do mal: quem violenta uma môça ou bate na mãe está sempre nos jornais; quem salva a môça e respeita a mãe nunca tem o nome nos jornais; o bom samaritano nunca é notícia. Mas os bons samaritanos existem e, graças a êles, o mundo consegue melhorar: já não é melhor do que há 500 ou 5 mil anos? Não são os homens mais livres, mais dignos do que eram 500 ou 5 mil anos atrás? Eu tenho confiança no futuro. E não temo a pólvora, a nitroglicerina do senhor Nobel, a bomba, os foguetes. Usemos a pólvora, a nitroglicerina, a bomba, os foguetes, e tudo o mais, para nos transformarmos, para ir onde queremos, onde os sonhos, as ilusões e as fábulas nos levam! O importante é não envelhecer nunca.

— **E quando Walt Disney não viver mais?**

— É uma coisa que me pergunto sempre, e sempre me respondo que ainda tenho tudo o que tinha quando nasci, menos as amígdalas. Portanto, hei de durar ainda um pouco. É necessário, minha cara, necessário: tenho tantas coisinhas para fazer ainda. Devo construir ainda duas cidades: já comprei o terreno. Uma cidade de inverno nas montanhas cheias de sequóias, entre São Francisco e Los Angeles (eu gosto de esquiar) e uma cidade de veraneio, em Orlando, na Flórida. Esta se chamará Disneylândia, e veja que idéia: divido-a em duas partes. Numa, coloco o Hoje, na outra, o Amanhã, e...

Senhores de Estocolmo, austeros senhores que nunca ouviram uma flor cantar, nunca voaram igual a Peter Pan, nunca viram uma sereia, nunca choraram em frente de um robô, nunca riram com os Três Porquinhos, nunca usaram um esqueleto para fazer o bem, senhores de Estocolmo, entreguem-lhe o Prêmio Nobel. Para Walter Elias Disney, que mora em Los Angeles, Estados Unidos. Mesmo que êle não o queira. Mesmo que depois, com o prêmio, êle faça um barquinho e vá brincar com êle na banheira, sacudindo a cabeça. Com uma gôta quieta de melancolia nos olhos. FIM

No meu banheiro eu exijo a qualidade ATMA

Porque todos os assentos sanitários ATMA são sanitizados.* Isto quer dizer: O plástico recebe uma imunização que o protege a vida tôda contra as bactérias e os germes. Além disso, os assentos sanitários ATMA são resistentes, duráveis e apresentados em bonitas e variadas côres. Uma delas, pode notar, sempre combina com as peças do seu banheiro. Sòmente a ATMA tem vários modelos diferentes, para facilitar sua escolha.

Uma exclusividade ATMA

O Vigilante RC é o responsável pela qualidade dos produtos

ATMA PAULISTA S.A.
Rua do Curtume, 434 - São Paulo

Os maquiadores de Hong-Kong preferem o Pó Compacto Coty.

Porque adere bem à pele, tem transparência, é fino, tem perfume suave...

...nunca resseca nem empasta, e é apresentado agora também em nova e linda embalagem.

No Brasil e nos demais centros de beleza de todo o mundo, o Pó Compacto Coty é recomendado pelos melhores maquiadores e usado por uma grande maioria de mulheres elegantes (A moda é internacional.)

uma criação Coty
Paris-New York-Rio

Recife, outubro: 50 mil adultos estão indo à escola pela primeira vez em suas vidas. E nos próximos cinco anos uma surpreendente cruzada pretende recuperar um milhão de analfabetos.

É HORA DE APRENDER

Nem bem chega de sua visita de inspeção, a supervisora Valdívia procura o diretor. Surgiu um problema sério na escolinha 63 do morro José do Pinho: a alfabetizadora Nilza Dias, que dá aula para 16 adultos, transgrediu o regulamento e sua classe acaba de ser suspensa. Agora é preciso decidir se ela vai ser expulsa e, nesse caso, arranjar imediatamente uma substituta.

Nilza Dias mentiu. A idade mínima para poder dirigir um núcleo de alfabetização é 14 anos. Ela aumentou para 15 e manteve a mentira até quando pôde, mas acabou sendo descoberta. Os próprios alunos — um dêles com mais de 60 anos — já sabem que ela tem 13 anos, e o caso está criado.

O diretor quer ouvir a môça. Nilza é chamada e acaba contando tudo:

— Se eu não mentisse, não botava a classe. Foi por causa de minha avó. Ela é analfabeta mas disse que só assistiria às aulas se minha tia fôsse também. E titia falou que tinha vergonha de professôra e só entraria no curso se eu é que fôsse ensinar. Não tenho nem 13 anos, estou com 12 agora, mas não quero perder a classe. O pessoal vai indo tão bem.

Depois de ouvir a môça o diretor chamou a supervisora Valdívia:

— Lavo as mãos. A senhora assista a uma aula da professorinha mentirosa para ver se os alunos vão realmente bem, se ela tem condições de continuar, apesar do regulamento. Do contrário, expulsão e pronto. A responsabilidade é sua. Até logo.

Êste era o segundo caso, numa semana, que Valdívia tinha que resolver. O primeiro tinha sido numa turma de professôres voluntários que ela estava preparando. No quinto dia de aula, um dos futuros alfabetizadores — que vinha tendo aproveitamento excepcional — disse que queria falar com ela em particular. E falou:

— Olhe, Valdívia, eu tenho muito pouco em comum com adultos analfabetos. Estou aqui por sua causa; e só continuo se você fôr minha namorada.

A turma ficou com um a menos.

No caso da professorinha Nilza Dias, o coração também entrava em jôgo. Valdívia foi assistir à aula da menina. Viu-a recapitular, em côro com a classe, a lição anterior. O interêsse dos alunos era impressionante, não perdiam uma de suas palavras, um de seus gestos.

— E agora vem ao quadro-negro a senhora, mãe Maria.

Uma velha ainda firme, empertigada, caminhou até o quadro, escolheu o giz, ajeitou-o na mão direita. Valdívia sabia que a velha era a avó de Nilza. A menina ordenou com autoridade:

— Escreva aí: **Tito viu a vaca.**

As palavras nascendo, uma a uma, mais desenhadas que escritas, nas letras de imprensa aprendidas na cartilha. Quando a frase ficou pronta, Valdívia quase chorou de alegria. Mas a professôra não estava satisfeita: SEGUE

Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas.
Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno.
Signal é garantia de hálito puro.

Signal

O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.

Sig

Listas publicidade internacional

ALFABETIZAÇÃO CONTINUAÇÃO

Cruzada tem até espião

— Mãe Maria, leia o que a senhora escreveu e me diga se não está faltando nada.

— Ti-to-viu-a-va-ca — soletrou a velha com grande esfôrço.

— Mas está faltando alguma coisa, mãe Maria. Repare bem. Leia de nôvo e veja se não tem nada esquisito, alguma coisa cambaia.

A velhinha corou, trocou de perna, quase se perdeu. Mas pedindo socorro nos olhos da neta viu nêles um sorriso de confiança. Voltou a fixar-se na frase escrita e fêz a descoberta: apanhou ràpidamente o giz e cortou o **t.**

— Muito bem, mãe Maria. Agora está bem. Vamos, classe, vamos ler o que mãe Maria escreveu.

— Ti-to-viu-a-va-ca — respondeu um côro de vozes roucas.

— Ótimo. Mãe Maria pode sentar-se. Agora vem ao quadro **seu** Osmar.

Comovida, Valdívia resolveu ir embora. Mas tinha que dar uma resposta à sua ex-suspensa professorinha. Pensou em dizer muitas coisas, porém na saída mal conseguiu juntar umas palavras:

— Até mais, dona Nilza. Acho que vem chuva...

Um movimento educacional com ardor místico está movimentando os bairros pobres de Recife e algumas cidades do interior de Pernambuco. Já chegou também à Paraíba e a Sergipe e está para atingir Ceará, Bahia e Alagoas. O objetivo é combater o analfabetismo adulto no Nordeste. Hoje, nas várias áreas de trabalho, há 50 mil alunos. E espera-se contar com meio milhão em agôsto de 1967, num plano de alfabetizar um milhão de nordestinos em cinco anos.

É a Cruzada ABC — Cruzada de Ação Básica Cristã. Nasceu num colégio protestante de Recife e atualmente é uma sociedade civil, com aproximadamente 300 funcionários. São **os bodes,** têrmo que os nordestinos usam para designar os protestantes.

O programa da Cruzada firma-se em três pontos: 1) — a administração e orientação do plano correm por conta da sociedade, que busca recursos nas firmas particulares do Brasil e do exterior; 2) — o material didático e as despesas com os alunos são pagos pelo govêrno dos Estados Unidos, através da **Aliança para o Progresso;** 3) — a Sudene funciona como supervisora, recebendo a verba e administrando-a.

Dessa verba foram utilizados um bilhão de cruzeiros. Há outros três bilhões em processo de aplicação e mais sete bilhões para a seqüência do programa.

— Quanto mais trabalharmos, mais dinheiro virá — diz o professor Augusto Pinto, um dos diretores da Cruzada — e vamos provar a nossa capacidade de empregar bem êsse dinheiro.

A técnica é militar

A Cruzada trabalha com técnica militar. Escolhe um bairro a ser atacado e envia para lá um **espião.** Êste, depois de três dias de levantamento, prepara um relatório preliminar em que observa a concentração de analfabetos e faz previsões sobre os recursos humanos do lugar. O relatório vai para a sede da Área de Trabalho (há três em Recife) e ali é entregue a um **coordenador de comunidade** que foi treinado durante três semanas. O coordenador então assume o comando da Cruzada no nôvo núcleo e ali se estabelece. Aluga uma sede e inicia o trabalho de propaganda, tornando a Cruzada conhecida em todo o bairro, relacionando ao mesmo tempo as pessoas que se disponham a ser alfabetizadoras. Após um curso de três semanas em que são preparados os professôres voluntários, êstes, em lugares que êles próprios encontrem, começam o programa de alfabetização.

O professor-alfabetizador é voluntário, mas recebe quinzenalmente uma compensação pelo seu trabalho: SEGUE

Nilza era menor, não podia ser professôra, e sua tia queria aprender só com ela: a menina falsificou a idade.

Perguntamos a 10 pessoas se desejavam ingressar no Montepio da Família Militar.

Seis responderam "sim".

Três já eram associados.

O décimo disse que ia pensar...

MONTEPIO da Família Militar
(PARA MILITARES E RESERVISTAS DE TÔDAS AS CATEGORIAS)
ANDRADAS, 1258 - PÔRTO ALEGRE - RS.

MFM

Salário de mestre é fubá

Um quilo de farinha de trigo, fubá ou leite em pó, e um litro de óleo. Cada alfabetizador tem 15 alunos; se conseguir alunos para dois ou mais períodos, forma novas classes e recebe tantas provisões de alimentos quantas classes tenha. A maioria tem uma só; dezenas têm duas e vários têm três.

Ensino cabe em todo lugar

— Meu santo de frente é Oxum — diz Luzinete, interrompendo sua aula. Ela é filha de santo no xangô de Severino em Casa Amarela e, desde janeiro, alfabetizadora de duas turmas — ambas à noite, como quase tôdas as classes.

Assim como a escolinha de Luzinete funciona num terreiro, outras funcionam diante de um altar-mor de igreja católica (em quatro paróquias cujos padres são americanos), atrás de um púlpito batista, num centro espírita, no clube de dominó ou na penitenciaria. A sala de aula é qualquer canto onde caibam 15 pessoas, principalmente os próprios barracos. Muitos dêles não têm bancos e os alunos levam os seus de casa. Outros se iluminam na base do fifó, lampião de querosene que ainda tem grande uso nos mocambos de Recife.

O analfabeto sempre tem razão

A grande movimentação que a Cruzada provoca quando vai iniciar o trabalho num nôvo núcleo gira em tôrno dos professôres voluntários. Todos os líderes naturais da comunidade são procurados para colaborar. E os voluntários surgem em grande número. A maioria não tem o curso primário completo, mas aparecem alguns de nível universitário, como o advogado que mantém escolinha em Casa Amarela, o padre norte-americano com paróquia no Jordão, e um major aposentado. Os poucos estudantes de universidade, ou mesmo de curso colegial, que se apresentam como voluntários é explicado pelo fato de os núcleos estarem funcionando na área dos mocambos. O grosso é de gente humilde, do próprio bairro, geralmente acolhendo como alunos seus próprios parentes ou parceiros do clube de futebol, de dominó ou baralho.

Enquanto fazem o curso de preparação — três semanas — os futuros professôres vão recrutando os analfabetos e procurando o lugar onde funcionará sua classe. Cada alfabetizador precisa reunir 15 alunos, e isso geralmente é o mínimo que consegue. Dona Andrelina, do Zumbi, apareceu com 118 analfabetos, e queria lecionar para todos. Só a custo consentiu em ceder seus excedentes para outros alfabetizadores.

No curso de preparação, o alfabetizador entra em contato com a cartilha e recebe noções sôbre três coisas: a) Psicologia do Adulto; b) Método de Ensino; c) Objetivo da Cruzada.

O método tem uma linha geral: "o analfabeto adulto é como o freguês — sempre tem razão". Êle nunca erra, ou pelo menos o professor jamais deve dizer que êle está errado. Tem que capitalizar o engano do aluno para, partindo daí, levá-lo a aprender alguma coisa nova ou despertá-lo para uma curiosidade sugerida pela palavra ou sentença.

Quando um grupo de alfabetizadores — normalmente de 30 — encerra o cursinho de preparação, há uma festa no bairro. No maior salão que estiver disponível, quase sempre um prédio do Estado ou o salão paroquial. Várias autoridades são convidadas para a formatura, a turma escolhe o seu orador e a solenidade se desenrola entre números de canto, declamação e música. Ao final, há uma mesa de doces que os próprios formandos levam, e refrigerantes oferecidos pela Coca-Cola. SEGUE

No quintal ou na penitenciária, quem quer aprender encontra quem ensina.

Lafer não quer que V. ache esta poltrona bonita.

Lafer quer que V. sente-se nela.

Esta é a poltrona da nova linha Lafer MP 13.
O revestimento é de Plaviroy, da Plavinil, plástico reforçado de luxo, que supera as qualidades do couro natural.
A estrutura é de jacarandá da Bahia, maciço.
A poltrona Lafer MP 13 foi cuidadosamente estudada, como todos os produtos Lafer MP.
Se depois de saber disso, e de ver esta poltrona de perto, V. não sentir vontade de comprá-la, sente-se nela.
Largue o corpo, afunde-se, e peça para o vendedor mostrar o sofá e a mesa, que completam o conjunto.
Adivinhe o que vai acontecer.

plaviroy Plavinil – DM Lafer MP

Mulher domina as aulas

No dia seguinte começam as aulas. E os candidatos à alfabetização vão surgindo, sempre o dôbro do que a Cruzada pode acolher.

Fome também vai à escola

Seu Antônio Bento e a mulher se matricularam numa escolinha da Cruzada, no Pina. A facilidade com que o casal aprendia entusiasmou logo a professôra. Era escrever no quadro qualquer palavra e já um dos dois, mais que depressa, cantava a leitura. Na primeira visita que as supervisoras fizeram à escolinha, a professôra contou o caso, tôda orgulhosa. Mas as supervisoras não ficaram tão encantadas e resolveram fazer um teste com o casal. Acabaram confirmando o que vem acontecendo com bastante freqüência: muitos alfabetizados se matriculam na Cruzada em busca dos alimentos que são distribuídos, de 15 em 15 dias, como prêmio de assiduidade. Antônio Bento confessou que a dupla ração — dêle e da mulher — é que vinha movimentando sua cozinha há três meses.

Numa das classes do morro da Conceição foi descoberta uma aluna que estava na segunda série ginasial. **Seu** Osório, da ilha de Joaneiro, resume:

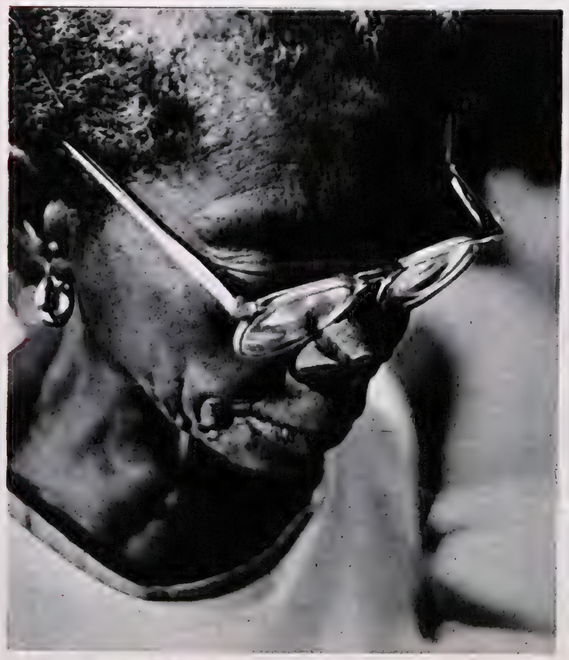
— Tem muita gente aprendendo a ler por **acaso.** Êles vêm mesmo é atrás da farinha e do óleo.

Nesta primeira fase, a Cruzada está atacando os núcleos mais pobres, onde o recrutamento de analfabetos é mais fácil. A ilha de Joaneiro, em Recife, é exemplo típico. Como muitas **ilhas** da cidade, a de Joaneiro é artificial, formada pelo lixo atirado nos mangues e na maré. A cada chuva a água invade tudo e, mesmo no maior verão, Joaneiro não seca completamente. Tem hoje 1.209 barracos onde vivem 6.600 pessoas. As condições sanitárias de Joaneiro são as mesmas de todos os mocambos de Recife; e 40,3% das habitações de Pernambuco são mocambos. Dos 1.209 barracos, só 177 têm fossa e privada. Só oito têm lavatórios. Em nenhuma rua há coleta de lixo, que é misturado à lama. 47,8% dos óbitos são devidos à diarréia e doenças transmissíveis — tuberculose, difteria e sífilis, principalmente. A mortalidade infantil está em tôrno de 300 por mil e a expectativa de vida é de 40 anos. Entre desempregados e semi-empregados estão 70% da população masculina.

Nesse campo de trabalho — que é quase tôda a área de ação da Cruzada em Recife — não é de estranhar o grande número de inscrição de alunos por causa da compensação em alimentos. E 80% dos matriculados são mulheres, mais dispostas a enfrentar a fila quinzenal de três ou quatro horas para receber o prêmio. Essa situação está levando a Cruzada a estudar um projeto paralelo de assistência médico-social para aplicação numa comunidade-pilôto. O plano inclui um trabalho de limitação de natalidade, por sugestão dos técnicos da **Aliança para o Progresso.** No setor de saneamento, todo o esfôrço será concentrado na construção de fossas assépticas, como primeiro passo para combater as verminoses, que atacam de 90 a 100% da gente dos mocambos. No campo da nutrição serão incentivadas a formação de hortas, a criação de galinhas e ainda a venda de alimentos com alto índice de proteínas para corrigir e melhorar a dieta alimentar. A ingestão de calorias pelas populações dos mocambos é um têrço da média brasileira que já é baixa.

Urubu começa com A

Ao se matricular, o adulto analfabeto (idade mínima, 14 anos; idade máxima não existe, havendo uma aluna de 78 anos) recebe uma Cartilha da Cruzada, um caderno, um lápis e uma tábua para apoio. Tudo com o carimbo da **Aliança para o Progresso.** SEGUE



Vovó saiu de casa para aprender a ler; a arara saiu da cartilha porque lembrava as piadas de papagaio.

Para fabricar o melhor esparadrapo, por onde V. acha que nós começamos? Pelo desenho das máquinas. Que nós mesmos fabricamos (e ainda exportamos!).

Nosso Departamento de Engenharia desenha e nossas próprias oficinas mecânicas constroem a maioria das máquinas especiais para a produção de artigos cirúrgicos, hospitalares e de consumo popular, que levam a marca Johnson & Johnson.

Exagêro? De forma alguma.

Fazemos questão de exigir o máximo de nós mesmos.

Atingimos um nível tecnológico tão elevado neste setor, que hoje podemos inclusive exportar... máquinas!

Para as Filipinas, África do Sul, Colômbia, Venezuela, Peru, Argentina. Beneficiando outros países, trazemos divisas para o Brasil.

Como se vê, a nossa "mania" de qualidade nos levou bem longe. Mas, qualidade é uma coisa que já está nos nossos hábitos. Fazemos isso há quase 100 anos.

Continuaremos a fazê-lo.

Johnson & Johnson

Urubu saiu da cartilha

A cartilha é feita com base no método Laubach, que parte do som das palavras e daí para as letras. Está na quarta edição, com assistência do Instituto de Verão da Universidade de Brasília. Para a edição atual, a Cruzada fêz antes um levantamento do **universo vocabular** do nordestino, para não deixar que palavras incomuns ou de duplo sentido permanecessem. A pesquisa, feita com gravador, ocupou 50 fitas magnéticas, dos dois lados. Ouvindo **seu** Luís Dantas, um tirador de carnaúba no Ceará, o pesquisador gravou a seguinte expressão: "A carnaúba é uma riqueza. Nós manda ela pra muitos Estados, como os Estados Unidos e a Oropa e dela se faz muita coisa que a gente nem sabe, como fita de gravador, discos de eletrola e até discos avoador".

Com base na pesquisa vocabular, muitas palavras que figuravam nas edições anteriores foram retiradas. Outras entraram. Urubu saiu: a) porque era difícil convencer alguns de que urubu não começava com **a;** b) porque, para o nordestino, urubu dá azar e encontrá-lo na cartilha, desenhado, era de mau agouro.

Arara também saiu, porque era inevitável que alguém se lembrasse de alguma história que envolvesse o papagaio, seu parente próximo. Edifício era a palavra-base para fixação do som **E,** mas teve que ser substituída por **Ele,** apesar da eventual complicação com o acento circunflexo. É que o nordestino diz É-difício, e não consegue encontrar nessa palavra nenhum som de **E** fechado. O mesmo acontecia com **Escola,** em que a metade da classe dizia És-cola e outra metade Is-cola. A conclusão da cartilha foi que, no Nordeste, o **E** fechado só existe nas palavras com acento circunflexo; nas demais, ou é **É** ou **I.**

Uma expressão inteira foi retirada por dúbio sentido: "A arara deu o dêdo a vovô". Para o nordestino, **dar o dêdo** é uma afronta equivalente a **dar banana.**

Por fôrça da pesquisa, novas palavras foram encaixadas no texto da cartilha: família, trabalho, mulher, **mercurocromo,** Deus e religião. Estas duas últimas por deliberação da diretoria da Cruzada.

Alfabetização e escolarização

O programa da Cruzada prevê duas fases distintas de trabalho: a primeira, que está se fazendo agora, de cinco meses, é a chamada de alfabetização. Concluindo-a, o adulto saberá escrever o nome, e, talvez, redigir um bilhete elementar. Vem depois a **escolarização,** prevista para dois anos, em turnos de cinco meses. Com ela o aluno receberá um certificado equivalente ao do curso primário, com a possibilidade, pois, de ingressar no ginásio. Quando começar a fase de escolarização não haverá mais distribuição de alimentos e a deserção de alunos deverá ser grande, segundo os cálculos da Cruzada. Os professôres, na fase supletiva, não mais serão voluntários, e dêles se exigirá um mínimo razoável de condições para ensinar, o que hoje não conta muito.

Atualmente, a Cruzada desenvolve dois tipos de atividade. O primeiro, que começou em Recife e agora está se espalhando para cidades do interior e alcançando outros Estados, é o do voluntariado. A Cruzada apenas faz a promoção do curso, dá orientação pedagógica e fornece material escolar. Alunos, salas e professôres são do próprio lugar, sem remuneração em dinheiro.

O outro tipo de atividade é o que se origina de convênios entre a Cruzada e governos de Estado. O Estado paga os professôres, dá as salas e fiscaliza o programa, cabendo à Cruzada o fornecimento da cartilha, dos cadernos e do método. Há dois convênios firmados e funcionando: com o Govêrno da Paraíba, onde há cêrca de 30 mil alunos; e com Sergipe, com perto de 6 mil alunos matriculados. Estudam-se agora convênios com os Estados da Bahia, Ceará e Alagoas.

SEGUE

Se o filho não atrapalha, vai junto também, pois quem não falta ganha um prêmio (alimentos) de 15 em 15 dias.

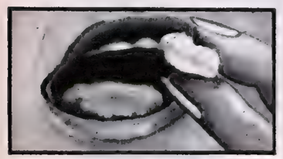
Todos os dentinhos que vão nascer precisam muito de **NENÊ-DENT**

Quando o nenê chora, fica irritado... e não pára de chorar, em 80% dos casos são os dentinhos que estão querendo nascer.

Ao nascer, o dentinho força o tecido, provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Com Nenê-Dent - o nenê fica tranqüilo, não perde o apetite, não tem febre e dorme satisfeito. Pais descansados, Nenê contente... com Nenê-Dent.

colábor

NENÊ-DENT

ALFABETIZAÇÃO

CONTINUAÇÃO

João aprendeu só de raiva

A par de seu filão central de trabalho, a Cruzada ABC tem ainda o que chama de "projetos especiais". Entre êstes está a alfabetização nas penitenciárias, a preparação de elementos do Exército para ensinar recrutas a ler, e um programa voltado para a zona Rural, em acôrdo com os Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Pernambuco.

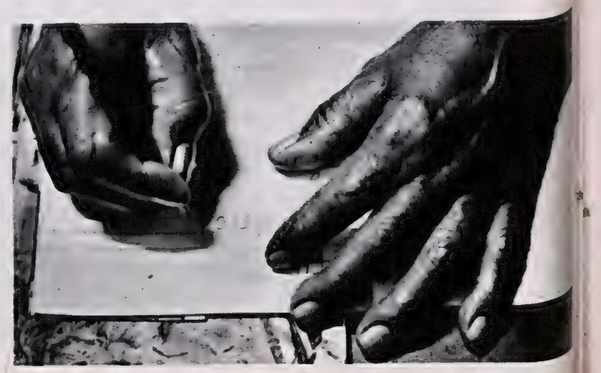
Enselentismo
snr governador

"Já sei acinar meu nome e ler alguma coisa graça Adeus. E já tirei meu tito", diz numa carta ao "Enselentismo snr. governador" a aluna Alaíde Clemente da Silva. A carta era um exercício de aula mas a referência ao título de eleitor foi feita por sua conta. Calcula-se que mais de 60% dos alunos que concluírem o programa atual da Cruzada — a pré-fase — terão condições de tirar seu título de eleitor: saberão copiar um requerimento e assinar o nome.

Mas nem todos se matriculam por causa do título. João Mariano, de um núcleo no bairro de Mustardinha, disse que tinha se matriculado "de raiva, porque duas vêzes já tumei ônibus errado por não distinguir as letras do itinerário". Chico de Assis, no Pina, falou que estava estudando por vergonha de ver seu menino de nove anos saber escrever e êle não.

A maioria dos alunos da Cruzada está motivada pelo fato de que, alfabetizando-se, poderá encontrar trabalho regular. As mulheres esperam que a escrita melhore um pouco a sua vida mas não sabem direito como.

Uma coisa é certa. A Cruzada está provocando uma onda de entusiasmo nos mocambos de Recife, que pode ser sintetizada na frase de Antônio Luciano, operário que estuda na escolinha do morro das Areias: "Ontem, quando fui receber na fábrica, o capataz ficou até espantado. Em vez de borrar o dedão, eu fiz foi escrever meu nome na fôlha".



máscara de beleza **Fascínio** reavivadora de beleza pelo frio sêco

Há horas ingratas para a sua beleza. Quando você se levanta é uma delas. Examine com cuidado seu rosto. Os tecidos apresentam uma flacidez desagradável por debaixo dos olhos, chegando a formar uma espécie de "papo caido" sob as lacrimais. As rugas incipientes do canto dos olhos aparecem mais vincadas (pés-de-galinha). Certamente não lhe agrada muito olhar no espêlho logo pela manhã e o mesmo acontece no fim de um dia difícil, em que você esgotou seus nervos trabalhando e atendendo compromissos nem sempre agradáveis, pois seu rosto acusa todo êsse esfôrço. Êsses males são hoje combatidos e evitados pela terapêutica do frio no tratamento da beleza. A solução surgiu com a "Máscara de Beleza Fascinio" já comprovada nos Estados Unidos e Europa. A Máscara de Beleza Fascinio transforma seu rosto, revigorando a pele e fazendo de você uma mulher mais confiante.

A Máscara de Beleza Fascinio deve ser envolvida no protetor que a acompanha e guardada na geladeira. Para colocá-la, você deve afivelá-la por detrás da cabeça.

A ORGANIZAÇÃO AMF DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
Alameda Dino Bueno, 579 - Fone: 51-1662 - São Paulo

Aproveitando o preço especial de lançamento da Máscara de Beleza Fascínio a Cr$ 8.000 cada uma, solicito a remessa de (quantidade)... para o que estou enviando:

Vale Postal .....
Cheque Visado .....
Solicito folheto explicativo GRÁTIS .....
Nome .....
Endereço .....
Cidade ..... Estado .....

- Obs.: Aceitamos distribuidores em conta própria, inclusive institutos de beleza.

FASCINIO - ETERNIZA A JUVENTUDE

ÊSTE HOMEM É UM PALHAÇO

Texto de
Roberto Freire

Fotos de
Lew Parrella

Os ônibus param na porta do Teatro João Caetano, em São Paulo. As crianças de uniforme vão descendo, às dezenas, e formando filas. Há um brilho de impaciência nos olhos de cada uma. As professôras do orfanato têm algum trabalho para encaminhá-las em ordem para o interior do teatro. Mas existe uma ansiedade tranqüila enquanto se espera o início do espetáculo.

Três senhores, vestindo grossos casacos — é uma tarde gelada, escura e triste — saltam de um carro e dirigem-se ràpidamente para a entrada dos artistas, no fundo do teatro. São parentes. Pertencem à família Seyssel. O mais velho, Waldemar, pelo jeito de falar, elegância e porte, maneira polida e educação, parece um diplomata. Êles sobem as escadas que levam aos camarins. Meia hora depois, aparecem no palco três palhaços dos mais famosos e queridos do Brasil: *Arrelia, Pimentinha* e *Henrique*.

A criançada aplaude, ri e grita. Depois, em côro, repete junto com Arrelia e Pimentinha o tradicional cumprimento entre os dois palhaços, ao ritmo do *Zé Pereira*:

— Como vai, como vai, como vai; como vai, como vai, vai, vai?

— Eu vou bem!

— Então, muito bem, muito bem, muito bem; muito bem, muito bem, bem bem!

Sempre participando, batendo palmas, rindo as crianças — chegado o final do espetáculo — respondem aos acenos de adeus dos palhaços. Mas nessa tarde ainda tem mais: êles descem para a platéia e vão de fila em fila, cadeira em cadeira, criança em criança, com apertos de mão, abraços, beijos, carinho. Uma menina beija a ponta arrebitada e de cêra do nariz de Arrelia. Nenhuma fica sem um gesto de amor engraçado e no meio daquela alegria aparece o calor da amizade verdadeira, muito terna e antiga, da infância por seu ídolo de sempre: o palhaço.

O senhor Waldemar Seyssel deixa o teatro e entra em seu carro. Antes que o chofer dê a partida, um dos diretores do orfanato traz um garôto para junto da janela:

— Obrigado, senhor Waldemar. O menino também quer agradecer, em nome de seus amiguinhos.

Waldemar Seyssel olha a criança e quase não consegue conter a emoção. Uma lágrima ameaça escapulir de seus olhos. Com indisfarçável timidez aperta a mão do menino. Êste estranha-o e não consegue falar. O carro parte. Depois de um longo silêncio, Waldemar vira-se para Henrique:

— Viu? O Waldemar tem dificuldades para lidar com as crianças. Se estivesse como Arrelia naquele momento, daria um cambalhota na calçada e ficaria rindo junto com o garôto. Não haveria necessidade nenhuma de agradecimento e ninguém sofreria por precisar de ajuda e querer ajudar.

Embora vivendo na mesma pessoa, Waldemar Seyssel e Arrelia são dois homens bastante diferentes. Admiram-se, respeitam-se. SEGUE

ÊSTE PALHAÇO É UM HOMEM

CONTINUAÇÃO

Há muita gratidão de um para outro. Às vêzes surgem problemas nessa amizade de 40 anos, mas não é nada grave e os dois vão tocando para a frente uma vida inteira dedicada à alegria de algumas gerações de crianças brasileiras.

Quem convive com ambos, espanta-se com essas diferenças. E apenas Waldemar gosta de falar nelas. Arrelia prefere rir de tudo.

— Êle é assim mesmo — explica Waldemar — por isso gosto dêle, e as crianças também. Um palhaço que se preza não complica as coisas. Ao contrário, reduz tudo à maior simplicidade, e o que é sério vira brincadeira, o que é triste se transforma na maior alegria.

E procura estabelecer as diferenças de personalidade entre os dois. Bem no fundo, acredita ser Waldemar a matéria e Arrelia o espírito de sua pessoa. Nem todo mundo consegue, quando quer, a felicidade de ver claramente o próprio espírito e conviver com êle. Os palhaços conseguem sempre.

Até hoje, Waldemar acha estranha a forma como se transforma em Arrelia. Pode já estar pintado, vestido, pronto, mas o palhaço só surge mesmo quando corre a cortina, e êle vê e sente o público.

— Então — diz Waldemar — é como se o palhaço fôsse um boneco de borracha vazio que o riso e a alegria repentinamente enchem de vida. E nunca, por qualquer razão, Arrelia deu lugar a Waldemar diante do público.

Um famoso poema de Henrich Heine — *Dor de Palhaço* — conta a história de um palhaço que não pôde chorar pela morte da mãe porque a notícia chegou na hora em que êle devia entrar em cena. Arrelia viveu o mesmo drama. Estava participando de um *show* em Petrópolis e fazia uma pantomima aquática. Quando chegava o momento de se apresentar, soube que sua mãe havia morrido em Barra do Piraí, não muito longe dali, no Estado do Rio mesmo. Arrelia fêz o espetáculo, e o público — comentaram depois seus colegas — riu como nunca havia rido com aquelas cenas.

É espantoso — diz Waldemar — como não consegui me lembrar no dia seguinte e, mesmo até hoje, do que fiz naqueles momentos. Talvez seja resultado do esfôrço desesperado para impedir que o Arrelia soubesse do acontecido.

Waldemar reconhece que às vêzes é agoísta. Mas Arrelia nunca foi, nem se queixa do fato de ter sido sempre explorado por êle. Tudo o que Waldemar tem de melhor na vida veio do palhaço: dinheiro, confôrto, amigos, fama, as grandes alegrias humanas e profissionais.

— E eu só o faço trabalhar para mim, queira êle ou não, como um empresário exigente, implacável — confessa Waldemar, com um sorriso meio encabulado.

SEGUE

VÁ À EUROPA
E VOLTE VIA NOVA YORK
PELA BRITISH UNITED

Em sua próxima viagem à Europa inclua em seu roteiro de volta uma visita aos Estados Unidos. Viaje pelo VC 10, o mais moderno jato comercial e desfrute da tradicional cortesia britânica, preferindo os serviços da BRITISH UNITED, a mais avançada frota aérea da Europa. Aproveite bem sua estada em Londres, utilize, se quizer, as conexões que oferecemos para as principais capitais européias e depois "dê um pulinho" a Nova York completando o roteiro mais agradável para suas férias ou conveniente para seus negócios. E não se esqueça: voar pelo VC 10 da BRITISH UNITED é viver uma experiência inesquecível, um autêntico privilégio. Os motores são Rolls-Royce. O vôo, o mais silencioso e tranqüilo, tal como você deseja

Passageiros de São Paulo serão transportados para o Rio em vôo especial pelos "Dart-Herald" da Sadia.

BRITISH UNITED

Consulte seu agente de viagens ou nossos escritórios - Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B - Tel. 42-4046; São Paulo: Rua São Luiz, 258 - Lojas 32/33 : Tels. 33-7715 e 37-5788.

AGENTES GERAIS DA BOAC NO BRASIL

Waldemar tem 60: Arrelia é quarentão

PALHAÇO CONTINUAÇÃO

Porém, talvez para se aliviar de um sentimento de culpa, faz uma ressalva:

Em compensação, só eu vivo com as preocupações e os problemas do empresário; certamente por isso o Arrelia me perdoa o egoísmo.

Waldemar sente também um certo complexo de inferioridade em relação ao palhaço que inventou, pois ninguém o julga capaz de fazer qualquer coisa bem feita de cara limpa. E Arrelia é espertíssimo, em tudo, muito malicioso, rápido, sabe mágicas, faz acrobacias, doma bichos, tapeia quem quer tapeá-lo e sai sempre por cima em qualquer situação. Já Waldemar é péssimo para negócios, muito tímido, atrapalha-se diante dos outros e, acima de tudo, não tem graça nenhuma. Quanto às suas dificuldades para realizar acrobacias de circo na vida de todos os dias encontra uma desculpa:

— Eu tenho 60 e êle só 40 anos...

Há um único momento em que consegue identificar-se com a sua outra metade — é quando escreve ou inventa quadros, cenas ou piadas para o palhaço. Mas, mesmo assim, a identificação é apenas parcial, pois o Arrelia muda tudo no picadeiro, em função do público. Por exemplo, se vê alguém triste ou sério na platéia, o palhaço só trabalha e faz graça para êsse alguém; até fazê-lo rir. E Waldemar, no escritório, diante da máquina de escrever, não pode prever isso.

Como quase todo mundo, Waldemar Seyssel precisa e gosta de dinheiro. Não gasta muito e arrisca pouco. Arrelia, ao contrário, é famoso apostador, mesmo sem ter com o que pagar. À menor dúvida em relação a qualquer de suas afirmações, entra logo com a pergunta:

— Quer apostar?

No amor também são opostos. Em 1967 Waldemar completa 25 anos de casado. Tem quatro filhos e sete netos. Foi muito feliz nesse casamento, gosta de ficar em casa e é bom marido. Só viaja acompanhado da mulher, com quem conheceu todo o Brasil, boa parte da Europa e dos Estados Unidos.

Arrelia é solteiro, malandro, sempre às voltas com mil mulheres; quando apaixonado é romântico, amoroso. Confiante ao extremo, quase sempre sai mal em suas paixões. Mas não desiste e não se corrige. É um sonhador, e jamais saiu do Brasil.

Waldemar nunca fumou. Arrelia é grande fumador de cigarros, cachimbo e charutos. Waldemar é um bom garfo, mas Arrelia é um comilão terrível não pode ver uma banana na mão de alguém que já quer um pedaço e, se bobearem, êle come tudo. Numa coisa estão de acôrdo: nenhum dos dois gosta de falar de política.

FOTO DE J. TAVARES MEDEIROS

FOTO DE JORGE BUTSUEM

Waldemar, antes de entrar para o circo, estudou até o último ano de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Leu bastante e em sua biblioteca misturam-se os clássicos e os autores brasileiros contemporâneos. Procurando inspiração para suas famosas **comedinhas,** lê histórias infantis de todos os tempos e contos policiais e de ficção científica. Há pouco tempo adaptou **César e Cleópatra,** de Bernard Shaw. E, com um sorriso, diz que obrigou o palhaço a fazer o papel dos dois personagens.

O sorriso de Waldemar se transforma numa boa risada quando êle lembra uma situação embaraçosa em que colocou o palhaço. Só que desta vez foi sem querer: no dia da primeira apresentação pública da televisão em São Paulo, Arrelia fazia parte do **show** que era apresentado de hora em hora para um único aparelho receptor instalado no Clube de Engenharia, na rua Líbero Badaró. O povo fazia fila, e a cada hora um grupo tinha a oportunidade de ver o que era a televisão. As transmissões eram feitas do Hospital das Clínicas. Durante um dos intervalos, de cara pintada, Arrelia debruçou-se no terraço do primeiro andar do hospital para espiar a rua, distraído. Nisso ia passando um casal de velhos, de braços dados. A mulher olhou para cima e na mesma hora cutucou o marido:

— Olha só, Tonho! Que doença feia a do coitado daquele môço!

Waldemar Seyssel pertence à terceira geração de uma ilustre família circense da França.

Augusto, o avô de Waldemar, que iniciou essa tradição, era de origem burguesa. Seus pais, gente muito rica e importante, deserdaram-no quando — tornando realidade uma expressão muito usada — fugiu com a bailarina de um circo que passou por sua cidade. E fêz-se palhaço. Os Seyssel vieram para o Brasil em 1886, numa excursão do então famoso **Circo Fernandez.**

Depois de algum tempo, resolveram criar seu próprio circo. Fernando, pai de Waldemar, logo tornou-se chefe do clã. Era palhaço também. Usava o nome de Pinga-Pulha e trabalhava em dupla com Puxa-Puxa, seu irmão. Daí surgiria um circo que ia ficar célebre: **Irmãos Seyssel.** SEGUE

o espetáculo começa aqui...

Poderá ser um capítulo daquela "emocionante novela".
Ou, mais um desenho animado para a garotada.
Ou, então, um bom jôgo de futebol...
O importante é que a televisão abriu um mundo nôvo de entretenimento para a família.
E, onde quer que você more, quem garante o espetáculo é o TV Colorado RQ — através da máxima fidelidade de som e imagem cinematográfica.
É um televisor incomparável, mesmo nos locais de recepção mais difícil.

COLORADO RQ

O único televisor que tem Reserva de Qualidade

Colorado Rádio e Televisão S. A. — Rua Bueno de Andrade, 732 — Fone: 31-3141 — São Paulo

Waldemar virou Arrelia no tapa

PALHAÇO CONTINUAÇÃO

O aprendizado da arte e técnica circense sempre passou de pai para filho. Com os Seyssel não foi diferente. E o treinamento era diário, puxado. Como a vida do circo era estar um dia numa cidade, no dia seguinte em outra — sempre viajando — da companhia fazia parte um professor, contratado para alfabetização e ensino de Humanidades às crianças. Todo ano elas prestavam exames nas escolas oficiais, recebendo certificados no fim dos cursos. As viagens acrescentaram outro detalhe à família de Fernando: seus dez filhos nasceram cada um num Estado. Waldemar nasceu no Paraná e era o mais tímido e sem jeito para o circo.

Aprendera as técnicas e fôra iniciado nas artes, porém — como não mostrasse interêsse ou pendor especial algum — conseguia escapar das excursões. Então ficava em Campinas, estudando e fazendo companhia à sua mãe doente. Encontrava-se com o resto da família apenas quando o circo voltava a Campinas ou parava em São Paulo. Em 1927, Fernando também adoeceu: o circo estava sem o palhaço principal. Foram feitas várias tentativas com outros membros da família, mas ninguém correspondia ao que Fernando esperava de uma atração máxima.

Foi quando êle pensou em Waldemar. De comum acôrdo com os irmãos, filhos e sobrinhos, resolveu fazer uma experiência com o rapaz. Mas, conhecendo a falta de interêsse e a provável recusa do filho, traçou um plano. A família tôda aprovou-o. No dia marcado, Waldemar foi convidado para assistir ao espetáculo por detrás da cortina. No meio do **show,** o plano entrou em execução: Waldemar foi agarrado à fôrça e, enquanto esperneava e gritava, empoaram-lhe o rosto, vestiram-lhe roupas largas e coloridas e atiraram-no no meio do picadeiro. Foi um tremendo tombo, de mau jeito. Apavorado e com o corpo dolorido, êle se viu cercado por todos os palhaços que riam, faziam micagens e davam-lhe pontapés e tapas. Só com a queda espetacular e extra-programa, o público já havia caído na gargalhada. Cheio de raiva, Waldemar levantou-se, foi em cima de um dos palhaços, agarrou-o pela roupa e deu-lhe violento bofetão. Novas gargalhadas. Mas o palhaço não gostou do tapa e avançou furioso. O jeito era fugir. Desorientado, em lugar de sair pelo fundo, Waldemar, perseguido, saltou para o meio do público, que ria sem parar. Quando conseguiu chegar ao camarim, exausto e com o corpo todo tremendo, ouviu estrepitosa salva de palmas. O pai foi buscá-lo e os aplausos só iam parar depois que êle reaparecesse no picadeiro. O sucesso foi tão grande que seu primo — o palhaço que levou o bofetão — de cara inchada, foi abraçá-lo, comovido. Acabava de nascer um grande palhaço, naquela tarde de 1927, no Largo do Cambuci, em São Paulo.

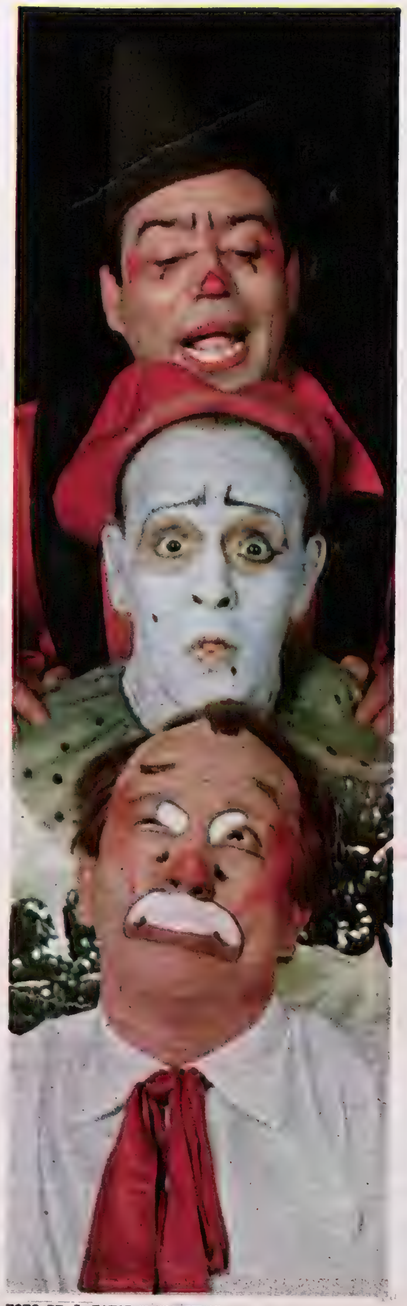


FOTO DE J. TAVARES MEDEIROS

— Até hoje sinto a dor daquele tombo, o mêdo do palhaço que agredi, minhas primeiras risadas e meus primeiros aplausos.

Mas foi mais para cumprir seu dever com a família do que pelo sucesso dolorido da primeira aparição pública que Waldemar resolveu aceitar o desafio: seria um palhaço, sim, porém também alguma coisa diferente e nova.

No outro dia, como era impossível lembrar a máscara que lhe haviam feito às pressas e aos trancos, Waldemar resolveu estudar outra. Começou pela cabeleira. Não recorda como era a original, mas escolheu os desenhos e côres para rosto em função dela.

O nariz começou enorme e êle foi diminuindo-o sempre, até chegar à atual ponta vermelha arrebitada. Depois vinha a bôca. Estudando sua própria fisionomia, notara a necessidade de um ponto móvel no rosto que servisse de atração imediata para o público. Seu lábio superior é longo. Falando diante do espelho, percebeu que movimentava-o exageradamente. Então era por ali — se bem valorizado pela pintura — que forçaria o público a prestar atenção à sua figura cômica. Aumentou o beiço com tinta branca. Com um pouco de côr roxa, alargou o lábio inferior também. Os olhos são pequenos. Para destacá-los, precisava levantar as sobrancelhas. Inventou uma, curta, loira, com os pelos eriçados, aplicados no meio da testa. Duas manchas laterais vermelhas na face, unindo os olhos, orelhas e quase chegando ao beiço branco e estava pronta a cara.

No começo, usou colarinho grande, luvas enormes, e grossa bengala. Mas tudo isso o incomodava, prejudicando o tipo de graça que se sentia capaz de fazer e que dependia muito pouco dêsses acessórios tradicionais. Entretanto, o pai gostava dêles e Waldemar não o queria ferir. A solução foi ir **perdendo** essas coisas, uma a uma. Também as roupas, que eram especiais e largas, êle foi substituindo por menores e, finalmente, passou a usar ternos comuns. SEGUE

Waldemar quer deixar Arrelia de herança

PALHAÇO CONTINUAÇÃO

A bengala foi trocada por uma de tamanho normal. Ficou sòmente a gravata de boêmio do século passado, porque Waldemar sente na personagem do Arrelia uma ingênua vaidade fora do tempo.

Os gestos, curtos, rápidos, acompanham a mímica facial — Arrelia está em constante movimento, como os meninos inquietos e levados. É na maneira de falar, entretanto, que mais se caracteriza. Desde o comêço achou necessário encontrar alguma forma de dizer qualquer coisa banal e fazer rir também. Descobriu-a em Piraçununga, em 1930. Andava por uma rua quando passou sôbre a cidade, em vôo baixo, um teco-teco. Uma mulher saiu correndo para a calçada e começou a gritar:

— Vem Veulta! Veulta! Vem ver o orolplauno! Vem Veulta! Noulssa Senhoulra, pareulce um urulbulzão!

Waldemar achou tão gozado e riu tanto do jeito da mulher falar que tratou logo de travar amizade, só para ouvi-la. E conseguiu, mas era difícil disfarçar o riso ouvindo-a contar **caulsos.**

A forma de falar marcou o palhaço definitivamente. Certa vez, recebendo homenagem na Escola Normal de Campinas, êle foi saudado por uma môça num longo discurso. Começava assim:

— Noulsso queriuldo Arreulia!

Na criação de seu palhaço, Waldemar só não planejou um detalhe cômico que nasceu naturalmente: é aquele em que Arrelia interrompe sùbitamente sua própria fala e sorve o ar intensamente, de bôca aberta. Sua entrada repentina para o circo não lhe havia dado tempo para estudar dicção. Assim, não respirava corretamente, sendo obrigado a buscar fôlego no meio das frases. Até que um dia resolveu treinar respiração para as falas. Mas quando começou a caprichar, um admirador e amigo procurou-o após o espetáculo:

— Ah, Arrelia, por que você não faz mais aquelas engolidas de ar tão engraçadas no meio das palavras?

Deixou a dicção de vez.

Waldemar Seyssel abandonou o circo em 1952, quando o seu pegou fogo. Estavam no Vale do Anhangabaú. Êle já vinha fazendo **show** em rádio e em teatro, com enorme sucesso, enquanto a situação financeira dos circos em geral era péssima. Waldemar acha que essa decadência da arte circense começou com a introdução dos dramalhões e a utilização do palco sôbre o picadeiro. Isso desvirtuava o verdadeiro sentido do circo, mas com o passar do tempo era inevitável, principalmente pelo alto custo da produção de um bom espetáculo.

FOTO DE J. TAVARES MEDEIROS

Hoje, por menos de 100 milhões de cruzeiros não se monta um circo razoável. A fôlha de pagamento semanal de uma companhia completa chega a cinco milhões. E os ingressos, por se tratar de espetáculo eminentemente popular, não podem custar mais de quinhentos cruzeiros nas gerais e mil nas cadeiras. Como as possibilidades de lucro compensador passaram a ser mínimas, famílias inteiras de gente de circo foram deixando o Brasil, enquanto artistas famosos se transferiram para o teatro musicado, para o cinema e a televisão: o próprio Waldemar, Oscarito, Walter Stuart, Ankito, Walter D'Ávila, Colé.

Começando na Televisão Paulista e passando depois para a Record — onde está há 14 anos, aos domingos — o **Circo do Arrelia** sempre fêz enorme sucesso.

Nos seus dias de folga, Waldemar Seyssel apresenta-se de graça com os seus companheiros inseparáveis Pimentinha e Henrique — em favor de obras e campanhas dedicadas às crianças pobres e doentes. Êle ainda tem esperança no futuro do circo no Brasil, mas apenas se fôr aprovado um projeto de lei que um dia entregou a um deputado e que parece esquecido. Sua idéia é a de criação de uma escola para a formação do profissional circense, na qual todos os grandes artistas e homens de circo transmitiriam seu conhecimento e experiência. Surgiriam então as novas gerações de equilibristas, mágicos, malabaristas, trapezistas, palhaços, tudo. As crianças dos asilos de orfanatos, aparentemente sem futuro, poderiam se transformar em grandes artistas ou, pelo menos, ter uma profissão.

Com novos profissionais e uma equipe de artistas bons e bem formados, poderiam surgir os circos oficiais que os utilizariam como é feito em outros países. Para Waldemar o Circo de Moscou é um exemplo da vitalidade universal dessa arte quando corretamente protegida: é o último sonho do Arrelia e a esperança do Waldemar.

— Estou envelhecendo e gostaria de deixar o Arrelia como herança para um dêsses garotos de orfanato que a gente faz rir em espetáculos beneficentes ou para qualquer um daqueles que o Waldemar encontra à noite dormindo nas calçadas. Mas apenas com a Escola isso seria possível.

Só quando pensa essas coisas, Waldemar é Arrelia, mas não parece um palhaço. FIM

DEPÓSITOS A PRAZO COM CORREÇÃO MONETÁRIA

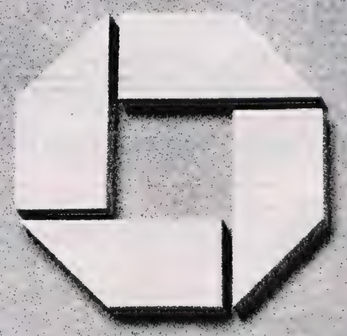
com a garantia do
BANCO LAR BRASILEIRO S. A.

- Aceitamos de pessoas físicas depósitos a prazo fixo de 6 meses, ou mais, com correção monetária. Depósitos mínimos de Cr$ 500.000.
- Renda mensal! Creditamos mensalmente na conta corrente disponível do depositante, correção monetária e juros à razão de taxas globais de 18% a.a. para depósitos de 6 meses; de 19% para depósitos de 9 meses e de 20% para depósitos de um ano.
- Correção monetária e juros isentos de imposto de renda, nos têrmos da legislação em vigor.
- Garantia do Banco Lar Brasileiro — Capital e Reservas de Cr$ 23,2 bilhões. Ativo superior a Cr$ 145 bilhões.
- Aproveite também os nossos outros serviços completos de banco comercial e de comércio internacional.

BANCO LAR BRASILEIRO S. A.

Associado ao The Chase Manhattan Bank N. A.

Rio de Janeiro • São Paulo • Santos • Campinas • Santo André • Salvador • Niterói • Pôrto Alegre • Belo Horizonte • Recife • Curitiba • Fortaleza • Brasília • Vitória



LA-2198

Se você gosta de música popular, escolha esta coleção.

Nestas duas coleções foram selecionadas músicas dos melhores autores, gravadas com impecável qualidade de som pelos mais famosos intérpretes e orquestras.

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR-6 LPS.

① **MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA**
Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Ela é Carioca
A Minha Namorada e outros seis sucessos.
Intérpretes: Tamba Trio - Sérgio Mendes
Walter Wanderley e outros.

② **MÚSICA DA VELHA GUARDA**
Se Você Jurar - Luar do Sertão - Chão de Estrêlas-
Gavião Calçudo - De Papo Pro Ar - Atire a Primeira Pedra
e outros seis sucessos - Intérpretes: Lamartine Babo-
Ataulfo Alves - Almirante - Aurora Miranda e outros.

③ **MUSICA DA JUVENTUDE**
Quero Que Vá Tudo Pro Inferno - Se Piangi Se Ridi-
lo Che Non Vivo (Senza Te) - Ma Vie - Canto De Ossanha
Escândalo em Família e outros seis sucessos. Intérpretes:
Mina - Bob Smart - Cocky Mazzetti - Os Balanceiros e outros.

④ **DISCOTECA DANÇANTE**
Around The World-Love Is A Many Splendored Thing-
Tornerai Suzie Wong - The Green Leaves Of Summer - Tender
Is The Night/Exodus e outros onze sucessos. Intérpretes:
Sandoval Dias - Sexteto Plaza - Gerson-Plinckas e outros.

⑤ **MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS**
Al Di La - Gigi - I Hear A Rhapsody - Stella By Starlight
Tonight e outros sete sucessos. Intérprete: Caesar Giovanini.

⑥ **RITMOS E ROMANCE**
My Yiddische Mamme - Clair de Lune - Toselli Serenade-
Parlez-Moi D'Amour- With A Little Bit Of Luck e outros
sete sucessos. Intérpretes: Jankowsky Sua Orquestra e Côro.

abril Cultural

Se prefere clássicos, esta.
Se exige boa música, fique com as duas.

Você pode comprar apenas uma ou ambas coleçoes.
Os discos serão entregues em sua própria casa,
com preços e condições de pagamento excepcionais.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS-10 LPS.

① Vivaldi, AS QUATRO ESTAÇÕES. Intérpretes: I Musici.

② Rimsky-Korsakov, SCHEHERAZADE: Orquestra Sinfônica de Minneapolis. Barodin, DANÇAS POLOVETZIANAS: Orquestra Sinfônica de Londres e Côro.

③ W. A. Mozart, SINFONIA JUPITER.
Beethoven, Aberturas de: EGMONT, ZUR NAMENSFEIER e CORIOLANO: Orquestra de Concertgebouw de Amsterdã.

④ Tchaikowsky, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica de Haya. Liszt, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica da Rádio de Hilversum.

⑤ Dvorak, SINFONIA DO NÔVO MUNDO.
Smetana, O MOLDAU: Orquestra Sinfônica de Viena.

⑥ Haydn, CONCÊRTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE CORDAS N.o 1. W. A. Mozart, DIVERTIMENTOS K 137 e K 138. T. Giordani, CONCÊRTO PARA CRAVO E ORQUESTRA DE CORDAS. Intérpretes: I. Musici.

⑦ CONCÊRTO DE SEIS NAÇÕES. Autores: A. Vivaldi, J. P. Sweelinck, George Philipp Telemann, A. E. M. Grétry, Henry Purcell e François Francoeur: Orquestra de Cordas. Solistas: Maurice André e Jean-Pierre Rampal.

⑧ Rossini, ABERTURAS das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Séda" e "Guilherme Tell". Paganini, CONCÊRTO PARA VIOLINO N.o 4. Orquestra dos Concertos Lamoureux.

⑨ F. CHOPIN, AS 14 VALSAS: Alexander Uninsky, piano.

⑩ FAMOSAS ÁRIAS DE ÓPERAS: VERDI, Caro Nome Se Quel Guerrier Io Fossi - Celeste Aida - La Donna É Mobile. PONCHIELLI, Cielo e Mar. ROSSINI, Una Voce Poco Fa - Largo Al Factotum - Bel Raggio Lusinghier. DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio - Una Furtiva Lacrima. Intérpretes: Gianna D'Angelo, soprano; Renato Capecchi, barítono; Gianni Poggi, tenor; Maria Morales, soprano; Richard Tucker, tenor, e outros.

veja na página seguinte como adquirir êstes extraordinários lançamentos

Se o CARTÃO DE RESPOSTA COMERCIAL que acompanha êste anúncio já tiver sido utilizado, recorte e envie hoje mesmo êste cupom.

À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 2372
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as Coleções abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
☐ À VISTA = Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

Nome.....
Enderêço.....
Fone..... Bairro.....
Cidade..... Estado.....

27

ENVIE ÊSTE CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL SEM QUALQUER DESPESA DE SÊLO.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. SÒMENTE QUANDO RECEBER OS DISCOS EM CASA É QUE VOCÊ FARÁ O PAGAMENTO À VISTA OU O DA PRIMEIRA PRESTAÇÃO.

Enriqueça sua discoteca com os maiores sucessos de hoje e de sempre na música erudita e popular.
Êste é o sistema mais econômico: menos de Cr$ 4.500 por Lp. Escolha a Coleção de sua preferência e espere para pagar quando receber os discos em sua casa.
E, se quiser fazer um negócio ainda melhor, compre as duas Coleções. Nós lhe daremos um DESCONTO ADICIONAL correspondente ao valor de um Lp.

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

6 LPS - PREÇO NORMAL: Cr$ 45.000

NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO:

Cr$ 26.000

À VISTA OU Cr$ 12.000 INICIAIS E DUAS MENSALIDADES DE Cr$ 9.000.

Os grandes sucessos populares, do momento e de outros tempos. Os ritmos vibrantes e a música romântica do Brasil e de todo o mundo.
Uma sucessão de cantores e instrumentistas de maior êxito nos "hit parades".
Som perfeito, rigorosa seleção de melodias e magníficas interpretações.
EXTRAORDINÁRIA OPORTUNIDADE!

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

10 LPS - PREÇO NORMAL: Cr$ 75.000

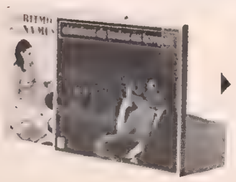
NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO:

Cr$ 42.000

À VISTA OU Cr$ 20.000 INICIAIS E TRÊS MENSALIDADES DE Cr$ 10.000

A música dos mestres, executada pelos seus mais consagrados intérpretes.
47 belíssimas peças que valorizam e completam a sua discoteca.
Dez Lps. gravados segundo a mais apurada técnica de som.
Acondicionamento em belíssimo estôjo, contendo libreto com gravuras e biografias dos autores.
LANÇAMENTO EXCEPCIONAL!

▲corte aqui



ATENÇÃO

Entregamos a domicílio. Escreva o enderêço para entrega e cobrança.
Sòmente Caixa Postal não é suficiente.

À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 30 777
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
☐ À VISTA = Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

Nome.....
Rua:.....
..... N.º.....
Fone:..... Bairro.....
Cidade..... Estado.....
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA! 27

Cartão Resposta
Autorização N.o 727
Portaria N.o 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÉSTE CARTÃO

O SÊLO SERÁ PAGO POR

ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30777
SÃO PAULO - SP.

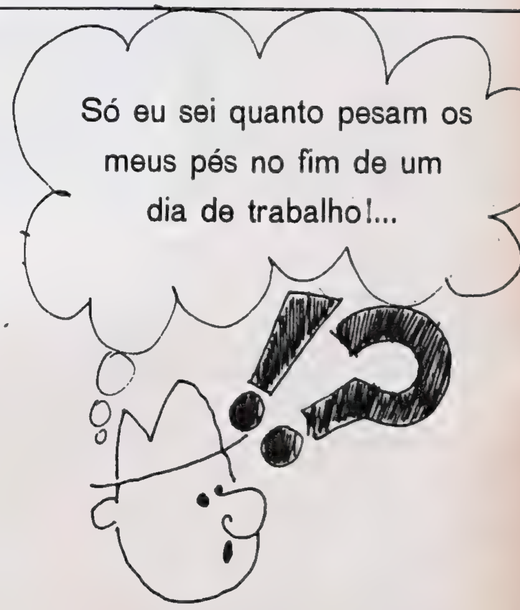
7:00 horas

11:00 horas

14:00 horas

18:00 horas

21:00 horas



delta

00 horas

Porisso, eu exijo um sapato super leve com solado micro celular especial para o trabalho.
resistente econômico

HERCULES S. A.
R. Honório Maia, 447
São Paulo

Agora tudo anda bem com

CIAL

super leve

CIAL é leve

leve CIAL

Dez anos após a tragédia de Budapeste, um repórter que viveu aquêles dias de sangue e de coragem conta como foi

A REVOLTA DA HUNGRIA

Texto de Alessandro Porro

Se ainda está viva, Vera Képsz tem hoje 25 anos. Quando eu a conheci, em frente ao Hotel Duna, em Budapeste, na manhã de sexta-feira, 26 de outubro de 1956, era uma menina loura, o rosto sujo de terra e de cansaço, o braço esquerdo ferido, prêso ao ombro por um lenço. Vestia uma capa de chuva e na cintura, à mostra, trazia um revólver Beretta. Com o braço bom, a menina levantava um cartaz que, com suas letras de fôrma, vermelhas, dizia em diversos idiomas: "Ajude-nos: estamos precisando de vocês para libertar a Hungria".

Vera passeava lentamente mostrando o cartaz, como outras meninas, da mesma idade ou ainda mais jovens, que andavam perto dos outros hotéis de Budapeste, reservados aos estrangeiros: o Hotel Royal, na Rua Lenine, o Hotel Astor, na Avenida Rakoszy, e o Hotel Gellert, na margem direita do Danúbio.

Durante mais de uma semana, cada vez que saíamos do Hotel Duna, Vera estava lá, mostrando o lembrete dramático. Na manhã de domingo, 4 de novembro, Vera não apareceu. O seu cartaz ficara apoiado a um banco da portaria, e quando um tanque russo parou em frente ao edifício, para tomar conta do hotel dos "repórteres imperialistas" (assim nos chamavam), um oficial mongol do Exército Vermelho deu um pontapé no cartaz, amassou-o e jogou-o na rua. Mesmo amassado, era possível ver o início do apêlo de Vera: "Ajude-nos". E mais uma vez ninguém respondeu. Os sonhos de liberdade da Hungria morreram naquela madrugada, depois de 13 dias de ilusão.

Aconteceu há dez anos. A revolta húngara começou às 20 horas de têrça-feira, 23 de outubro de 1956. Mas a preparação, na alma dos patriotas de Budapeste, de Magyarovar, de Gyoer e de outros centros importantes da Hungria, iniciara-se muito antes. As poucas notícias chegadas a Budapeste, quando, em 17 de junho de 1953, 50 mil trabalhadores de Berlim Oriental se revoltaram contra o regime comunista de Ulbricht, haviam deixado marcas. Foi esta, a de Berlim, a primeira manifestação antisoviética atrás da Cortina de Ferro, e verificou-se apenas três meses após a morte de Stalin. Os trabalhadores queriam melhores condições de vida, eleições livres e diretas, a volta dos prisioneiros de guerra ainda detidos na URSS. O que obtiveram em troca? Balas de canhão, deportação em massa, mais russos de patrulha nas ruas de Berlim. Foi uma revolta fracassada. Mas em outubro de 1956 (três dias antes de brilhar a primeira centelha revolucionária em Budapeste), os poloneses tinham conseguido uma vitória. O povo quis e obteve, sob a ameaça de greves e revoltas, três coisas que, até alguns meses antes, teriam parecido sonhos absurdos: o afastamento do Marechal soviético Rokossowski, que pràticamente mandava na Polônia; a volta ao poder de Gomulka, um comunista considerado "liberal" pelos russos e, finalmente, a libertação do Cardeal Wyszynski, que tinha sido prêso anos antes como "inimigo do Estado".

O movimento vitorioso dos poloneses empolgou os húngaros. No comêço, foram os intelectuais de um clube de Budapeste (o Círculo Petofi) a pedir reformas democráticas e a indicar Imre Nagy — outro comunista "liberal" — como o homem capaz de realizá-las. Logo depois, a 18 de outubro, os estudantes de Budapeste lançaram manifesto à nação, pedindo, entre outras coisas, a abolição dos cursos obrigatórios de marxismo nas universidades. A pretensão deixa estupefatos os estalinistas: "Como pode a juventude comunista húngara formular tão absurdo pedido?" E outra pergunta começa a preocupar dirigentes do PC: "É mesmo comunista tôda esta juventude?"

A resposta não tarda. Três mil estudantes deixam o Partido e formam uma associação independente, pedindo liberdade de imprensa, abolição da pena de morte, eleições diretas e democráticas e a "demissão das autoridades que tenham violado a lei nos últimos anos". A última solicitação parece vaga, mas não é: refere-se, não existem dúvidas, a Erno Geroe, chefe do Partido Comunista Húngaro, velho e fervoroso estalinista, que permanece no poder apesar das revelações feitas por Kruschev, diante do 20.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro dêsse mesmo ano de 1956. Disse Kruschev: "Se eu tenho as mãos sujas de sangue, existem mãos muito mais sujas que as minhas". Foi um pesado exame de consciência. Erno Geroe, entretanto, nem fêz autocrítica. Ele era um ex-comissário político, que se exilara na URSS em 1923 e voltara à sua pátria em 1945, como cidadão russo. Erno Geroe estava no poder graças a um só meio: o terror. A organização da AVH (a forte polícia política secreta, com mais de 50 mil homens) fôra a obra-prima de seu govêrno.

Quando, na noite de 22 de outubro, estudantes e intelectuais de Budapeste resolveram promover no dia seguinte uma passeata silenciosa, para forçar a aceitação de suas reivindicações, sabiam muito bem que a AVH não deixaria de provocar os manifestantes e mudar a passeata de protesto em algo dramático.

Um môço morreu em paz

Têrça-feira, 23 de outubro. Budapeste acorda em tensão, apesar de o rádio anunciar que a manifestação dos estudantes está autorizada pelo govêrno. Depois se sabe que Erno Geroe queria proibir a passeata, mas que o chefe das tropas russas aquarteladas na Hungria tinha, ao contrário, aconselhado autorizar a manifestação, para evitar "excessos de mau humor" por parte dos jovens.

Ao meio-dia, nas universidades, começam a se formar os primeiros grupos de manifestantes. Ninguém tinha armas. Alguns levavam cartazes e faixas feitas a mão: "Viva a Polônia", "Viva Imre Nagy", "Abaixo Erno Geroe".

Eis um relato destas primeiras horas da tragédia húngara, assim como me foi feito — na época — por um estudante do Instituto Politécnico, que encontrei num hospital de Budapeste, na sexta-feira, 26 de outubro, com as pernas e uma mão estraçalhadas pelas metralhadoras dos AVH. O rapaz tinha 17 anos, era filho de um operário de Pecs e se chamava Sandor Losonczy.

"Meus pais não queriam que eu saísse de casa. Achavam que o govêrno não ia admitir a manifestação. Eu fui, de qualquer maneira: no Instituto se tinha falado muito da Polônia, e era o caso de nos arriscarmos para conseguir aqui também algum resultado. De resto, era uma passeata silenciosa. E assim foi, até que chegamos na frente do monumento de Petofi, nosso maior poeta. Ali, um camarada pulou em cima de um banco e começou a recitar um poema de Petofi, que todos nós conhecíamos de cor, por tê-lo estudado no colégio. Falava de liberdade, de pátria, de Hungria. Talvez nunca tivesse pensado que fôsse tão bonito. A voz do camarada conseguiu empolgar todos nós.

"A multidão crescia sempre, até que alguém gritou: "Vamos ao monumento de Stalin, vamos tirar êste porco do seu pedestal. Não disse também o camarada Kruschev que Stalin era um porco? Por que êle ainda está lá?" Fomos. Todo mundo cantando o Hino Nacional e a Marselhesa, em húngaro, ou em francês. Eu, e muitos como eu, não conhecíamos a letra da Marselhesa, nem em francês nem em húngaro, e púnhamos entre os outros cantando "lara-larálá-lá-lá-li-ié", numa alegria nunca conhecida. Parecia uma festa. No Parque Municipal, a estátua estava como que esperando por nós. Não foi fácil derrubá-la. Operários de uma fábrica dos arredores, com maçaricos de acetileno, vieram em nossa ajuda: foi um trabalhão, mas conseguimos abater o porco. Caiu com um barulho que nunca mais vou esquecer. Ficaram sòmente as botas no pedestal. Os rapazes começaram a cuspir e a urinar na cabeça de Stalin, que virou um penico alto, de mais de um metro. Tinha razão o camarada Kruschev: êste Stalin era um porco, não há dúvida.

"Estávamos ainda cantando, quando chegou alguém e disse que o camarada Geroe tinha falado pelo rádio, chamando-nos de fascistas e reacionários. Não é verdade, nenhum de nós era fascista. Meu pai lutou contra os alemães, minha mãe perdeu uma irmã na guerra contra os nazistas. SEGUE

"Cachorros! Todos cachorros! Cachorros!"

Esta dramática seqüência não durou mais do que o tempo de uma rajada de metralhadora.

A maior parte de nós éramos estudantes socialistas, como os poloneses. E, como êles, queríamos mais liberdade, mais oportunidade para dizer as coisas sem mêdo dos AVH. Os russos? Nesta primeira noite quase ninguém pensava nêles. Êles estavam em Budapeste, em virtude do "Pacto de Varsóvia", e ninguém ia pensar em sua intervenção. Até que o camarada Marechal Zukov, chefe das fôrças armadas soviéticas, parecia um cara simpático: foi visitar uma vez nossa escola e nós o recebemos muito bem. A notícia do discurso de Geroe chegou como uma paulada em nossas cabeças. Não sei quem disse: "Vamos à rádio, para ler o nosso manifesto" — e todo mundo foi. Pela primeira vez em minha vida, ouvi tiros de metralhadora. Eu vi um camarada de meu curso apanhar uma bomba lançada contra nós e jogá-la novamente contra os AVH que nos estavam esperando. "Temos que entrar no edifício", disse um. Eu olhei para o relógio e vi que era tarde, dez horas. Pensei nos meus pais, imaginei minha mãe chorando de preocupação. Resolvi voltar para casa. Mas Bela, um amigo, me chamou e disse: "Olha, Sandor, você que é forte, venha aqui nos ajudar para pular esta janela. Temos que tirar daqui os porcos da AVH. Se conseguirmos, amanhã teremos Imre Nagy como chefe do govêrno. Se conseguirmos, não teremos ficado atrás dos poloneses..." É claro, tínhamos que conseguir. Fui para perto da janela e ajudei quatro rapazes a pular. Depois vi um AVH chegar a outra janela, com uma metralhadora na mão. Não tive nem tempo de dizer a Bela: "Olha o porco" — uma luz azul me fechou os olhos. Acordei aqui, no dia seguinte. Parece que minhas pernas estão quebradas. Minha mão esquerda também. Mas isso não é nada. Meu pai estêve comigo hoje e também me disse que não era nada. Estava esperando uma bronca e, ao invés, êle me disse que também em Pecs, na fábrica, todo mundo tinha se armado para lutar contra os AVH e os russos chamados por Geroe".

Assim termina o depoimento de Sandor Lozonczy. Êle morreu de gangrena na quarta-feira, 31 de outubro, às três da tarde. Antes de fechar os olhos, perguntou ao médico: "Os russos se foram?". O médico respondeu que sim, e era verdade. Uma verdade provisória, mas o garôto pôde morrer em paz.

O primeiro grito

Eu cheguei a Budapeste na madrugada de sexta-feira, 26 de outubro. Tive de aguardar em Viena uma oportunidade para vencer a fronteira da Áustria com a Hungria. A Embaixada Húngara não dava vistos. Com três outros repórteres, compramos em Viena um velho Fiat, que dava conta do recado. E começamos a rodar em direção de Hegyeshalom, umas das primeiras cidades húngaras, além da fronteira austríaca. Nenhum motorista de praça aceitara lavar-nos até lá. A 20 quilômetros da fronteira, os guardas austríacos nos pararam: "Tomem cuidado, os russos estão em Hegyeshalom, atirando contra os húngaros que tentam fugir". Os mesmos guardas nos indicaram o caminho para Nagyarovar, outra cidade além-cortina, perto da Áustria. Chegamos à fronteira às nove da noite. Outros guardas austríacos nos disseram para pôr em cima do carro uma bandeira branca. Assim tinham feito outros jornalistas, conseguindo passar pelo pôsto húngaro. "Mas há russos?", perguntamos. "Ninguém sabe: não dá para ver", foi a resposta. Fizemos lentamente os dois quilômetros de **terra de ninguém,** parando de metro em metro, para tentar ouvir alguma coisa: nada. Na escuridão da noite, nosso carro ia devagar, os faróis apagados, um grande lenço branco fora da janela, todo mundo com as credenciais de jornalista na mão. Finalmente, nas sombras, a guarita do pôsto húngaro, sem luzes, sem guardas. Ou, pelo menos, assim parecia. Quando chegamos a cinco metros do pôsto, um farol nos iluminou. "Os russos!", dissemos. Mas eram húngaros, revolucionários. Tinham tanto mêdo quanto nós dos russos. E, para evitar surprêsas, haviam apagado tudo.

As formalidades foram simples. Disse um dos patriotas, num francês apenas inteligível: "Sabem se a ONU resolveu intervir na Hungria? Nosso rádio quebrou e não sabemos o que está acontecendo". Foi difícil responder-lhe que a ONU ainda nada tinha resolvido, que a França e a Inglaterra estavam preocupadas com a questão do Canal de Suez, para onde tinham enviado pára-quedistas; que a guerra tinha estourado entre o Egito e Israel; que os Estados Unidos estavam condenando a ação franco-inglêsa e, por isso, era difícil prever — num momento diplomático tão delicado — uma atitude de fôrça contra a União Soviética, pela sua intervenção na Hungria.

O húngaro escutou calado, cada vez com a fronte mais franzida. Depois cuspiu longe, com raiva, dando um sôco na coronha do fuzil. Sua voz foi longe na noite: "Cachorros" — gritou — "todos cachorros: se

Êles eram soldados da AVH, a odiada polícia de repressão húngara; foram fuzilados, numa rua de Budapeste, por um pelotão de revoltosos.

a Hungria tivesse um canal, agora todo mundo estaria aqui, tentando nos libertar, nos salvar! Cachorros, filhos da...".

Quando chegamos a Budapeste, de madrugada, ainda o grito do patriota ressoava em nosso carro. Foi nosso primeiro encontro com a revolução. Êsse grito o escutei ainda muitas vêzes, e cada manhã me lembrava dêle, olhando para o cartaz da menina Vera Képsz. Cada um de nós, naqueles dias, odiava a sua própria impotência.

Cai Geroe, sobe Nagy

Seis anos depois, em Berlim, o Presidente Kennedy pronunciaria um dos mais marcantes de seus discursos:

"Há muita gente que não compreende, ou diz não compreender, qual o grande problema que divide o mundo livre do mundo comunista. Que esta gente venha a Berlim. Há alguns que afirmam que o comunismo representa o futuro: venham a Berlim, para ver se é verdade. E há outros que dizem que, na Europa ou em outra parte, nós poderíamos colaborar com os comunistas: aqui está Berlim para mostrar o contrário. Finalmente, há quem afirme ser verdade que o comunismo é um péssimo sistema social, mas que permite alcançar ótimos progressos econômicos: **Lass sie nach Berlin kommen,** venham a Berlim, para ver se é verdade".

Seis anos antes, em Budapeste, a essência dessas palavras já estava gravada no coração de todos, no rosto da cidade inteira, na alma dos húngaros.

Ainda sexta-feira, 26 de outubro, a atmosfera era de luta, entusiasmo e esperança. Tinham acontecido muitas coisas desde a noite de têrça-feira. Em primeiro lugar, Geroe havia sido deposto e Imre Nagy nomeado Primeiro-Ministro. Mas os russos tinham tomado conta da situação, respondendo ao apêlo de Geroe, lançado antes de sua saída do govêrno. Imre Nagy chegava ao poder controlado pelos soviéticos com o país em revolta, em greve geral. Os estudantes, operários e soldados tinham resolvido lutar até o fim, pela libertação da Hungria. Só na noite de têrça-feira, os mortos no assalto do prédio da estação de rádio haviam sido 300, na manhã seguinte foram muito mais, quando os primeiros tanques soviéticos entraram em Budapeste, atirando contra homens, mulheres e crianças. A morte parecia não impressionar os húngaros: a determinação de acabar com a escravidão, ou de sucumbir de uma vez, beirava a loucura. Até soldados russos se juntaram aos revolucionários, raspando de seus tanques a foice e o martelo e apontando os canhões na outra direção. Aconteceu quinta-feira, 25 de outubro, na cidade de Gyor, e o episódio repetiu-se em pleno centro de Budapeste, no dia seguinte, perto do quartel de Kilian.

Até que ponto Imre Nagy poderia agüentar a pressão dos russos? E até quando conseguiria controlar o entusiasmo de seu povo? Sôbre cada fachada estava escrito: "Ruski, damoi" (Russos, vão embora). Os estudantes, os intelectuais, os operários não falavam mais de suas reivindicações de caráter social. Agora, o ódio anti-russo dominava tudo. Chamando-os, antes de ser afastado pela pressão dos revolucionários, Erno Geroe revelou-se mais uma vez o astuto combatente estalinista que sempre fôra. Êle sabia que Imre Nagy era um sentimental, e que logo não controlaria mais a situação.

"Em 48 horas", disse Geroe a Zukov, indo embora, "não haverá em Budapeste mais nenhum contra-revolucionário". (Assim os comunistas chamavam os patriotas, acusando-os de lutar contra o movimento socialista). Foi uma longa batalha.

Meninas viram enfermeiras

Sexta-feira 26, a luta se desenrola perto do edifício do Parlamento, nos arredores do Hotel Royal e na ponte suspensa sôbre o Danúbio, a dois quilômetros do Hotel Duna. Poucos edifícios ainda têm seus vidros intatos. Os únicos carros que circulam levam na frente uma bandeira da cruz vermelha: apanham os feridos e os levam ao grande hospital da Rua Baross. Os feridos são milhares e como os médicos e enfermeiros também estão lutando contra os tanques russos, meninas de doze anos, de um colégio da Avenida Budaorsi, já aprenderam a dar injeção e a fechar os olhos dos mortos.

Para cada húngaro que cai, chegam mais 100 patriotas. Hoje, dez anos depois, não há família, em Budapeste, onde não se chore a perda de um parente.

Sábado, 27, na ponte Kossuth, encontro um menino de uns 14 anos, que, mancando, carrega uma pesada **bazooka** russa. "Onde vai?", pergunto-lhe. Só fala húngaro, mas compreende, e indicando para a frente, para onde se ouvem tiros, responde, continuando a andar, com a única palavra francesa que conhece: **Liberté, liberté.**

Volto para o hotel Duna, para escutar o rádio, e mais uma vez o cartaz de Vera me constrange: "Ajude-nos". Mas como? Escrevendo a verdade, certo.

SEGUE

A Enciclopédia Delta Júnior e o estudante são companheiros inseparáveis. Preparada pela Editôra Delta, rigorosamente de acôrdo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Delta Júnior atende às necessidades dos alunos do Admissão e do Ginásio. Editada em 12 volumes ilustrados a côres, luxuosamente encadernados, a Delta Júnior contém tôdas as matérias do curriculum escolar. Organizada por verbêtes, com títulos em Português, Francês e Inglês, a Enciclopédia Delta Júnior é o complemento indispensável para os estudos do seu filho e o presente mais útil que você pode dar a êle.

Mais uma edição DELTA

EDITÔRA CORRENTE S.A. - RIO - 22-9955 - S. PAULO - 36-1744 - LIVRARIA EDITÔRA PILAR S.A. - FORTALEZA - 1-1656 - RECIFE - 4-2216 - CURITIBA - 4-0301
B. HORIZONTE - 4-0787 - P. ALEGRE - 7784 - SALVADOR 3-6208

"Estou satisfeito: matei três polícias"

Mas é suficiente? Na entrada do Duna, mais de 100 repórteres estão aguardando um comunicado anunciando a formação do nôvo govêrno, presidido por Imre Nagy. Finalmente, às 11 e meia, a Rádio Kossuth anuncia a composição do gabinete. Muitos parecem não acreditar, ouvindo a lista de ministros. Além dos comunistas, Imre Nagy chamou a colaborar consigo até membros do extinto Partido dos Pequenos Proprietários e do Partido Nacional dos Camponeses, também fora da lei.

"É um milagre", diz o diretor do hotel. "É uma tragédia", responde imediatamente um repórter. E tem razão. A presença de ministros "burgueses" no govêrno irritará ainda mais os estalinistas radicais, os russos, a até mesmo uma parte de combatentes que, apesar de lutar contra as fôrças soviéticas, acham esta atitude justificável sòmente se considerada como um conflito entre a opressão dos russos e o patriotismo húngaro, mas jamais como uma tomada de posição ideológica contra o comunismo.

Movimento não era fascista

Sôbre o sentido da revolta húngara, nasceram equívocos desconcertantes, alguns fazendo por exemplo acreditar que se tratava de um movimento completamente anti-socialista. Não é verdade. Basta lembrar que o Comitê Revolucionário não quis permitir a volta ao país do ex-Presidente do Conselho Ferenc Nagy (sòmente homônimo de Imre Nagy), que chegou de Nova Iorque, onde estava exilado, até a fronteira. Êle também acreditava que na Hungria tudo tivesse voltado aos tempos do ditador fascista Horty. Aliás, a preocupação da maior parte dos combatentes revolucionários em declarar-se socialista e condenar os desvios ideológicos de companheiros de trincheira mostra ainda mais a inoportunidade e a ilegalidade da intervenção russa, que posteriormente procurou-se justificar como indispensável para salvar a nação da ameaça monárquica e fascista.

Domingo, 28 de outubro, às dez da manhã, assisti ao assalto ao edifício do AVH, na Praça da República. Cêrca de três mil pessoas, armadas de fuzis, metralhadoras, revólveres ou simples facões, avançam até vinte metros do prédio, sem nenhuma cobertura. Das janelas, os AVH atiram. Mas a multidão caminha sem mêdo, como alucinada, gritando, chorando, morrendo. Perto de mim, uma velha olhava, escondida atrás de uma janela, seu corpo tremia. De repente, com um grito desumano, a mulher deixou o esconderijo e foi para a rua. Não tinha armas, mas quando a vi novamente, numa pequena roda de gente em volta de um AVH morto a pauladas, logo a reconheci: ela era a mais violenta de todos, contra o corpo do inimigo sem vida.

Quantos AVH foram mortos pelos revolucionários húngraros? Muitos, talvez mais de cinco mil, e sempre cruelmente. Era a Lei de Talião: ôlho por ôlho, dente por dente. Os cubículos do edifício da Praça da República tinham hospedado, por anos, os húngaros acusados de conspirar contra os comunistas. Erno Geroe tinha dado carta branca a seus agentes. Disse-me um rapaz: "Não fique comovido com êste espetáculo, não nos condene: você não sabe o que êles, os AVH, fizeram com minha irmã." E começou a relatar, sem a menor emoção, a tortura da môça. E depois: "Veja, hoje estou satisfeito: matei três AVH. Amanhã, juro por Deus, vai ter mais".

Segunda-feira 29, os tanques russos chegam à Praça da República, para defender o prédio da polícia política. Houve outro assalto por parte dos populares. Desta vez, nenhum AVH foi morto, mas poucos revolucionários saíram vivos do combate. Nesta segunda luta alucinante, Jean-Pierre Pedrazzini, repórter-fotográfico da revista francesa **Paris-Match,** recebeu uma rajada de metralhadora, que quase o cortou em dois: morreu três dias depois, no avião que o levava a Paris. Também na Praça da República ficaram sèriamente feridos o americano Tim Foote, fotógrafo de **Life,** e o italiano Mário de Biase, chefe da equipe fotográfica da revista italiana **Época.**

A fera estava sôlta

Exatamente uma semana após a primeira batalha, o povo húngaro parece ter vencido a luta. No dia 30, Imre Nagy anuncia a retirada das fôrças russas. Mas nas ruas (especialmente no bairro operário de Csepel, em volta do quartel da Kilian) a batalha continua. A Rádio Kossuth transmite dia e noite apelos para a cessação dos combates. Mas agora a fera está sôlta, é difícil freá-la enquanto um só russo ainda esteja em Budapeste.

O mais inflamado em seus discursos pacificadores é Janos Kadar, secretário do Partido Comunista. Têrça-feira, às 20 horas, êle diz pelo rádio: "Peço a cada camarada, individualmente, que dê um exemplo digno de homem e de comunista, restabelecendo a ordem e a vida normal da nação. Comecem a trabalhar, camaradas, para conquistar o respeito de todos". E, concluindo: "Lembrem-se que nossos amigos soviéticos estão aqui para colaborar contra o fascismo, e para acabar com a contra-revolução". Imediatamente após o discurso de Kadar, uma multidão marcha para o edifício da Rádio Kossuth, para destruir a emissora. Mas não há ninguém: a rádio funciona em lugar secreto, talvez em Kipest, ou em Kobanya, por ordem do mesmo Kadar, que — embora não oficialmente — parece mandar mais do que Imre Nagy.

Os russos vão embora

Como foram tranqüilos, os dias entre 1.º e 4 de novembro. Budapeste, apesar das marcas deixadas pela grande batalha, parecia uma cidade em festa. Não havia janela sem bandeira nacional, não havia na rua um cidadão que não trouxesse no rosto um sorriso de orgulho: os russos foram embora na noite entre 30 de outubro e 1.º de novembro. Ninguém atrapalhou a saída dos tanques, os AVH ficaram fechados em seus quartéis, as tropas regulares do General Pal Maleter, Ministro da Defesa, que haviam feito causa comum com os revolucionários, patrulhavam a cidade, entre os abraços e as palmas do povo.

O Cardeal Joseph Mindszenty, prêso pelos AVH em 1948, e processado por crimes contra a segurança do Estado, tinha sido libertado da prisão de Felsoepeteny e voltado para sua casa de Budapeste. Foi um jornalista italiano, Egisto Corradi, do **Il Corriere della Sera,** que entregou aos três guardas da prisão o documento com que a Presidência do Conselho declarava o Cardeal livre de qualquer acusação. SEGUE

Tanques soviéticos são destruídos; um soldado foi retirado de um dêles e massacrado.

"Os russos avançam e nós vamos lutar"

Corradi tinha tirado o pedaço de papel das mãos de Imre Nagy, afirmando: "Tenho um carro aqui embaixo, eu mesmo vou entregar isto a Felsoepeteny". Depois de ter lido o documento, Mindszenty ajoelhou-se, e disse apertando seus olhos de cigano: "Graças a Deus, posso voltar para os meus fiéis". Mas a felicidade do Cardeal durou pouco: na manhã de domingo, 4 de novembro, com a volta dos russos, Mindszenty teve de procurar asilo na legação dos Estados Unidos, que está no número 12 duma praça no centro de Budapeste. A praça se chama Liberdade. Hoje, dez anos depois, o Cardeal ainda está lá. Tem 73 anos e só aos domingos sai de seu pequeno apartamento para passear meia hora no pátio fechado da Embaixada Americana.

Encontro com Janos Kadar

Ao meio dia da quinta-feira, 1.º de novembro, Janos Kadar me recebeu em seu escritório no edifício do Parlamento. O primeiro-secretário do PC tinha 44 anos, cabelos castanhos, estatura média. Falava lentamente, como que escolhendo as palavras. Dêste encontro, lembro-me de três perguntas e das três respostas:

— Que tipo de comunismo representa o senhor: do tipo iugoslavo ou do tipo polonês?

— Nosso comunismo. É uma espécie de terceira linha, sem relação com o titoísmo nem com as idéias de Gomulka. É o marxismo-leninismo aplicado às exigências de nosso país. Esta terceira linha, como o senhor sabe, tem suas origens na revolução dêstes dias, em que muitos comunistas têm lutado ao lado de estudantes e operários.

— Seu comunismo seguirá uma linha democrática?

— Sem dúvida. Teremos oposição e não haverá ditadura.

— Como serão as futuras relações do PCH com o da União Soviética?

— Certamente amistosas, não tenha dúvida.

Três dias depois, descobri que Janos Kadar tinha dito a verdade sòmente a respeito do último ponto. Na mesma noite desta entrevista, Janos Kadar e o Ministro do Interior, Ferenc Munnich, reuniram-se secretamente na sede da Embaixada Russa, para tratar da volta das tropas soviéticas e da prisão de Imre Nagy e de todos os outros membros do govêrno. Traição? Os técnicos em assuntos marxistas não são desta opinião: Kadar na qualidade de comunista, não podia admitir os desvios de Nagy. Aguardou apenas o instante exato para acabar de uma vez com a "contra-revolução". Observadores menos requintados, afirmam, ao contrário, que Kadar — um ambicioso — tinha brigado, na noite de quinta-feira, com Imre Nagy, pedindo para si o lugar de vice-presidente "político". A resposta negativa do primeiro-ministro teria provocado a sua ira, e a sua imediata determinação de afundar o barco, abrindo novamente as portas aos russos.

Evidentemente, Imre Nagy não podia dormir tranqüilo. Tinha conseguido acalmar os combatentes, mas sabia que a paz era sòmente provisória. O silêncio que, na noite de 2 de novembro, pairou sôbre Budapeste foi apavorante. Logo que o Sol se pôs atrás do braço do Danúbio, as janelas da cidade apareceram com velas acesas, as calçadas apresentavam fileiras de tochas. Os degraus da praça Garibaldi, em frente ao prédio da AVH, tremiam de pequenas luzes amarelas. Budapeste lembrava em silêncio seus heróis, no dia de finados.

Os russos voltaram novamente a Budapeste na madrugada de domingo, 4 de novembro. Dois dias antes, Imre Nagy tinha denunciado o Pacto de Varsóvia e chamado a atenção do Conselho de Segurança da ONU para a permanência das tropas vermelhas nos limites da fronteira húngara. Mas a ONU estava atarefada com a questão de Suez.

A ordem que os russos traziam consigo, voltando a Budapeste, era a de esmagar sem piedade qualquer resistência. Os primeiros tanques entraram na cidade, atirando contra as casas de cidadãos que estavam dormindo, ignorando o que se passava. Houve quem pensasse em fogos de artifício, para festejar a vitória. Mas o rádio tirou qualquer dúvida: enquanto a emissora livre de Kossuht difundia o dramático e agora histórico apêlo de Imre Nagy — "As fôrças russas, no intento de esmagar o govêrno democrático húngaro, avançam em direção ao centro da cidade. Nossas tropas estão lutando".

Outra emissora entrou sùbitamente no ar anunciando a constituição de um govêrno húngaro revolucionário, de operários e camponeses, presidido por Janos Kadar, e tendo como vice-presidente Ferenc Munnich, ex-ministro do Interior de Nagy, e agora ministro também da Defesa e da Segurança Pública. O golpe estava dado, Kadar tinha conseguido o que queria.

Meio milhão de vítimas

A Hungria inteira pagou muito caro por esta manobra de Kadar. Os combates de rua, mais violentos do que os da primeira vez, duraram mais de uma semana. Nunca foi feito um cálculo exato dos mortos, dos feridos, dos desaparecidos. Falou-se, em 1957, um ano após a tragédia, em meio milhão de vítimas. Cifras oficiais não existem. Sabe-se porém, com certeza, que a União Soviética, para acabar com a revolta, enviou à Hungria sete divisões mecanizadas, cêrca de 5 mil tanques e 20 mil homens de infantaria. Outras coisas, dez anos após a revolta, também se sabem com certeza: o ódio profundo e feroz que cada húngaro tem por Janos Kadar; o desprêzo que êsse pequeno político ambicioso suscita até em seus camaradas comunistas de outros países; a onda de amargura que tomou todo o mundo livre, quando, em 1958, Imre Nagy talvez mais social-democrata do que comunista, foi mandado à fôrca por juízes húngaros, acusado de "alta traição".

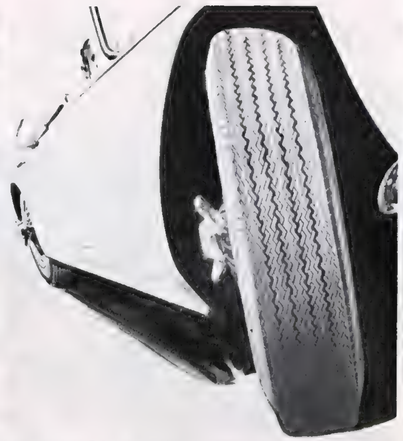
Consegui deixar Budapeste na quarta-feira, 14 de novembro, com outros colegas. Durante a viagem de volta, ninguém falou. Na fronteira com a Áustria, havia quatro russos na guarita: revistaram nosso carro e até nossos bolsos, durante duas horas e 50 minutos. Perto de Viena, um de nós disse: "Finalmente acabou". Respondeu outro: "Acabou nada. Só Deus e os russos sabem quando vai acabar". E eu pensei no estudante Sandor Losonczy, que cantava a Marselhesa sem saber a letra, no menino arrastando a **bazooka** na Ponte de Kossuth e na pequena Vera Képsz, a menina de braço ferido, que passeava na frente do Hotel Duna com seu cartaz, pedindo socorro em vários idiomas. Se está viva, Vera Képsz tem 25 anos e continua esperando. FIM

Os russos voltaram. Desta vez vieram preparados para tudo. A rebelião húngara terminara.

GOODYEAR

Vá ao encontro da alegria... rodando com pneus G8 Goodyear

Seu carro terá total segurança nas curvas,



porque o G8 tem ombros realmente arredondados.

Você dirige com maior firmeza, em qualquer estrada,

porque G8 é construído com os exclusivos cordonéis 3T Goodyear, mais fortes que o aço,

e com a nova borracha Tufsyn, que proporciona muitos km extras.

Vá onde quiser. Vá ao encontro da alegria com a segurança e o confôrto G8.

Sinta o melhor contrôle do carro e como fica mais fácil e seguro dirigir, rodando com pneus **G8** Goodyear. Visite logo um revendedor Goodyear e aproveite tôdas as vantagens que só o nôvo pneu **G8** Goodyear pode proporcionar.

G8
GOODYEAR

Esta reportagem tem um palco: o **Jornal do Brasil**. Os personagens são os seus repórteres, redatores, editôres e diretores. Mas hoje a estrêla da peça é, mesmo, a informação, a notícia.

A AVENTURA DA NOTÍCIA

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 25 de agôsto de 1966

Texto de
Luiz Fernando
Mercadante
(Fotos de Nélson Di Rago)

Vinte e quatro horas na vida de um jornal

ALBERTO ROMERO, repórter: Se houvesse imprensa no tempo de Pôncio Pilatos, talvez o procurador da Judéia não tivesse perguntado a Jesus o que é a verdade. Porque antes disso algum repórter naturalmente já teria entrevistado o Filho do Homem e dado uma manchete assim: "Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

LUIS CARLOS LISBOA, redator: Com o surgimento da imprensa, a palavra articulada cedeu sua primazia ao vocábulo impresso, e, com o tempo, êsse ganhou o que se convencionou chamar "Credibilidade da palavra impressa". Hoje, os cêrca de 80 mil jornais do mundo inteiro exercem sôbre os três bilhões de habitantes do planêta, direta ou indiretamente, influência semelhante àquela dos sacerdotes das antigas civilizações.

LUIS LOBO, redator: Datado de sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500, o primeiro documento para uma História de Jornalismo no Brasil é uma carta. A que o senhor Pero Vaz de Caminha escreveu "dêste Pôrto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz", a El-Rei D. Manuel. Como se viu, a ilha não era pròpriamente uma ilha. Mas, no mais, Caminha mostrou-se um bom repórter, servindo até hoje como exemplo.

LUIS ORLANDO CARNEIRO, chefe de reportagem: O jornalista é obrigado, profissionalmente, a se interessar por tudo aquilo que passa a ser notícia. Mesmo que êle, pessoalmente, deteste a música produzida pelos Beatles, terá de ter desenvolvido bem a técnica de superinformação, a fim de que os milhares de leitores que, no dia seguinte, vão ler a sua reportagem sôbre a chegada dos Beatles à cidade, não fiquem frustrados.

CARLOS LEMOS, secretário: O bom gôsto de cada um é que dará a medida exata de linguagem. O importante é que não se chegue, nem sequer se arranhe, o pieguismo, o ridículo o sentimentalóide ou o sensacionalístico.

ALBERTO DINES, editor-chefe: A sociedade democrática moderna se caracteriza pela tremenda fôrça que as suas partículas mais ínfimas podem adquirir quando conjugadas. E nesta sociedade democrática, três tipos de elementos infinitesimais podem transformar-se em fôrças gigantescas, quando reunidas por interêsses comuns: o eleitor, o consumidor. e o leitor.

A PROVA DE TODO DIA

Mais um pouco, êle estará nas bancas. Mais um pouco, será velho. Depois tudo recomeça. Como em todos os dias.

Em Copacabana, às sete da manhã, o môço engole o café e despenca pelo elevador. Quando senta no ônibus, já mergulhou no livro tomado ao acaso em uma pilha que separou para ler. Seu ar jovem, seu livro e seus óculos revelam um estudante a caminho das aulas. Mas não é.

O ônibus o despeja no Centro. Êle anda depressa, dobra aqui, vira ali e desaparece pela porta alta de um edifício antigo. No terceiro andar, um deserto com mesas e máquinas de escrever, o môço despega os olhos do livro e ocupa um lugar bem no meio da redação adormecida.

E começa a fazer o jornal.

Fernando Gabeira, 25 anos, jornalista desde os 17, mineiro de Juiz de Fora, é o primeiro a chegar. Gabeira é o editor da pauta do Jornal do Brasil. Isto é, o homem que faz a receita do jornal.

Um recado do plantonista da madrugada está datilografado na máquina de escrever do pauteiro:

"Meu caro, a madrugada só teve frio e dois telefonemas: um princípio de incêndio, fraquinho, no Meyer e a apreensão do automóvel de um deputado, no Galeão. O motorista do distinto estava usando o carro da Assembléia para um passeio e o policiamento da Ilha do Governador quis mostrar que carro oficial só pode ser usado em serviço".

Do recado, o pauteiro passa para a agenda, uma dessas grossas agendas comerciais para registros dia a dia. Hoje é quinta-feira, 25 de agôsto de 1966. Além das anotações, a agenda guarda convites e programas de solenidades e festas. Diante das notas e dos convites começa a ser preparada a receita do jornal. Gabeira escreve:

"Às 9 horas, o Exército começa a comemorar na Presidente Vargas o Dia de Caxias. O Ministro da Guerra, Marechal Ademar de Queirós, e o Ministro da Aeronáutica, Eduardo Gomes, vão fazer discurso. Em Caxias, é feriado municipal. Niterói talvez possa nos mandar uma pequena matéria sôbre as comemorações. Às 15h30, posse da nova Junta Interventora no Sindicato dos Jornalistas. Às 21 horas, na Galeria de Arte Meira, Av. Copacabana, 1063, sobreloja, o leiloeiro Júlio leiloa quadros de Grajelli. Vamos cobrir. O detalhe é que são quadros mantidos em segrêdo durante muito tempo".

Dos registros da agenda, o pauteiro passa à leitura do seu jornal, primeiro, e à de todos os matutinos da cidade, depois. Do seu jornal, e dos concorrentes, vai tirar as suítes, que são o prolongamento e o desenrolar das notícias, em novas notícias ou em reportagens. A receita vai crescendo. O assunto do dia é, como há muitos dias, a nova Constituição. E o pauteiro se detém sôbre o assunto, com 50 sugestões e outras tantas indagações:

"Fala-se em transformar o Congresso em Constituinte. E quem sabe o que é Constituinte? O que significa transformar o Congresso em Constituinte? Quais os precedentes históricos dessa medida? Não seria interessante eleger os Constituintes? Não estaria o atual Congresso comprometido demais com o Govêrno Federal? A comissão dos doutos, tal como é conhecida a comissão que preparou o primeiro texto da nova Constituição, está recebendo críticas do Govêrno a que serviu, e da Oposição, por ter servido. Eis a declaração de um dos juristas da Comissão: "Acusam-nos de preparar uma Constituição conservadora.

segue

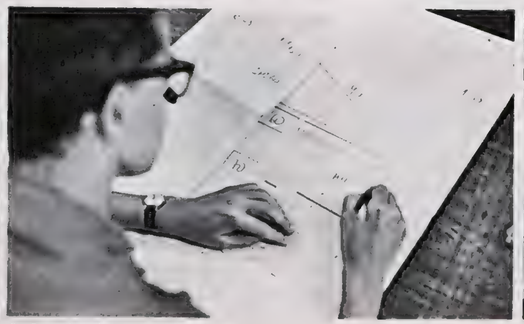
A redação.

Os editorialistas.

O chefe de reportagem.

A redatora.

O cópi acha o título.



O desenho da primeira página.

A notícia vira chumbo.

11 horas: a redação começa a esquentar

Mas não é essa uma revolução conservadora?" É natural que o leitor não entenda nada. É preciso destacar os tópicos conservadores, os tópicos progressistas etc. Não adianta adjetivo. Conservadora em relação a quê? Qual o modêlo? O que foi conservado? O que foi modificado? Cabe-nos comparar com o texto de 1946 e apresentar as modificações introduzidas".

Da Constituição, o pauteiro passa para o homem acusado de tentar matar o Presidente da República, o aeroviário Adílson Pimentel, que fugiu do hospital onde estava prêso e se asilou na Embaixada do Uruguai:

"Seria interessante levantar a história dêsse homem, envôlta no maior mistério, desde a manhã de sábado em que teria se aproximado do Presidente com um revólver. Para o IPM, que talvez não pudesse condená-lo, a fuga foi uma saída genial. Vamos acompanhar o assunto. O desafio do primeiro dia está de pé: quem é Adílson?"

Depois do desafio, seguem-se diversas notas:

"Atenção para Roberto Carlos, entrincheirado em seu apartamento do Leme Palace Hotel, para fugir ao assédio das garôtas. Foi requerida a falência de Dom João de Orleãs e Bragança, da família real brasileira. Êle deixou de pagar uma promissória de 40 milhões de cruzeiros. Atenção para o Festival do Chope que começa amanhã e promete um recorde de consumo. A história e a finalidade dêsses festivais podem interessar ao leitor. Ainda não demos fotos do pessoal que vai ser despejado da Presidente Vargas. É um tema importante".

Da multidão que vai passando na calçada da Avenida Rio Branco, alguns jovens se desgarram e entram por aquela porta alta do edifício antigo onde, no terceiro andar, o môço que lê no ônibus continua a receita do jornal. Aquêle andar é dêles, aquêle prédio é dêles, aquêle jornal é dêles. Êles são repórteres, os garimpeiros da notícia. Sem êles não se faz jornal.

José Maria Mayrink, 28 anos, mineiro de Jequeri, é repórter. Um dos 50 repórteres que o **Jornal do Brasil** emprega no Rio, para cobrir os fatos de perto. Filho de médico, Mayrink cursou o Seminário do Caraça até o 2.º ano de Teologia, onde começou a escrever artigos nas revistas da instituição. Ao abandonar o seminário, foi para Belo Horizonte e, com 21 anos, matriculou-se na Escola de Jornalismo e conseguiu emprêgo no **Correio de Minas.** Ficou quatro meses na reportagem policial. Um dia, veio para o Rio sem nenhum convite. Arrumou trabalho num jornal, depois em outro. Há dois anos, foi convidado para ser repórter do JB. Aceitou. Hoje, é um dos oito repórteres que dão seu tempo integral ao jornal, o que vale dizer que êle está sempre à disposição da chefia de reportagem e pode ser usado em qualquer missão, em qualquer lugar e a qualquer hora. Já andou pelo Panamá, Guatemala e República Dominicana, correu todo o Norte e Nordeste e visitou as principais Universidades brasileiras. Seu trabalho mais importante, até agora, foi uma série de reportagens sôbre o problema universitário no Brasil. Hoje, êle chega às dez horas e bate a última das quatro matérias que escreveu sôbre o Plano Doxiadis, um plano urbanístico que uma emprêsa grega preparou para a Guanabara, tão discutido, quanto desconhecido. A missão de Mayrink foi trocar o plano em miúdos. O repórter não é urbanista, arquiteto, paisagista, médico, engenheiro, padre, advogado, militar ou economista. O repórter é o homem que sabe trocar tudo em miúdos.

São 11 horas e a redação começa a esquentar. O **chefe de reportagem** e o **editor da cidade** conversam em suas mesas vizinhas. Os telefones disparam a cada instante. Uma das cópias da pauta, quase pronta, está nas mãos do chefe de reportagem, um jovem de 27 anos, chamado Luís Orlando Carneiro, pai de quatro filhos, carioca, advogado que nunca foi buscar o diploma, ex-aluno do Colégio Naval, que teve vontade de ser arquiteto e um vestibular malogrado no Itamarati. Um padre apresentou-o ao jornalista Nascimento Brito, diretor executivo do JB, também reprovado num vestibular de Diplomacia. Nascimento Brito gostou do garôto — tinha então 18 anos — e levou-o para o jornal. Começou como estagiário, sem ganhar um tostão, e três meses depois, em janeiro de 1959 foi contratado: quatro mil cruzeiros mensais. Há dois anos e meio Luís Orlando chegou à chefia. Sua figura tranqüila desmente a agitação dos chefes de reportagem de antigamente, sempre a gritar e a gesticular. Luís Orlando é homem sereno e sua mesa não é um vulcão e sim o abrigo para onde êle atrai mansamente a matéria-prima do seu ofício: a notícia. Ali, êle encarrega cada repórter de ir buscá-la. E, mais do que isso, encaminha-o para que dê à notícia uma roupa nova feita com os bastidores, com o que está atrás dos fatos; e com o seu significado, a sua interpretação e a sua angulação, para o interêsse do leitor.

— Hoje, quem fizer um jornal apenas com notícias sêcas, repetirá com atraso o noticiário da televisão. É preciso enriquecer a notícia, engordá-la de complementos, sem o que o leitor não receberá nenhum serviço, mas uma simples e retardada cópia.

Luís Orlando faz essa afirmação num tom de grande seriedade. Êle é um profissional de uma profissão que está cada vez a exigir mais. Por isso, está empenhado na mesma luta de outros tantos jornalistas, do seu jornal e de outros jornais, uma luta que já dá seus frutos e que visa elevar e aprimorar o nível do jornalismo brasileiro.

Neste instante, Luís Orlando recebe uma notícia importante por telefone. Anota, chama um repórter e pede que confirme. Em um minuto suas suspeitas se confirmam: boato. Os tanques que estavam descendo pela Avenida Brasil não eram uma revolução, como dizia o informante, mas um exercício para o desfile de 7 de Setembro.

— Como vai o trabalho? — pergunta Luís Orlando à môça alta que chega carregada de livros e pastas.

Beatriz Bonfim, de 23 anos, repórter, diz que "vai bem" e arruma os livros e as pastas em sua mesa. Beatriz está preparando uma reportagem sôbre os militares que estão exercendo hoje funções antes ocupadas por civis. Antes de ser repórter, ela foi bancária durante três anos. Mas, filha de jornalista — seu pai, Orlando Bonfim Júnior, era diretor de **Novos Rumos** — Beatriz sempre sentiu atração pela carreira paterna. E seguiu-a. Fêz o curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia e foi para o **Jornal do Brasil** em agôsto de 1962. É repórter **full-time,** isto é, está sempre à disposição da chefia de reportagem, e já fugiu de maiô, na camioneta do jornal, pelas ruas de Vitória, com a polícia correndo atrás das fotos que seu companheiro fotógrafo fizera às escondidas, apanhando dona Maria Teresa Goulart de biquíni. Só não foi para a delegacia porque sua argumentação foi irrefutável:

— Vocês me levam prá lá de maiô e vai ser um escândalo muito maior.

As fotos escondidas no veículo também conseguiram escapar. Mas não foram publicadas, a pedido de Jango. Nem a sua reportagem, o que a entristeceu. Mas o mesmo Presidente lhe deu grande alegria. Depois de uma campanha a favor da criança abandonada, Jango, ao ler uma das reportagens, mandou liberar algumas verbas que estavam trancadas.

Recentemente, Beatriz passou três meses cobrindo um setor importante: o Palácio Laranjeiras, sede do Govêrno Federal no Rio. SEGUE

isto também é

engarrafado na Escócia

apreciado na Italia; França; Suiça; Portugal; e, nos Estados Unidos.

Drury's -whisky de qualidade internacional, engarrafadores de BEEFEATER GIN, Scots Bard, OLD EIGHT EXTRA WHISKY

12,30: primeiro "furo" traz alegria

O Mal. Castelo, cada vez que a via, tinha uma mesma frase pronta:
— Está escrevendo muito. Vai sair tudo no jornal? Escreva direitinho.

José Gonçalves Fontes é o editor da cidade. Ao meio-dia seus 11 repórteres já saíram para dar cobertura a todos os setores públicos da Guanabara. Fontes tem homens cobrindo o Govêrno do Estado, Bairros, Trânsito, Serviços Públicos, Saúde, Viação e Obras e Finanças. Três môças se encarregam de Ensino, Serviços Sociais e Turismo. O décimo-primeiro repórter é volante, joga em tôdas as posições.

Carioca nascido em Santa Teresa, Fontes, de 32 anos, ganhou um Prêmio Esso com uma série sôbre fraude eleitoral. Fontes cresceu no açougue do pai e entregou muita carne no bairro. Um dos fregueses e vizinhos do açougue era o jornalista Odylo Costa, filho, que iniciou em 1956 a reforma editorial que ia levar o **JB** à sua posição de liderança de hoje. O entregador de carne ficou amigo do jornalista e, um dia, trocou o açougue do pai pelo jornal. Há anos, Fontes fêz uma grande reportagem sôbre o câncer. A matéria foi publicada num domingo e causou muita dor ao repórter. Relendo-a, ao lado do pai enfêrmo, Fontes — através dos sintomas que apontou na reportagem — diagnosticou a doença que prendia seu pai à cama: câncer na laringe. No dia seguinte, para seu pesar, o médico confirmou o repórter.

Ao meio-dia e meia um telefonema transborda bom humor pela redação, pois um repórter conseguiu varar o cêrco policial em tôrno da Embaixada do Uruguai, onde está o acusado de tentar contra a vida do Presidente. Estratagema do repórter:
— Botei um cachimbo na bôca, disse que era do Itamarati, e entrei.

Mas se o problema do repórter que vem voltando foi entrar numa embaixada sitiada, a do repórter que vai saindo é abraçar um bairro inteiro, Copacabana, e mostrar que no inverno, sem poder ir à praia, as crianças encontram as poucas praças sujas, despoliciadas e sem balanças ou gangorras para brincar.

A editoria da cidade cabem as campanhas. Aquêle repórter magrinho, meio escondido atrás da máquina de escrever, é o responsável pela campanha que obrigou um parque de diversões a mudar-se do Atêrro, em frente ao Morro da Viúva, onde colocaria em sério risco a vida de seus freqüentadores que, para atingi-lo, teriam de atravessar pistas de alta velocidade. O repórter, autor da campanha, chama-se Jorge Rosa e tem 23 anos. Mudou um parque de diversões inteiro de lugar e não é nenhum super-homem. É só um repórter.

Mas as campanhas não são forçosamente contra. Recentemente a editoria da cidade deu todo o apoio à Secretaria da Saúde e mobilizou o Rio para a vacinação contra a poliomielite. Tôdas as campanhas são transitórias, menos uma: a do trânsito, setor que tem problemas bastante para estar permanentemente em foco. Há pouco, um repórter descobriu que os pedestres, ao desdenhar as passarelas e as passagens subterrâneas, atravessam as pistas do Atêrro geralmente nos mesmos pontos. A descoberta nasceu de uma observação muito simples: nas margens das pistas a grama tinha desaparecido nos pontos mais pisados. O **JB** divulgou o fato e as autoridades decidiram construir passarelas diante dos caminhos preferidos dos pedestres.

Os repórteres da editoria da cidade não esperam agradecimentos pelos muitos serviços que prestam. A cidade é dêles.

A Condéssa, diretora.

Nascimento Brito, superintendente.

Alberto Dines, editor-chefe.

Carlos Lemos, secretário.

O homem claro, gentil e elegante, que vai chegando a uma hora é o **editor-chefe** do JB, isto é, o chefe da redação. Seu nome é Alberto Dines, um môço de 34 anos, carioca, pai de quatro filhos, professor de Teoria da Comunicação no curso de Jornalismo da Universidade Católica, que começou sua carreira como repórter de **Visão,** passando depois, como secretário de redação, pela **Manchete, Última Hora, Diário da Noite** e **Fatos e Fotos.** Para a sua emprêsa de hoje, quer dizer, para a S.A. Jornal do Brasil, o editor-chefe é o homem que faz o jornal, que lhe dá forma. Dines está no cargo há cinco anos e, nesse tempo, preocupou-se em criar uma redação e um sistema cada vez mais capazes de produzir um bom jornal.

— Todos os dias são grandes dias — afirma. Não se pode contar todos os dias com um dia excepcional para se fazer jornal. Mas é possível, sim, tratar cada dia como um dia excepcional.

Falando e escrevendo seis línguas, lendo muito e visitando sempre que pode os grandes jornais do mundo, Dines persegue seu ideal profissional:

— Conservar o subjetivismo da profissão e solidificá-la com o objetivismo da comunicação de massas.

Quando chega à redação, Dines já leu todos os jornais do dia, inclusive, e principalmente, o seu onde êle sempre descobre alguma imperfeição. Sôbre a sua mesa, a um canto, a pauta já em curso o espera. Uma leitura rápida o coloca a par do que está sendo feito. Ele sempre terá alguma coisa a mais para acrescentar. Nunca pode estar plenamente satisfeito. Seu cargo é insaciável e sua missão é extrair tôdas as potencialidades do barco cujo comando lhe entregaram. Na sala ao lado está o secretário de redação. Uma voz alegre e alta o denuncia:

— Olha aí garôto! Quero ver é domingo no Maracanã! O Fluminense vai bater e de muito. Se minha mulher deixar eu estou lá.

Dines sorri, aponta para a sala vizinha e comenta:

— O Lemos está chegando.

Carlos Lemos, de 37 anos, carioca nascido em Vila Isabel, pai de três filhos, é o **secretário de redação,** uma espécie de executivo do editor-chefe. Faz dez anos, estudava Jornalismo na Católica, quando um dos professôres, Nílson Viana, secretário da **Tribuna da Imprensa,** sentiu nêle a estrêla do repórter e carregou-o para o seu jornal. Êle chegou tìmidamente, com os seus óculos de armação grossa. SEGUE

teste de comportamento em relação ao dinheiro

pergunta: se alguém lhe dissesse que emprestar dinheiro a um dos maiores bancos do País rende 2% ao mês, qual seria o seu comentário?

☐ "só 2% de renda?"

☐ "2% por mês é uma renda razoável"

☐ "2% por mês e mais a garantia bancária é um excelente negócio"

interpretação

A primeira resposta revela uma atitude AVENTUREIRA em relação ao dinheiro. Revela uma pessoa ansiosa por uma renda elevada, mas que não se preocupa com o risco do negócio.

A segunda resposta revela uma atitude CONFORMISTA, uma pessoa que, embora não seja ofuscada pela renda como a primeira, também não se preocupa com outras características do negócio.

A terceira revela uma atitude MADURA de uma pessoa com experiência em investimentos. Uma pessoa que mediu a suficiência da renda e tomou em conta também a segurança que é proporcionada pela garantia bancária.

recomendação

Se o senhor considera um bom negócio emprestar dinheiro a um banco, procure uma das 199 agências do Banco Federal Itaú Sul Americano S. A. e abra uma CONTA DE INVESTIMENTO.

É uma forma nova de aplicar capitais. Nova e segura. Mais que um simples depósito bancário. O senhor terá uma renda garantida de 2% ao mês. Paga de 3 em 3 meses. E, quando quiser o seu dinheiro, é só avisar com 60 dias de antecedência. Em síntese: é o mesmo que emprestar ao Banco.

Um dos maiores Bancos do País.

BANCO FEDERAL ITAÚ DE INVESTIMENTO S.A.

Lince 21 B-64

15 horas: tomam-se as grandes decisões

Trazia uma capa de chuva e um chapéu que êle carregou heròicamente durante seus primeiros meses de jornal. Os óculos, carrega-os até hoje.

Entrando pela primeira vez numa redação, o **foca** Lemos parou diante do chefe de reportagem, o velho Hílcar Leite, que lhe perguntou o nome.

— Carlos Lemos Leite da Luz — respondeu.

— Como é que você vai assinar suas matérias?

— Carlos Luz.

— Não pode — retrucou Hílcar. Carlos Luz é nome de político importante.

— Então, Carlos Leite.

— Também não pode. Leite neste jornal sou eu e chega.

— Então, Carlos Lemos — propôs o foca, meio embaraçado.

— Carlos Lemos serve — assentiu Hílcar. E tome cuidado que com as iniciais você não pode assinar. C. L. aqui dentro é só o patrão.

O patrão era Carlos Lacerda.

Batizado, o foca saiu à rua. E voltou repórter, com matéria para a primeira página. Em alguns dias era o melhor repórter da **Tribuna.** Em algumas semanas, o melhor do Rio.

Lemos deixou a **Tribuna** pelo JB, onde está há nove anos, percorrendo a longa trajetória que leva um repórter à secretaria. São três horas. Vai começar a reunião dos editôres.

Não é às três menos cinco, nem às três e cinco, mas exatamente às três — e aí está o milagre — que as reuniões diárias dos editôres têm início, em tôrno de uma grande mesa numa extensão da sala do editor-chefe. Além dêle, do secretário e do chefe de reportagem, estão presentes os editôres internacional, nacional, de pesquisa, de esporte, de economia, de fotografia, do Caderno B, o segundo do jornal, e da **Agência JB,** que funciona como uma agência noticiosa e vende, principalmente, os subprodutos do jornal: notícias e fotos para outras publicações. O editor-chefe e o secretário conduzem a reunião. O primeiro a falar é, em geral, o chefe de reportagem, que alinha os principais assuntos do dia e revela como a reportagem geral e a editoria da cidade, vinculada à sua chefia, estão trabalhando nêles.

Constituição, Constituinte e obstrução parlamentar do MDB são os pratos fortes.

— À noite, às nove e meia há uma reunião no Instituto dos Advogados onde se tratará do problema Constituição e Constituinte. Vamos mandar repórter e fotógrafo. De manhã, cobrimos o Dia do Soldado. O desfile foi suspenso por causa da chuva, não houve pronunciamentos importantes nos discursos. Saíram as promoções no Exército. Vamos dar o principal, sòmente os coronéis. Temos ainda as suítes do acusado de tentar matar o Castelo e da extinção da Fundação do Parque do Flamengo. E está chegando o Ministro de Desenvolvimento da Espanha, que pode render uma boa entrevista. O mais é rotina.

Lemos, o secretário, intervém:

— Mande ver o índice pluviométrico. Está caindo água sem parar desde a madrugada e é bom ficar atento para não ser apanhado desprevenido por alguma inundação safada.

A sala dos fotógrafos.

O editor-chefe, Dines, passa a palavra ao **editor econômico,** João Muniz de Souza, de 39 anos, economista nascido em Sapucaia, estado do Rio, que usa dois redatores e quatro repórteres para fazer diàriamente de duas a três páginas e que em janeiro edita a **Revista Econômica** do jornal.

— O Govêrno começa a aceitar que pelo menos algumas das suas medidas no terreno econômico e financeiro não estão funcionando. Foi isso que o Roberto Campos deixou claro na televisão e que nós vamos procurar situar ainda mais claramente. O presidente do Banco Central tem uma reunião com empresários, estamos cobrindo uma reunião do Sindicato dos Bancos, outra na Bôlsa e atentos para a reunião do café, em Londres. Estou de saída para uma entrevista exclusiva com Márcio Alves, secretário de Finanças do Govêrno do Estado.

Dines pergunta:

— A UPI (United Press International) tem mandado bom noticiário da Conferência do Café?

— Tem sim. E muito.

— Nessas coisas êles são bons — atalha Lemos. Êles falham é no futebol. Nós queríamos o dia a dia do Santos no exterior e nada. Só os jogos.

A palavra fica com Amauri Ferreira de Mattos, de 37 anos, **editor nacional** e responsável pelas telecomunicações do jornal. Amauri é o homem das sucursais (Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Pôrto Alegre e Niterói) e dos correspondentes (em tôdas as outras capitais, menos nas do Acre, Mato Grosso, Piauí e Sergipe, por dificuldades de comunicação).

Na redação, ao lado de sua mesa, funcionam quatro aparelhos de telex, com três canais ligados na rêde nacional e um na internacional. Mais ao fundo, dois teletipos recebem o noticiário internacional da UPI. O telegrama, o telefone e o avião são armas também muito suas. E dentro do seu pequeno e grande império de comunicações, Amauri, carioca de Irajá, sabe que tem nas mãos um instrumento poderoso.

— Sou capaz de encontrar um homem nosso em qualquer parte da terra onde êle se mêta.

É a vez do Amauri falar na reunião:

— O correspondente em Maceió telegrafou informando que as fotos do homem que foi mãe, ou da mulher que pensava que era homem, estão a caminho, de avião. Brasília está acompanhado a possível votação do Fundo de Garantia, a Constituição e a Constituinte e vem aí uma entrevista com o arcebispo do Espírito Santo sôbre a crise Govêrno-Clero. São Paulo está levantando a repercussão sôbre a possível mudança na política econômica. E, de importante, é só.

Pela manhã, a editoria nacional, ao receber uma cópia da pauta, já pediu às sucursais e aos correspondentes aquilo que lhes coube na receita do jornal do dia e pedidos para os próximos dias. Por telex e telegrama solicitou que dessem atenção às eleições para o Govêrno do Estado, próximas e tão pouco lembradas por causa da forma indireta. A esta altura, Amauri já está de posse da pauta das sucursais. E a reunião corre tranqüila.

— Fala Oldemário.

Oldemário Touguinhó, **editor de esportes,** responde pela sua área:

— Bem, o Santos está mandando brasa em Nova Iorque. Chegou um japonês aí e deu uma surra no campeão brasileiro de judô. Há um Fla-Flu pela frente. Pedi para São Paulo ver o que há com o Mané Garrincha, pois desde que voltou da Copa não se fala mais nêle. O América vai para Araruama, concentra-se para enfrentar o campeonato, fato importante porque é o primeiro clube do Rio a se preparar assim, com tanta seriedade para um torneio local. E mandei fazer uma reportagem sôbre a situação dos clubes pequenos.

Lemos sugere, então, uma reportagem sôbre o que os torcedores pensam a respeito do campeonato que se aproxima e Luís Edgar de Andrade, **editor internacional,** propõe uma reportagem sôbre o futebol nos Estados Unidos, agora palco de grandes jogos internacionais.

Do futebol, Luís Edgar, um cearense de 35 anos, que viveu cinco em Paris como correspondente do JB, passa para o seu campo específico, o mundo. Para cobri-lo, além da UPI que entra com o noticiário, reportagens, rádiofotos, o JB conta com correspondentes em Montevidéu, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres e Telavive, uma sucursal em Buenos Aires.

SEGUE

BEIRUTE

NAS LINHAS DA VARIG

É mais uma conquista das linhas aéreas brasileiras. Ligando o Brasil à capital do Líbano, a VARIG abre a seus viajantes internacionais as portas do Oriente Médio, rico de belezas naturais e humanas, encantador nas suas paisagens históricas, vibrante de vida econômica e de atividades comerciais.

BEIRUTE se incorpora assim às linhas internacionais da VARIG, e é com imenso prazer que a pioneira saúda nesta oportunidade a todos os libaneses, sírios e seus descendentes que residem no Brasil, feliz por estabelecer mais êste elo de ligação entre brasileiros e povos irmãos.

CONSULTE SEU AGENTE IATA DE VIAGENS OU A

VARIG

O PROGRESSO BRASILEIRO VOANDO A JATO

IATA QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

18 horas: a vez dos que fazem editorial

E ainda 12 redatores no Rio. Alguns estão se especializando: um em África, dois em América Latina, um em Ásia, outro em Inglaterra, o último em Europa Continental.

Numa tira de papel êle tem relacionados os principais fatos em evolução nos cinco continentes e no espaço.

— A cápsula Apolo vai bem em seus testes para levar o homem à Lua, os americanos aproximaram o satélite Orbiter a uma distância de apenas 40 quilômetros da superfície lunar e o Luna-11, soviético, continua tranqüilamente sua viagem. Sábado deverá entrar em órbita em tôrno da Lua. Voltando para a Terra, o Vietnã continua na mesma, a crise político-militar na Alemanha, também. O General De Gaulle está tendo problemas com sua visita à Somália e se prepara para seguir até a Etiópia. Há, também, a Conferência do Desarmamento e, no mais, é café em Londres.

Paulo Afonso Grisolli, de 32 anos, paulista de Bragança, **editor do Caderno B,** quase uma revista em forma de jornal, é o próximo:

— Não há muita coisa. Estamos editando para amanhã uma reportagem sôbre o gabarito dos prédios de Ipanema. Amanhã também é dia do **Jornal do Espaço.**

O Jornal do Espaço é uma página permanente que sai às sextas, sob a responsabilidade de Roberto Pereira de Andrade, um rapaz de 25 anos, formado em História e Geografia, hoje irremediàvelmente apaixonado pela astronáutica. Começou no JB como revisor, entrou na redação pelo Caderno C (de anúncios classificados) com uma seção de astronáutica, foi chamado para o Departamento de Pesquisa, e no ano passado já redigia tôdas as matérias feitas pelo jornal sôbre o tema. Publicou um livro, "A Exploração do Sistema Solar", é capaz de descobrir coisas só de olhar uma radiofoto de um foguete ou satélite, já atendeu consulta das embaixadas norte-americana, e russa, é o primeiro jornalista brasileiro a se dedicar exclusivamente à astronáutica e tem um apelido muito bom, que o seu trabalho e o seu ar distante, quase marciano, sugerem. Roberto é chamado de **Bip-Bip.**

A reunião vai chegando ao fim e o último a falar é o editor de pesquisa, Antonio Beluco Marra, de 26 anos, nascido em Patos de Minas e repórter há cinco anos, com passagens por Belo Horizonte, São Paulo e Rio. Pesquisa, departamento criado há três anos para dar subsídios à reportagem geral e produzir reportagens de fôlego sôbre temas que exijam grandes levantamentos e estudo, incorpora hoje o arquivo do jornal, tem uma boa biblioteca de informação, produz e auxilia a produção de cadernos especiais e reúne a esta altura dez redatores e duas repórteres. Beluco, o chefe do departamento, está com a palavra na reunião:

— Estamos preparando três matérias para domingo. Uma sôbre educação, outra sôbre os marechais do Exército brasileiro e a terceira sôbre a cédula única. Para amanhã estamos preparando uma comparação entre os textos da Constituição de 46 e o texto do nôvo projeto, feito pela comissão de juristas. E é só.

Secretário e diagramador fazem a primeira página.

Às quatro horas, o Caderno B já está fechado, com reportagens ilustradas; as colunas de Léa Maria José Carlos Oliveira e Fernando Sabino, as crônicas e críticas de teatro, cinema, televisão, religião, artes; a página feminina, assinada por Gilda Chataignier; e os registros de livros, artes, discos, vida noturna e música popular. E ainda o **Pergunte ao João,** que responde a cartas sôbre qualquer tema e se gaba de nunca ter deixado de responder a nenhuma, e **O que há para ver,** que traz desde o programa dos cinemas até os pratos de fôrça dos restaurantes.

Às quatro horas, cresce o fluxo de notícias que corre da mesa do chefe de reportagens para a do secretário de redação. Lemos, o secretário, lê tudo, o menos importante por cima, o mais, do começo ao fim. Lê tudo, mas não lê primeiro, pois quem o faz é **Jair Marinho,** um crioulo simpático, de 26 anos, contínuo da redação, encarregado de levar as matérias da chefia de reportagem para a secretaria. No caminho, **Jair Marinho** vai lendo.

— Leio política, porque quero ficar por dentro. Leio sôbre o custo de vida, pois vivo apertado. Leio esporte, porque gosto e muito. E leio o resto por costume. Agora, o **seu** Armando Nogueira eu leio porque êle é o máximo. Eu gosto de futebol, igual a êle.

Jair Marinho ganhou êsse apelido no dia em que entrou para a redação do JB. É, realmente, parecido com o jogador Jair Marinho. Mas seu nome mesmo é Genário Simões Evaristo.

Jair Marinho nasceu em Ataléia, Minas, fêz o primário e foi pedreiro, padeiro, trocador de ônibus e balconista de bar. Com 21 anos veio para o Rio, onde foi faxineiro em casa de família, de onde saiu para servir o Exército. Deu baixa num dia e no outro, há três anos, arrumou emprêgo no jornal.

— De vez em quando **seu** Lemos se planta na minha frente quando eu venho lendo as matérias e me grita que "isso não pode, que assim a Condêssa não vai gostar." Mas **seu** Lemos e boa praça. E eu continuo lendo tudo.

Jair Marinho gostaria muito de estudar e se tivesse oportunidade faria o ginásio, o científico e depois se decidiria entre engenharia eletrônica e o jornalismo.

— Já fiz um cursinho de rádio-técnico e no jornalismo eu já estou ficando por dentro.

A Condêssa, que Lemos cita em suas advertências a **Jair Marinho,** é a diretora-presidente do **Jornal do Brasil.** Seu nome grande — Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro — resume-se carinhosamente, no título com que o Vaticano agraciou seu marido. Bisneta, filha e espôsa de jornalistas, a Condêssa sempre viveu ligada a jornal e especialmente ao JB, onde seu pai criou a seção **Coisas da Política,** onde seu marido inicialmente manteve uma seção de notícias de Pernambuco e um noticiário comercial e financeiro. Depois, o Conde Ernesto Pereira Carneiro se integrou de vez na vida do jornal e, durante 36 anos, até o seu falecimento em 1954, foi o seu dirigente. A Condêssa assumiu em seguida e, durante dois anos, se preparou — passou três meses nos Estados Unidos, sòmente visitando jornais — e preparou o JB para uma grande reforma renovadora que foi impulsionada a partir de 1956, com Odylo Costa, filho, na redação e seu genro, Manuel Francisco do Nascimento Brito, na superintendência.

— Nesta casa, a ordem é não parar. Ainda temos muito por fazer — afirma a Condêssa sorrindo, no seu bonito gabinete de trabalho, no oitavo andar.

— E temos que fazer sempre cada vez mais. Somos pioneiros por hábito. E não perderemos êsse costume. Não temos segredos. Temos, sim, uma equipe que funciona maravilhosamente.

Um dia em Lisboa, num encontro com Salazar, o Primeiro-Ministro de Portugal lhe fêz queixa:

— Seu jornal é severo comigo.

A Condêssa desarmou Salazar com um sorriso e uma explicação direta:

— Os homens que assinam os nossos artigos têm liberdade de expressar suas opiniões. Um jornal se faz também com críticas.

Enquanto a Condêssa fala com entusiasmo no seu trabalho — ela vai todos os dias ao jornal e tem sala até nas sucursais — no sétimo andar é aberta a reunião dos editorialistas: a direção do jornal e os jornalistas que escrevem os artigos de opinião.

São seis horas e à cabeceira da mesa está Nascimento Brito, o diretor-executivo. SEGUE

Meia-noite: missão cumprida

Sentado ao seu lado estão o vice-diretor executivo, Bernard da Costa Campos, o superintendente, Lywal Salles, o editor-chefe, Dines, e os homens que escreveram os editoriais: Otto Lara Resende, Wilson Figueiredo, Pedro de Andrade Gomes e João Paulo de Almeida Magalhães; dois mineiros, um baiano e um carioca. Uma foto na parede em frente à mesa mostra o mar agitado de um dia de ressaca. Sob a foto, na mesa, muitas vêzes mais agitada que o mar da foto, começa a reunião.

Nascimento Brito e Dines dão uma síntese dos principais acontecimentos do dia no Brasil e no mundo e o primeiro sugere alguns temas para editoriais. O editorial é onde o jornal opina sôbre os fatos e reflete a linha política, econômica e social — a filosofia da direção.

O escritor Otto Lara Resende é o mais falante nessas reuniões. Disserta com brilho sôbre assuntos políticos e faz comparações gostosas de se ouvir:

— O Govêrno indica uma coisa e depois sai com outra. É como se um clube anunciasse que o Pelé vai jogar. A gente fica pensando que é futebol, é claro. Não vai ser tênis nem basquete nem nada. Depois, na hora do jôgo o clube anuncia; não é futebol, é polo aquático. Não há quem agüente. E é isso que o Govêrno faz. Assim foi com as eleições, assim, também, com a Constituição.

Escolhidos os três temas para os editoriais do dia seguinte — o primeiro sôbre a transformação do atual Congresso em Constituinte, o segundo sôbre a "revolução cultural" na China Comunista e o último sôbre as ameaças à vida do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico — os editorialistas preparam-se para escrever. Todos mantêm sigilo sôbre quem escreve o quê. E se alguém insiste, Nascimento Brito responde invàriavelmente:

— Quem escreveu foi a Condêssa.

E, em última análise, a opinião da Condêssa é a opinião do JB. E vice-versa.

Sete horas e, na redação, os editôres se reúnem a segunda vez Agora para o último acêrto de ponteiros antes da decolagem. Desta vez está presente o **editor político,** Heráclio Sales, baiano, de 44 anos, jornalista há 20 e há seis no JB. A manchete política é, quase invàriavelmente, dêle ou do piauiense Carlos Castello Branco, que escreve a **Coluna do Castello,** diretor da sucursal de Brasília. Heráclio, um homem equilibrado, é o autor da coluna **Coisas da Política.** Na reunião das sete são escolhidos os assuntos de primeira página e já se prenuncia que a manchete de amanhã será sôbre a votação da nova Constituição

José Antônio, de 33 anos, subeditor de fotografia, está na reunião representando o **editor fotográfico,** Alberto Ferreira, que arruma as malas a fim de seguir para o Amapá. José Antônio é um môço alto, fotógrafo de jornal há dois anos, desde que se iniciou com um estágio no JB. Antes, estudou Direito durante dois anos e meio, depois Línguas Neolatinas, por um ano, e Filosofia, um ano e meio. Trocou tôdas as três carreiras por uma câmara fotográfica e, depois de fazer fotos para publicidade, indústria e teatro, tentou o jornal. Em dois anos é o sub da fotografia. Seu primeiro grande serviço foi durante o Campeonato Mundial de Pára-quedismo. No dia em que êle foi escalado para a cobertura, o Brasil passou à frente no certame e suas fotos ganharam muito destaque.

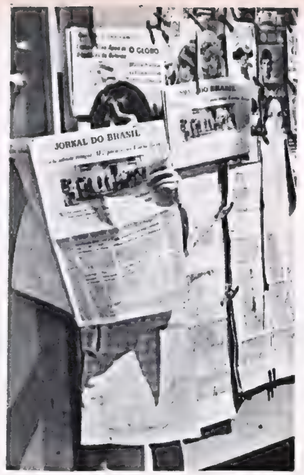
A essa hora, num salão encravado entre as salas da reportagem, do editor-chefe e do secretário, funcionam ao som das máquinas de escrever e com pouca conversa, as seções de texto e diagramação, chefiadas, respectivamente, por Lago Burnett, maranhense de 37 anos, e José Silveira, gaúcho de 32.

Quatorze redatores recebem as matérias para **copidescar.** O copidesque deve **pentear** a matéria — acertá-la a caneta mesmo — refazer a abertura e fazer o título, ou refazer tudo, do começo ao fim.

Prontas, as matérias retornam ao sub de texto e seguem para o secretário gráfico que, por sua vez, as encaminha, juntamente com as fotos, para a **diagramação,** onde a matéria e as fotos são desenhadas e marcadas em diagramas, que reproduzem o formato da página do jornal e que servirão, na oficina, para os paginadores se orientam, quando juntam o texto composto aos clichês das ilustrações.

Os repórteres principiantes temem o copidesque e êste, por sua vez, teme o relógio, que marca o ritmo industrial do seu trabalho. O mêdo dos novatos é que o cópi lhes estrague a reportagem, reescrevendo e igualando tudo. Já houve muita polêmica em tôrno do assunto. Mas, hoje, a maioria dos repórteres compreende que, se êles são os insubstituíveis garimpeiros da notícia, os homens do cópi — do Marcos de Castro e do Aluísio Flôres que sentam na primeira fila, ao velho José Bandeira Costa, que ocupa a última fileira — todos são os, também insubstituíveis, lapidadores da notícia.

Às 23 horas, a primeira página está se **fechando.** Lemos escolhe a manchete, as chamadas e as fotos. O resto do jornal toma forma nas mãos e no lápis de José Carlos Avelar, carioca de 29 anos, apelidado **Fenéfa,** porque estudou na Faculdade Nacional de Filosofia (F.N.Fi). Avelar é assistente da cadeira de diagramação no Curso de Jornalismo da Nacional e contratado na Pontifícia Universidade Católica. Três fotos estão disputando dois lugares na primeira página: uma muito bonita de dois velhos moradores da Presidente Vargas com despejo decidido; a segunda, do Ministro Paulo Egídio, de quimono, em plena aula de judô; e a última, do Presidente, debaixo de chuva, nas solenidades do Dia do Soldado. **Fenéfa** e Lemos discutem a melhor solução. E o Presidente acaba indo para a página sete. Era a foto menos boa e a notícia menos



As notícias vão para as ruas.

importante. Que desculpe, o Presidente.

Na entrada do jornal, mais tarde se encontram dois companheiros. Um é o ex-chefe de reportagens e atual gerente comercial do **Jornal do Brasil,** Francisco Pedro de Araújo Neto, amazonense de 37 anos, e o atual editor de esportes, Oldemário Vieira Touguinhó, de 31 anos, fluminense de Campos, criado no Rio, por sua vez ex-gerente comercial de um mercadinho na Lapa. Araújo e Oldemário conversam um instante e tomam rumos diferentes.

Araújo é hoje o homem dos anúncios e da circulação. Trocou as palavras pelos números e tem, sempre à mão, os dados que a Assessoria de Planejamento e Contrôle recolhe diàriamente. O JB é possìvelmente o único jornal do País que conhece precisamente todos os seus números e, tanto quanto possível, os números dos seus concorrentes. E é, certamente, o único que sabe o seu custo real, dia a dia, página a página, palavra por palavra. Cada palavra que se lê no JB custou à redação 560 cruzeiros. E prontinha, isto é, impressa, chega a 830.

Araújo sabe que seu jornal vende diàriamente 65 mil exemplares no Rio. Sabe, também, que aos domingos êsse número se multiplica por três: 180 mil. Araújo conhece a centimetragem de publicidade do seu jornal e dos outros. E está seguro de que o JB fatura mais que qualquer concorrente, ainda que em janeiro, sòzinho, tenha lançado uma tabela de preços de publicidade garantida para todo o ano de 1966, experiência que espera repetir em janeiro próximo. Os classificados chovem nos balcões, as agências se afeiçoaram ao jornal e, ainda que o mercado esteja baixando, o JB consegue o menor índice de queda.

Oldemário segue outro caminho. Em 1958, quando o Brasil ganhou a Copa na Suécia, êle, que trabalhava no comércio, se prometeu ir à Copa seguinte, no Chile. De qualquer maneira. Para isso, comprou uma lambreta, a prazo. A lambreta bem que ajudou. Pouco depois êle se aproximou do JB por intermédio de um fotógrafo amigo. E iniciou um estágio conturbado: corria do mercadinho da Lapa para o jornal e do JB para o mercadinho. De noite, usando um pouquinho de malícia e muito a lambreta, conseguiu se fazer notado. Duas vêzes apressou o pessoal do esporte a **fechar** as páginas o mais cedo possível. E fingiu que ia embora, também. Duas vêzes conseguiu **furos** para o jornal. Correu com a lambreta até o Iate Clube e cobriu a chegada inesperada de um veleiro que participava da regata Buenos Aires-Rio e, sem saber inglês — o barco era britânico — conseguiu até obter uma declaração do comandante. A outra vez foi uma equipe russa de basquete, que participou sua chegada ao Galeão e que trazia um gigante. Mais uma vez, só Oldemário sabia. E até foto do gigante êle conseguiu. Sempre correndo com a lambreta. E sempre entrando na oficina, de madrugada com o esporte já fechado e enfrentando com segurança os gráficos.

— O Lemos mandou enfiar isso aí.

E se arrancava.

No dia seguinte, o Lemos, então editor de esportes, era o primeiro a se surpreender e a se alegrar com o furo. Mas a consagração de Oldemário veio num dia que sua lambreta estava enguiçada. Mandaram que fôsse ao Galeão, levar um envelope que tinha de seguir sem falta, dentro de 40 minutos, para Buenos Aires, onde estava o repórter Artur Paraíba. O envelope continha instruções urgentes e, para Oldemário, mais do que isto, levava as fotografias da filha de Paraíba, no seu primeiro dia de aula, para o pai matar as saudades, pois estava fora há um mês. Oldemário correu, pegou um ônibus, ofereceu 100 cruzeiros ao motorista para meter o pé, o motorista fêz o possível e nem quis o dinheiro, êle saltou de carreira, correu pelo Galeão, viu o avião rolando pela pista e pulou uma cêrca de dois metros. Cercou o avião no grito, o avião parou veio polícia, êle disse que o envelope era para o pilôto (o envolpe tinha o enderêço do colega e pedia ao pilôto que entregasse), a polícia ficou confusa, trouxeram uma escada, um guarda subiu e entregou o envelope ao pilôto, pela janelinha. O avião taxiou e decolou. Oldemário olhando o avião e a polícia olhando Oldemário. Na hora que o avião subiu, Oldemário desabafou:

— Agora podem me prender, podem fazer qualquer negócio, que minha missão eu já cumpri.

A polícia soltou Oldemário, êle virou notícia e acabou sendo contratado como repórter esportivo, seu ideal. Foi à Copa do Chile, à da Inglaterra e já fala na do México. É amigo íntimo de Pelé e, talvez, o único jornalista para quem o **Rei** ao chegar ao Rio, telefona e convida:

— Oldemário, vamos sair por aí e comprar umas camisas?

Êle adora o crioulo:

— Deus escalou Pelé jogador de futebol e está acabado.

O barulho que vem das rotativas surpreende Oldemário no meio do quarteirão. O Jornal está rodando. São duas e meia.

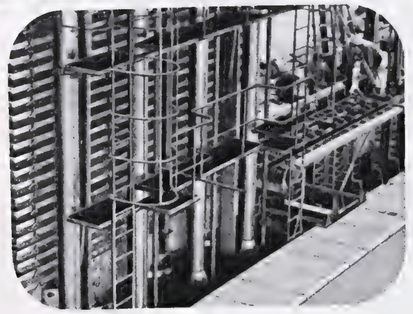
Manhã seguinte, pouco mais de sete horas, em Copacabana. Um môço engole o café e despenca pelo elevador. No ponto do ônibus, bem às suas costas, uma môça pede na banca de jornais:

— Me dá aí o **Jornal do Brasil.**

O jovem com o seu livro, sorri. Êle é o pauteiro. Vai para o JB. Fazer outra receita.

EIMA.

Com a inauguração
da nossa 3ª prensa, passamos a
produzir 100.000 toneladas
anuais de Duratex.



Quer dizer:
continuamos a ser a maior fábrica
de chapas duras da América Latina.

DURATEX

Lince 17.179

DESGRAÇADO É O GOLEIRO

Até onde êle pisa não nasce grama

(frase de Dom Rossé Cavaca)

Se houvesse futebol naquele tempo, o Senhor, para castigar Adão, acrescentaria à frase "Ganharás o pão com o suor do teu rosto" as palavras "jogando de goleiro até o dia do juízo final". Pois ser goleiro é viver esperando, a cada momento, o fim da carreira. Que sempre vem de surprêsa, numa bola fácil que êle deixa passar: o **frango.** Então é ali, entre aquêles três paus que os portuguêses chamam de moldura, que se fixa o retrato de um homem derrotado.

Nélson Rodrigues disse uma vez que a pelada também é filha de Deus, mas há quem não concorde com êle. Adão Gilberto Cordeiro, por exemplo. Jogador de pelada, goleiro por castigo, pois sempre fôra uma nulidade com a bola nos pés, Adão ganhou numa segunda-feira três colunas na seção policial dos jornais do Rio — êle que nunca tinha sido notícia nem nas seções esportivas. Adão era amigo velho de Ivanildo Ferreira Lima e os dois jogavam no Cordão de Ouro Futebol Clube, timinho de São Gonçalo. Adão fechava o gol enquanto Ivanildo fechava a área, pois era zagueiro duro, dêsses que distribuem pontapés o tempo todo. E assim o Cordão de Ouro ia ganhando em paz os campeonatos de pelada da cidade. Mas eis que num domingo Adão comete o seu pecado. E logo contra o São Jorge Esporte Clube, velho rival do Cordão de Ouro. Foi um frango imenso: o atacante do São Jorge chutou lá do meio do campo, Adão vacilou e a bola acabou passando suavemente entre suas pernas. Ivanildo amaldiçoou-o na mesma hora e os dois começaram a discutir. A briga não parou, mesmo depois de terminado o jôgo. Adão tentava se justificar:

— Besteira, Ivanildo, frango é coisa comum. Você não se lembra do Barbosa, na Copa de 50?

O outro não aceitava desculpa e acabou chamando o amigo de frangueiro, o maior insulto para um goleiro. Adão perdeu a cabeça e deu um tapa em Ivanildo. Êste imediatamente lhe deu uma dentada na orelha, arrancando-a. O goleiro Adão foi parar no pronto-socorro, onde no dia seguinte apareceu o amigo, levando a orelha embrulhada. Mas já era tarde. Dêsde êsse dia, Adão jurou nunca mais jogar futebol.

Como Adão, centenas de goleiros — embora com orelhas no lugar — abandonam a carreira, todo ano. Ou então se transformam em homens frustrados, pois desde o tempo da bola de meia o sonho de todo menino que gosta de futebol é ser atacante, marcar gols. Por isso, o futebol brasileiro tem raros exemplos de goleiros excepcionais, fenômeno que não preocupa apenas os técnicos.

A psicóloga Marina Carvalho, que faz de sua paixão pelo futebol um vasto campo para estudo do comportamento dos homens, não perde jôgo no Maracanã. E está sempre atrás das traves, porque dos onze jogadores o que mais lhe interessa é o número 1:

— O goleiro — diz a psicóloga — não passa de um espectador privilegiado, embora triste. Êle não participa das jogadas, nem pode deixar o gol para abraçar o artilheiro de seu time, como fazem todos ou outros.

SEGUE

Barbosa foi falar com o beque, Gighia marcou

E se êsse homem solitário, quando chega o momento de se exibir, falha e a bola entra, estamos diante de um indivíduo que acaba de amaldiçoar sua profissão.

Tudo começa na pelada

Quem já assistiu ou participou de uma pelada, sabe que ir para o gol representa um castigo duro para qualquer menino. Quando o grupo se reúne no meio do campo — geralmente um terreno baldio — a primeira coisa é o par-ou-ímpar para a escolha dos jogadores:

— Quero o Valdir — diz o capitão que ganhou o par-ou-ímpar.

— Eu escolho o Haroldo — diz o outro.

E assim por diante, até que sobra o Toninho. Não sabe chutar, não sabe driblar, não sabe passar, não cabeceia, não sabe fazer nada. Então só há um lugar para o Toninho: o gol.

Êle só escapará do castigo se fôr dono da bola. Aí, na hora da sentença, pode botar a bola debaixo do braço e ameaçar:

— Se eu não jogar na linha não tem jôgo.

Mas há meninos que, mesmo sem serem donos da bola, conseguem livrar-se do gol. Basta que sejam valentes e prometam bater nos companheiros. Foi o que aconteceu com um negrinho chamado Moacir, que em 1935 começou a brilhar nos campinhos do bairro da Aclimação, em São Paulo. Nôvo na turma, no princípio queriam mandá-lo para o gol, mas êle protestava, ameaçava brigar e conseguia ir para a ponta-direita. Logo nas primeiras peladas Moacir mostrou que era bom atacante; em pouco tempo passou a ser escolhido em primeiro lugar.

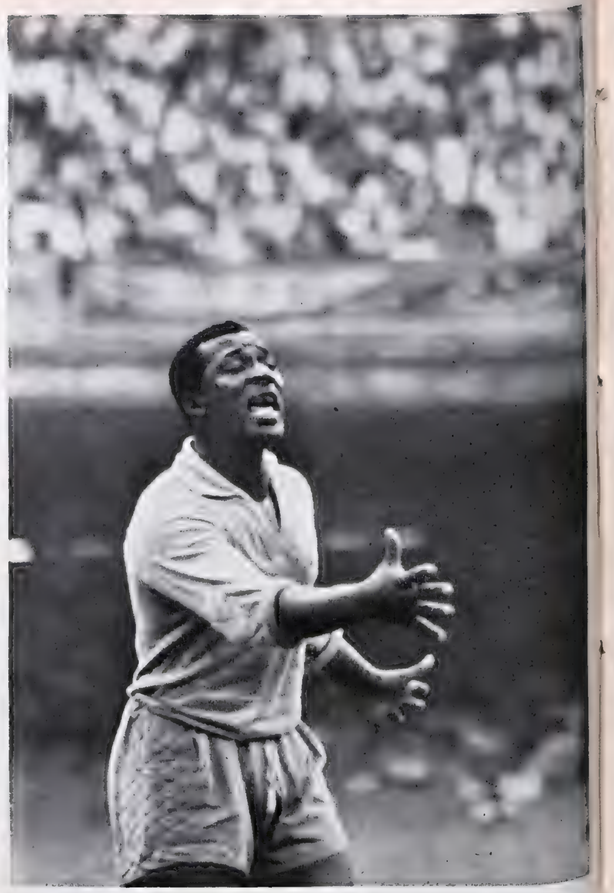
Dois anos depois, em 1937, Moacir já era titular do LPB — Laboratório Paulista de Biologia — e se transformava no artilheiro do Campeonato Amador, com 26 gols. Em 1938 repetiu a façanha, marcando 24 gols. Apesar de seu sucesso no LPB, Moacir não abandonou as peladas do Almirante Tamandaré, time dirigido por seu cunhado. Um dia, o goleiro do Tamandaré faltou e o cunhado apelou para Moacir:

— Neguinho, pega o gol hoje; você até que tem jeito.

Moacir já era ponta de categoria, podia se dar ao luxo de ir para o gol uma vez ou outra. Acontece que naquele dia o Tamandaré ganhou a partida graças ao goleiro improvisado. Moacir fechou o gol, assombrando a torcida com suas defesas. Gostou da posição e resolveu continuar. Deu certo: em 1939 êle era goleiro titular da seleção paulista de amadores. Ao mesmo tempo, recebia convite do Clube Atlético Ipiranga: dois anos de contrato, com cinco contos de luvas e 250 mil réis por mês. Era a chance no profissionalismo e êle não pensou duas vêzes, botou logo o nome no contrato: Moacir Barbosa. Perdeu o nome de Moacir, conservou o de Barbosa e em pouco tempo era um dos melhores goleiros de São Paulo, reserva de Oberdã na seleção paulista. Em 1944, o Vasco da Gama comprou seu passe por 150 contos — uma fortuna na época — e êle recebeu 40 contos de luvas, mais um conto de ordenado. Jogando pelo Vasco, foi campeão em 1945, 1947 e 1949. No ano seguinte, veio a Copa do Mundo. Barbosa foi o goleiro escolhido, e êle brilhava, estava em fôrma e era considerado o melhor jogador do time do Brasil — para a torcida o melhor da Copa — até o domingo, 16 de julho. Dois dias antes, na sexta-feira, após a goleada de 6 a 1 contra a Espanha, Barbosa e seus companheiros já eram considerados campeões do mundo. Os fãs, os políticos, os cartolas iam levar para os jogadores os cumprimentos antecipados. O proprietário do cinema Cineac-Trianon apareceu para entregar, a cada jogador, uma permanente onde estava escrito: "Ao Campeão do Mundo, fulano de tal..."

Barbosa recebeu a sua, feliz da vida, e quando começou a partida contra o Uruguai já se sentia com a faixa no peito. O zero a zero do primeiro tempo não passou de um susto, pois logo aos 12 minutos do segundo, Friaça marcava o gol do Brasil.

A alegria ia durar pouco: aos 17, Schiaffino — recebendo um passe de Gighia — empatava. O ponta uruguaio apanhara a bola



e fôra para cima de Bigode que, recuando, permitiu o cruzamento para o centro-avante marcar.

Naquele instante todos estremeceram, mas Barbosa garantiu para si mesmo que aquilo não se repetiria. Aos 22 minutos, porém, Gighia recebeu novamente a bola e partiu para cima do gol. Barbosa só hoje conta a verdade sôbre o lance de 16 anos atrás. Êle saiu realmente do gol, mas não para cortar o centro do uruguaio Gighia como diz a lenda. A história é outra:

— Quando eu vi o Gighia apanhar a bola e partir pra cima do Bigode outra vez, fiquei com mêdo. E o mêdo aumentou quando, com o rabo dos olhos, percebi que Juvenal abandonava o centro da área para correr atrás de Gighia, deixando Schiafino livre. Fiquei apavorado e deixei o gol para chamar a atenção de Juvenal — nesse momento Gighia chutou entre o meu corpo e a trave esquerda. Dei um pulo de gato, pra trás, e ainda toquei na bola. Um segundo depois olhei para o gol e vi as rêdes balançando. Então pensei: "a bola está do lado de fora, pois eu a desviei". Quando me levantei, porém, um silêncio enorme tinha tomado conta do Maracanã. No meio do campo os uruguaios se beijavam. Caí na realidade e quase chorei.

No vestiário, quase todos olhavam para Barbosa como se fôsse um criminoso. Era o único culpado da tragédia. Então percebeu que sua carreira começava a acabar. Naquele mesmo ano foi bicampeão pelo Vasco, mas já não era o mesmo. Qualquer falha era motivo de duras críticas. Procurando mostrar como sofre um goleiro, o próprio Barbosa lembra um jôgo contra o Fluminense, em 1951. Até o final estava zero a zero e Ademir havia perdido um pênalti para o Vasco. Barbosa se desdobrara no gol, pegando tudo. Mas, no finalzinho, Marinho e Orlando trocaram uns passes, enganaram a defesa vascaína e fizeram o gol do fluminense. Barbosa foi apontado como culpado pela derrota, e ninguém falou no pênalti que Ademir perdeu.

Em 1952, ano em que o Vasco foi novamente campeão, o time ganhara nove partidas seguidas por um a zero, com Barbosa sempre garantindo o resultado. Após cada partida, os jornais só falavam de Ademir, autor do gol. Não deixando entrar nada, Barbosa não cumprira mais que sua obrigação. Ademir poderia perder dez gols num jôgo, mas Barbosa estava proibido de sofrer um, mesmo que fôsse de pênalti.

Êle foi envelhecendo e passando de mão em mão. Andou em Recife, voltou ao Rio, sempre para clubes pequenos. Um dia decidiu:

— Futebol é coisa para jovens.

E nunca mais foi profissional. Matava a fome de bola nas peladas.

O dono das derrotas

Os homens do ataque são quatro, os do meio do campo dois, os da defesa também quatro. Isso já deixa o goleiro em má situação: sua posição é única, êle está como que sòzinho dentro do campo. E é muito fácil, também culpá-lo pelas derrotas. Na história do futebol brasileiro muitos foram os goleiros condenados. A maioria nunca conseguiu se recuperar.

Osni, goleiro do América, do Rio, é um exemplo, por causa de dois jogos entre paulistas e cariocas, no Campeonato Brasileiro de 1956. O técnico carioca era Martim Francisco. No primeiro jôgo, no Pacaembu, Osni engoliu quatro frangos. Abatido, pediu para sair do time, mas Martim Francisco não aceitou: em sua opinião, Osni era um grande goleiro. Tinha tido azar e merecia uma nova oportunidade. Veio o segundo jôgo, no Maracanã. Lá estava Osni, nervoso, inquieto, e os gols foram entrando. Os cariocas perderam outra vez e o culpado era o mesmo da primeira partida: Osni. Ninguém pensou um instante que Martim Francisco poderia ter evitado o desastre. Quem estava no gol era Osni, não Martim, e a carreira do goleiro acabou ali. "Recebeu dinheiro para amolecer o jôgo", disseram, e êle nunca mais pisou um campo de futebol.

Muitos outros goleiros também tiveram o seu dia de Osni: Fábio, goleiro-revelação do Palmeiras, na Copa Rio de 1951, quando engoliu uma série de frangos. Ubirajara, do Bangu, chamado de frangueiro pelo presidente do clube, no jôgo Fluminense x Bangu da Taça Guanabara; Aldo, também do Bangu, que deixou passar três gols na final do Campeonato de 1964, no jôgo contra o Fluminense; Pompéia, do América, acusado pelo sr. Volnei Braune, presidente do Clube, de ter ganho dinheiro para enterrar o time em 1964. Veludo, Luís Borracha e Marcelo também têm histórias para contar.

Veludo veio do brilho

Chamava-se Caetano mas era tão prêto, tão prêto, que até brilhava; por isso ganhou o apelido de Veludo, desde os tempos das peladas. Seu companheiro era um menino magrinho, temperamental, chamado Armando Marques, que sempre escolhia Veludo para o gol de seu time. Mas a família de Caetano era pobre, o menino deveria trabalhar, deixar êsse negócio de pelada para as manhãs de domingo. E assim Veludo foi ser estivador no cais do pôrto, com 16 anos de idade.

Um dia, um amigo, funcionário do Banco do Brasil, levou-o para treinar no Fluminense e êle agradou. Em 1950, com a convocação de Castilho para a Seleção Brasileira, Veludo ficou como titular e seu nome foi parar nas manchetes dos jornais esportivos. Já era apontado como um dos maiores goleiros do Brasil, mas a glória chegou mesmo no dia 7 de março de 1954, durante um jôgo Brasil x Paraguai, em Assunção, pelas eliminatórias da Copa do Mundo. O bombardeio paraguaio não parou um só instante no primeiro tempo e Veludo não deixava passar nada. De trás do gol a torcida atirava-lhe pedaços de pau, pedras e ameaçava matá-lo, mas êle continuou pegando tudo. O Brasil ganhou de 1 a 0, gol de Baltazar aos 6 minutos do segundo tempo. Veludo voltou ao Brasil como herói.

Nos jogos da Copa do Mundo de 1954 êle era reserva de Castilho e muita gente lamentou sua ausência contra os húngaros. Castilho falhara; Veludo jamais falharia. No entanto, um ano mais tarde, quando era a glória, eis que chega um Fla x Flu. O Fluminense jogava bem e aos 24 minutos do primeiro tempo Didi marcou o primeiro gol. Um minuto mais tarde, Joel empatou para o Flamengo e os gols foram aparecendo, uns atrás dos outros. SEGUE

Um lançamento inédito de Seleções

Você escolhe os discos!

Êste é o seu álbum! Uma equipe de críticos altamente categorizados escolheu os maiores sucessos populares, notáveis interpretações de música clássica e os mais encantadores discos infantis, para que você, de acôrdo com o seu gôsto (ou o de seus filhos) possa encomendar uma coleção de seis, sete ou oito discos feitos sob medida para a sua sensibilidade.
Êstes discos lhe serão entregues acondicionados em um luxuoso estôjo.
Se você fôsse comprar êstes discos nas lojas teria de pagar até 50% acima do nosso preço de venda!
Esta é a sua oportunidade de comprar os maiores sucessos da atualidade a um preço camarada.

São os melhores números do catálogo RCA

1. GIOVENTÙ
Michele... Rita Pavone... Fidenco...
Se mi Vuoi Lasciare — *(Michele)* — Non é Facile Avere 18 Anni *(Rita Pavone)* — Hud *(Nico Fidenco)* — Era d'Estate *(Sergio Endrigo)* — Domani *(Gina Paoli)* — I Watussi *(Edoardo Vianello)* — Outras.

2. VIA TIBURTINA
Scrivi! *(Rita Pavone)* — Corte Sulla Spiaggia *(Nico Fidenco)* — Ora che Sai *(Sergio Endrigo)* — In Ginocchio da Te *(Gianni Morandi)* — Lei Sta con Te *(Gina Paoli)* — Vieni al Mare *(La Cricca)* — Il Surf Della Mattonella *(La Cricca)* — Non mi Chiedi Mai *(Nico Fidenco)* — Outras.

3. NOVA GERAÇÃO
Delírio de Amor *(José Ricardo)* — Leva Tudo Contigo *(Rosemary)* — Te Agradeço Porque *(Sérgio Murilo)* — Meu Karmann-Ghia *(Adilson Ramos)* — Amor Perdoa-me *(Ronnie Cord)* — Escreve-me *(Cidinha Santos)* — Maria Bonita *(Cyro Aguiar)* — Como Pode Acontecer *(Rosemary)* — Outras.

4. SAMBA A QUATRO MÃOS
João Roberto Kelly e Luiz Reis
Cara de Pau — Faça um Lê-Lelê — Gamação — Samba de Balanço — Pirata da Calçada — Leilão — Brotinho Bossa Nova — Lê Vou Eu... — Samba de Teleco-Teco — Desfolhando a Margarida — Só Vou de Balanço — Boato — Lamento — Outras.

5. MOVIMENTO 65 — BOSSA NOVA
Reza *(Flora)* — Consolação (3-D) — Você *(Luiza)* — 1.º de Abril *(Os Poliglonais)* — Nós e o Mar *(Lany Andrade)* — Céu e Mar *(Johnny Alf)* — Estamos aí *(Raulzinho)* — Nanã *(Os Cobras)* — Vai de Vez *(Luiza)* — Samba de Verão *(Marcos Maran)* — Samba do Carioca *(Flora)* — Outras.

6. O GATO DE BOTAS — O PEQUENO POLEGAR
Elenco R. Teatral.

7. O TROVADOR DO MÉXICO
Miguel Aceves Mejía
Esa Mereces un Trago — La Cama de Piedra — La Malagueña — El Aguacero — Mi Derrota — Mal de Amores — Que Seas Feliz — Ayes de Amor en el Rio — Por Tu Orgullo — La Espina — Que Bonito, que Bonito — La Noche y Tu.

8. CARIBE À NOITE
Orquestra Namorados do Caribe
Tender is the Night — Mi España — Vereda Tropical — Jungle Drums — Dame de Tus Rosas — Aquellos Ojos Verdes — Marilia — Ali-Baba — Angustia — Lamento Borincano — Stella by Starlight — Andalucia.

9. NAMORADOS DO CARIBE NO PARAGUAI
India — Che Picazu Mi — Curuzú Verá — Anahi — Regalo de Amor — Noches del Paraguay — Recuerdos de Ypacaraí — Mi Dicha Lejana — Lejania — Oroité — Mis Noches sin Ti — Que Será de Ti.

10. BANDA DA MARINHA DOS E. U. A.
Anchors Aweigh — El Capitan — U. S. Navy March — The Thunderer — Washington Post March — National Emblem — Marines' Hymn — Semper Fidelis — March of the Women Marines — Stars and Stripes Forever — American Patrol — King Cotton March.

11. SINFONIA N.º 7
Beethoven — A. Toscanini e Orquestra Sinfônica NBC
1.º Movimento: Poco Sostenuto, Vivace — 2.º Movimento: Allegretto — 3.º Movimento: Presto; Assai Meno Presto — 4.º Movimento: Allegro con Brio.

12. TUDO DE MIM
Nelson Gonçalves
Risque — Da côr do Pecado — Tudo de Mim — Nossa Comédia — Cadeira Vazia — Dora — Fôlha Morta — Cabelos Brancos — Ave-Maria — Sinto-me Bem — Noite Cheia de Estrêlas — A Mesma Rosa Amarela.

13. MOZART: SINFONIA N.º 41 — K. 551 *(Júpiter)*
Orquestra Sinfônica de Boston
Allegro Vivace — Andante Cantabile — Menuetto: Allegretto — Allegro Molto — Eine Kleine Nachtmusik, K. 525 — *(Serenata em sol maior)* — I — Allegro — II — Romanze: Andante — III — Menuetto: Allegretto — IV — Rondo — Allegro.

14. LATIN-ESQUE
Esquivel e Orquestra
La Raspa — Adios, Mariquita linda — Jesusita en Chihuahua — Cachito — Latin-Esque — La Paloma — Estrellita — Cachita — Jungle — Drums — Mucha Muchacha — You belong to My Heart — Carioca.

15. MARIA BETHANIA
De manhã — Só eu Sei — Pomba-Correia — No Carnaval — Nunca Mais — Sol Negro — Missa Agrária — Andaluzia — Feitio de Oração — Feiticeira — O X do Problema — Mora na Filosofia.

16. SUCESSOS DA BOSSA NOVA
Insensatez — Tristeza de Nós Dois — Para Não Sofrer — Batida Diferente — Meditação — Samba de Uma Nota só — Nós e o Mar — O Barquinho — Tema sem Palavras — Murmúrio — Minha Tua Tristeza — Menina-Môça.

17. NICO FIDENCO
Legata a un Granello di Sabbia — Sul nel Cielo — Una Voce d'Angelo — Come Nasce un Amore — Ridi, Ridi — Lasciami il Tuo Sorriso *(Per una Volta)* — Tornerai Suzie — Mondo Meraviglioso — La Scala di Seta — Fra le Piume di una Rondina — C'e' Una Leggenda — Outras.

18. SERGIO ENDRIGO
Io che Amo Solo Te — Vecchia Balera — La Brava Gente — La Periferia — Il Soldato di Napoleone — Basta Così — Aria di Neve — Via Broletto 34 — Viva Maddalena — La Dolce Estate — I Tuoi Vent'anni.

19. A GALINHA DOS OVOS DE OURO — JOÃO E MARIA
Elenco R. Teatral.

20. BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
A GATA BORRALHEIRA
Elenco R. Teatral.

21. BENISSIMO
Uma Antologia de Sucessos
L'Amore Mio *(Rita Pavone)* — A Casa d'Irene *(Nico Fidenco)* — Eravamo Amici *(Dino)* — Se Ti Santi Sola *(Giancarlo Guardabassi)* — Tremarella *(Edoardo Vianello)* — Il Mio Mondo *(Umberto Bindi)* — Ti Ringrazio Perchè *(Michele)* — San Francesco *(Rita Pavone)* — Outras.

22. RITORNA RITA PAVONE
Viva la Papa col Pomodoro — San Francesco — Lipstick on Your Collar — L'Amore Mio — Wait for Me — La Forza di Lasciarti — Splish Splash — Baby — Pel di Carota — Sei la Mia Mamma — Scrivi!

23. ALAIN BARRIÈRE
Elle Était si Jolie — S'il Fallait que sur Terre — Un Été — Plus je t'Entends — Adio Karamou — Ma Vie — Jusqu'au Passant — La Ballade des Amours — J'ai Perdu — Mon Carlsler — Une Fille Pleurait — On m'a Battu.

24. THE SOUND OF HENRY MANCINI
Never on Sunday — High Noon — Over the Rainbow — Buttons and Bows — Love is a Many Splendored Thing — Three Coins in the Fountain — Moon River — A Tribute to Victor Young: Golden Earrings — When I Fall in Love — Sweet Sue — Just 'You — Outras.

25. COTTON CANDY AL HIRT
Cotton Candy — Hello, Dolly! — Django's Castle — Mame — Moa — Last Date — Big Man — Too Late — Rumpus — Melissa — Walkin' With Mr. Lee — 12th Street Rag.

26. MANCINI NOVAMENTE EM FOCO!
Charade (Instrumental de *Charada*) — Bye Bye Birdie (De *Adeus, Amor*) — More (De *Mondo Cane*) — Blue Hawaii (De *Feitiço Havaiano*) — Tema de Lawrence da Arábia — I'll Remember April (*Ride'm Cowboy*) — Fascination (De *Amor na Tarde*) — Tema de Êxodo — Outras.

27. A NOVIÇA REBELDE
Julie Andrews
Prelude and the Sound of Music — Overture and Prelude (*Dixit Confidence in Me*) — Sixteen Going on Seventeen — (*My Favorite Dominus*) — Morning Hymn and Alleluia — Maria — I Have Things — Climb Ev'ry Mountain — The Lonely Goatherd — Outras.

28. DEZ TENORES — DEZ ÁRIAS
O Elixir do Amor *(Donizetti)* — Una Furtiva Lagrima (*Tagliavini*) — Puccini: Tosca — E Lucevan le Stelle (*Mario Lanza*) — Bizet: Carmen — La Fleur que tu m'Avais Jetée (*James Melton*) Verdi: Rigoletto — La Donna è Mobile (*Jan Pierce*) — Outras.

29. CONCÊRTO N.º 1 — ITCHAIKOVSKY!
1.º Movimento: Allegro non Troppo e Molto Maestoso — Allegro con Spirito — 2.º Movimento: Andante Simplice — Prestissimo — Tempo I — 3.º Movimento: Allegro con Fuoco — Orquestra Sinfônica, reg. Kiril Kondrashin.

30. BALLETS FAVORITOS
Jóias de O QUEBRA-NOZES, CARNAVAL, COPPÉLIA, GISELLE — Ernest Ansermet — Orquestra da Ópera Real, Covent Garden — O Quebra-Nozes — Outras.

Milhões no Natal de Seleções

10 SIMCA Emisul 8 — 130 e 140 HP
CLASSE INTERNACIONAL

e mais

10 ST-100 - Conjuntos estereofônicos - Rádio - FM em móvel de extrema elegância. Reúne o máximo de eficiência acústica e beleza inconfundível de suas linhas. Sua fabricação, cuidada e rica de detalhes foi planejada para os mais seletos ambientes e as mais exigentes audiências. Classe e Qualidade - sua melhor definição.

20 TV-90 - Televisores de qualidade excepcional e alta distinção. Um toque de bom gôsto na decoração de qualquer ambiente. Controles frontais. Gabinete em madeira com painel em plástico. Perfeição em nitidez, volume, som e fidelidade de imagem.

10 TELEVISORES JÓIA - 100% de fabricação nacional. Portátil, leve, fácil de ser transportado para qualquer lugar, será sempre o bom companheiro. Semitransistorizado para reduzir o calor, o tamanho e o pêso. Linhas modernas, suaves e atraentes.

10 ST-45 - Toca-discos estereofônico portátil: três peças desmontáveis conjugadas. Leve. Luxuoso. Para usar dentro de casa ou em passeios na cidade ou no campo. Aparência moderna. Fino acabamento. E som da mais alta qualidade.

E você recebe grátis: Para cada concorrente não contemplado com algum dêsses prêmios tentadores, Seleções oferece um pequeno prêmio — livrete brinde — que por certo será de seu inteiro agrado.

Como funciona o concurso: Você devolve-nos o formulário de pedido que, chegando às nossas mãos até a data nêle estabelecida, nos possibilitará o envio — junto com a sua encomenda — de um cupom oficial do concurso (numerado ao portador, com a chancela do Fiscal do Govêrno) o qual lhe habilitará ao sorteio dos grandes prêmios. Sim, porque um dos prêmios menores você já ganhou de qualquer maneira. Basta responder. Não precisa mais nada. A data do sorteio da sua série está especificada no formulário de pedido. Caso seu formulário de pedido chegue após a data limite para devolução, mas antes da data do sorteio, você ainda assim estará concorrendo. O cupom estará à sua disposição em nossos escritórios do Rio de Janeiro.

Devolva-nos êste cartão devidamente preenchido até 15-11-66 no mais tardar. Nós lhe enviaremos a coleção solicitada e um cupom numerado com o qual você concorrerá a todos os prêmios nêle mencionados, pela LOTERIA FEDERAL do dia 24-12-1966.

Concurso aprovado pelo D.R.I. do Ministério da Fazenda (processo n.º 105 024/66).

Seleções do Reader's Digest Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro, GB

CERTIFICADO DE RESERVA

Queiram enviar-me um álbum contendo os discos por mim escolhidos, pelo qual pagarei, CONTRA ENTREGA, apenas

Escreva nos quadrados abaixo os números correspondentes aos discos que você deseja comprar. Lembre-se que esta oferta excepcional é válida apenas para 6, 7 ou 8 discos.

6 DISCOS Cr$ 29 990 7 DISCOS Cr$ 34 990 8 DISCOS Cr$ 39 990

NOME_____

ENDEREÇO_____

CIDADE_____ ESTADO_____

TÔDAS AS GRAVAÇÕES SÃO MONOFÔNICAS
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

De noite Borracha não era tão elástico assim

Luís Luz é o massagista do Flamengo, o homem que ensinou a Borracha como utilizar hoje aquelas mãos que garantiram tantas vitórias no passado.

A verdade é que Borracha, quando apareceu no Flamengo, em 1946, era um dos melhores goleiros que o Rio já tinha visto. Elástico, forte, bola alta e rasteira para êle eram a mesma coisa. Mas tinha um defeito: vista fraca, que nos jogos noturnos só via a bola quando ela estava pulando dentro das rêdes. Aquilo irritava todo mundo. Borracha pegava tudo no domingo e deixava entrar tudo na quarta-feira. "Êle é capaz de se vender por um picolé", diziam.

Tímido, corando até diante de um elogio, Borracha ficava doente com uma acusação dessas e por isso foi piorando. Em 1949, era um homem acabado. Foi contratado pelo Bangu mas não conseguiu se recuperar.

No ano seguinte abandonava o futebol para empregar-se num pôsto de gasolina. Passou até fome. Em 1957 Jaime de Almeida e Nílton Conegal foram buscá-lo e o entregaram a Luís Luz, que lhe ensinou os segredos da massagem. Hoje êle ainda sofre, tôdas as semanas, por causa do futebol: seu filho, de 15 anos, não escutou os conselhos do pai e é goleiro do infanto-juvenil do Vasco da Gama.

Marcelo caiu chorando

Depois de Barbosa, o Vasco nunca mais viu um bom goleiro. Por isso, quando em 1964 apareceu por lá um môço bem disposto, ágil, os dirigentes lembraram-se do Barbosa de vinte anos atrás, e o contrataram imediatamente. Chamava-se Marcelo, e nos primeiros jogos ouvia-se o torcedor do Vasco suspirar satisfeito na arquibancada:

— Agora sim.

Marcelo estava indo bem, até que uma quinta-feira, 28 de agôsto de 1964, acabou com a sua alegria e a dos torcedores. Foi num jôgo contra o Flamengo. O primeiro tempo terminou empatado 1 a 1 e no vestiário o técnico Eli do Amparo, antigo jogador, culpou Marcelo pelo gol do Flamengo. Um frango, na sua opinião:

— Goleiro que se preza não deixa passar uma bola assim, do meio da rua — disse Eli.

Aquilo ficou doendo em Marcelo quando êle entrou para o segundo tempo. Antes que o primeiro minuto se esgotasse eis que Nelsinho, meia-armador do Flamengo, apanha a bola e da intermediária chuta fraco em cima de Marcelo. O goleiro ajoelha-se e a bola passa por baixo de suas pernas. Foi como uma anedota: o silêncio do primeiro instante logo se transformou numa gargalhada coletiva, humilhante.

Nunca se vira frango igual em tôda a história do Estádio. De cabeça baixa, Marcelo saiu chorando no fim do jôgo. No vestiário disse que deixaria o futebol. Sua grande mágoa não era tanto o frango, mas a incompreensão do técnico. Então Eli não fôra jogador, não sabia que os melhores goleiros engolem os seus?

A provação de Marcelo foi comparada por Nélson Rodrigues à de Jó, ou até pior: todos os jornais, todos os colunistas fizeram de seu frango o prato do dia. Só D. Marcos Barbosa, tradutor de **O Pequeno Príncipe,** teve pena dêle. E na noite do dia seguinte, pela Rádio Jornal do Brasil, leu uma crônica que escrevera para Marcelo, inspirada num poema de Drumond de Andrade: **A Rosa do Povo.** D. Marcos aprendera com o **Pequeno Príncipe** que nada é perfeito, e assim falou: SEGUE

História de Borracha

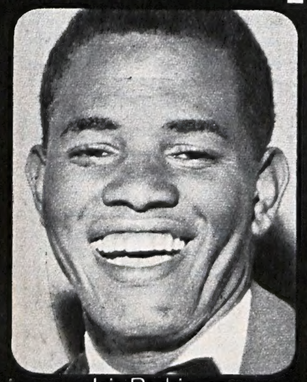
Quando alguém vai hoje à Gávea para falar com o auxiliar de massagista Luís Borracha, e se apresenta dizendo "eu sou repórter do...", êle nem deixa a pessoa terminar, a frase. O sorriso desaparece logo, encobrindo a falha dos dentes, e Borracha vira outro homem, esquisito, quase mal-educado. Não quer saber de jornais e, se insistem em saber alguma coisa de sua vida, despede-se:

— Se quiser vá perguntar ao Luís Luz.

Veludo deixou passar seis naquela tarde — seis frangos. Foi o fim. Acusado de subôrno, de jogar bêbado, saiu para o Canto do Rio e de lá para o Santos, onde ficou pouco. Depois vieram o Atlético Mineiro e o Madureira. O Renascença, time pequeno de Belo Horizonte, foi seu último clube. No fim, óculos escuros para esconder os olhos vermelhos de cachaça, andava pelos cantos, escondido.

Há um ano e pouco, ficou doente e quase morreu. Quando saiu do hospital, magro, as mãos trêmulas, foi socorrido pelos velhos amigos, que lhe arranjaram um emprêgo de salário-mínimo. Em bola não quer nem falar e do futebol só guarda uma recordação: a de ter sido companheiro de um negrinho chamado Pelé, em 1955, numa pensão, em Santos, quando as glórias já nada mais eram do que recortes de jornais velhos.

Eis algumas razões para você não perder nenhum programa do Festival da Música Popular Brasileira:


Jair Rodrigues

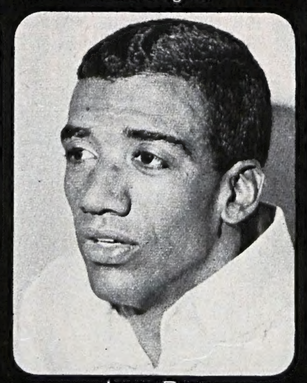
Roberto Carlos

Elis Regina

Nara Leão

Wilson Simonal

Elizete Cardoso


Jorge Ben

Agnaldo Rayol

E mais todos os cantores da TV Record e TV Globo.

V. não acha que vale a pena ficar em casa vendo TV?

Viva e o Festival da Música Popular Brasileira estão procurando as melhores canções de 66.

A melhor de tôdas vai ganhar um troféu e um prêmio.

O troféu: A Viola de Ouro. O prêmio: Cr$ 20 milhões.

As músicas classificadas nos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares receberão prêmios no valor total de mais Cr$ 20 milhões.

Olhe quem vai cantá-las: Roberto Carlos, Jorge Ben, Nara Leão, Jair Rodrigues, Wilson Simonal, Elis Regina, Agnaldo Rayol, Elizete Cardoso, e mais todos os cantores da TV Record e TV Globo.

Os programas do Festival serão transmitidos por: TV Record, TV Paulista, TV Bauru, TV Globo.

Rádios Panamericana, Record, São Paulo, Nacional e Excelsior.

V. não pode perder.

VIVA E O FESTIVAL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Patrocínio de Viva. Promovido por TV Record, TV Paulista, TV Globo e revista Intervalo.

Setembro-outubro/66.

Standard Propaganda

Yustrich ficou pregado na trave, a bola entrou

— Com os olhos cheios de lágrimas, Marcelo deixa o campo... E é nesse momento, nesse justo momento, que irrompe a flor, a rosa do povo. Compreende-se, de repente, o que se passa com o atleta que se retira como garôto humilhado, como criança ferida. As vaias cessam, faz-se talvez um segundo de silêncio e reflexão, e logo, como se tivesse havido um entendimento, uma salva de palmas envolve, numa onda de carinho e compreensão, o goleiro que se retira. Era como se várias rosas tivessem brotado, e tivessem sido atiradas, numa chuva, para glorificação do jogador fracassado.

O frangueiro valente e o atacante sem palavra

Muita gente garante que nunca passou pelo Flamengo um goleiro mais frangueiro do que Dorival Knipel, chamado Yustrich. Diziam que Yustrich achava até bom engolir um frango uma vez ou outra, pois isso era pretexto para ameaçar moer os zagueiros do Flamengo a pancada, culpando-os por deixar livres os atacantes adversários, embora o chute partisse sempre lá do meio do campo.

Mesmo valente, Yustrich tinha um adversário que não o respeitava nunca, apesar da diferença de físico. Era Carreiro, jogador do Fluminense, apelidado de **Rui Barbosa do Futebol**, pelas malandragens que inventava em campo.

Certa vez, num Fla-Flu em 1941, houve um escanteio contra o Flamengo. Carreiro, pequeno, magro, a cabeça enorme, grudou-se a Yustrich, esperando o centro sôbre a área. Quando a bola veio, alta, o gigante Yustrich quis pular mas não pôde; tranqüilamente Carreiro subiu e marcou de cabeça. Sem que ninguém visse, êle prendera a camisa de Yustrich num prego da trave.

Louco de raiva, Yustrich partiu para cima de Carreiro para agredi-lo, mas quando estava a um metro do adversário o **Rui Barbosa** fêz mais uma das suas: caiu duro no chão, como morto. Foi levado de maca para fora do campo.

Até hoje, 24 anos depois, Yustrich cerra os dentes quando ouve falar em Carreiro.

Há dois campeonatos paulistas passados, o Botafogo de Ribeirão Prêto ia bem com seu goleiro Machado, e o que aconteceu num jôgo contra o Guarani de Campinas foi mais um caso de falta de palavra que de falha do homem que fica no gol.

Partida difícil, 1 a 1 até quase o fim, o juiz apita um pênalti contra o Botafogo. A torcida e os jogadores protestam, 23 homens discutem dentro do campo, ninguém entende ninguém. O incidente já demorava uns 20 minutos, quando o atacante China, do Guarani, chamou Machado de lado e propôs um **negócio** de amigo para amigo:

— Escuta, Machado, vamos acabar com essa briga, eu sei que não foi pênalti, e acontece que tenho um compromisso urgente depois do jôgo. Vamos deixar bater o pênalti. Eu mesmo bato, chuto fora e pronto.

Machado concordou logo, e aos gritos de "deixa bater, deixa bater" conseguiu convencer os companheiros. Tudo serenado, China botou a bola na marca, afastou-se dez metros e encheu o pé, bem no canto. A bola ainda nem tinha balançado a rêde, e Machado já estava correndo atrás do tratante. E ninguém conseguia entender, dentro do campo ou nas arquibancadas, por que Machado deu aquêle murro em China, quando o alcançou na porta do vestiário.

Rússia contra Manga

Manga começou a ser goleiro marcado na seleção brasileira depois do amistoso Brasil x URSS, no começo dêste ano, no Maracanã. O jôgo estava fácil, dois a zero, gols de Gérson e Pelé. A URSS atacou e chutou fora, tiro de meta para nós. Manga foi bater e chutou mal a bola para frente, muito baixo. Mas nem prestou atenção. Estava de costas, voltando tranqüilamente para o gol, quando viu a bola passar: gol da Rússia. Seu chutinho tinha encontrado a cabeça de um atacante russo que estava perto da grande área brasileira.

Uns quinze minutos depois, moralmente arrasado pelo primeiro gol, Manga foi entrar numa bola cruzada, pegou mal e soltou na cabeça de Metrevelli, que marcou o gol de empate. No dia seguinte, dois jornais — um no Rio, outro em São Paulo — davam a mesma manchete: Brasil 2, Manga 2.

E Manga passou a ser olhado de lado, como goleiro inseguro e nervoso. Começaram até a prestar atenção em sua mão e sentenciaram: êle solta as bolas porque tem o dedo anular endurecido por uma operação. Manga virou Manguinha nas rodas de gozação: "Vai jogar o Manguinha? Então é fogo".

E isso foi o que mais se disse na véspera do jôgo contra Portugal na última Copa, quando um joelho inchado tirou Gilmar do time. Alguns, preocupados, perguntaram a Manga como êle estava: "Estou bem. Vou entrar e jogar como no meu Botafoguinho" — respondia o goleiro.

Começou o jôgo. Logo no primeiro ataque de Portugal a bola veio, Manga agarrou e soltou. Mas não tinha ninguém perto, êle pulou e defendeu novamente. Pedro Luís, locutor da Tupi, um dos que não acreditavam no Manguinha, começou a falar pelo rádio: "Queira Deus que com essa Manga tenha esgotado a sua cota de insegurança. Não é possível que o Brasil perca o jôgo por culpa de seu goleiro. Estaremos em suspense até o fim da partida..."

Pedro Luís estava terminando o discurso quando chutaram contra nossa área Manga foi na bola, agarrou e soltou de nôvo para Zé Augusto marcar o primeiro gol de Portugal. SEGUE

Marcos foi bom porque tinha o coração fraco

Muitos disseram que pelo menos outro dos três gols sofridos naquele dia surgiram de uma falha de Manga. E daqui para a frente, quem pode saber se Manga será o mesmo?

O subôrno de Francisco

Mário Filho, em seu livro **O Negro no Futebol Brasileiro,** conta uma história que aconteceu com o Ministro João Lira Filho, quando êle era presidente do Botafogo. Certa ocasião, João Lira recebeu um telefonema em seu escritório:

— Dr. João Lira?

— Está falando com êle.

— Dr. João Lira, quem está falando é o Francisco.

O dr. João Lira não conhecia nenhum Francisco e demorou a responder, mas a voz do outro insistiu em tom de confidência:

— É o Francisco, goleiro do Bonsucesso, doutor.

— Ah... como vai, Francisco?

— Dr. João Lira, estou em forma.

— Folgo muito em sabê-lo, Francisco.

— Dr. João Lira, quem avisa amigo é: eu estou em forma.

O dr. João Lira não entendeu bem o que Francisco queria dizer, afobou-se:

— Está bem, Francisco, está bem. Desejo-lhe muitas felicidades.

E desligou.

Mas com a mão ainda no telefone, lembrou-se: aquela era a semana do Botafogo x Bonsucesso...

O jôgo caiu no dia do aniversário do Botafogo — 11 de agôsto de 1940. E Francisco fechou o gol, o Botafogo perdeu o jôgo. Quando a partida terminou, Francisco passou pela tribuna de honra e sorriu para o dr. João Lira Filho. Seus olhos pareciam dizer:

— Eu não disse que estava em forma, doutor?

O solteirão do nono andar

No pátio interno do edifício n.º 610, da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Rio, numa noite de setembro, um corpo coberto por jornais velhos. Quatro velas em cruz mostravam que o homem estava morto. Mas ninguém sabia quem era: para os vizinhos era apenas o solteirão do nono andar, visto de vez em quando de manhã cedinho, a caminho da praia. Naquele dia comprara jornais na banca da esquina e cigarros no botequim ao lado. Agora estava morto, atirara-se do nono andar. Foi a Polícia que ficou sabendo primeiro, porque os repórteres jovens não podiam lembrar-se dêle:

— É o Amado Benigno, antigo jogador do Flamengo, coitado.

Quem conheceu Amado aí por volta de 1926, nas mesas do Café Rio Branco, nunca poderia imaginar que êle viesse a morrer assim, pobre e sòzinho. Naquela época era filho de família rica, uma **baratinha** amarela e um sorriso permanente nos lábios. Alto, bonitão, trocara a Medicina pelo futebol e não queria outra vida.

Saíra do time infantil do Flamengo como uma promessa e já em 1925, na equipe de aspirantes, ganhava o primeiro campeonato. No ano seguinte Amado ficou sendo conhecido no País inteiro. Sua façanha inicial foi barrar Batalha no gol do Flamengo, obrigando-o a ir para o Fluminense por não querer ficar na reserva. Em 1928 Amado era bicampeão brasileiro de futebol na seleção Carioca, vencendo o duelo com Tuffy, goleiro de muito prestígio. Antes, em 1927, já tinha tomado o lugar de Jaguaré e Joel no gol da seleção. Em 1930, quando aqui estiveram vários times estrangeiros — o Bologna e o Torino da Itália, o Vitória de Portugal e o Rampla Júnior do Uruguai — Amado apareceu em todos os jogos como o maior goleiro do País. Mas era temperamental, brigão, vivia mudando de clube. No Botafogo demorou pouco e terminou abandonando a carreira em fins de 1930 — o ano de seu maior sucesso — para ser funcionário do Ministério do Trabalho.

Solteirão, solitário, um dia apareceu doente e foi internado na colônia para loucos de Engenho de Dentro. Desde essa época nunca mais se recuperou.

Uma vez passou uma noite inteira na porta da casa do jornalista José Maria Scassa, um dos seus raros amigos, para pedir-lhe dinheiro emprestado. Scassa deu-lhe e aquela foi a última vez que o viu, pois meses mais tarde Amado era apenas uma fotografia no jornal.

O goleiro feliz

Na história do futebol brasileiro, fora Gilmar, bicampeão do mundo e por isso proibido de lamentar-se, o único goleiro feliz na profissão foi Marcos Carneiro de Mendonça. Talvez por ter sido amador, numa época em que o frango ainda não era bicho-de-sete-cabeças. Marcos de Mendonça tem hoje 70 anos e quem vai visitá-lo, num casarão de 100 anos na Rua Cosme Velho, Rio, tem a impressão de não estar falando com um ex-jogador de futebol, ídolo de uma geração. É que na casa de Marcos não há uma única recordação à vista, nem uma flâmula do Fluminense. Êle recebe qualquer repórter como se a entrevista fôsse sôbre o Marquês de Pombal, em que é autoridade. E se ouve falar em futebol faz um muxôxo. Quando há muita insistência êle resolve "dar um pulo ao sótão" para mostrar "algumas velharias sem importância". Ali, entre livros empoeirados, o homem de 70 anos entrega-se às lembranças. Apanha dois volumes enormes, onde durante 50 anos colou recortes de jornais que são a história do futebol brasileiro e a sua própria história. Através dos álbuns fica-se sabendo que Marcos só chegou a ser goleiro porque sofria do coração.

— Você, se quiser jogar futebol, deve procurar uma posição onde não precise fazer muito esfôrço — disse-lhe o médico.

Êle escolheu o gol. Isso foi em 1908, e três anos mais tarde ei-lo no América. Passou depois para o Fluminense. De lá saiu para as seleções carioca e brasileira.

Cantado em prosa pela imprensa do passado, Marcos foi talvez o único goleiro do mundo a ser cantado também em verso, nos poemas de Ana Amélia, sua mulher, e até de um anônimo, que lhe dedicou um sonêto no jornal **O País.** Começava assim:

"O Marcos é o autor dessa arrelia
Pois não fôra êsse **keeper**
brasileiro
Não havia, por certo, gritaria,
Estava o caso há muito no tinteiro".

Era o poema do Sul-Americano de 1919, quando Marcos de Mendonça encerrou sua carreira.

Fora da pequena área

A fatalidade que marca os goleiros nem sempre os persegue quando êles abandonam o gol. Há os que conseguem sucesso até mesmo atuando dentro do futebol. É o caso do presidente do Santos, Athié Jorge Curi, que foi goleiro e campeão paulista pelo seu clube antes de chegar a dirigente e deputado federal. Também foi assim com Aimoré Moreira, que trocou as joelheiras pelo quadro-negro de técnico, profissão que já lhe deu duas medalhas de campeão do mundo. E fora do futebol há também ex-goleiros tranqüilos, como Oberdã Catani, um nome até hoje capaz de despertar saudades naqueles que o viram agarrando bolas difíceis com apenas uma das mãos. Oberdã é dono de um pôsto de gasolina, tem carros na praça e é vizinho do Parque Antártica, onde vai ver os treinos do Palmeiras com o mesmo entusiasmo com que o defendia há 25 anos.

Mas nem Athié, nem Aimoré, nem Oberdã viveram o drama de um goleiro que jogou na posição apenas durante três treinos dos brasileiros em Las Salinas, no Chile, às vésperas da Copa do Mundo de 1962. Êsse goleiro era o substituto eventual de Gilmar e Castilho, ambos machucados. Jogava satisfatòriamente e teria enfrentado o México no gol, se Gilmar não tivesse se recuperado.

— Minha tristeza — dizia êle, enquanto treinava para jogar de goleiro — é que daqui vai ser difícil eu marcar gol.

Seu nome era Pelé e êsse era o seu drama.

FIM

ESTA ÚLTIMA PÁGINA É DE DEBATE. AQUI, RESPONDENDO AOS LEITORES, PERSONALIDADES ENTRAM EM CHOQUE, DISCUTINDO PROBLEMAS NACIONAIS.

É JUSTO QUE OS BRASILEIROS NATURALIZADOS NÃO TENHAM OS DIREITOS DO BRASILEIRO NATO?

SIM Excepcionalmente, sim. A resposta não pode ser dada, entretanto, em têrmos absolutos. O princípio geral, justo e razoável, é o de que o naturalizado goze de todos os direitos do brasileiro, salvo em certas exceções previstas na Constituição. A regra geral da equiparação consta do artigo 19 da lei de naturalização e reproduz o texto imperativo da Constituição — artigo 31, número 1 — vedando expressamente "à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios criar distinções entre brasileiros". Assim, quando fui ministro do Superior Tribunal Eleitoral, julguei inconstitucionais, com apoio dos meus colegas, textos de constituições e leis estaduais que não permitiam a eleição de estrangeiros naturalizados para os cargos de deputados estaduais, prefeitos, vereadores ou juízes de paz. As exceções, ou sejam, as distinções entre brasileiros para reservar certos direitos aos natos constam e devem constar da Constituição Federal. Elas já são tradicionais em nosso direito, algumas vindo da Constituição do Império, outras da Constituição de 1891 e outras, maiores, da Constituição de 1934, impostas em face dos maus exemplos, do excessivo liberalismo, do regime de 1891. Um dos maus exemplos da equiparação absoluta tivemos no regime de 1891, com jornalistas estrangeiros intervindo abertamente na política brasileira, atacando e insultando o Presidente da República, ministros do Supremo, deputados e senadores. A primeira e principal exceção diz respeito aos cargos máximos do Govêrno, limitados aos brasileiros natos: assim, Presidente ou Vice-Presidente da República, deputado ou senador federal e membro do Supremo Tribunal Federal, pois saem da Câmara, do Senado e do Supremo os substitutos eventuais do Presidente. Também os ministros de Estado referendam os atos do Presidente, e do Ministro da Justiça parte a iniciativa para o cancelamento da naturalização por exercício de atividade nociva ao interêsse nacional, através do Procurador Geral da República, Chefe do Ministério Público Federal e também brasileiro nato. Ainda devem ser brasileiros natos os ministros do Tribunal Federal de Recursos, substitutos do Supremo Tribunal Federal e que decidem, afinal, do cancelamento da naturalização. As restantes restrições concernem aos assistentes religiosos junto às Fôrças Armadas, aos orientadores e responsáveis das emprêsas jornalísticas e de radiodifusão, proprietários, armadores e capitães e dois terços da tripulação dos navios brasileiros. A maioria das exceções acima está consagrada no direito de várias nações, muitas delas com maior rigor. Parece-me que o sistema brasileiro atual não é radical; é, ao contrário, equilibrado, e portanto justo.

Professor Haroldo Valladão

NÃO Seria absurdo admitirmos como justa uma situação de desigualdade entre os que adotam o nosso País como pátria e os demais brasileiros. Muito embora todos os bons patriotas se orgulhem de ter nascido neste País, que é um continente e que se transformará em uma das maiores potências do mundo, a verdade é que tal fato ocorreu à revelia de suas vontades. Mas aquêles que, deixando suas terras de origem, para aqui vêm e elegem esta Nação como a sua Pátria, o fazem através de um ato consciente, ditado por seus sentimentos. Ademais, integrando nossa comunidade, falando a nossa língua, adotando os nossos hábitos, cultuando a nossa história e pugnando pelo desenvolvimento do nosso País, transformam-se integralmente em brasileiros. Seria injusto e ingrato negarmos aos brasileiros por opção a plenitude e a totalidade dos direitos que usufruem os brasileiros que aqui nasceram. Sendo o Brasil um País de imigração, precisamos dar estímulo aos que empregam seus esforços e gastam suas vidas ajudando-nos a construir um Brasil maior e melhor. Cumpre ainda acentuar a necessidade de assimilarmos os diferentes grupos étnicos que para cá se dirigem, evitando a formação de quistos raciais, ou mesmo a transformação do Brasil em um arquipélago, formado por núcleos que conservassem teimosamente suas características originais. Dentro dessa ordem de idéias, é do interêsse nacional absorvermos integral e definitivamente os alienígenas que aqui vivem, irmanando-se conosco na luta pelo desenvolvimento de nosso País. Não conheço na literatura jurídica ou política argumentos que desaconselhem a extensão aos naturalizados dos direitos concedidos aos demais brasileiros. É bem verdade que se impõe cautela na seleção, mas as naturalizações só ocorrem através de um processo rigoroso, que procura salvaguardar não sòmente a segurança do Estado, mas também manter intacta a soberania nacional. É tão importante o ato da incorporação de um estrangeiro à família brasileira, que isso constitui atribuição exclusiva do Presidente da República. O que realmente pode diferenciar um brasileiro de outro não é a circunstância de ter ou não nascido em nosso território e sim a maior ou menor capacidade de amar êste País, traduzida na possibilidade ou não de dar tudo por êle, inclusive, em sublime desprendimento, a própria vida como o fizeram no passado brasileiros de nascimento ou de adoção.

Deputado Federal Danilo Nunes

Pergunta do leitor R. P. Navarro — Rio, GB

— DEVE EXISTIR UMA RAZÃO PARA EMPRÊSAS DESTA CATEGORIA* PREFERIREM COMPUTADORES BURROUGHS.

— EXISTE, SIM. BURROUGHS É MELHOR

*BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS • ARNO • FORD • CIA. DOCAS DE SANTOS • IAPI • BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA • MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL • GILLETTE DO BRASIL LTDA. • MESBLA S.A. • BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO • ASTEC-RECAL • BANCO DE CRÉDITO NACIONAL • BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S.A. • VIAÇÃO COMETA • LISTAS TELEFÔNICAS • FACULDADE DE SANTO ANDRÉ • SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO • P.U.C. e outros.

Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

44.016

Só que já vem com açúcar...

Mais um Pudim Royal

Mais um produto de

qualidade Fleischmann-Royal